

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UESP  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

“O ARMÁRIO DE DEUS NO ARMÁRIO DOS HOMENS.”  
ALTERNATIVAS TEOLÓGICAS PARA O ACOLHIMENTO E LIVRE  
EXPRESSÃO DA PESSOA HOMOSSEXUAL NA COMUNIDADE  
CRISTÃ BRASILEIRA DA CONTEMPORANEIDADE

**Por**

**UIPIRANGI FRANKLIN DA SILVA CÂMARA**

SÃO BERNARDO DO CAMPO  
2008

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

“O ARMÁRIO DE DEUS NO ARMÁRIO DOS HOMENS.”  
ALTERNATIVAS TEOLÓGICAS PARA O ACOLHIMENTO E LIVRE  
EXPRESSÃO DA PESSOA HOMOSSEXUAL NA COMUNIDADE  
CRISTÃ BRASILEIRA DA CONTEMPORANEIDADE

**Por**

**UIPIRANGI FRANKLIN DA SILVA CÂMARA**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. LIEVE TROCH**

Tese apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião para obtenção do grau de Doutor.

São Bernardo do Campo, Junho de 2008

## FICHA CATALOGRÁFICA

C14a

Câmara, Uipirangi Franklin da Silva

O armário de Deus no armário dos homens : alternativas teológicas para o acolhimento e livre expressão da pessoa homossexual na comunidade cristã brasileira e contemporaneidade / Uipirangi Franklin da Silva Câmara. São Bernardo do Campo, 2008.  
197fl.

**Tese (doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.**

Orientação de: Lieve Troch

1. Homossexualidade – Aspectos religiosos - Cristianismo
  2. Espiritualidade
  3. Homossexualidade – Brasil
  4. Gênero
- I. Título.**

**CDD 261.835**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Profa. Dra. Lieve Troch - UMESP

---

Prof. Dr. Etienne Alfred Higuete - UMESP

---

Prof. Dr. James Reaves Farris - UMESP

---

Prof. Dr. Euclides Marchi - UFPR

---

Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio - PUCPR

## DEDICATÓRIA

A meus pais,  
Uirassú Tupinambá Mendes Câmara (in memoriam) e  
Eunice da Silva Câmara,  
a quem devo o exemplo de amor à pessoa humana.

A minha esposa,  
Ivanete Lau da Silva Câmara,  
companheira preciosa, a quem devo gratidão eterna.

A meu filho,  
Paulo André Lau da Silva Câmara,  
cuja inteligência e amizade me fazem crer em utopias.

A minha nora,  
Valéria Caneppele,  
pela alegria que tem proporcionado a nossa vida.

A todos os meus familiares.

A Deus,  
tão presente em minha vida como a própria vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lieve Troch,  
pela orientação, dedicação e paciência durante a confecção da pesquisa,  
pelo exemplo marcante de seu comprometimento com a dignidade humana .

Aos professores e funcionários do Curso de  
Pós-Graduação em Ciências da Religião da UNESP,  
pela compreensão, apoio e amizade.

Ao Prof. Jaziel G. Martins,  
pelo companheirismo em todos os momentos dessa longa caminhada,  
pela demonstração de apoio e amizade.

Aos amigos,  
Amaro Neto, Edilson Souza, Edson Martins, Eduardo Getão,  
Francisco Salerno Neto, Marlon Fluck,  
pela amizade sincera e pelo apoio irrestrito em todos os momentos.

Aos meus colegas professores, funcionários, alunos e alunas da  
Faculdade Teológica Batista do Paraná,  
Pela alegria de tê-los comigo nessa jornada.

O apoio financeiro,  
FTBP – Faculdade Teológica Batista do Paraná  
IEPG – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação.

**CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva**, “O ARMÁRIO DE DEUS NO ARMÁRIO DOS HOMENS”. Alternativas teológicas para o acolhimento e livre expressão da pessoa homossexual na comunidade cristã brasileira da contemporaneidade. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. Tese para a Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

## RESUMO

Esta tese parte de uma análise que alia elementos do método histórico-crítico com o histórico-social, privilegiando a análise do discurso, com a finalidade de apresentar alternativas teológicas que dêem conta de pensar a possibilidade e viabilidade de que pessoas homossexuais possam expressar sua espiritualidade de forma livre e completa nas comunidades cristãs brasileiras. A investigação ensejada, procura apresentar um panorama da homossexualidade no Brasil, pontuando momentos diversos, valores, projetos e colocando em relevo a questão da identidade homossexual, principalmente, uma referência à mesma como perversão, anormalidade, crime e doença, reservando às pessoas homossexuais, o estigma, marginalização e exclusão. A investigação proposta apresentará também a busca por uma identidade alternativa por parte das pessoas homossexuais, tanto do ponto de vista teórico, procurando novas possibilidades conceituais, quanto do ponto de vista político, articulando-se em busca de seus direitos como cidadãos. Procurar-se-á perceber de que maneira o cristianismo no Brasil, em sua vertente católica e protestante, compreende a homossexualidade, quais os seus argumentos, ensinamentos e posturas principais. A partir de tal análise, buscar-se-á perceber quais os principais pilares erguidos pelas alternativas teológicas no sentido de entender como viável, legítimo e possível a livre expressão da pessoa homossexual nas comunidades cristãs. Destacar-se-á a desconstrução de gênero em sua referência binária masculino/feminino, como prejudiciais ao entendimento e convivência com a diversidade e complexidade de identidades sociais e, a extensão desse projeto a uma desconstrução necessária da concepção de Deus numa e sob uma caracterização masculina.

Palavras-chave:

Cristianismo, Homossexualidade, Teologia, Gênero, Teoria Queer, identidade, Pessoa Humana;

**CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva**, "GOD'S CLOSET INSIDE MEN'S CLOSET". Theological alternatives for welcoming the homosexual person and allowing his/her free expression in the contemporary Brazilian Christian community. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. Thesis for the Philosophy and Religious Science College – Religious Science Post-Graduation Program.

## **ABSTRACT**

This thesis combines an analysis of elements of the critical-historical method with the social historical view. It emphasizes a discourse analysis to present theological alternatives which enable homosexual persons to express fully and freely their spirituality in Brazilian Christian communities. The presented research gives an overview of homosexuality in Brazil, showing different aspects, values and movements. A leading question is the homosexual identity, often seen as a perversion, an abnormality, a crime or disease, with consequently a stigma of marginalization and exclusion. Also, the proposed research presents an alternative identity in the search of rights of homosexuals as citizens, both theoretically as well as from a political point of view. We will show in which ways Christianity in Brazil, from a Catholic and Protestant theological perspective, understands homosexuality, including the arguments, teachings and principal postures. From such an analysis, we will identify some theologically viable and legitimate alternatives that enable the homosexual person to express oneself freely in the Christian communities. We will critically analyze gender construction, in its binary reference as masculine / feminine; and deconstruct it because it is detrimental to the understanding of multiplicity and complexity of social identities. In addition and as an extension of this project a necessary deconstruction of "God talk" as presently a masculine characterization needs to be undertaken.

Key words:

Christianity, Homosexuality, Theology, Gender, Queer Theory, identity, Human Person;

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 PANORAMA, COMPREENSÕES E TENDÊNCIAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL</b> .....	24
1.1 A Homossexualidade no Brasil: Aportes Históricos.....	26
1.2 A Identidade Homossexual no Brasil: Articulações Externas.....	30
1.3 As vivências Homossexuais no Brasil: A Busca Interna por uma Noção de Identidade.....	35
1.3.1 Os Valores Homossexuais.....	39
1.3.2 Homossexualidades e Cristianismo no Brasil.....	41
<b>2 A HOMOSSEXUALIDADE E A ESTRUTURA DO DISCURSO RELIGIOSO-CRISTÃO</b> .....	47
2.1 Os Documentos Católicos.....	48
2.1.2 Declaração <i>Persona Humana</i> .....	49
2.1.3 Carta sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais.....	53
2.1.4 Sexualidade Humana: Verdade e Significado.....	56
2.1.5 Notificação sobre os Escritos de Marciano Vidal.....	58
2.1.6 Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais.....	63
2.1.7 Carta aos Bispos sobre a Colaboração entre o Homem e a Mulher....	66
2.1.8 Documento Coerência Eucarística dos Políticos e legisladores.....	69
2.1.9 Instrução sobre os Critérios de Discernimento Vocacional.....	69
2.2 O Ensino Oficial Católico: Uma Avaliação.....	71
2.3 Os Documentos Protestantes.....	73
2.3.1 Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.....	74
2.3.2 Igreja Metodista do Brasil.....	79
2.3.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.....	81
2.3.4 Manifestações Recentes.....	83
2.3.4.1 Igreja Metodista.....	84
2.3.4.2 Igreja Batista.....	85

2.4	O Ensino Oficial Protestante: uma avaliação.....	86
2.5	O Discurso Religioso-Cristão e a Homossexualidade: Uma Síntese.....	87
<b>3</b>	<b>CRISTIANISMO E HOMOSSEXUALIDADE: OUTRAS VOZES.....</b>	<b>89</b>
3.1	Revista Mandrágora: Religião e Homossexualidade.....	92
3.2	Encontro Publicações: Igreja e Homossexualismo.....	114
3.3	Escola Superior de Teologia: Cristianismo, Homossexualidade e Ministério Cristão Ordenado.....	121
3.3.1	Homossexualidade: Caminhos e Descaminhos.....	122
3.3.2	Pessoas Homossexuais e o Ministério na Igreja.....	128
3.4	Cristianismo e Homossexualidade: Outras vozes – uma síntese.....	140
<b>4</b>	<b>DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO: GÊNERO, IDENTIDADE E TEOLOGIA.....</b>	<b>142</b>
4.1	A Questão de Gênero e Identidade.....	144
4.2	Além do Masculino e Feminino: A Desconstrução de Gênero.....	151
4.3	A Opção Queer: Identidades Alternativas.....	159
4.4	A Resposta Teológica: Reconstrução e Acolhimento.....	162
4.4.1	Para Se Falar de Deus.....	164
4.4.2	Para Se falar com Deus.....	176
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>180</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>185</b>

## INTRODUÇÃO

Pesquisar a sexualidade no Brasil, além de ser um empreendimento de construção e desconstrução de referenciais, conceitos e linguagens, é um exercício de muito cuidado porquanto envolve tabus, preconceitos, identidade e principalmente intimidades.

Tensões e desafios constituem o tema num debate social amplo e multiplicam-se quando de um recorte que envolva conceito e espaço: homossexualidade na percepção de uma instituição religiosa. Ao contrário do que se acreditou por muito tempo a questão sexual não é um fator definido exclusivamente a partir da questão biológica, envolve uma construção e representação social. Essa nova percepção sobre o assunto é que traz do ambiente de intimidade, do anonimato, do exílio, dos guetos, dos armários, da mídia, dados que nos permitem avaliar a sexualidade e refletir sobre novas posturas: “Qualquer que seja o clima moral dominante, uma relação sexual nunca é um assunto exclusivamente privado sem conseqüências para todas as relações humanas em seu contexto social”.<sup>1</sup> Inúmeros pesquisadores entendem as dimensões e demandas que se impõem sobre o tema da sexualidade, sobretudo por considerarem a imensa dificuldade de tratar do tema levando-se em conta a cultura brasileira, herdeira e imersa no imaginário judaico-cristão. Isso é percebido claramente no fato de a religião majoritária ser o cristianismo. Não é possível tratar do tema sob qualquer perspectiva (moral, ética, social) deixando à margem a instituição religiosa, porque esta, persiste em tentar normatizar a conduta de seus fiéis, muitas vezes associando-se com o poder para forjar/irrigar o imaginário e a postura do restante da sociedade. Se isso é percebido no comportamento do católico (religião majoritária no Brasil), muito mais no protestantismo. Neste, a sua disciplina rígida diz ao fiel, com absoluta precisão, o que é permitido e o que não é permitido em termos de condutas pessoais, envolvendo inclusive a instrumentalidade conceitual<sup>2</sup>. Os confessionários, escritórios pastorais, gabinetes de psicólogos, são vozes

---

<sup>1</sup> El cuaquerismo y la homosexualidad. Documento parcial de la sociedad Religiosa de los Amigos Cuáqueros, Bélgica e Luxemburgo, 1997(versión castellana: Renato Lings).

<sup>2</sup> VELASQUES, Prócoro Filho. *Comportamento protestante*. Estudos da Religião 1. São Bernardo (SP): Imprensa Metodista, 1985, p.177.

silenciosas, porém, confirmadoras de que a sexualidade diz respeito a pessoas, e estas vivem da realidade. A realidade não mente, não camufla, não esconde, não se acomoda, no máximo se demora. Ora, é por este motivo que a Teologia, compreendendo as várias dimensões envolvidas na relação sexualidade/ religiosidade, precisa assumir a sua posição na discussão e não de forma dogmática, mas relacional; expor exatamente possibilidades novas para abordagens e aproximações.

Um recorte no tema da sexualidade, destacando a homossexualidade, é importante por alguns motivos. A sociedade brasileira tem demonstrado um rearranjo nas relações conjugais, antes restritas ao relacionamento homem-mulher sob a perspectiva heterossexual. Uniões entre pessoas do mesmo sexo aparecem cada vez mais freqüentes. As implicações sociais deste tipo de relacionamento são cada vez mais evidentes, seja na busca por uma igualdade de direitos sociais, jurídicos, políticos, ou na busca por direitos religiosos. A mídia tem trazido o assunto à baila em entrevistas, reportagens e novelas, seja para uma revisão de conceitos, uma constatação de situações ou mesmo para denunciar práticas não convencionais sob a ótica política ou mesmo religiosa. Tratar desse tema a partir de uma ótica religiosa, sobretudo a partir da ótica cristã (recorte que fazemos do ponto de vista espacial), faz-se necessária também por outro motivo. Pesquisas<sup>3</sup> realizadas nos Estados Unidos têm apontado um percentual de pessoas que assumiram a homossexualidade em torno de 4 a 8%. Este percentual está distribuído em igrejas, clubes militares, associações culturais e se estima que percentual semelhante possa ser observado em outros países. Embora não tenhamos dados precisos em relação à situação no Brasil, a pesquisa realizada sugere, inicialmente, a possibilidade que, em alguns grupos religiosos, de cada cinco pessoas, pelo menos uma admita sua orientação homossexual. Constrangido a tratar desse tema internamente, o cristianismo no Brasil também é desafiado a tratá-lo de forma mais ampla, num diálogo plurilegioso e multisocial. Surge em alguns círculos uma questão que pode ser traduzida da seguinte maneira: se de fato existe oficial ou extra-oficialmente uma comunidade de pessoas homossexuais,

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, o controvertido relatório Kinsey: KINSEY, Alfred C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, Clyde E. *Sexual behavior in the human male*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1998.

é lícito perguntar de que maneira o cristianismo vai relacionar-se com essa comunidade. Muito mais que um desafio retórico ou um estímulo a um discurso evasivo, essa constatação propõe ao cristianismo e todos os seus representantes a uma revisão de conceitos, linguagens e posturas.

Ora, quando uma pessoa homossexual adentra o campo religioso não é mais apenas sua aceitação como parte da comunidade religiosa que entra como tema principal. Esse novo ator traz para o debate teológico uma suspeita sobre os fatores constitutivos de identidades, tanto divina, quanto humana. No primeiro caso, porque sua presença e insistência pelo divino forçam uma revisão da face do divino, de suas leis, de seus planos, de seu caráter e do significado de sua imagem. No segundo caso, posto que não se definam biologicamente pelo modelo vigente: macho, como o que prefere sexualmente a fêmea; e fêmea, como a que prefere sexualmente o macho, fazem estremecer esse fundamento tênue sob o qual os conceitos de homem/mulher, segundo a lei de Deus, descansam, quando verbalizam uma preferência heterossexual. Esse fato é perfeitamente observável num confronto que opõe insistência de grupos homossexuais em pertencer a uma religião, à resistência dos grupos que controlam o espaço religioso. Os primeiros, fazendo uso de uma teologia que comporta uma visão própria do divino e uma concepção alternativa de identidade, na medida em que insistem no fato que a preferência sexual não é um valor que deva ser considerado como excludente; Os segundos, os grupos dominantes do espaço religioso, insistem na sexualidade heterossexual como ponto inegociável. A discussão em torno da homossexualidade, de maneira geral, oscila entre tentar explicar sua possibilidade como herança genética, desvio de caráter, opção legítima, influências ambientais, transtornos de relacionamento e até possessão diabólica. Dessa maneira, para fundamentar as diversas posições, as abordagens variam da exegese de textos sagrados às pesquisas genéticas. Os textos sobre o assunto são inúmeros. ONGs<sup>4</sup>, grupos pró e contras, debates, matérias jornalísticas, sermões, estudos teológicos, passeatas e movimentos diversos permeiam a sociedade quando o assunto em pauta é a homossexualidade.

---

<sup>4</sup> Organizações não governamentais.

No entanto, apesar da amplitude e variação temática que envolve a pessoa homossexual é possível a suspeição da presença de um círculo vicioso, que além de impedir um paradigma alternativo para a discussão dos fatores que devem pesar significativamente para a constituição identitária de um ser humano, restringe o assunto à maneira correta de se fazer sexo: um ser humano normal, corretamente aprovado por Deus, deve ter uma relação sexual heterossexual. A preferência por sexos iguais denuncia a desaprovação divina, sendo, portanto, um desvio da natureza. Se a preferência sexual é o fator predominantemente suficiente para fundar a identidade humana, então a identidade divina também se compromete por força de criação a se ajustar a esse padrão. Ora, essa pesquisa vai abordar a suspeita de que a relação ou preferência sexual não seja o fator fundante de qualquer identidade, sendo contraditórios ao ser humano os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade. Por outro lado, a pesquisa pretende colocar em relevo a suspeita de uma abordagem teológica, que em sua versão ortodoxa, sugere, no evento da criação, um “modelo” de ser humano perfeito e, a partir do qual os outros seres humanos em todas as gerações deveriam se espelhar. É possível que essa visão de ser humano perfeito desconsidere o caráter ambíguo da própria existência, tendo como um dos possíveis reflexos a aversão ao corpo, sendo esse simbolizado sempre como corrupção.<sup>5</sup> A pesquisa parte do entendimento de que as construções teológicas são também construções antropológicas. Como considerar a idéia de um Deus perfeito que começa a sua criação com lodo e lama e não com algo celestial? Não há aqui um paradoxo? Fala a Teologia em nome de Deus ou em nome do homem?<sup>6</sup>

Quando se fala em homossexualidade fala-se de quem? É a partir dessa questão principal que se pretende defender que as abordagens correntes no Brasil estão equivocadas ao imaginar a pessoa homossexual na perspectiva de gênero, como uma identidade perfeitamente constituída e justificada social, política, psicológica e biologicamente. As produções textuais no Brasil parecem reforçar esse equívoco ao margear a definição de identidade homossexual,

---

<sup>5</sup> Cf. TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1987.

<sup>6</sup> Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

deixando bem claro a confusão reinante<sup>7</sup>. Propostas como a redefinição do conceito de gênero<sup>8</sup>, ou mesmo a *Teoria Queer* colocam a questão de identidade na homossexualidade como imprescindível para o debate na sociedade brasileira contemporânea. É possível que a homossexualidade seja um conceito híbrido, construído social e politicamente como uma forma de sobrevivência às diversas formas de opressão. No entanto, a pesquisa reconhece que assumir uma preferência homoerótica, homoafetiva ou homossexual na sociedade contemporânea é participar de um processo de desconstrução e reconstrução da própria identidade, num contexto que impele a uma postura de ruptura com uma ordem estabelecida, com um padrão tido como correto e balizador, tanto em nível pessoal (família, amigos, empresa, associações) quanto num interpessoal mais generalizado (lazer, convivência social). A complexidade dessa escolha assume uma dimensão maior quando a pessoa homossexual busca, em sua expressão religiosa, aceitação e reconhecimento de sua dignidade enquanto pessoa. Não está apenas em jogo sua aceitação como indivíduo ao lado de outros, mas de um ser que clama sua identidade com o divino e que, em virtude da mesma, quer expressar-se, buscar relacionamentos de comunhão e reclamar para si o direito (graça) de receber dons e exercitá-los de forma plena e reconhecida, nunca marginal.

A homossexualidade, na atualidade, é apresentada por muitos setores como uma opção de relacionamento humano legítimo, tanto quanto todas as outras. Essa perspectiva impõe à sociedade brasileira o desafio de ouvir, avaliar conceitos, assumir desafios e, sendo necessário, mudar os rumos de suas posturas em diversos aspectos e em muitas direções. Convidada também, não apenas a opinar sobre essa legitimidade, discutir sua validade

---

<sup>7</sup> No conceito de homossexualidade se incluem transexuais, travestis, bissexuais, homossexuais ocasionais, enfim não há um entendimento claro de quem pertence ou não ao grupo.

<sup>8</sup> Para Teresa Lauretis, essa discussão é importante, sobretudo por que a identidade deve ser vista como: "um lugar de posições múltiplas e variáveis dentro do campo social, ao mesmo tempo em que entende a experiência como o resultado de um conjunto complexo de determinações e lutas, um processo de renegociações contínuas das pressões externas e resistências internas". LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

social ou impor seu julgamento, a comunidade cristã brasileira<sup>9</sup> tem sido “constrangida” a discutir o assunto em suas fileiras, em seus limites por contingência. A homossexualidade não é para a Igreja Brasileira “algo de fora”, estranho, desconhecido. Está presente, velada, camuflada, escondida. Este projeto pretende abrir “armários” e convidar à reflexão, Igreja e Academia, propondo uma avaliação de posturas teológicas, políticas, sociais e epistemológicas a fim de apresentar suas perspectivas sobre o assunto de forma clara, sem mesclar pré-conceitos com valores que julguem legítimos e, a partir de então, elaborar novas possibilidades diante dessa desafiadora realidade contemporânea.

A pessoa homossexual não quer apenas definir as regras de sua pertença à Igreja; como um ser humano ativo e participante, pergunta por seu lugar no altar, na ministração, no ministério, na liderança da mesma. É essa a questão com a qual se deparam as diversas expressões do cristianismo na contemporaneidade. O que precisa ser revisto, revisitado, reconstruído na teologia e práxis cristã para que as portas estejam abertas e o altar disponível a esse “novo ser”? Afirmar a possibilidade de que se seja um cristão autêntico e se permitir uma sexualidade, a qual não se detenha apenas na heterossexualidade, é também chamar a teologia a uma construção que leve em conta o texto e a vida. A teologia não se faz sem um sujeito e esse precisa mostrar-se existencialmente ligado a essas questões. O Teólogo não pode hipóstasiar linguagens e preconceitos; sua reflexão teológica precisa levar em conta sua condição de indivíduo vivente e a dimensão de sua própria sexualidade.

Diante dessas questões principais, propõe-se uma tese que se debruce a colocar como problema principal: **a partir de que construção teológica é possível se reconhecer como legítimo o desejo de uma pessoa homossexual em exercer sua espiritualidade, de forma livre e plena na Comunidade cristã brasileira?** A partir desse problema central, a presente tese procurará responder a quatro outras perguntas decorrentes: a) Quando se fala em homossexualidade, teologicamente, fala-se de quem? b) É possível

---

<sup>9</sup> Ao longo dessa investigação a expressão comunidade cristã brasileira é uma referência geral ao cristianismo como um todo (incluindo todos os seus representantes), não denotando, em momento algum, a compreensão do cristianismo no Brasil como um bloco monolítico.

outra referência identitária à pessoa humana que não seja redutível a sua preferência afetivo-sexual? c) Pode-se considerar os conceitos de sexo e gênero como construções sociais? d) A visão cristã no Brasil, quanto à homossexualidade, é fruto de uma visão teológica coerente, de uma visão clara da sexualidade ou é fundamentalmente fruto de preconceitos?

A presente investigação realizar-se-á no aprofundamento da questão homossexual como uma opção presente nas igrejas cristãs do Brasil, verificando-se conceitos, posturas, avaliação e tratamento do tema, tanto da ótica institucional quanto da comunidade de fé e da sociedade. Como um limite importante, essa investigação concentrar-se-á no desejo de que pessoas homossexuais têm expressado, não apenas de pertencer à igreja cristã, mas, sobretudo, de exercer sua espiritualidade de forma legítima na mesma. Os textos produzidos pela comunidade cristã são variados, com pesos e contextos que devem ser avaliados a partir de uma série de fatores. A presente pesquisa pretende deter-se, fundamentalmente, em textos produzidos pelas comunidades de estudos cristãos sobre a homossexualidade, por exemplo, grupos de pesquisas, universidades, ativistas cristãos da causa homossexual e teólogos que, notadamente, têm oferecido contribuições alternativas ao tratamento da questão central da referente pesquisa.

A hipótese que a presente tese defende frente ao problema principal e aos problemas corolários, é que as teologias alternativas que estão propondo a possibilidade da pessoa homossexual expressar livremente sua espiritualidade em comunidades cristãs brasileiras estão embasadas numa revisão necessária e radical de duas posturas. A primeira refere-se ao reconhecimento da construção alternativa de identidade homossexual, marcada na sociedade contemporânea por um caráter institucional de mercado, desembocando num movimento de representação social com papéis e pautas definidos, que luta contra a submissão da pessoa homossexual a uma redução de sua dignidade enquanto ser humano.<sup>10</sup> A segunda, de forma complementar, insiste em que uma Teologia, que não pressuponha o indivíduo humano em sua humanidade, insistindo numa referência redutiva da mesma, a partir de uma concepção de

---

<sup>10</sup> Segundo Jung Mo Sung, um ser humano quando se sente preso numa estrutura social, com papéis estritamente delimitados defronta-se com a necessidade de ser sujeito de sua própria história. SUNG, Mo Jung. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

gênero que coloca Deus na posição de um ser do sexo masculino, tornar-se-á classificatória e discriminatória, não podendo ser considerada como uma teologia que fale de Deus sem compromissos ideológicos prévios. Portanto, é assaz fundamental que se compreenda que a Teologia<sup>11</sup> não fala em nome de Deus, mas em nome dos homens. A presente tese pontuará nessas teologias alternativas, uma insistência na reformulação do conceito de “homossexualidade”, propondo a inclusão das pessoas homossexuais num conceito mais amplo de gênero que fuja da classificação binária tradicional, expressa nas categorias masculina e feminina. Concluindo, portanto, que teologia é construção humana e é a seus motivos, referenciais e pressupostos, que se deve perguntar pela aceitação e legitimidade da espiritualidade de pessoas homossexuais na comunidade cristã.

Como uma resposta aos problemas corolários, a presente tese entende que as teologias alternativas assumem como pressupostos necessários para sua sustentação as seguintes afirmações: a) Não é justificável social, biológica ou teologicamente a referência a qualquer pessoa humana em função de sua opção sexual; b) É imprescindível que se busque uma referência identitária a pessoa humana que não se reduza a sua opção afetivo/sexual, sob pena de privar-lhe o direito a uma vida justa, livre digna; c) Não há uma discussão ampla e aberta nos setores da Igreja sobre a sexualidade. Pelo contrário, os discursos em relação à mesma são geralmente de controle e permeados de tabus. Os principais ramos do cristianismo no Brasil ainda não têm uma posição teológica bem fundamentada a respeito da homossexualidade, e a maior parte das declarações e posturas revelam preconceitos variados.

Por militar na área do ensino, especialmente em Teologia e História, o pesquisador observa um abismo entre determinadas afirmações dos círculos eclesiais e as demandas da sociedade, além dos inúmeros equívocos de natureza epistemológica presentes nas mais diversas abordagens sobre a questão da identidade homossexual. A discussão sobre a participação de pessoas homossexuais já está bem adiantada em alguns países.<sup>12</sup> No Brasil, a Igreja Anglicana já tomou uma posição parcial em relação à possibilidade de

---

<sup>11</sup> Teologia entendida de forma geral, como área do saber, não como um saber único, unívoco.

<sup>12</sup> A Convenção Batista do Norte nos Estados Unidos, por exemplo, já conta com stands de grupos homossexuais em suas Assembléias fazendo divulgação de seus projetos e compromissos.

que pessoas homossexuais assumam um ministério ordenado<sup>13</sup> e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil já está debatendo o assunto ao publicar um documento<sup>14</sup> prévio, que, de certa maneira, já antecipa a posição dominante. Algumas Universidades de orientação protestante (Escola Superior de Teologia e Universidade Metodista de São Paulo) já contam com publicações específicas sobre o tema, via grupos de pesquisas ou na produção cada vez mais crescente de dissertações e teses. Um grupo de professores já está discutindo o tema na Faculdade Teológica Batista do Paraná e, se alargarmos a discussão às Universidades ou Institutos Ecumênicos diversos, ela se amplia consideravelmente. Portanto, uma investigação que se proponha a tratar do tema numa perspectiva interdisciplinar, sobretudo comprometida a apresentar uma opção teológica alternativa, é fundamental para colaborar teoricamente no enriquecimento do debate, principalmente quando da possibilidade ou não da manifestação da espiritualidade de pessoas homossexuais de forma plena e reconhecida pela comunidade cristã brasileira. Uma compreensão equivocada sobre o assunto, ou intolerância, que recuse a discutir com profundidade o tema da homossexualidade, enquanto uma realidade nas comunidades cristãs, coloca em xeque conceitos sobre a natureza da igreja como veículo de transmissão de graça, aceitação e cura. A comunidade chamada cristã, sobretudo em solo brasileiro, tem tido dificuldades em lidar de forma coerente com as questões sociais, não conseguindo manter, de uma forma saudável e contínua, uma relação da doutrina bíblica e cristã acerca desse assunto com as expressões vivas da sociedade, o que tem ocasionado distorções significativas e perturbadoras no momento atual. Por isso, o assunto é assaz fundamental nos círculos teológicos, tornando uma investigação desta natureza supramente importante, não somente para os teólogos, mas também para pastores, padres e líderes eclesiais. Entender os mecanismos envolvidos no imaginário cristão oferece subsídios para estudos de ciências afins de extrema importância, além de contribuir para a construção de uma sociedade saudável. Além disso, repensar os elementos

---

<sup>13</sup> Desde que mantenham o celibato.

<sup>14</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Posicionamento do Conselho da Igreja referente ao Ministério Eclesiástico e Homossexualidade. *Boletim Informativo da IECLB*, n.º.173. Porto Alegre: 2001.

fundantes da identidade homossexual é extremamente importante para um redirecionamento de pesquisas e abordagens sobre a homossexualidade. Por outro lado, não há no Brasil uma proposta teórica que analise teologias alternativas que combinem uma revisão necessária da homossexualidade na perspectiva de gênero com uma reformulação da Teologia que pressuponha um conceito de ser humano e de existência bem mais amplo do que o defendido até agora, revisando inclusive sua compreensão tradicional de Deus em função de uma posição de gênero.

**O objetivo principal** é analisar as alternativas teológicas que, em função das demandas da realidade, sobretudo na questão da homossexualidade, abram caminhos para a possibilidade de que as pessoas homossexuais possam exercer sua espiritualidade com liberdade nas comunidades protestantes brasileiras<sup>15</sup>. De forma secundária, pretende-se refletir sobre outros objetivos: a) Alguns dos principais aspectos relacionados ao movimento homossexual; b) Algumas das principais tendências sociais que envolvem a homossexualidade no contexto brasileiro contemporâneo; c) Considerar as principais argumentações teológicas ortodoxas sobre o tema; d) Entender quais são os pressupostos e argumentos das pessoas homossexuais, ou movimentos sensíveis a sua causa, para o exercício de sua espiritualidade de forma plena e reconhecida na comunidade cristã; e) Contribuir com uma proposta teológica contemporânea e alternativa para análise da relação entre a homossexualidade e o cristianismo.

Metodologicamente, a tese articular-se-á numa construção teórica que privilegie a discussão dos principais temas relacionados à homossexualidade, numa perspectiva que propicie aliar elementos do método histórico-crítico com o histórico-social, privilegiando a análise do discurso. Provisoriamente nomear-se-ia essa opção metodológica como método histórico-crítico-social, principalmente porque a preocupação não se concentra apenas nas narrativas, mas nos eventos sociais por trás das mesmas. É importante para a tese tentar perceber a função que os textos desempenham em seu contexto histórico-social de origem, bem como nas circunstâncias histórico-sociais que

---

<sup>15</sup> A expressão comunidades protestantes brasileiras é usada para diferenciar do catolicismo brasileiro, os grupos protestantes e evangélicos (incluindo todas as diferentes tendências). Essa é apenas uma classificação metodológica, não conceitual.

determinaram as alterações que os textos ou discursos sofreram no decurso do tempo. Dessa maneira a pesquisa se propõe também a perceber as intencionalidades antropológico-políticas presentes na narrativa. Os textos que embasam as diferentes construções teóricas serão selecionados levando-se em conta três eixos básicos que, de certa forma, também orientarão a discussão nos capítulos da tese.

O primeiro capítulo colocará em relevo a busca por uma identidade alternativa pelas pessoas homossexuais desde sua inserção no Brasil. Ao abordar a discussão sobre a homossexualidade, o foco é sombrear suas principais características sociais, sobretudo na contemporaneidade; apontando, principalmente, os elementos fundantes e os projetos sócio-ideológicos envolvidos. É possível desenvolver essa discussão observando-se alguns eixos básicos, por exemplo: a cultura homossexual, suas divisões na sociedade brasileira, seus projetos e reivindicações. Nos textos produzidos no Brasil é possível observar algumas influências teóricas bem presentes, por exemplo: Luis Mott e sua produção teórica e de militância. Além disso, há algumas respostas sociais; cite-se a campanha desenvolvida na Educação: “Brasil contra Homofobia”, com guias para escolas, programas etc. Dessa maneira a idéia do capítulo é oferecer um panorama crítico e informativo, dentro do viés orientador da investigação empreendida, que permita situar a homossexualidade e seus caminhos na sociedade brasileira contemporânea.

No segundo capítulo, pretende-se apresentar a discussão teológica empreendida por setores diferenciados da comunidade cristã brasileira, incluindo alguns documentos oficiais. Procurando sombrear, principalmente, o método e o encaminhamento que grupos cristãos têm dado à questão da possibilidade do exercício legítimo da espiritualidade por parte de pessoas homossexuais na comunidade cristã brasileira. Os textos serão selecionados levando-se em conta algumas decisões metodológicas. Em primeiro lugar, selecionando-se as produções teológicas oficiais sobre o assunto, sejam de caráter instrutivo ou deliberativo, tanto da perspectiva católica, quanto da protestante. Como a construção proposta nessa tese, em sua articulação metodológica, não encontra paralelo na literatura brasileira até a presente data, a seleção de textos refletirá um recorte na abrangência da produção, tendo como marco inicial os primeiros documentos oficiais da Igreja Católica

abordando o assunto de uma perspectiva teológica, e trazendo orientações para o tratamento do tema por seus liderados no Brasil. Os primeiros e mais importantes textos datam de 1975 e 1985. O período inicialmente delimitado abarca as produções dos últimos 20 anos. O recorte na seleção de material que a pesquisa se propõe a fazer, reduzirá substancialmente os riscos que um tempo tão grande possa sugerir. Sobretudo como se procurará justificar no capítulo em questão, as produções teológicas quanto ao tema e propósitos da pesquisa, são reduzidíssimas. A discussão procurará demonstrar que as contribuições cristãs têm ajudado a fortalecer o caráter de perversidade, anormalidade e marginalidade que circundam e permeiam a identidade da pessoa homossexual. Conquanto se observe principalmente, na perspectiva oficial católica, mesmo que implicitamente algumas iniciativas práticas e alternativas em relação à pessoa homossexual, nas vozes protestantes (em suas muitas faces) o tema ainda é recrudescente.

O terceiro capítulo apresentará as produções teológicas de grupos de pesquisas sobre gênero e homossexualidade, sobretudo dos Institutos Ecumênicos de Pós Graduação, como a Escola Superior de Teologia em São Leopoldo e a Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Textos alternativos e diversos, como por exemplo: opiniões individuais de caráter devocional ou ético, serão evitados, principalmente porque a investigação empreendida busca analisar alternativas à possibilidade de uma pessoa homossexual exercer, de forma livre e reconhecida sua espiritualidade na comunidade cristã brasileira; e essa questão é orientadora da seleção dos textos. Dentre as contribuições apresentadas, serão significativas aquelas apresentadas por André Musskopf, por apresentarem para a realidade Brasileira, alternativas paradigmáticas para o relacionamento entre pessoas homossexuais e comunidades cristãs no Brasil, sobretudo, de matriz protestante.

No quarto capítulo, a partir da discussão teórica empreendida por Judith Butler, pretende-se considerar a suspeição que em uma construção ideológica, como no caso do conceito de gênero, circulam alguns conceitos sociais, os quais, viabilizados institucionalmente, ganham todo um estatuto de verdade, regulando, por conseguinte, a vida dos indivíduos submetidos ao mesmo. Sobretudo, em sua crítica à teoria predominante de gênero em que as

principais articulações são construídas a partir de uma dualidade limitada e inflexível, que contrapõem biologicamente homens e mulheres como construções rígidas, universalizantes e auto-referentes. A desconstrução proposta por Judith Butler, pretende-se alinhar as contribuições teológicas advindas da perspectiva *queer* e as provocações teológicas de Elizabeth Johnson e Marcella Althaus-Reid, especialmente as que desafiam os produtores da teologia a assumir o *locus sexual* e de gênero a partir do qual elaboram seus discursos, e repensar/reformular/reconstruir seus discursos em prol de um projeto libertativo que pressuponha a dignidade da pessoa humana e a busca por uma sociedade mais justa. O capítulo pretende demonstrar que, tanto as alternativas teológicas propostas por André Musskopf, numa abordagem gay ou *queer*, bem como, as apresentadas por Elizabeth Johnson, Marcella Althaus-Reid, têm se apresentado como inovadoras e possibilitam, salvaguardando algumas reformulações necessárias, a aceitação e inclusão da pessoa homossexual pela comunidade cristã brasileira, permitindo-lhe a livre expressão de sua espiritualidade.

Os capítulos estão subdivididos em temas que pretendem dar uma visão das percepções teóricas implícitas (não inconscientes), que estão presentes na compreensão do pesquisador. Cada capítulo principia-se por uma introdução que ultrapassa o conceito usual de sua utilização, propondo questões que devam ser respondidas numa experiência dialógica com o texto, e, retomando outras, cuja proposição na conclusão, remete para os capítulos seguintes. Como características do pesquisador, perguntas e questões são propostos aos autores, seja como acréscimos diretos aos textos, ou através de remessa às notas de rodapé. Por fim, o pesquisador pretende que sejam relevadas características contextuais importantes que impliquem na elaboração de uma investigação como esta. Entre as muitas que podem ser mencionadas, pede-se atenção específica ao caráter fragmentário das fontes, a dificuldade de seleção de materiais teóricos frente a uma produção considerável sobre o tema, demonstrando vertentes diversas e complexas, propondo-se a projetos variados e, muitas vezes, contraditórios.

Quando os homens simbólicos e reais dos textos e da vida resolverem abrir seus armários (os vários) é possível que descubram um outro armário, escondido, velado, vigiado, implícito, inconsciente, procurado: o armário de

Deus. As pessoas humanas, entre elas, as homossexuais, aguardam ansiosamente que esse armário seja aberto, revelando assim, entre os segredos de Deus, os seus muitos modos de amar.

# 1. PANORAMA, COMPREENSÕES E TENDÊNCIAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL

Desde os degredados Fanchonos<sup>1</sup> até “maricas, bichas, veados, frescos, baitolas, perobos, babalus, quarilas, ativos, passivos, bambis, boiolas, lésbicas, sapatões, entendidos, entendidas, travecos, travestis, transexuais, bonecas, frutinhas, pederastas, efeminados, machonas, chibungos, bofenecas, sandalinhas, ladys, sapatas, michês, gays”, são muitos os termos quando se quer, no Brasil, fazer referência à homossexualidade. Embora para diversos grupos ligados aos movimentos homossexuais existam diferenças bem nítidas entre a maioria desses termos, para o senso comum todos podem ser usados sem qualquer distinção às pessoas homossexuais.<sup>2</sup> Tal variedade é apenas um dos aspectos de um contexto marcado pela complexidade, ambivalência e ambigüidade como a da homossexualidade. Para Peter Fry e Edward Macfrae, compreender a homossexualidade é olhar para “uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas de um mesmo sexo”.<sup>3</sup> Tal compreensão, no entanto, não evita uma pergunta vital: “Como saber o que é a homossexualidade quando nesta sociedade brasileira existem tantas opiniões contraditórias e mal-encontradas a respeito do assunto? Onde começar? Em quem acreditar?”<sup>4</sup> De qualquer maneira, qualquer opção escolhida pode ser tomada como arbitrária, principalmente porque nem sempre é possível clarificar as razões metodológicas e as subjetivas que envolvem uma escolha de tal responsabilidade.

O presente capítulo articular-se-á numa exposição que permita entender aspectos principais envolvendo a discussão em torno do tema da identidade homossexual no Brasil, pontuando certo registro histórico, preferências

---

<sup>1</sup> Termo usado em Portugal como equivalente ao pecado de sodomia para os degredados ao Brasil em função da Inquisição Portuguesa cf. PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 2000; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: 2000, p.134.

<sup>2</sup> Para o antropólogo Luis Mott: “Do mesmo modo como acontece entre os “heteros”, que inclui tanto o machão como homens delicados, também entre os “homos” há grande diversidade de comportamentos, estilos de vida e estereótipos” In: <http://www.ggb.org.br/orienta-verdades.html> (ver também: GRUPO GAY DA BAHIA. *O abc dos gays*. Salvador: GGB, 1996).

<sup>3</sup> FRY, Peter; MACFRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 2ª. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense: 1983, p.7.

<sup>4</sup> Id. Ibid., p.9.

temáticas e referências sociais e políticas,<sup>5</sup> sempre, na medida do possível, a partir de fontes não ligadas às principais correntes cristãs no Brasil.<sup>6</sup> É certo que a discussão desse capítulo privilegiará um recorte que não pode ser apontado como a verdade sobre a homossexualidade no Brasil, porque, entre outras coisas, também se configura como um movimento político identitário que reúne e abriga sob seu guarda-chuva conceitual uma diversidade considerável de sujeitos sociais (gays, lésbicas, transgêneros, bissexuais). Em segundo lugar, porque na homossexualidade, de forma implícita, consciente ou inconsciente, é possível observar outras “homossexualidades” diferenciadas, por exemplo, pela classe social ou posição cultural. Embora não possa ser considerada como a verdade sobre a homossexualidade, a discussão ensejada nesse capítulo ganha considerável sustentação por tentar reproduzir, o mais próximo possível, as vozes ideológicas, políticas e sociais de quem fala, por enquanto, seja por eles mesmos, ou seus representantes constituídos ainda que informalmente.

Como nem sempre as retomadas históricas sobre o tema da homossexualidade no Brasil são concordes em certos aspectos,<sup>7</sup> apresentando muitas vezes informações fragmentadas e incongruências, elaborar um roteiro histórico não é uma tarefa tão simples e exige alguns cuidados metodológicos importantes. Portanto, para garantir certa legitimidade aos aportes históricos apresentados nessa investigação, o presente capítulo toma a obra<sup>8</sup> dos antropólogos Peter Fry e Edward Macfrae como balizador de pontos principais sobre o desenvolvimento<sup>9</sup> do tema da homossexualidade no Brasil. Quanto aos aspectos relacionados à identidade do mundo homossexual, tais quais as

---

<sup>5</sup> Por referências sociais e políticas entenda-se a pauta comum defendida pelos diversos grupos de afirmação da homossexualidade no Brasil.

<sup>6</sup> O objetivo é tentar abordar o tema a partir da ótica dos grupos e pessoas homossexuais ou de pesquisadores cuja motivação principal seja um estudo mais distanciado possível de uma agenda religiosa de caráter apologético.

<sup>7</sup> Por exemplo, a divergência sobre quem foi Karoly Benkert (o primeiro a usar o termo homossexual em 1869). Para alguns autores, como Luis Mott, ele era um jornalista gay-húngaro (GRUPO GAY DA BAHIA. *O abc dos gays*. Salvador: GGB, 1996). Para o psicólogo Ceccarelli (<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/homossexueprec.htm>) Benkert era um médico húngaro. Diversos grupos, mesmo os ligados a grupos de afirmação gay, se referem à Karoly como uma médica húngara.

<sup>8</sup> FRY, Peter; MACFRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 2ª. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense: 1983. Entre os possíveis motivos para essa escolha, encontra-se o fato de que a quase totalidade de abordagens sobre o tema no Brasil nos últimos 20 anos, faz a referência a essa obra.

<sup>9</sup> A partir do que pode se pontuar como um provável início.

aspirações em relação à sociedade, com recortes na política e religião, pretende-se como base principal de referência, sempre que possível, fontes utilizadas ou recomendadas pelos movimentos de afirmação gay.<sup>10</sup>

### 1.1 A Homossexualidade no Brasil: Aportes Históricos.

É possível, pelo menos com uma certeza considerável, datar a presença de pessoas homossexuais no Brasil já no período colonial<sup>11</sup>. O ano de 1549 marca a chegada de Estevão Redondo, possivelmente o primeiro degredado de Portugal para o Brasil, pelo pecado de sodomia<sup>12</sup>. O pecado de sodomia era considerado o “mais torpe, sujo e desonesto de todos os crimes”.<sup>13</sup> E quando não era passível de pena de morte, a alternativa era o degredo<sup>14</sup> ao Brasil. Embora seja possível identificar a presença de possíveis pessoas homossexuais no Brasil nesse período, só podemos falar em homossexualidade como um movimento organizado, buscando uma identidade distinta, bem mais tardiamente<sup>15</sup>.

Há certa concordância<sup>16</sup> de que a edição do Jornal *Lampião*, em 1978, foi o marco no Brasil do surgimento do movimento homossexual organizado.

<sup>10</sup> A presente pesquisa utiliza a expressão “grupos de afirmação gay” num sentido genérico, abarcando os diversos grupos abertos às principais reivindicações do movimento homossexual no Brasil.

<sup>11</sup> Para Luis Mott a presença homossexual na história da Bahia é anterior inclusive à própria chegada dos colonizadores, pois ao penetrarem na Terra dos Papagaios, portugueses e franceses encontraram e registraram, estupefatos, a existência de numerosos índios e índias praticantes do que a Cristandade chamava de “abominável e nefando pecado de sodomia. MOTT, Luis. *Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome*. In: <<http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos02.html>> Acesso em 18 de novembro de 2007.

<sup>12</sup> Expressão usada para as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo ou ainda para as relações sexuais consideradas anormais (ex. sexo anal).

<sup>13</sup> PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 2000; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: 2000, p.136.

<sup>14</sup> Entre os anos de 1587 a 1794, o antropólogo Luis Mott identificou cerca de 26 pessoas do sexo masculino condenadas ao degredo para o Brasil pelo pecado de sodomia cf. MOTT, Luis. *Justitia et misericórdia: a inquisição portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia*. In: NOVINSKI, Anita; CARNEIRO, M. L. Tucci (Orgs). *Inquisição: ensaios sobre mentalidades, heresias e arte*. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão e Cultura; Edusp, 1992, p.737.

<sup>15</sup> Isso não significa que não se pudesse analisar certos traços distintivos de uma possível comunidade homossexual. Aliás, o antropólogo Luis Mott já apontou essa possibilidade em Portugal nos tempos da Inquisição (MOTT, Luis. *Pagode português: a subcultura gay nos tempos inquisitoriais*. In: *Ciência e Cultura*, 1988, n°. 40.

<sup>16</sup> Para Luis Mott, *O Lampião* surge como decorrência da visita ao Brasil do editor do jornal *Gay Sunshine*, o jornalista Winston Leyland um ano antes. Fixando, portanto, o ano de 1977 como o

Para Fry e Macfrae, o jornal foi “editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais ‘minorias’, ou seja, os negros, as feministas, os índios e o movimento ecológico”.<sup>17</sup> O surgimento desse jornal possibilitou, na visão de Fry e Macfrae, que “um grupo de artistas, intelectuais e profissionais liberais, descontentes com uma vida social restrita a boates e bares do ‘gueto’<sup>18</sup> homossexual” comesçassem a se reunir em São Paulo semanalmente dando origem, em fevereiro de 1979, ao primeiro grupo de afirmação homossexual no Brasil: O *Somos*.<sup>19</sup>

A partir da criação do “*Somos*,” os encontros para troca de idéias e debates acerca da questão homossexual no Brasil foi se intensificando. Não entrava em pauta apenas a busca por certa liberdade, certo direito de existir, mas também pelos fundamentos teóricos a partir dos quais o movimento homossexual no Brasil poderia se firmar. As principais propostas enfatizavam: a) a autonomia do movimento homossexual em relação aos partidos políticos; b) o apoio ao feminismo na luta contra o machismo e contra a reprodução do machismo nas relações homossexuais: dicotomia “ativo/passivo”, “dominador/dominado”, “bofe/bicha”, “Fanchona/Lady”; c) uma nova identidade homossexual marcada por relações sexuais/afetivas essencialmente igualitárias.<sup>20</sup> A atuação do movimento homossexual teve também ressonância interna. O “grupo de ação lésbico-feminista” levantou duas questões de fundo teórico-ideológico importantíssimas. Uma era o fato evidente de que eram os homens que dominavam as discussões e tomadas de decisões. A outra questão era que as mulheres consideravam um despropósito o fato dos homens “tratarem-se uns aos outros como se fossem as próprias mulheres”.<sup>21</sup>

---

marco inicial do movimento cf. *Intelligentsia homossexual e militância gay no Brasil: De taturana a borboleta: a metamorfose de um antropólogo enrustido em militante gay* In: <http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos08.html> último acesso em 18 de novembro de 2007.

<sup>17</sup> FRY, Peter; MACFRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 2ª. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense: 1983, p.21.

<sup>18</sup> A expressão gueto era geralmente usada como referência a grupos homossexuais urbanos.

<sup>19</sup> O grupo “*Somos*” deixou de existir praticamente desde 1983. Atualmente há uma série de organizações que prestam homenagem ao “*Somos*”, seja usando a designação “*Somos*” ou preservando publicações e documentos. Alguns dos documentos dessa época podem ser encontrados no Arquivo Edgard Leuenroth ([http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_institucional/website-ael\\_institucional.htm](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_institucional/website-ael_institucional.htm)).

<sup>20</sup> FRY, Peter; MACFRAE, Edward. *Op.Cit.*, p.24.

<sup>21</sup> *Id. Ibid.*, p.28. De certa maneira essas questões ainda permanecem pendentes.

Problemas políticos, inclusive internos e financeiros, começam a desgastar o *Somos* e, de certa maneira, dispersar os projetos homossexuais.

O movimento homossexual ganha outro impulso considerável com a criação, em 1980, do *Grupo Gay da Bahia*. Fundado pelo antropólogo Luis Mott, o *Grupo Gay da Bahia* orgulha-se de ser, entre os grupos homossexuais criados, o mais antigo ainda em funcionamento na América Latina.<sup>22</sup> Envolvido na defesa dos direitos dos grupos homossexuais e dos considerados afins,<sup>23</sup> o grupo organiza suas atividades em diversas frentes: a) Orientação e apoio aos militantes (questões de saúde, direitos, segurança etc.); b) Esclarecimentos sociais (História do movimento homossexual, termos relacionados aos homossexuais, discriminação, apoio etc.); c) Ações de cunho político ou ideológico (denúncias, articulações junto a partidos políticos, Senado, Câmara, Poder Judiciário, Governo nas esferas Federal, Municipal e Estadual) além de incentivar uma produção teórica considerável.<sup>24</sup> Aliás, esse formato no qual o *Grupo Gay da Bahia* se estruturou tem sido uma marca característica dos inúmeros grupos, associações e parceiros da causa homossexual no Brasil contemporâneo.

Além do *Grupo Gay da Bahia* e dos inúmeros grupos no Brasil,<sup>25</sup> que de alguma forma estão ligados à causa homossexual, destaca-se também a “Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros”<sup>26</sup> (ABGLT)<sup>27</sup>, fundada em 1995. Considerada como a maior rede nesse sentido da América Latina, a ABGLT reúne, no Brasil, 203 organizações, sendo 141 grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais, e mais 62 organizações colaboradoras voltadas para os direitos humanos e AIDS. Tendo como missão principal a promoção da cidadania e a defesa dos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, a ABGLT espera contribuir para a construção de uma

---

<sup>22</sup> Cf. <[http://www.ggb.org.br/cronologia\\_movimento\\_homossexual.html](http://www.ggb.org.br/cronologia_movimento_homossexual.html)>. Na verdade, o *Grupo de Ação Lésbico-feminista* e o *Grupo Gay da Bahia* são os únicos movimentos organizados de homossexuais que conseguem ultrapassar, como grupos atuantes, os anos 80.

<sup>23</sup> Travestis, transexuais e transgêneros.

<sup>24</sup> Boa parte de sua produção teórica pode ser consultada em seu site: <<http://www.ggb.org.br/welcome.html>>. Boa parte da visibilidade e respeito que o grupo tem conseguido deve-se em parte à liderança e militância do antropólogo Luis Mott.

<sup>25</sup> É possível encontrar na web uma série sobre associações e ONGs ligadas diretamente à causa homossexual ou que de alguma forma prestam algum serviço a mesma.

<sup>26</sup> Referência aos bissexuais, travestis e transexuais.

<sup>27</sup> É possível conferir características, bem como organizações parceiras no site do grupo: <<http://www.abglt.org.br/port/index.php>>.

democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero. Entre as suas principais ações, o grupo considera como prioridade<sup>28</sup>: a) O monitoramento do programa “Brasil sem Homofobia”<sup>29</sup>; b) O combate à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis; c) Orientação sexual e Direitos Humanos no âmbito do MERCOSUL; d) Advocacy<sup>30</sup> para aprovação de leis e garantia de orçamento para políticas afirmativas voltadas para GLBT; e) Capacitação de lideranças lésbicas em direitos humanos e advocacy; f) Capacitação de operadores de direito em questões de cidadania GLBT.

Outro ponto de destaque nessa trajetória do movimento homossexual no Brasil foi a organização da “Parada do Orgulho Gay” de São Paulo, em 1997; nessa época, com a proposta de visibilização dos grupos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. O crescimento dessa manifestação<sup>31</sup> deu origem, em 1999, à criação da “Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros,” uma organização civil com o objetivo de defender a diversidade sexual, lutando por uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconheça direitos iguais para todos.<sup>32</sup>

Evidentemente, cada grupo tem sua importância no cenário de afirmação da causa e da pessoa homossexual no Brasil. Frutos da própria diversidade cultural e ideológica que permeia o país, cada um, a seu modo, conquista espaços e aceitação cada vez maiores. No entanto, as organizações, passeatas e bandeiras político-ideológicas do movimento homossexual no Brasil, nos diversos projetos em prol da visibilidade da identidade homossexual, não conseguem ainda colocar, de forma satisfatória, em sua agenda o item

---

<sup>28</sup> Id. Ibid.

<sup>29</sup> Programa organizado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Brasileiro que prevê uma parceria entre o Governo e a Sociedade Civil Organizada, para o combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual. Mais informações sobre o programa podem ser encontradas em: <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISE047F607PTBRIE.htm>> último acesso em 17 de janeiro de 2008.

<sup>30</sup> Termo inglês, usado nesse contexto para busca de apoio para os direitos da pessoa e causa homossexual, principalmente, através de ações junto aos poderes representativos do País.

<sup>31</sup> Estima-se que a primeira manifestação em 1997 tenha começado com 2000 pessoas e hoje tem atingido em 2007 a marca de 3.500.000, incluindo simpatizantes, ver reportagem do portal Terra divulgada em 10 de junho de 2007, disponível em: <http://exclusivo.terra.com.br/paradagay2007/interna/0,,OI1679129-EI9099,00.html>, último acesso em 16 de janeiro de 2008.

<sup>32</sup> Cf. <<http://www.paradasp.org.br/modules/articles/article.php?id=2>> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

identidade homossexual. Como pode se definir uma pessoa homossexual? De que maneira identidade e ideologia se relacionam?

## 1.2 A Identidade Homossexual no Brasil: Articulações Externas

Na busca pela causa comum, os muitos movimentos produzidos pelos diversos grupos homossexuais, de certa maneira, estão envolvidos na construção de uma identidade que os represente de maneira satisfatória. Na verdade, tal projeto identitário pretende constituir-se a partir de uma “articulação de vários recortes identitários aparentemente segmentados – gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”.<sup>33</sup> Esse projeto torna-se necessário por que em função da “gradual redução do estigma social a homossexualidade se esconde menos”<sup>34</sup> e, ao mostrar-se mais, ela mostra seus diferentes rostos: “Há toda uma gradação entre a ‘bicha’ ligeiramente efeminada até o travesti, como há uma mesma gradação entre o ‘sapatão’ vagamente masculinizado e a ‘mulher-macho’ mesmo”.<sup>35</sup> Perscrutar a profundidade da identidade homossexual no Brasil não é uma tarefa fácil. É tênue a fronteira do ideológico para o real, do político para o imaginado. Portanto, pensar a identidade homossexual no Brasil é – longe de analisar – envolver-se num projeto de rastreamento. Projeto esse que envolve perguntas por fatores ou momentos constitutivos do que seja possível compreender na expressão homossexualidade, quando o foco é a identidade.

Durante certo tempo, foi a religião que assumiu a tarefa de estabelecer as principais definições sobre a homossexualidade. Na época colonial, por exemplo, é possível percebê-la nas “Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia em 1707”<sup>36</sup> como um “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo”. Homossexualidade<sup>37</sup> era definida a partir da relação do sujeito com as normas religiosas e era essa relação que, por conseguinte, o definia socialmente.

<sup>33</sup> FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio Assis. Do “queto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>34</sup> Idéia defendida por Peter Fry e Edward Macfrae, Op.Cit., p.32.

<sup>35</sup> FRY, Peter; MACFRAE, Edward., p.47.

<sup>36</sup> Luis Mott *apud* FRY, Peter; MACFRAE, Edward., p.60.

<sup>37</sup> O termo mais usual no período é sodomia.

Como pode, por exemplo, se observar nas definições médicas sobre a homossexualidade. Partindo de uma questão religiosa, sem abandoná-la, a medicina define também a homossexualidade como uma questão de saúde: “Mais que todos os seres, o homem, pelas suas paixões e por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes da vida”.<sup>38</sup> Dessa maneira, não apenas os religiosos, mas também, serão “os médicos que reivindicarão a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e serão eles, os agentes da gradual transformação da homossexualidade de ‘crime’, ‘sem-vergonhice’ e ‘pecado’ para ‘doença’”.<sup>39</sup> E ao longo dos anos que se seguem: o crime merece punição, a doença exige a “cura”.<sup>40</sup> Portanto, a identidade de uma pessoa homossexual é marcada pelo não reconhecimento de sua dignidade como pessoa humana, restando-lhe portanto, o estigma, a marginalização, o remédio, a conversão.

O primeiro trabalho acadêmico<sup>41</sup> brasileiro que buscou fugir desse ciclo pecado/crime/cura (Religião/Polícia/Medicina) foi produzido nos anos 50. Uma das motivações principais dessa pesquisa foi a superação dessa abordagem cíclica, ou pelo menos a diminuição da “importância dos juízos valorativos e das condições de policiamento”<sup>42</sup> para que se pudesse agregar, de fato, um conhecimento mais profundo sobre a homossexualidade. Nessa perspectiva, o viés sociológico foi o novo componente metodológico para compreensão da homossexualidade, com a esperança de que os aspectos sociais e culturais pudessem explicitar o que o moral e biológico já em uso, não estavam dando conta. A partir desse novo enfoque, a homossexualidade passa a ser compreendida a partir de uma relação que contrapõe grupo minoritário/estigmatizado *versus* grupo majoritário dominador/estigmatizador.<sup>43</sup>

O que importa conhecer sobre os grupos minoritários não é apenas a sua posição, mas os padrões de comportamento que eles desenvolvem e a

---

<sup>38</sup> Palavras de um médico carioca em 1906. Citado por FRY, Peter; MACFRAE, Edward.,p.61.

<sup>39</sup> Id. Ibid., p.61

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> A história interessante da descoberta desse trabalho pode ser verificada em GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>42</sup> Id. Ibid., p.55.

<sup>43</sup> Essa não é apenas uma afirmação metodológica, os diversos grupos homossexuais interiorizam essa concepção nas explicações que permeiam a autocompreensão de sua identidade.

imagem que possuem de si mesmos e dos outros. Na maior parte dos casos, os grupos minoritários estão colocados em uma situação de conflito em relação ao grupo dominante e à sua não participação na vida da sociedade inclusiva, ou em certos aspectos desta que, mais particularmente, os marca como tal e perpetua sua posição minoritária ... A posição minoritária do grupo homossexual acarreta, por conseguinte, uma série de restrições que circunscrevem a liberdade individual e o autodesenvolvimento. Por isso, os indivíduos do grupo minoritário (e igualmente aqueles que, por qualquer circunstância, a associação é descoberta) encontram barreiras ao desenvolvimento de sua vida social e de sua liberdade pessoal, pois é diretamente contra eles que o grupo majoritário pode exercer claramente ações discriminatórias.<sup>44</sup>

A compreensão da homossexualidade ganhou outro componente importante nessa perspectiva, ou seja, incidirá em erro quem pensar em “identidade” homossexual a partir da noção de unidade, de univocidade. A organização ou autodefinição como grupo minoritário não significa totalmente subsunção em uma identidade única, mas sim, o arranjo de múltiplas identidades em torno de uma causa comum. Nesse caso, as pessoas homossexuais:

...devem ter desenvolvido uma consciência de que não são um caso individual dentro da sociedade inclusiva, mas que existem outros que fizeram semelhante opção e que todos, nessa condição, compartilham de certas áreas de interesse que os levam ao estabelecimento de relações sociais e à participação no grupo minoritário (e na sua cultura), mesmo que de forma periférica.<sup>45</sup>

Embora os grupos homossexuais, principalmente, por uma questão de segurança e sobrevivência, tivessem que demonstrar externamente certa unidade identitária (programática?), internamente, as relações revelavam tensões (econômicas, sociais, políticas).<sup>46</sup> Esse compromisso identitário político que começava a se desenhar, precisava também, no campo conceitual abordar certa insistência sobre estereótipos concepções equivocadas em relação às pessoas homossexuais, como por exemplo, “os homossexuais masculinos são efeminados e as lésbicas masculinizadas”:

---

<sup>44</sup> Id. Ibid., p.58,60.

<sup>45</sup> Id. Ibid., p.87.

<sup>46</sup> Diversas classes sociais estão entremeadas os grupos homossexuais com interesses, muitas vezes, contraditórios. Para alguns estudiosos os homossexuais de classe média são o grupo organizador da cultura homossexual. Ver, por exemplo, GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.88.

Na visão do senso comum, todo homossexual, necessariamente, se enquadra no estereótipo persistente de um homem (...) com traços delicados e físico frágil, e que imita as mulheres, e por isso mesmo é, apropriadamente designado de “boneca” ou “bichinha”... Do contrário, o homossexual ativo para o qual, no Brasil, se criaram os termos bofe, fanchão, etc.... tende a ganhar status de mais macho. Nesse sentido, Fry (1982: 68) diz que, “com muito poucas exceções, os machos que comem bichas não são classificados de maneira diferente dos homens verdadeiros” devido ao seu desempenho do papel ativo”.<sup>47</sup>

Conscientes de alguns dos estereótipos atribuídos pelo senso comum, até por uma atitude de auto-preservação, alguns homossexuais tentavam “encobrir, da melhor maneira possível as características simbólicas do homossexualismo”<sup>48</sup>, ou seja, alguns apresentavam um comportamento social perante a sociedade, escondendo sua opção sexual, ao apresentarem-se, por exemplo, como heterossexuais. Por outro lado, no plano interno, os próprios homossexuais encarregavam-se de regular, segundo os vários padrões e tendências internas, o comportamento de seus membros:

Dessa forma, em uns é o comportamento efeminado que é sancionado positivamente e esperado de todos os membros, enquanto em outros, a exibição de papéis efeminados levaria à exclusão do grupo primário. Em uns, as relações sexuais *passivas* são sancionadas como ideal único para os membros, enquanto em outros, a seleção única desse tipo de relação sexual é ridicularizada.<sup>49</sup>

Tais constatações não surgem na esteira de qualquer julgamento moral, pelo contrário, realçam as contradições e complexidades de uma definição (ou busca por uma) de uma possível identidade homossexual num feixe de uma série de outras identidades. Identidades que se fundem ou se abrem em relação a uma série de fatores das mais diversas ordens.<sup>50</sup> De qualquer

---

<sup>47</sup> SILVA, Valdeci Gonçalves. Representação social dos papéis sexuais ativo e passivo nas relações homoeróticas In: Revista Sanitas (UEPB) – Ano 7, n. 14, mai de 2002, p.2. Para Adriana Nunam “A maioria dos homossexuais não está confusa no que se refere a sua identidade de gênero: tem certeza de serem homens/mulheres, e poucos adotam um comportamento efeminado/ masculinizado”. NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, p.20.

<sup>48</sup> GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.77.

<sup>49</sup> Id. Ibid., p.105.

<sup>50</sup> Alguns homossexuais precisam viver ainda na clandestinidade, sejam por pressões familiares, religiosas, políticas ou econômicas. Outros, pelo contrário, tem como opção de sobrevivência a prostituição.

maneira, é sempre boa a advertência metodológica de não se fazer uso político de certas análises: a parte não pode explicar e tampouco, justificar o todo.<sup>51</sup> Aliás, a busca por certa identidade comum pode ser um equívoco metodológico que necessite ser contornado. Néstor Perlongher,<sup>52</sup> por exemplo, para evitar o que considerava “certo vício de origem” essencialista do conceito de identidade, a partir do qual, era retratada como uma imagem coerente que os sujeitos teriam que fazer de si mesmos como se fossem “entidades unificadas, fechadas e excludentes”,<sup>53</sup> propôs uma abordagem territorial. Tal abordagem:

...permitiria representar mais adequadamente as categorias de autodefinição sexual como “pontos” dentro de redes circulatórias, numa relação de contigüidade e mesmo de mistura. Isso poderia ser verificado tanto nos espaços e trajetos percorridos pelos sujeitos quanto pela posição dos sujeitos em diversas relações, o que faz com que eles se qualifiquem e sejam qualificados de maneiras diferentes, conforme o lugar em que estejam, valendo-se de uma proliferação de categorias identitárias que colidem e tensionam entre si. A ênfase nas “identidades” seria, assim, substituída pela ênfase em “territorialidades”, “lugares relacionais” e “lugares categoriais” de modo a captar como os sujeitos se definem mutavelmente a partir de “posições” e “trajetórias” (ou “devires”) variáveis dentro de uma rede, bem como da participação de diferentes redes.

Para ele, os espaços onde circulam, transitam e se encontram as pessoas homossexuais, dão pistas hermenêuticas sobre seus valores, gostos, projetos e classificações. Essa abordagem proposta por Néstor Perlongher deixa à mostra um problema metodológico na análise teórica dominante em relação às pessoas homossexuais, principalmente no tocante ao reconhecimento de uma identidade que não seja marcada negativamente (crime, doença, perversão, pecado, etc.), ou seja, tais análises eram feitas, em sua maioria, a partir de fora, do já escrito e não da vivência homossexual. Perspectiva que já sinalizava para o perigo conceitual de se falar em identidade homossexual insistindo em certa classificação (problematização?) da pessoa homossexual.

A perspectiva de representação frente aos novos desafios sociais faz nascer dentro do movimento homossexual, um projeto identitário formulado a

<sup>51</sup> NUNAN, Adriana. Op. Cit., p.29.

<sup>52</sup> PERLONGHER, Nestor. *Territórios marginais* In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.264.

<sup>53</sup> Id. Ibidem.

partir de um argumento principal: afirmação da dignidade humana sobre quaisquer rótulos e classificações. Tal projeto deve principiar-se por uma hermenêutica que parta da pessoa homossexual, de seus valores, de suas relações familiares, afetivas, de trabalho. Hermenêutica que leve em conta suas contribuições à sociedade, seja através de seu trabalho, seja através de seu engajamento nas questões que envolvam a responsabilidade social e ambiental.

### **1.3 As vivências Homossexuais no Brasil: A Busca Interna por uma Noção de Identidade**

Por vivências, entendam-se os encaminhamentos que os homossexuais têm ensejado para que a sua inserção e visibilidades sejam cada vez mais notórias no cenário brasileiro da contemporaneidade. Embora não se possa fechar os olhos ao “modelo de mercado”<sup>54</sup> idealizado para configurar certo modelo de pessoa homossexual, a verdade é que a inserção na sociedade brasileira pelas pessoas homossexuais, de forma cada vez mais consistente e visível, tem sido prioridade na agenda de diversos grupos representativos da causa homossexual. Não se trata apenas de elaborar um discurso ideológico de aceitação e reconhecimento social, mas, sobretudo de garantir a dignidade de “existir” resistindo a discriminações, perseguições físicas e morais e, em muitos casos, as incertezas de garantias às próprias vidas. Esse duplo papel é desempenhado em duas frentes de maneira mais ou menos geral. Internamente procura-se trabalhar com questões ligadas aos homossexuais, geralmente trazidas por eles mesmos ou surgidas a partir de suas histórias de vida. Externamente, trabalhando pela cessação de certa atitude repressora observada em muitos setores da sociedade.<sup>55</sup> Edward MacRae concorda no fato de que essa busca das pessoas homossexuais por espaço e visibilidade é importante em relação à própria conduta da sociedade, pois o “aumento do número de homossexuais visíveis tem levado a população como um todo a dar mais atenção ao fenômeno e tem promovido a idéia de que podem existir

---

<sup>54</sup> Edward MacRae chama esse modelo de “exploração comercial do homossexual” MACRAE, Edward. *Em defesa do quieto*. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 292.

<sup>55</sup> Id. Ibid. p.296.

diversas orientações sexuais, todas válidas”.<sup>56</sup> Por outro lado, essa nova postura também é importante para os próprios homossexuais, pois altera a forma como eles se vêem e se relacionam:

Embora continue a vigorar uma série de fatores inconscientes, acessíveis só por análises profundas é inegável que discussões entre amigos e a força do exemplo ajudam imensamente as pessoas a se sentirem menos culpadas em relação à sua conduta sexual. Não é a toa que uma das atividades mais bem-sucedidas dos grupos homossexuais seja a formação de grupos de reflexão e troca de experiência.<sup>57</sup>

De certa maneira, observa-se como tendência contemporânea na busca por essa nova “vivência” homossexual, uma espécie de fuga de sentimentos de culpa, pecado, “medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares”<sup>58</sup> e um anseio por uma nova identidade social em que já seja possível viver sem ter de carregar o peso do estigma, da exclusão e do crime. Há um esforço programático no sentido de que “tanto a sociedade como um todo, quanto os indivíduos homossexuais reavaliem a imagem do homossexual”.<sup>59</sup> No entanto, não é fácil viabilizar essa busca por uma vivência alternativa, esse esforço para construir uma nova identidade a partir de uma identidade marginal:

HOMOSSEXUAL NEM SEMPRE É HOMOSSEXUAL. O heterossexual, sim. Em todas as relações sociais, profissionais e familiares, sua orientação sexual é sempre uma parte de sua identidade essencial. O homem heterossexual entra em relação com os homens e as mulheres de um certo modo, que exprime abertamente sua orientação, globalmente invariável. A mulher heterossexual tem gestos, condutas e maneiras de falar que refletem não somente sua feminilidade, mas também sua heterossexualidade. Nos dois casos, sexo biológico, orientação sexual e

---

<sup>56</sup> Id. Ibid., p.298.

<sup>57</sup> Id. Ibid., 299.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem. Edward MacRae já constatava essa articulação de grupos homossexuais em prol de uma visibilidade social mais ampla e crescente há 20 anos, quando defendia a importância dos guetos como lugar privilegiado de ebulição dessa tendência. Sobre a importância do gueto, características e reatualização do conceito ver: MacRae, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.291-308 e SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.); *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005,p.309-336.

papéis sociais tendem a convergir e formar uma identidade relativamente estável.<sup>60</sup>

Pedro de Souza prefere o termo subjetividade<sup>61</sup> para designar o que chama de problema da constituição e expressão da subjetividade na história de afirmação do movimento homossexual no Brasil. Para ele, subjetividade nesse sentido pode ser entendida como “certo universo imaginário da experiência vivida, em que o indivíduo percebe-se como unidade separada e diferenciada ao lado de outros com os quais partilha o mesmo espaço social de confrontos e coerções”.<sup>62</sup> A pessoa homossexual busca um modo de falar de si como sujeito constituído que já não se contenta em sê-lo sob a égide da exclusão. Por isso, esse sujeito encontra na extrapolação de algo (sua sexualidade) que deveria manter-se na esfera do pessoal e do privado para o público,<sup>63</sup> a fim de afirmar-se como alguém que tem direito não apenas à visibilidade, mas, sobretudo, a uma espécie de dignidade que deve permear o sujeito humano, apesar de suas igualdades e diferenças: “Perceber-se diferente é, ao mesmo tempo, liberdade e tensão. O desafio, no plano da esfera pública, constitui-se na busca de tornar enunciável uma prática sexual diferente e dizer-se sujeito dela”.<sup>64</sup> Nesse sentido, é preciso compreender que “o homossexual não se desloca no mundo com uma identidade constante”.<sup>65</sup> Ele precisa repensar suas atitudes e comportamentos em função de uma diversidade de variáveis: “Ele pode parecer heterossexual no escritório, assexuado na família, e expressar sua orientação sexual somente na presença de alguns amigos”. Essa questão toma uma dimensão ainda maior quando se pergunta pelo exercício de um papel, de certa identidade, para a qual não foi preparado:

O heterossexual foi educado para sê-lo; desde a mais tenra infância, foi formado para um papel e um lugar no mundo heterossexual. Este não é o caso do homossexual, que muitas vezes só toma consciência de sua

---

<sup>60</sup> Marina Castañeda chama esse processo de “uma identidade mutante”: CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

<sup>61</sup> SOUZA, Pedro. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

<sup>62</sup> Id. Ibid., p.11.

<sup>63</sup> Id. Ibid., p.14-15.

<sup>64</sup> Id. Ibid., p.23.

<sup>65</sup> Op. Cit., p.19.

orientação sexual no decorrer da adolescência ou da idade adulta. Portanto, ele não cresceu em seu papel: não foi educado para ser homossexual. Falta-lhe todo tipo de habilidades e de códigos sociais de que necessitará em um mundo homossexual, que será o seu.<sup>66</sup>

Essa “carência de aprendizagem”<sup>67</sup> permite que as pessoas homossexuais busquem novas vivências como alternativas para superá-la. Há uma consciência cada vez mais crescente que essa identidade “homossexual”, que não é dada, deve ser construída aos poucos com a conscientização que nem sempre se expressará da mesma maneira de uma pessoa heterossexual. As relações de uma pessoa homossexual com ela mesma e com os outros:

São muito diferentes; nesse sentido, poderíamos dizer que o homossexual vive em um universo interior muito diferente, e que, na maior parte do tempo, não se vê do lado de fora. Muitos homossexuais tentam, de fato, se tornar invisíveis e passar por heterossexuais aos olhos da sociedade, de sua família e de seus amigos... A homossexualidade – e, suas práticas e suas dinâmicas – não é uma cópia mal feita de um original que seria a heterossexualidade; tampouco um fenômeno equivalente.<sup>68</sup>

Esse processo de construção de uma nova identidade é efetivado com o aprendizado. A expressão preferida por muitas pessoas e grupos pró-homossexuais, além de pesquisadores para sintetizar esse “espírito contemporâneo” é “*tornar-se*”<sup>69</sup>. Diferentemente de assumir-se, pois denota uma construção e não uma apropriação (embora ambas não sejam excludentes). O primeiro passo para “*tornar-se*” homossexual é assumir-se, revelar-se como homossexual. E na contemporaneidade há uma mudança sutil, mas de proporções significativas: cada um é chamado para assumir-se como homossexual a partir de seu próprio *habitat*, no círculo de suas relações, sejam elas ideológicas, culturais, políticas ou religiosas<sup>70</sup>. Esse processo de “*tornar-se*

<sup>66</sup> Id. Ibid, p.20.

<sup>67</sup> Expressão usada por Marina Castañeda. Ibidem.

<sup>68</sup> CASTAÑEDA, Marina. Op. Cit., p.20,21.

<sup>69</sup> Richard A. Isay, psiquiatra e psicanalista norte americano, um dos ícones contemporâneos do mundo gay, expressa bem essa tendência na sua obra; “*Tornar-se gay*”. O caminho da auto-aceitação. São Paulo: Summus, 1998. Isay conta sua própria odisséia em busca de tornar-se gay, saindo de uma relação heterossexual estável e tendo que assumir os riscos e desafios de uma nova identidade social.

<sup>70</sup> Essa tendência pode ser observada nas publicações das Edições GLS. Por exemplo, ALMEIDA, Pedro. *Desclandestinidade: um homossexual religioso conta a sua história*. São Paulo: Summus, 2001. O autor compartilha o processo de assunção de sua homossexualidade

homossexual” ganha outra configuração, porque não é um processo de via única, pelo contrário, exige uma contrapartida social. No momento em que alguém num espaço religioso, por exemplo, assume-se como homossexual, há nesse espaço não apenas uma reação a essa assunção, mas também, uma pergunta pelo “daqui pra frente”. Nesse sentido é inevitável que a Sociedade seja convidada (forçada?) a uma reavaliação de suas posturas diante da questão homossexual nos mais diversos âmbitos.<sup>71</sup>

### 1.3.1 Os Valores Homossexuais

Fugindo do estereótipo<sup>72</sup> de promíscuas, anarquistas, “despudoradas”, pessoas homossexuais têm demonstrado que valores como fidelidade<sup>73</sup>, amizade, companheirismo e respeito são tão fundamentais para elas como se imagina ser para as pessoas heterossexuais em sua maioria. Tem surgido um aumento na literatura divulgada pelos movimentos homossexuais no sentido de esclarecer questões familiares<sup>74</sup>, sucesso no trabalho, terapias com conselhos matrimoniais<sup>75</sup>, tanto para o crescimento e apoio às pessoas homossexuais, como também, para que a sociedade entenda a importância do tema para os

---

sem vincular a isso o abandono de sua crença religiosa. É possível perceber que nessa opção há uma cisão entre o espaço institucional e o espaço de fé que não precisam mais ser os mesmos para que se experimente uma relação com o *Sagrado*.

<sup>71</sup> Essa tendência pode ser observada também em iniciativas governamentais e não governamentais, no âmbito estadual e federal como a publicação de cartilhas contra a homofobia, campanhas contra a discriminação. Por exemplo: GUIA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO. *Educando para a diversidade: como discutir homossexualidade e direitos humanos nas escolas*. Ano I, nº.1, CEPAC: Curitiba, 2006.

<sup>72</sup> Ver por exemplo a declaração do bispo suíço, naturalizado brasileiro, D. Karl Josef Romer, representante do Conselho Pontifício para a Família em Roma publicada na Revista Veja: “Não sou médico nem psiquiatra. O que sei é que pode até haver reciprocidade afetiva forte entre homossexuais, mas a entrega e a complementaridade são extremamente problemáticas para eles mesmos. Pela própria estrutura natural. Não quero nem preciso entrar em pormenores, mas a coisa não é tão simples. Uma relação homossexual é extremamente parcial e fragmentada”. In: *Revista Veja*, edição 1815, ano 36, nº 32, 13 de agosto de 2003, páginas amarelas (pp. 11- 15) .

<sup>73</sup> A Revista *Isto É* citou uma pesquisa onde homossexuais dizem que prezam a fidelidade. *Isto É*, n.1703, p.68-72, 22 maio 2002.

<sup>74</sup> Como é o caso, por exemplo, da professora universitária e escritora, Edith Modesto, que após descobrir que seu filho era homossexual, fundou o primeiro grupo de pais de homossexuais do Brasil e atualmente, coordena uma ONG de referência para assuntos ligados a relação pais e filhos homossexuais: Associação Brasileira de Pais e Mães de Homossexuais. Para mais detalhes ver: <<http://www.gph.org.br/home.asp>>.

<sup>75</sup> Nem todas as pessoas homossexuais defendem o casamento no modelo heterossexual, algumas lutam exclusivamente pelo reconhecimento do direito civil que lhes garanta, no mínimo, segurança quanto ao que construíram com seus parceiros.

homossexuais<sup>76</sup> e mude sua postura em relação aos mesmos<sup>77</sup>. No entanto, essa tarefa não tem sido muito fácil, entre outros motivos, porque a referência usada em termos de valores não é o próprio valor em si, mas o comportamento das pessoas heterossexuais em relação a esse valor. Nesse caso a “heterossexualidade” é o padrão, mesmo naqueles que não advogam a homossexualidade contrária à natureza, mas como outra possibilidade de ser, de existir.<sup>78</sup>

A busca por tornar seus valores visíveis no Brasil tem levado grupos e pessoas homossexuais a ultrapassarem diversos limites, inclusive os religiosos, para que esses valores, sentimentos e aspirações sejam percebidos a partir deles mesmos, de suas vozes e textos. Pessoas e grupos homossexuais têm promovido uma mudança de foco importante quando tentam normalizar a opção sexual, delegando-a, embora visível, à esfera privada e trazendo a público não quem é o homossexual na cama, mas quem de fato o homossexual é na sociedade brasileira contemporânea. Diferentemente de algumas afirmações, revelar-se como homossexual não é apenas jogo de marketing, é fruto da necessidade de mostrar à sociedade que a idéia de perversão, anormalidade ou doença é puro preconceito. O reconhecimento da condição de homossexual por diversas personalidades<sup>79</sup> do cenário brasileiro,

---

<sup>76</sup> RIESENFELD, Rinna. *Papai, mamãe, sou gay! Um guia para compreender a orientação sexual dos filhos*. São Paulo: Summus, 2002; HARDIN, Kimeron. *Auto-estima para homossexuais. Um guia para o amor próprio*. São Paulo: Summus, 2000; BITTENCOURT, Soraya. *Uma vida de sucesso! Como uma homossexual brasileira se deu bem na Microsoft*. São Paulo: Summus, 2003.

<sup>77</sup> Para a Desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Maria Berenice Dias; “A valorização da dignidade da pessoa humana como elemento fundamental do estado democrático de direito não pode cancelar qualquer discriminação baseada em características pessoais individuais, repelindo-se qualquer restrição à liberdade sexual do indivíduo, não se podendo admitir desrespeito ou prejuízo em função de sua orientação sexual”. In: <[http://www.gontijo-familia.adv.br/novo/artigos\\_pdf/Maria\\_berenice/Uni](http://www.gontijo-familia.adv.br/novo/artigos_pdf/Maria_berenice/Uni)> último acesso em 16 de janeiro de 2008. Ver também: DIAS, Maria Berenice. *União homossexual: o preconceito e a justiça*. Livraria do Advogado Editora, 2000.

<sup>78</sup> Ver por exemplo, a pesquisa realizada por FÉRES-CARNEIRO, Terezinha *et al.* *A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade*. In: *Psicologia Reflexão Crítica*. v.10 n.2. Porto Alegre 1997(disponível também em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721997000200012&lng=&nrm=iso&tlng=#home](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200012&lng=&nrm=iso&tlng=#home)>). Em um dos resultados da pesquisa a conclusão é a seguinte: “observa-se que a fidelidade é um atributo significativamente mais valorizado pelos homens heterossexuais do que pelos homossexuais”.

<sup>79</sup> Embora não seja objetivo do presente capítulo fazer qualquer realce a um argumento baseado em pessoas, como registro de pesquisa, ver, por exemplo, Fernando Gabeira, Deputado Federal pelo PV no Rio de Janeiro e candidato nas eleições de 2008 para prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. Informações sobre seus projetos políticos e pela causa homossexual podem ser encontrados em seu site pessoal: <<http://www.gabeira.com.br>>.

tais como: políticos de credibilidade, empresários de sucesso, professores, pesquisadores, médicos ou religiosos envolvidos com a defesa dos direitos humanos ou voluntários em projetos sociais, tem ajudado a reforçar o fato que a sexualidade de uma pessoa, sua opção afetiva, não traz os prejuízos tão preconizados por defensores da “imoralidade” homossexual, pelo contrário, tem ajudado a desfazer o abismo entre o preconceito e a realidade concreta. É evidente que aspectos do caráter são distintos da opção sexual de uma pessoa; desvios e acertos tanto podem advir de pessoas homossexuais, quanto de pessoas heterossexuais. Para as pessoas homossexuais e movimentos homossexuais a vinculação de sua opção sexual e afetiva como desvio de caráter, ou mesmo inaptidão para relacionamentos saudáveis é completamente injustificável, além de servir para disseminação de ódio e preconceitos, marginalização e exclusão.

### **1.3.2 Homossexualidades e Cristianismo no Brasil**

As relações entre as pessoas homossexuais e a religião no Brasil, em que pese significativas mudanças nos últimos anos, ainda são marcadas pela ambigüidade e complexidade, principalmente porque tão diversa como a homossexualidade é a expressão da religiosidade no Brasil. Embora, majoritariamente o espaço religioso predominante no Brasil seja de matriz cristã, ele não é monolítico internamente. Suas muitas faces ensejam reações em diferentes direções pelos movimentos e pessoas homossexuais.<sup>80</sup> No que pese essa condição, é possível observar uma tendência predominante nessa relação: a conjugação de homossexualidade com religiosidade, seja pela via ética ou moral, seja na busca por uma relação com o Sagrado que ultrapasse a condição sexual. A religião, como se poderia supor, não é abandonada pelas pessoas homossexuais, sob o argumento de que é ultrapassada, engessada, mesquinha, preconceituosa, estigmatizadora e excludente, pelo contrário, é desafiada a se refazer, a se repensar. Nessa relação, no caso do cristianismo, por exemplo, a Igreja é convidada ao confessionário. Confessionário, pela obviedade evidente, é lugar de confissão, de arrependimento e mudança.

---

<sup>80</sup> Por exemplo, ao mesmo tempo em que tenham que argumentar contra a patologização da homossexualidade por alguns grupos, têm que encarar a “demonização” por outros.

Tradicionalmente, estudos, entrevistas e opiniões de grupos e pessoas ligadas aos movimentos homossexuais têm demonstrado certo consenso a respeito do quão prejudicial a visão cristã tem sido, ao longo da história a causa homossexual, principalmente por contribuir para uma distorção em sua compreensão identitária. Em sua crítica a postura de alguns grupos do cristianismo brasileiro em relação à homossexualidade, pessoas e grupos homossexuais têm dito, geralmente, que nenhum argumento cristão contra a homossexualidade sobrevive a uma análise crítica, pois esses argumentos e posturas, na quase totalidade, são frutos de convicções cegas, sendo possível observar que, em grande parte, os mesmos advêm de preferências pessoais. Para Luis Mott, representantes do cristianismo têm apresentado posturas que violam os direitos humanos, principalmente porque têm lutado para “curar os homossexuais” inspirados em um fundamentalismo bíblico incompatível com a moderna exegese.<sup>81</sup> Mott argumenta que cristianismo e homossexualidade não são incompatíveis porque, segundo ele:

O que distingue a mensagem de Cristo, tanto do judaísmo como de outras religiões, é o primado do amor: amai-vos uns aos outros. Homossexualidade é amor, amor ágape, amor eros, amor filios. Onde há amor, Deus aí está, disse João, o discípulo que Jesus amava. Portanto, quando dois homens ou duas mulheres se amam, estão cumprindo a regra áurea do cristianismo. Todos os textos bíblicos - e são pouquíssimos! que costumam ser usados para justificar a homofobia (ódio à homossexualidade) por parte de cristão fundamentalistas, a moderna exegese comprova que foram ou mal traduzidos, ou mal interpretados. De Sodoma e Gomorra, às epístolas paulinas. Se Jesus condenasse os homossexuais, não teria curado o escravo/amante (gay) do centurião. Se o Filho de Deus abominasse o amor unissexual, teria dito ao menos uma palavra contra os "sodomitas" e no entanto, condenou sim os hipócritas e duros de coração, prevendo que os eunucos, prostitutas e publicanos vos precederão no reino dos céus.

O grupo “Amor Igual”<sup>82</sup> e a “Comunidade Cristã Gay de São Paulo” lançaram um manifesto<sup>83</sup> conjunto em 1999, no qual, entre outras questões, apontam uma tendência contemporânea em algumas igrejas e comunidades de fazer com que pessoas homossexuais sejam curadas ou regeneradas,

---

<sup>81</sup> Ver “Entrevista n.º. 12, sobre Homossexualidade e Cristianismo” em: <<http://br.geocities.com/luizmottbr/entrev12.html>> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

<sup>82</sup> In: <<http://tropis.org/amorygual/>> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

<sup>83</sup> Esse manifesto pode ser lido na íntegra em: <[http://amorygual.sites.uol.com.br/manifesto\\_port.htm](http://amorygual.sites.uol.com.br/manifesto_port.htm)> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

demonstrando traços de intolerância e hipocrisia. O manifesto conclama todas as igrejas cristãs no Brasil a adotar uma nova postura a partir dos seguintes argumentos:

Deus concede a cada pessoa a liberdade de, se quiser, se auto-excluir de Seu Amor pela sua *forma de agir voluntária*, porém proclama que Ele mesmo não deseja excluir a ninguém, e mais: que efetivamente **não exclui** a ninguém em razão do seu *modo-de-ser* (...) Cabe às Igrejas aceitarem dentro de si, do modo que são, todos os homens e mulheres homossexuais que desejem fazer um uso responsável e amoroso da sua sexualidade: aceitar aberta e oficialmente a esses homens e mulheres e a seus companheiros ou companheiras como parte honrada e digna do Corpo de Cristo (...) Cabe às Igrejas orientar os seus fiéis para respeitarem a dignidade de todas as pessoas, na imensa variedade com que Deus as fez, incluindo aí expressamente o direito dos homossexuais de serem como são – com destaque para as crianças e jovens, tanto na posição de quem deve respeitar quanto na de quem deve ser respeitado (...) As Igrejas que não o fizerem estarão se fazendo coniventes com uma indescritível carga de sofrimento e opressão, cúmplices das violências psicológicas e muitas vezes físicas que são cometidas diariamente contra os homossexuais, até o assassinato, e envolvidas na culpa por um imenso número de suicídios de jovens que não conseguiram suportar a carga de desprezo e rejeição dirigida ao seu próprio ser.<sup>84</sup>

No entanto, é possível observar que outra tendência em direção oposta à postura de crítica, de combate e enfrentamento tem sido acrescentada, de forma cada vez mais freqüente, no sentido de propor uma reinterpretação, reconstrução e revisitação de práticas e ensinamentos da igreja em respeito à homossexualidade no decorrer da história. Basicamente, insiste-se na transposição de condicionamentos culturais (políticos, ideológicos, etc.) usados para condenar, oprimir e marginalizar as pessoas homossexuais. Nessa postura cada vez mais freqüente, pesquisas e argumentos<sup>85</sup> têm ultrapassado o âmbito das meras opiniões, muitas das quais produzidas no próprio seio homossexual, fixando seus posicionamentos e conclusões em estudos mais aprofundados de autores ligados ao próprio cristianismo<sup>86</sup>. Nesse sentido há um duplo ganho: a autoridade de estudiosos envolvidos com o cristianismo e a

---

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> Entrevistas, debates, artigos.

<sup>86</sup> Por exemplo, BOSWELL, John. *Cristianismo, tolerância social y homosexualidad*. Barcelona: Muchnik, 1993; HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

divisão do ônus e reação da crítica da Igreja para dentro de seus próprios muros.<sup>87</sup>

Essa nova tendência não exclui no cenário brasileiro, os embates entre a militância de movimentos pró-homossexuais e diversas correntes do Cristianismo no Brasil. Com uma lei<sup>88</sup> sendo discutida no Senado Federal sobre a criminalização da homofobia, têm havido notícias constantes de processos e protestos contra pastores por supostos incitamentos ao preconceito e ódio contra os homossexuais. O acesso à mídia tem exposto de forma freqüente posicionamentos cristãos de uma tendência mais fundamentalista a respeito da homossexualidade, classificando-a, principalmente, como pecado, doença ou sem-vergonhice.<sup>89</sup> Por outro lado, para diversos setores do cristianismo no Brasil, alguns grupos homossexuais agem irracionalmente, usando armas que sempre criticaram, como por exemplo, o policiamento e cerceamento da livre expressão de ser, crer e dizer.<sup>90</sup> De forma paralela a esse cenário de combate, há diversas correntes ligadas à igreja cristã no Brasil (nas suas mais variadas vertentes) e aos grupos homossexuais<sup>91</sup> procurando diálogos, tentando enxergar pontos comuns, principalmente no sentido de garantir o respeito ao direito de ser diferente. A face mais evidente dessa corrente pode ser vista nos grupos de estudos, nas produções teóricas e nos seminários organizados por Universidades Cristãs respeitadas no Brasil.<sup>92</sup> Outro fator importante nessa relação entre Homossexualidade e Cristianismo é o surgimento de Igrejas

---

<sup>87</sup> No caso da Igreja Católica tradicionalmente têm sido imposto sobre determinados autores o silêncio e a conseqüente revisão de escritos. No caso das Igrejas Evangélicas, o descredenciamento moral dos autores.

<sup>88</sup> Projeto de Lei 5003/2001 de autoria da Deputada Federal do PT por São Paulo Iara Bernardi. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/sileg/prop\\_detalhe.asp?id=31842](http://www.camara.gov.br/sileg/prop_detalhe.asp?id=31842)>.

<sup>89</sup> Como um dos exemplos, um programa dirigido pelo pastor assembleiano Silas Malafaia. Para ele, Deus fez homem e mulher (heterossexualmente falando) e não nenhum "cromossomo homossexual".

<sup>90</sup> Alguns sites da internet estão cheios de artigos nesse sentido. Emails são distribuídos constantemente sobre o tema, citando em grande parte, supostos processos judiciais perpetrados por grupos ou pessoas homossexuais.

<sup>91</sup> Há grupos homossexuais catalogando informações sobre dissertações e teses pró-diálogo produzidas por estudiosos ligados ao cristianismo no Brasil. Ver, por exemplo, a iniciativa do Grupo Dignidade de Curitiba, ao criar o "CEDOC (Centro de Documentação) Prof. Dr. Luiz Mott". O acervo reúne materiais sobre gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBT), incluindo produções acadêmicas (teses, dissertações, monografias e artigos) livros, documentos, publicações periódicas, informativos, DVDs e fotografias que contam parte da história do Grupo Dignidade e do Movimento GLBT no Brasil. É possível conferir mais informações no site: <<http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/>>.

<sup>92</sup> Na vertente cristã ligada ao catolicismo algumas Pucs (PUC-Rio, PUC-São Paulo, por exemplo) e na vertente protestante, Escola Superior de Teologia (EST) e Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Cristãs para o acolhimento de pessoas homossexuais sem o pré-requisito de transformá-las em heterossexuais ou exigir das mesmas o celibato:<sup>93</sup>

Hoje dedico minha vida na divulgação do evangelho inclusivo de Deus. O Senhor me deu muitas alegrias que superam em muito os tempos de angustia e solidão, tenho um companheiro maravilhoso, vivemos um relacionamento responsável baseado no amor e na fidelidade, nossa relação tem sido uma benção de Deus. Quem disse que Deus não cura homossexuais? Sou testemunha do poder de cura desta verdade, ao longo do meu ministério tenho visto pessoas que se sentiam indignas, infelizes, machucadas sendo transformadas em pessoas cheias do amor e da graça de Deus.<sup>94</sup>

Por si só, tais tendências apostam numa mudança na teologia dominante a partir da prática. Ou seja, a partir de encontros e desencontros, debates e embates, grupos e pessoas homossexuais têm conseguido trazer para a agenda teológica o tema da homossexualidade quando de sua relação com o sagrado. Pessoas homossexuais consideram-se filhos e filhas de Deus, abertas ao sagrado, à graça, à comunhão, ao ministério, ao Cristo. Mas, como é que as Comunidades Cristãs no Brasil, das mais variadas matizes, as enxergam? De que maneira as definem? A partir de quais pressupostos pensam a identidade homossexual? De qualquer maneira, a questão que se põe à comunidade Cristã não é decidir se as pessoas homossexuais podem sentar à mesa no banquete comunitário, elas já estão presentes. A questão que se põe, portanto, é que tipo de teologia(s) pode surgir desse (nesse) encontro para prolongá-lo.

A investigação apresentada nesse capítulo demonstrou que as pessoas homossexuais têm procurado construir sua identidade por outra via que não a da anormalidade, perversão, doença ou pecado. Tal busca incide numa superação de uma mentalidade forjada historicamente sobre preconceitos, exclusão e marginalidade. Dentre os principais projetos ensejados para desconstruir tal cenário, pessoas homossexuais e teóricos de áreas distintas do

---

<sup>93</sup> A Revista Época em sua edição n°. 501 de 27 de dezembro de 2007, publicou uma reportagem sobre essas Igrejas e algumas de suas características. Reportagem disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG80693-6014-501,00.html>> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

<sup>94</sup> Parte de um depoimento do Pastor da ICM no Brasil, Cristiano Valério, disponível em: <<http://icmsp.blogspot.com/2006/05/homossexuais-curados-e-libertos.html>> último acesso em 16 de janeiro de 2008.

saber, propõem uma hermenêutica em cuja base fundamental de leitura surja, a partir da observação das vivências e valores das pessoas homossexuais, pontuando, acima de qualquer outro argumento, o respeito à diversidade, a multiplicidade, a justiça e ao pleno reconhecimento da dignidade da pessoa homossexual, enquanto pessoa humana. Dentre as diversas dimensões de sua vida, pessoas homossexuais têm se aberto ao Sagrado e procurado nas diversas expressões religiosas vigentes no Brasil, um espaço em que essa dimensão espiritual possa se desenvolver plenamente. Como recorte específico, pretende-se saber de que maneira o Cristianismo no Brasil, expressão religiosa majoritária, tem lidado com essa possibilidade. Como o ambiente cristão brasileiro é marcado pela diversidade, uma investigação nesse sentido precisará estabelecer alguns limites. Nessa demarcação, há uma questão principal e norteadora: com quem, ao lidar com a homossexualidade, em termos identitários, o Cristianismo tem lidado? O que é possível compreender a partir de textos oficiais ou de produções teóricas alternativas, sobre a identidade da pessoa homossexual pela ótica do Cristianismo no Brasil?

## 2. A HOMOSSEXUALIDADE E A ESTRUTURA DO DISCURSO RELIGIOSO-CRISTÃO

Nos últimos 20 anos<sup>1</sup> os primeiros textos produzidos no Brasil sobre a homossexualidade, sobretudo da perspectiva Cristã,<sup>2</sup> mesmo antecipando em suas abordagens o cenário atual, consideravam fundamental a insistência num compromisso inegociável com a Bíblia, como palavra de Deus e com a doutrina ensinada pelo magistério da Igreja; tais textos também advogavam uma presença, na natureza biológica humana, de uma lei natural e divina, que, sendo obedecida, seria capaz de orientar corretamente os diversos comportamentos, tanto no nível biológico, quanto no ético. No entanto, na contemporaneidade tal enfoque teórico, parece estar sendo desafiado por textos contemporâneos marcados, visivelmente, por um viés de desconstrução e suspeição em relação à teologia dominante que o ampara. O presente capítulo, numa retomada de alguns textos importantes produzidos no Brasil nos últimos 20 anos, identificará de que maneira a Igreja no Brasil, na perspectiva Católica e Protestante<sup>3</sup>, lidou com os princípios constitutivos, muitas vezes implícitos, dessas novas orientações teórico-metodológicas. É fundamental, nessa investigação observar se tais renovações teóricas tiveram impacto na concepção vigente sobre a Identidade Homossexual, e que quadro constitutivo deve ser levado em conta quando se pensa em pessoa homossexual.

---

<sup>1</sup> Esse recorte tem como ponto de partida o documentado intitulado como *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*, que, de certa forma, aponta o roteiro a partir do qual os órgãos oficiais da Igreja e as demais organizações afinadas com a mesma deverão nortear os seus discursos e abordagens sobre a homossexualidade.

<sup>2</sup> O texto vai tomar como referência inicial para compreensão do discurso cristão sobre o assunto, os documentos católicos. Duas razões são suficientes para essa posição. A primeira pelo fato de que esses documentos apresentam uma discussão teológica significativa quanto a um assunto, que de certa maneira, foi negligenciado teologicamente pelas diversas faces do protestantismo brasileiro. A outra razão é o fato da Igreja Católica ser representativa para a compreensão da moral cristã brasileira.

<sup>3</sup> Uma objeção a possível comparação de textos católicos de produção não brasileira, com textos protestantes produzidos no Brasil, pode ser desfeita ao lembrarmos que a posição teológica que se reflete no catolicismo brasileiro, como voz oficial, é determinada pelo Vaticano. Isso não significa de maneira alguma que não haja posições de vanguardas ou dissonantes da corrente principal no Catolicismo quanto ao tema da homossexualidade.

## 2.1 Os Documentos Católicos

O Ensino da Igreja Católica Romana quanto à homossexualidade tem se realizado através de documentos sob a responsabilidade de Dicastérios. Os dicastérios compõem a cúria romana, juntamente com outros organismos e tem como missão particular auxiliar o Supremo Pontífice no exercício de seu ministério. Os dicastérios são formados pela Secretaria de Estado, Congregações, Tribunais, Conselhos e Ofícios, são juridicamente iguais entre si, cabendo-lhes tratar de assuntos ligados às questões do ensino e prática da Igreja, pertinentes ao seu âmbito de atuação particular e também aos assuntos confiados pelo Supremo Pontífice<sup>4</sup>.

Os principais documentos que servem de orientação clara quanto ao ensino da Igreja Católica sobre a homossexualidade são: *Pessoa Humana: Declaração acerca de certas questões sobre a ética sexual* (1975), *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais* (1986) e *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (2003).<sup>5</sup> Além desses documentos principais, foram alistados alguns outros que tratam de questões importantes sobre o tema da homossexualidade ou que aludem a pontos significativos da moral sexual e, conseqüentemente, importantes para o entendimento geral do pensamento católico sobre o tema. Além disso, é possível observar referências entre os documentos escolhidos.<sup>6</sup>

Dois aspectos importantes precisam ser ressaltados na abordagem católica da homossexualidade. O primeiro diz respeito ao caráter androcêntrico dos textos. Quando se fala em homossexualidade, quase na totalidade<sup>7</sup>, a referência é ao gênero masculino. Da mesma maneira, quando se fala em pessoa humana, a referência é androcêntrica. O segundo é a diferença, não tão nítida, entre comportamento homossexual e tendência homossexual.

---

<sup>4</sup> Para mais informações sobre a competência, estrutura e responsabilidades dos dicastérios ver: <[http://www.vatican.net/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-i\\_apc\\_19880628\\_pastor-bonus-general-norms\\_po.html](http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-i_apc_19880628_pastor-bonus-general-norms_po.html)>.

<sup>5</sup> Todos os principais ensinamentos, cartas, instruções da Igreja, bem como artigos produzidos no Brasil fazem menção desses documentos. Portanto, essa unânime citação, os coloca como documentos importantes e referenciais sobre o tema.

<sup>6</sup> Documentos principais indicam e referenciam os outros documentos relacionados. A organização e abordagem dos documentos são por ordem de publicação.

<sup>7</sup> Casos contrários serão indicados em citação de rodapé.

### 2.1.2 Declaração *Persona Humana*.

Em 1975 a Congregação para a Doutrina da Fé publicou um documento sobre a ética sexual denominado “Pessoa Humana”<sup>8</sup>. Esse é um texto importante, a partir do qual, futuros documentos católicos sobre a sexualidade, homossexualidade e ética sexual serão estruturados. A questão principal desse documento é tornar clara a posição da Igreja quanto ao tema a partir de argumentos que considera inegociáveis. Para a Igreja, o referido documento não tem caráter reparatório, mas catequético, reafirmando o que ela sempre tem ensinado sobre o assunto, principalmente num tempo caracterizado por um alto nível de corrupção moral, marcado por uma busca desenfreada pelo sexo e viabilizado pela complacência dos meios de comunicação, educadores e grupos de entretenimento. Segundo a Igreja, a mentalidade intelectual, de maneira geral, está infectada por essa tendência.

Nesse contexto, o tema da sexualidade é abordado por dois grupos distintos de educadores e moralistas. O primeiro, caracterizado por pessoas que tem uma verdadeira e boa contribuição a dar ao campo da moral por propiciarem uma compreensão e integração melhores na vida, de valores apropriados a cada um dos sexos. O segundo, caracterizado por uma mentalidade licenciosa comprometida com uma reconceituação da moral e dos comportamentos relativos à sexualidade. Sendo o momento, portanto, de “confusão de mentes” e relaxamento moral, a Igreja<sup>9</sup> sente-se na obrigação de intervir, através do presente documento, para coibir os constatados “desvios” oriundos de opiniões errôneas e os resultados que as mesmas originam.

---

<sup>8</sup> SACRED CONGREGATION FOR THE DOCTRINE OF THE FAITH. *Persona humana. Declaration on certain questions concerning sexual ethics*. Rome: 1975. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19751229\\_persona-humana\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_en.html)>.

<sup>9</sup> Segundo o professor da PUC-SP, Edênio Valle, a abordagem da sexualidade, sobretudo, quanto ao tema da homossexualidade, pela autoridade romana, não se encontra em textos oficiais (encíclicas) dos Papas propriamente ditos. Está disseminado de maneira assistemática em escritos de ocasião redigidos pelos dicastérios ou Congregações romanas. Têm um aval indireto do Papa, mas não representam de maneira definitiva as doutrinas e normas da Igreja (não são escritos “ex cathedra”). Em geral, estes textos refletem muito do que pensa o Cardeal que se acha à frente do respectivo Dicastério e os teólogos aos quais ele recorre para redigir o documento. A Igreja Católica toda, quando fala desde Roma, tem o costume de sempre se referir aos documentos anteriormente publicados, o que garante uma continuidade que dificulta inovar. É através de alusões e pequenos passos que as novidades vão tomando corpo. VALLE, E. *A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e Deslocamentos de Posições*. In *Rever* - Revista de Estudos da Religião, n°. 1, ano 2006, p.153-185 disponível em: <[HTTP://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2006/p\\_valle.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf)>.

Para a Igreja, o conceito que “a dignidade e a vocação da pessoa humana exigem que ela descubra à luz de sua própria inteligência, os valores inatos da natureza”<sup>10</sup>, deve ser rechaçado, em virtude da compreensão que o homem deve ter que, quando se trata de matérias morais:

O homem não pode fazer julgamentos de valor de acordo com o seu desejo pessoal. No interior de seu consciente, o homem detecta uma lei que não se impõe sobre ele, mas que o leva a obediência. O homem tem em seu coração uma lei escrita por Deus e em obedecê-la consiste a verdadeira dignidade desse homem. E é de acordo com ela que ele será julgado.<sup>11</sup>

O Documento defende a existência de uma lei natural e, por esta ter sido criada por Deus, também divina. Essa lei não é apenas acessível pela razão, o próprio Deus inscreveu-a no coração do homem, ou seja, imprimiu-a na natureza humana. Seu caráter é duplo: natural e moral. Moral, sobretudo, porque também é ensinada por Cristo, em palavras e em exemplo de vida. Portanto,<sup>12</sup> essa é a lei suprema e imutável da vida. Para a Igreja não pode haver nenhuma promoção verdadeira da dignidade humana a menos que essa ordem seja respeitada. Essa compreensão dispensa, inclusive, qualquer mediação da fé, pois pode ser alcançada pela reta razão:

Estes princípios fundamentais, que podem ser alcançados pela razão, estão contidos na lei divina – eterna, objetiva e universal – por meio da qual Deus conclama, dirige e governa o universo inteiro e todas as formas de comunidades humanas, através de um plano concebido na sabedoria e no amor. O homem foi feito por Deus para participar nesta lei, com o resultado que, sob a disposição delicada da providência divina, pode vir perceber sempre, cada vez mais o caráter imutável dessa lei verdadeiramente divina.<sup>13</sup>

A corrente que se posiciona contrária ao pensamento da Igreja, segundo o Documento, o faz por não entender que haja qualquer norma absoluta e imutável para a sexualidade humana, seja na própria natureza humana ou mesmo na lei revelada. A única norma que deve servir como parâmetro para regular as ações pessoais quanto à sexualidade é aquele que se ampara na lei

---

<sup>10</sup> SACRED CONGREGATION FOR THE DOCTRINE OF THE FAITH. *Persona humana. Declaration on certain questions concerning sexual ethics*, p.1, item I.

<sup>11</sup> Id.Ibid., p.1, item I.

<sup>12</sup> Id.Ibid., p.1, item II.

<sup>13</sup> Id. Ibid., p.2, item III.

geral do amor e respeito pela dignidade humana: "normas embasadas numa possível lei natural ou em preceitos bíblicos devem ser consideradas como relativas a um modelo particular de cultura num dado momento histórico".<sup>14</sup> Esse tipo de afirmação, segundo o Documento, é uma declaração contraditória, acima de tudo, ao espírito do evangelho. As questões relativas à ética sexual não são fruto de construções culturais situadas num dado momento histórico, mas fruto de uma lei divina inscrita na natureza humana. E é nessa convicção que a Igreja vai direcionar o seu ensino sobre a questão.

Para a Igreja, todos os princípios e critérios concernentes à sexualidade humana devem ser orientados por sua função (finalidade) específica que é a procriação. A sexualidade humana, orientada por essa finalidade, deve encontrar apenas no casamento heterossexual, fruto de amor verdadeiro, sua condição total de expressão. É este princípio, segundo o Documento, a partir do qual "a igreja tira da revelação divina e de sua interpretação autêntica da lei natural, é também a base de sua doutrina tradicional, que indica que o uso da função sexual tem seu significado verdadeiro e sua retidão moral na união verdadeira, o sagrado matrimônio".<sup>15</sup> Portanto, pressões e opiniões morais contrárias não são entraves para que ela continue ensinando de maneira inflexível os princípios e normas relativas à ética sexual. Ela continuará inflexível em seus ensinamentos, porque defende o caráter divino dos mesmos e sua independência de qualquer construção cultural específica. Logo, o argumento de que determinada situação cultural se alterou, não pode torná-los duvidosos. Homens e mulheres devem ser considerados em nível de igualdade quanto à dignidade, mas respeitar seus papéis diferentes – sua natureza sexual e a faculdade humana de procriação. Agir corretamente, quanto à sexualidade, não depende unicamente de intenções sinceras ou mesmo de uma avaliação de motivações interiores. Esse agir deve ser determinado por padrões objetivos contidos no ensino da Igreja. A única possibilidade digna e correta da sexualidade é sua expressão em um casamento de natureza heterossexual.

A falta de padrões objetivos, observações de ordem psicológica e o distanciamento do ensino da Igreja têm gerado um clima de indulgência quanto à homossexualidade. Mesmo considerando-se exceções em possíveis

---

<sup>14</sup> Id. Ibid., p.3, item IV.

<sup>15</sup> Id. Ibid., p.3, item V.

situações de homossexualidade em que o caráter da mesma é transitório ou, pelo menos não incurável, como por exemplo, uma instrução equivocada, um desenvolvimento sexual anormal, ou influência de maus hábitos, a Igreja não os considera como motivos suficientemente fortes para justificar os atos daqueles que se consideram homossexuais definitivos. Não há, para a Igreja, justificativa plausível na tese de um instinto nato para a homossexualidade ou mesmo de uma possível irreversibilidade para a heterossexualidade<sup>16</sup>. Essa tentativa de Justificar as relações homossexuais ou mesmo, a impossibilidade de uma vida celibatária pelas pessoas homossexuais, sob o argumento de que é possível viver uma relação sincera análoga ao casamento, é inaceitável para a Igreja. A homossexualidade é um desajuste pessoal e social, e a Igreja deve oferecer, através do cuidado pastoral, uma esperança para que as pessoas homossexuais consigam superar suas dificuldades e inabilidades para ajustarem-se à sociedade. Agora, declarar suporte pastoral, sustenta o Documento, não é, de maneira alguma, justificar a homossexualidade, mesmo em culturas que venham a considerá-la justificável. Por faltar o caráter de finalidade fundamental a uma relação homossexual – a de procriação – é a mesma um ato de depravação e rejeição a Deus:

A Escritura Sagrada condena como depravação séria e apresenta como conseqüência dessa depravação a rejeição de Deus. Este julgamento da Escritura, naturalmente não nos permite concluir que todos os aqueles que sofrem desta anomalia são pessoalmente responsáveis por ela, mas atesta o fato de que os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados e não podem ser aprovados em situação alguma<sup>17</sup>.

Enfim, para o ensino da Igreja sobre o tema, não interessam as motivações pessoais e nem mesmo qualquer afirmação de caráter social que tente sustentar a homossexualidade como uma opção viável de relacionamento legítimo. A Igreja considera a homossexualidade como um ato deliberado de rejeição a Deus. E diante de tal comportamento, só resta como opções à pessoa homossexual, a cura<sup>18</sup> ou o celibato.

---

<sup>16</sup> No texto a expressão usada é uma “condição patológica de natureza incurável”.

<sup>17</sup> SACRED CONGREGATION FOR THE DOCTRINE OF THE FAITH. *Persona humana. Declaration on certain questions concerning sexual ethics*, p.5, Item VIII.

<sup>18</sup> Assunção à heterossexualidade.

### 2.1.3 Carta sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais.

Em 1986, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou outro documento intitulado: *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais*<sup>19</sup>. O presente documento tem como finalidade imediata posicionar o diálogo e a prática da Igreja frente à questão homossexual. É possível perceber que o referido documento dialoga com uma realidade social em que a homossexualidade, como movimento e discurso, busca fazer-se presente tanto na Igreja quanto na sociedade, não mais como um movimento de periferia, de gueto, mas como um movimento que busca ser reconhecido como opção viável de ser, sentir-se e expressar-se. Ora, é a partir desse diálogo que se percebe que a Igreja tem como interlocutor um movimento que aposta numa re-interpretação de textos bíblicos, numa nova compreensão de papéis e funções identitárias e que conta com o apoio de um movimento social marcado pela vigilância e ingerência política.

Para o Documento, as produções teóricas e posturas produzidas a favor do movimento homossexual são orientadas por uma tendência exegética que, marcadamente, advoga o condicionamento ideológico-cultural dos textos bíblicos. Esse condicionamento impede que a questão homossexual, dentro da Igreja, seja tratada com a isenção necessária. O Documento é enfático ao apontar como prejudicial e equivocada uma exegese:

...segundo a qual a Bíblia ou não teria nada a dizer a cerca do problema do homossexualismo, ou até mesmo tacitamente o aprovaria, ou então ofereceria prescrições morais tão condicionadas cultural e historicamente, que afinal não mais poderiam ser aplicadas à vida contemporânea.<sup>20</sup>

Ora, para Congregação da Doutrina da Fé, aliada a essa exegese “equivocada”, há ainda uma pressão “política” manifestada tanto interna, quanto externamente, que procura impedir a Igreja de caminhar rumo a uma apropriação “verdadeira” da questão homossexual, ou ainda, que insiste em policiar seus debates. Isso é percebido no fato de que:

---

<sup>19</sup>CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais. In: Pergunte e Responderemos n.º. 298. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1987, p.2-14. João Paulo segundo é o papa e Joseph Ratzinger o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé nessa ocasião.

<sup>20</sup> Id. Ibid., p.4.

Um número cada vez mais largo de pessoas, mesmo dentro da Igreja exerce fortíssima pressão para levá-la a aceitar a condição homossexual como se não fosse desordenada e a legitimar os atos homossexuais. Os que, no interior da Igreja, pressionam nesta direção, freqüentemente mantêm estreita ligação com os que agem fora dela.<sup>21</sup>

Ainda que não haja no referido Documento uma alusão direta a uma possível reconstrução identitária em que seja possível observar a idéia de redefinição de papéis, sobretudo o masculino, é possível perceber tal tendência no questionamento da postura teórica que trata o amor homossexual como análogo ao heterossexual:

A atividade homossexual seria equivalente à expressão sexual do amor conjugal ou, pelo menos, igualmente aceitável, incide diretamente sobre a concepção que a sociedade tem da natureza e dos direitos da família, pondo-se seriamente em perigo.<sup>22</sup>

O presente Documento assume uma posição contrária quanto à violência perpetrada às pessoas homossexuais, incentivando inclusive os pastores da igreja a se posicionarem condenando veementemente todas as formas de violência contra as pessoas homossexuais. A dignidade própria de cada pessoa deve ser respeitada sempre, tanto nas ações quanto nos discursos e legislação. Para a Igreja, no entanto, é fundamental distinguir entre respeito pela pessoa homossexual e aceitação da condição homossexual como uma expressão normal de vivencia da sexualidade. Nesse sentido, o Documento afirma ainda, que a Igreja compreende, de forma contrária, o argumento, a partir do qual, a homossexualidade é entendida como inata na vida de alguns indivíduos e esses, diante de tal “obrigatoriedade”, são compelidos a um comportamento homossexual, não lhes restando qualquer outra escolha. Mesmo resguardando a possibilidade de que certos fatores possam influenciar alguns indivíduos a um possível comportamento homossexual, a Igreja se pronuncia contrária a qualquer generalização do argumento a partir do qual o comportamento homossexual de pessoas homossexuais esteja sempre e totalmente submetido à coação:

---

<sup>21</sup> Id. Ibid., p.7.

<sup>22</sup> Id. Ibid., p.8.

Na realidade, também às pessoas com tendência homossexual deve ser reconhecida aquela liberdade fundamental que caracteriza a pessoa humana e lhe confere a sua particular dignidade. Como em toda a conversão do mal, graças a liberdade, o esforço humano, iluminado e sustentado pela graça de Deus, poderá permitir-lhes evitar a atividade homossexual.<sup>23</sup>

A Igreja não veda à pessoa homossexual a possibilidade de viver a vida cristã, desde que ela assuma o compromisso de conter a prática do comportamento homossexual. Embora reconheça o caráter sacrificial de tal atitude, o Documento insiste no fato de que as pessoas homossexuais podem muito bem, em obediência a Cristo – modelo de sacrifício –, negarem a si mesmas, assumindo uma vida de castidade. Essa posição precisa ser assumida e defendida por todos que compõem a Igreja como um ensino correto, sem deixar, no entanto, de promover programas de apoio pastoral, marcado por amor e compreensão às pessoas homossexuais:

São dignas de admiração a particular solícitude e boa vontade demonstradas por muitos sacerdotes e religiosos, no atendimento pastoral às pessoas homossexuais; esta Congregação espera que tal solícitude e boa vontade não diminuam. Estes zelosos ministros devem nutrir a certeza de que estão seguindo fielmente a vontade do Senhor quando encorajam a pessoa homossexual a levar uma vida casta e relembram a dignidade incomparável que Deus lhe deu também.<sup>24</sup>

O Documento alerta aos bispos que estejam vigilantes em relação às pressões que a Igreja vem sofrendo, a fim de mudar seu ensino e sua prática perante a questão da homossexualidade. O ensino deve ser firme, resistir a tais pressões e os programas de apoio a pessoas homossexuais devem ser incentivados, desde que sejam:

...plenamente concorde com o ensinamento da Igreja. Nenhum programa pastoral autêntico poderá incluir organizações em que as pessoas homossexuais se associem entre si, sem que fique claramente estabelecido que a atividade homossexual é imoral. Uma atitude verdadeiramente pastoral incluirá a necessidade de evitar, para as pessoas homossexuais, as ocasiões próximas de pecado.

---

<sup>23</sup> Id. Ibid., p.9.

<sup>24</sup> Id. Ibid., p.10.

Apesar de reconhecer que um ser humano não pode ser definido ou reduzido em função de sua orientação sexual, essa compreensão é de caráter particular, ou seja, cabe ao indivíduo essa conscientização e a defesa da mesma. A Igreja silencia sobre a possibilidade de assumir tal conceito para orientar seu discurso e prática:

A pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, não pode definir-se cabalmente por uma simples e redutiva referência à sua orientação sexual. Toda e qualquer pessoa que vive sobre a face da terra conhece problemas e dificuldades pessoais, mas possui também oportunidades de crescimento, recursos, talentos e dons próprios. A Igreja oferece ao atendimento da pessoa humana aquele contexto de que hoje se sente a exigência extrema, e o faz exatamente quando se recusa a considerar a pessoa meramente como um “heterossexual” ou um “homossexual”, sublinhando que todos têm uma mesma identidade fundamental: ser criatura e, pela graça, filho de Deus, herdeiro da vida eterna.<sup>25</sup>

O Documento veda qualquer possibilidade da questão ser discutida por outro viés teórico. Na verdade, o documento baliza a discussão e ensino sobre as questões que envolvem a pessoa homossexual e o próprio conceito de homossexualidade. Qualquer alternativa às linhas norteadoras do documento deve ser rechaçada pela liderança e magistério da Igreja com uma posição clara e inequívoca:

Tais ministros rechaçarão as opiniões teológicas contrárias ao ensinamento da Igreja e que, portanto, não podem servir como diretrizes no campo pastoral... Deve ser retirado todo apoio a qualquer organização que procure subverter o ensinamento da Igreja, que seja ambígua quanto a ele ou que o transcure completamente.<sup>26</sup>

#### **2.1.4 Sexualidade Humana: Verdade e Significado.**

O documento “Sexualidade humana: Verdade e Significado. Orientações Educativas em Família”<sup>27</sup>, redigido vinte anos após o documento “Persona Humana”<sup>28</sup>, reafirma o ensino da Igreja, ao declarar que a sexualidade não

---

<sup>25</sup> Id. Ibid., p.12.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO. Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família. Roma: Biblioteca do Vaticano, 1995.

<sup>28</sup> Op.Cit.

pode reduzir-se apenas ao aspecto biológico do ser humano, mas transcende-o quando se referencia também no elemento pessoal e identitário desse ser. Apesar disso, a sexualidade só pode se expressar de maneira completa e verdadeira numa relação heterossexual. No entanto, é possível constatar a existência de contextos sociais promotores de condicionamentos negativos, desviantes e até traumáticos que expõem o projeto de uma sexualidade sadia, correta e aprovada por Deus a uma situação de fragilidade. Diante de tal situação, a recomendação do documento, é de que os pais se unam ao propósito propagado pela Igreja de preparação da família para o enfrentamento de tal mentalidade através de uma educação pautada nos valores ensinados por ela e compreendida no chamamento divino. Homens e mulheres devem compreender que na “sua unidade corpóreo-espiritual, a feminilidade e masculinidade são dons complementares”. Uma sexualidade humana rica deve ser vivenciada a partir dessa relação de complementaridade:

O corpo humano, com o seu sexo e a sua masculinidade e feminilidade, visto no próprio mistério da criação, não é somente fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural, mas encerra desde "o princípio" o atributo "esponsal", isto é, a capacidade de exprimir o amor precisamente pelo qual o homem-pessoa se torna dom e — mediante este dom — actuar o próprio sentido do seu ser e existir. Qualquer forma de amor será sempre marcada por esta caracterização masculina e feminina.<sup>29</sup>

Segundo o documento, a sexualidade caracteriza o homem e a mulher, não somente no plano físico, mas também no psicológico e espiritual, marcando toda a sua expressão. Esta diversidade, que tem por fim a complementaridade dos dois sexos, permite responder plenamente ao desígnio de Deus conforme a vocação à qual cada um é chamado. Uma relação sexual verdadeira e humana só é possível quando fruto da expressão de um homem e de uma mulher. A Igreja está consciente que a Homossexualidade, difundida principalmente em culturas urbanas, é apresentada como uma possibilidade no processo de identificação e desenvolvimento da sexualidade. A abordagem desse tema, no entanto, deve ser feita com equilíbrio e sempre à luz dos ensinamentos da Igreja e toda hostilidade em relação a pessoas homossexuais deve ser evitada. No entanto, é sugestiva a recomendação no documento no

---

<sup>29</sup> Id. Ibid. “O amor e a sexualidade humana”, item 10.

sentido de que os jovens devem saber discernir os conceitos de normalidade, anomalia, culpa sugestiva e desordem objetiva. O mesmo define a homossexualidade da seguinte maneira:

A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres que experimentam uma atracção sexual exclusiva ou predominante para com pessoas do mesmo sexo. Reveste formas muito variadas, através dos séculos e das diferentes culturas. A sua génese psíquica continua em grande parte por explicar. É preciso distinguir a tendência, que pode ser inata, e os actos de homossexualidade que são intrinsecamente desordenados e contrários à lei natural.<sup>30</sup>

O documento ainda demonstra fortemente a crença que é possível alguma mudança através de terapia na orientação sexual da pessoa homossexual, nos casos em que essa “prática” não tenha se estruturado definitivamente. Esse fato é importante, precisamente por incluir no discurso da Igreja<sup>31</sup> esse carácter multifacetado que permeia o tema da homossexualidade. Apesar de tal possibilidade em sua argumentação sobre o tema, a Igreja não recrudesce em sua posição, o que se torna bem evidente em sua recomendação aos pais para que, “no caso de advertirem nos filhos, em idade infantil ou adolescente, o aparecimento de tal tendência ou dos comportamentos com ela relacionados, façam-se ajudar por pessoas especializadas e qualificadas para darem todo o auxílio possível”.<sup>32</sup>

### 2.1.5 Notificação sobre os Escritos de Marciano Vidal

A Teologia Moral ocupa um lugar importante nos desdobramentos sobre a sexualidade, sobre ética sexual, por conseguinte, sobre a homossexualidade, ela sistematiza e desenvolve o ensino sobre o comportamento do cristão em relação à moral, na perspectiva católica, oferecendo modelos e parâmetros para reflexão que deverão servir de norte para sua vida social, familiar e pessoal. Além disso, o seu estudo ocupa lugar privilegiado junto às disciplinas

<sup>30</sup> Id. Ibid., “Adolescência no projeto de vida”, item 104.

<sup>31</sup> É possível observar essa tendência já no documento de 1986, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais. Op. Cit.

<sup>32</sup> “Adolescência no projeto de vida” In: *Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família*. Op.Cit., item 104.

de Seminários Teológicos Católicos no Brasil, e, é a ela— no conjunto de sua normatividade que se recorre, quando da necessidade de se buscar auxílio para o enfrentamento das questões de ética sexual. Entre os principais recursos teóricos a disposição no ensino sobre a Teologia Moral no Brasil, encontram-se os livros de Marciano Vidal, dos quais se destaca a obra “Moral de Atitudes”, onde aborda, entre outros assuntos, questões relativas à ética sexual e propõe à Igreja uma abordagem sobre a ética sexual e sobre os assuntos daí decorrentes, numa vertente dissonante do ensino oficial da mesma.

Em virtude disso, em 2001, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou uma “Notificação”<sup>33</sup> sobre os escritos de Marciano Vidal<sup>34</sup>. Dentre os livros de sua autoria que receberam essa notificação, consta “Moral de Atitudes” onde trata da ética sexual.<sup>35</sup> No escopo da investigação proposta no capítulo, é fundamental entender em que esses escritos são discordantes do ensino oficial da Igreja, e quais os perigos que ele representa para a manutenção da visão católica dominante sobre a questão da ética sexual. Segundo o referido documento, Marciano Vidal faz algumas afirmações discordantes do ensino oficial da Igreja Católica, sugerindo de forma errônea que os mesmos são ambíguos e carecem de fundamentos mais elaborados. E que, além disso, a Igreja precisa levar em consideração as questões postas pela contemporaneidade e em função dessas questões, assumir uma posição mais flexível. Para a Igreja não há ambigüidade em seus ensinamentos sobre a homossexualidade, pelo contrário, a ela sempre ofereceu uma avaliação precisa e firme sobre o caráter moral presente em relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

---

<sup>33</sup> Uma Notificação é um documento de caráter doutrinal e público, emitido pela Congregação da Doutrina da Fé para que determinadas obras cujo teor seja contrário ao ensino oficial da Igreja, sejam revistas e modificadas nos pontos assinalados. No caso em questão o autor aceitou as recomendações da Igreja e se propôs a rever o conteúdo apontado como prejudicial a fé dos católicos e contrário ao ensino da Igreja.

<sup>34</sup> Marciano Vidal é um teólogo espanhol, professor titular da Universidade Pontifícia Camillas em Madri e professor convidado da Academia Alfonsiana de Roma. Após o concílio Vaticano II, Marciano Vidal tem sido um dos líderes da corrente de renovação ético-teológica da Igreja Católica. Ele tem tido uma influência cada vez mais crescente e significativa sobre os escritores considerados progressistas na área de ética e moral sexual, o que explica em parte, a preocupação da Igreja Católica em rebater suas teorias.

<sup>35</sup> In: VIDAL, Marciano. *Moral de actitudes*, II-2. *Moral del amor y de la sexualidad*. 8ª ed. Madrid: Editorial PS, 1991.

A crítica de Marciano Vidal, contra a qual o documento se opõe mais fortemente, diz respeito ao ensino contido nos principais documentos<sup>36</sup> que tratam da orientação da Igreja sobre a questão Homossexual. Segundo ele, a doutrina da Igreja sobre a homossexualidade tem certa coerência, mas carece de suficiente fundamento bíblico, além de envolvida em condicionamentos e ambigüidades que precisam ser revistos: “Nela se encontram os defeitos que estão presentes em todo o edifício histórico da ética sexual cristã”.<sup>37</sup> Na apreciação moral da homossexualidade há que se adotar uma atitude de provisoriedade, como no caso de um homossexual irreversível, por exemplo, em que o juízo cristão coerente não deveria passar necessariamente através da única via de saída de uma moral rígida: passagem à heterossexualidade ou abstinência total.<sup>38</sup> Marciano Vidal<sup>39</sup> desenvolve uma maneira muito peculiar de expor suas idéias, e de certa maneira, contempla o ensino oficial da Igreja nas questões de moral sexual, com questionamentos que sugerem sua insatisfação com o mesmo, além de demonstrar a partir de que lógica a Igreja sustenta sua argumentação. Um bom exemplo disso está na análise bíblica predominante em relação à sexualidade. Nesse sentido, ele diz que a questão da sexualidade no Antigo Testamento está ligada em grande parte, às prescrições rituais e essas não guardam uma relação direta com a moral e quanto ao Novo Testamento, diz que não é possível verificar uma casuística de moral sexual e muito menos orientações para cada uma das situações de comportamento sexual.<sup>40</sup> Além disso, ainda que o Novo Testamento fale de pecados de sexualidade, tais pecados não ocupam “um lugar de primeiríssima importância nas preocupações do Novo Testamento”.<sup>41</sup>

Por outro lado, ele nota que há uma tendência em muitas análises católicas de vincular a sexualidade à genitália, ao biológico, análises que incorrem em equívocos ao considerarem que os órgãos sexuais (genitália) são

---

<sup>36</sup> Como, por exemplo: “*Persona Humana. Algumas questões referentes a ética sexual*” de 1975 e “*Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*” de 1986.

<sup>37</sup> VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes*. 2º. Vol. Ética da Pessoa. Aparecida (SP): Editora Santuário, 1979.

<sup>38</sup> Itens 28 a 33, “Questões particulares”. In: CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Notificação sobre alguns escritos do R.P. Marciano Vidal, c.ss.r.* Roma: 22 de fevereiro de 2001.

<sup>39</sup> Op.Cit.

<sup>40</sup> Id. Ibid., p.305.

<sup>41</sup> Id. Ibid., p.308.

os fatores fundamentais e suficientes para definição dos sexos. Embora, não se possa prescindir de certa referência à instância biológica, não se pode deixar de contemplar as dimensões psicológicas e sócio-culturais. Isso requer que se diga também, que na tendência biológica, a sexualidade humana também não se inscreve apenas à procriação. A sexualidade humana é mais que uma função procriativa<sup>42</sup> e não é dada definitivamente. É uma força que deve ser integrada a partir do núcleo pessoal, sendo, portanto, uma força construtiva do eu. De certa maneira, introduz em seu argumento uma mudança na perspectiva de análise da sexualidade ao colocar, como fator fundamental para essa análise, a dimensão de gênero, da construção social que subjaz toda discussão sobre a mesma:

Há duas formas de projetar a existência; uma própria da mulher e outra própria do homem. Essa maneira peculiar provém das estruturas antropológicas e da cultura; às vezes, a “cultura” se sobrepõe à “natureza”, e outras vezes a “natureza” é a que se deixa moldar pela “cultura”. Daí o caráter relativo e absoluto, por sua vez, do masculino e feminino: duas categorias que se manifestam nos estudos etnológicos da sexualidade. No fundo – ou na superação? – dessas duas polaridades (natureza-cultura, absoluto-relativo) é onde se haverá de encontrar o estilo de vida feminina e masculino.<sup>43</sup>

Marciano Vidal considera o masculino e o feminino como duas maneiras diferentes de viver a existência humana e duas formas diferentes, não contrapostas, do agir humano, nesse sentido, cada indivíduo deve, de certo modo, realizar em si os dois projetos, ou seja: “A masculinidade e a feminilidade são duas tarefas morais. É necessário conquistar dia-a-dia a feminilidade e a masculinidade, como um dos imperativos da moral sexual”.<sup>44</sup> Ele tem consciência de que suas sinalizações teóricas são incomodas, mas apesar disso, ele sinaliza para o fato de que a relação do cristianismo com a sexualidade sempre foi conflitiva e traumática. E, portanto, essa relação mediática que o cristianismo desempenhou precisa ser revista em alguns de seus postulados teóricos: “A compreensão humana da sexualidade não deve ser exposta com velhas mediações ou formulações. Neste sentido, estamos de

---

<sup>42</sup> Id. Ibid., p.341.

<sup>43</sup> Id. Ibid., p.372-373.

<sup>44</sup> Id. Ibid., p.373-374.

acordo em rejeitar a mediação da ‘lei natural’”.<sup>45</sup> Em sua crítica à lei natural, Marciano Vidal pontua o fato de tal lei ter assumido um caráter de prontuário detalhado de preceitos específicos e imutáveis, dedutíveis da natureza.<sup>46</sup> Ele insiste no sentido de que as questões ligadas à moral sexual têm que nascer da pessoa e não provir do exterior dela. Além disso, um comportamento sexual é bom (normalmente falando) se personaliza o homem, estando integrado dentro de um conjunto harmônico da pessoa.<sup>47</sup> Toda reflexão, ensino ou postura frente à sexualidade não pode ser circunscrita a uma parte do ser humano, por que esse ser humano é integral e precisa ser entendido em todas as questões que lhe dizem respeito com justiça e equidade:

Toda pessoa é um sistema único e que não é abrangido inteiramente por nenhum esquema pré-fabricado; a regra objetiva é necessária, mas deve ser aplicada tendo em conta o caráter irrepitível de cada pessoa. Os manuais de moral costumam tratar os problemas de moral sexual dentro de uma consideração abstrata; esta visão deve ser completada com as construções da psicologia dinâmica.<sup>48</sup>

Portanto, por não estar correspondendo à renovação de seu ensino sobre a sexualidade em função das demandas éticas contemporâneas, prossegue Marciano Vidal, a doutrina da Igreja com uma lacuna “ou este ‘hiato’ entre ‘significado da sexualidade’ e ‘normas sexuais’ está criando sérios conflitos na vida moral dos fiéis e está apoiando a falta de credibilidade do ‘êthos’ cristão na sociedade atual (sic)”.<sup>49</sup> A insistência da Igreja numa postura engessada, autoritária a faz cometer falhas na formulação das normas sexuais e tais falhas a fazem perder a credibilidade. Entre as principais falhas destaca:

- a) O modo “autoritário” na apresentação e justificação das normas que pressupõe a aceitação de um dirigismo moral ou de uma moral de obediência;
- b) O modo “abstrato” na dedução das normas a partir de alguns princípios aceitos previamente e não questionados;
- c) O modo “absoluto” de fixar normas com caráter imutável e com validade universal;
- d) O modo preferentemente “proibitivo” na apresentação das exigências da sexualidade.<sup>50</sup>

Para ele, a Igreja

---

<sup>45</sup> Id. Ibid., 408.

<sup>46</sup> Ibidem. Cf. Valsecchi *apud* Vidal.

<sup>47</sup> Id. Ibid., p.415.

<sup>48</sup> Id. Ibid., p.416.

<sup>49</sup> Id. Ibid., p.428.

<sup>50</sup> Ibidem.

precisa renovar sua atitude, aprender a dialogar com a sociedade, reformular suas normas e o conteúdo das mesmas. Precisa entender também que, se houve uma variação da compreensão da sexualidade humana tanto na doutrina eclesial quanto na reflexão teológica, seria hora de mudar algumas de suas normas sexuais. No aspecto teológico, Vidal insiste que a Teologia tem como tarefa: “iluminar o caminho para que a sexualidade humana não se converta em poder destrutivo e alienante, mas que encontre o modo eficaz para uma autêntica libertação na verdade e na autenticidade”.<sup>51</sup>

### **2.1.6 Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais**

O documento “Considerações sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais”<sup>52</sup> aponta como preocupante o encaminhamento ético e moral que países que já “concederam ou se propõem conceder reconhecimento legal às uniões homossexuais”.<sup>53</sup> Essa preocupação torna-se ainda maior em virtude da possibilidade de adoção de filhos com reconhecimento jurídico. Embora consciente de que não está trazendo nenhum elemento doutrinário novo, a Igreja reconhece como fundamental:

Recordar os pontos essenciais sobre o referido problema e fornecer algumas argumentações de caráter racional, que possam ajudar os Bispos a formular intervenções mais específicas, de acordo com as situações particulares das diferentes regiões do mundo: intervenções destinadas a proteger e promover a dignidade do matrimônio, fundamento da família, e a solidez da sociedade, de que essa instituição é parte constitutiva. Têm ainda por fim iluminar a atividade dos políticos católicos, a quem se indicam as linhas de comportamento coerentes com a consciência cristã, quando tiverem de se confrontar com projetos de lei relativos a este problema.<sup>54</sup>

Para o Documento é importante que os bispos atentem, não apenas para uma postura de denúncia contra as supostas ideologias que embasam

---

<sup>51</sup> Id. Ibid., p.480.

<sup>52</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Considerações sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais. Roma: 28 de março de 2003.

<sup>53</sup> Id. Ibid. Introdução (1).

<sup>54</sup> Id. Ibidem.

projetos legais de apoio às causas homossexuais, mas também, para uma postura pessoal que saiba discernir “tolerância” do mal de “aprovação” do mal. E, “em presença do reconhecimento legal das uniões homossexuais ou da equiparação legal das mesmas ao matrimônio, com acesso aos direitos próprios deste último, é um dever opor-se-lhe de modo claro e incisivo”.<sup>55</sup> É fundamental não apenas opor-se a tal tendência, mas também, abster-se de “qualquer forma de cooperação formal na promulgação ou aplicação de leis tão gravemente injustas e, na medida do possível, abster-se também da cooperação material no plano da aplicação”.<sup>56</sup>

Para embasar tal encaminhamento, o Documento supracitado propõe quatro argumentos denominados de: “Argumentos Racionais contra o reconhecimento legal das uniões homossexuais”.<sup>57</sup> Esses argumentos estão reunidos sob a seguinte classificação: *De ordem relativa à reta razão; De ordem biológica e antropológica; De ordem social e De ordem jurídico*.

O argumento “De ordem relativa à reta razão”<sup>58</sup> diz basicamente, que a lei civil não pode entrar em contradição com a reta razão porque, ao fazê-lo, corre o risco de “perder a força de obrigar a consciência”.<sup>59</sup> O ponto exato em que a lei civil se opõe a reta razão dá-se quando tenta colocar como análogo ao matrimônio entre um homem e uma mulher, a relação homossexual. Ora, o Estado não pode, querendo legislar sobre as questões que digam respeito ao bem individual, ignorar ou colocar em risco o bem de toda a sociedade, representado aqui pela manutenção da Instituição do matrimônio (heterossexual): “Nesse caso, a legalização das uniões homossexuais acabaria, portanto, por ofuscar a percepção de alguns valores morais fundamentais e desvalorizar a instituição matrimonial”.<sup>60</sup>

O argumento “De ordem biológica e antropológica”<sup>61</sup> diz faltar nas relações homossexuais: “os elementos biológicos e antropológicos do matrimônio e da família, que poderiam dar um fundamento racional ao

---

<sup>55</sup> Op. Cit., Item II, 5.

<sup>56</sup> Id. Ibidem.

<sup>57</sup> Op. Cit., Item III, 6.

<sup>58</sup> Id. Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Op. Cit., Item III,7.

reconhecimento legal dessas uniões”,<sup>62</sup> principalmente, por não se encontrarem em condição de “garantir de modo adequado a procriação e a sobrevivência da espécie humana”.<sup>63</sup> Além disso,

A falta da bipolaridade sexual cria obstáculos ao desenvolvimento normal das crianças eventualmente inseridas no interior dessas uniões. Falta-lhes, de fato, a experiência da maternidade ou paternidade. Inserir crianças nas uniões homossexuais através da adoção significa, na realidade, praticar a violência sobre essas crianças, no sentido que se aproveita do seu estado de fraqueza para introduzi-las em ambientes que não favorecem o seu pleno desenvolvimento humano. Não há dúvida que uma tal prática seria gravemente imoral e por-se-ia em aberta contradição com o princípio reconhecido também pela Convenção internacional da ONU sobre os direitos da criança, segundo o qual, o interesse superior a tutelar é sempre o da criança, que é a parte mais fraca e indefesa.<sup>64</sup>

No argumento “De ordem social”,<sup>65</sup> o principal prejuízo seria de ordem conceitual. Ou seja, “o conceito de matrimônio sofrerá uma alteração radical, com grave prejuízo para o bem comum. Colocando a união homossexual num plano jurídico análogo ao do matrimônio ou da família”.<sup>66</sup> Ora, a consequência imediata de tal redefinição seria, portanto, converter o matrimônio “numa instituição que, na sua essência legalmente reconhecida, perderia a referência essencial aos fatores ligados à heterossexualidade, como são, a exemplo, as funções procriadora e educadora”.<sup>67</sup> Segundo esse argumento:

As uniões homossexuais não desempenham, nem mesmo em sentido analógico remoto, as funções pelas quais o matrimônio e a família merecem um reconhecimento específico e qualificado. Há, pelo contrário, razões válidas para afirmar que tais uniões são nocivas a um reto progresso da sociedade humana, sobretudo se aumentasse a sua efetiva incidência sobre o tecido social.<sup>68</sup>

O argumento “De ordem jurídico”,<sup>69</sup> funda sua discussão no fato de que as pessoas homossexuais “não exigem uma específica atenção por parte do ordenamento jurídico, porque não desempenham essa função em ordem ao

---

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Ibidem..

<sup>65</sup> Op. Cit., Item III, 8.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> Ibidem.

<sup>69</sup> Op. Cit., Item III,9.

bem comum”.<sup>70</sup> Seus direitos podem ser garantidos por outras vias que não coloquem em risco “o bem comum”:

Não é verdadeira a argumentação, segundo a qual, o reconhecimento legal das uniões homossexuais tornar-se-ia necessário para evitar que os conviventes homossexuais viessem a perder, pelo simples fato de conviverem, o efetivo reconhecimento dos direitos comuns que gozam enquanto pessoas e enquanto cidadãos. Na realidade, eles podem sempre recorrer – como todos os cidadãos e a partir da sua autonomia privada – ao direito comum para tutelar situações jurídicas de interesse recíproco. Constitui, porém uma grave injustiça sacrificar o bem comum e o reto direito de família a pretexto de bens que podem e devem ser garantidos por vias não nocivas à generalidade do corpo social.<sup>71</sup>

O Documento determina de forma clara qual deve ser o comportamento dos políticos diante de qualquer possibilidade de legislações favoráveis às uniões homossexuais. Essa determinação pode ser cumprida na adoção de algumas atitudes básicas: a) Opor-se totalmente a qualquer novo projeto nesse sentido; b) No caso de projetos em vigor, manifestarem sua oposição de forma clara, além de apoiar projetos limitadores.

### **2.1.7 Carta aos Bispos sobre a Colaboração entre o Homem e a Mulher**

No documento “Carta aos Bispos Católicos sobre a Colaboração entre o Homem e a Mulher na Igreja e no Mundo”<sup>72</sup>, a Congregação para a Doutrina da Fé, dizendo ser a Igreja, “perita em humanidade”, aponta a discussão tratada na perspectiva de gênero como a principal responsável por alguns problemas na compreensão do papel do homem e da mulher, e sua conseqüente ação na Igreja e no Mundo. O Documento tem como objetivo principal uma crítica aguda a teologia feminista e os movimentos feministas. A lógica a partir da qual ele se fundamenta é a mesma usada para sustentar a argumentação quanto à homossexualidade (crítica a tendências modernistas na Igreja, pressão social, interpretações bíblicas equivocadas, lei natural, etc.). As principais críticas quanto às questões de gênero são de natureza teórica.

---

<sup>70</sup> Ibidem.

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta aos bispos da igreja católica sobre a colaboração do homem e da mulher na igreja e no mundo. Roma: 31 de Maio de 2004.

Segundo o Documento, nos últimos anos têm-se delineado novas tendências na abordagem de gênero a partir da perspectiva da mulher. Essa perspectiva sublinha a condição de subordinação da mulher e, coloca como possibilidade para que a mesma assuma-se plenamente como mulher, apresentar-se de forma contestadora e antagônica ao homem: “Aos abusos de poder, responde com uma estratégia de busca do poder”. Essa concepção promove a rivalidade entre os sexos, onde a identidade e o papel de um são assumidos em prejuízo do outro, introduzindo uma perniciosa confusão que tem o seu revés mais imediato e nefasto na estrutura familiar. Ora, esse tipo de tendência, apresenta outras conseqüências, como por exemplo, o nivelamento dos sexos ao:

Eliminar as suas diferenças, considerando-as simples efeitos de um condicionamento histórico-cultural. Neste nivelamento, a diferença corpórea, chamada *sexo*, é minimizada, ao passo que a dimensão estritamente cultural, chamada *gênero*, é sublinhada ao máximo e considerada primária. O obscurecimento da diferença ou dualidade dos sexos é grávido de enormes conseqüências a diversos níveis. Uma tal antropologia, que entendia favorecer perspectivas igualitárias para a mulher, libertando-a de todo o determinismo biológico, acabou de facto por inspirar ideologias que promovem, por exemplo, o questionamento da família, por sua índole natural bi-parental, ou seja, composta de pai e de mãe, a equiparação da homossexualidade à heterossexualidade, um novo modelo de sexualidade polimórfica.<sup>73</sup>

Para o Documento, a tendência de libertar a pessoa humana de condicionamentos biológicos desembocaria na afirmação que a natureza humana não teria em si mesma, características que se imporiam de forma absoluta. Tal pensamento tem como conseqüência imediata um argumento, a partir do qual, cada pessoa pode e deve modelar-se a seu gosto, sendo livre, portanto, de toda a predeterminação ligada à sua constituição essencial. Além disso, salienta o Documento, esse tipo de construção teórica permite uma desconstrução da Escritura, desvelando um possível caráter ideológico de matiz androcêntrica presente na conceituação teológica da pessoa de Deus e a reinterpretção da figura de Jesus, sem uma referência necessária a sua masculinidade.

---

<sup>73</sup> Id. Ibid., “O Problema”, Item I.

Após toda uma construção bíblico-teológica (ideológica?) o presente documento afirma:

Há que salientar, por outro lado, a importância e o sentido da diferença dos sexos como realidade profundamente inscrita no homem e na mulher: «a sexualidade caracteriza o homem e a mulher, não apenas no plano físico, mas também no psicológico e espiritual, marcando todas as suas expressões». Não se pode reduzi-la a puro e insignificante dado biológico, mas é «uma componente fundamental da personalidade, uma sua maneira de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, exprimir e viver o amor humano». Esta capacidade de amar, reflexo e imagem de Deus Amor, tem uma sua expressão no carácter esponsal do corpo, em que se inscreve a masculinidade e a feminilidade da pessoa.<sup>74</sup>

Não há, na perspectiva do Documento, a possibilidade de tratar de uma antropologia totalmente desvinculada da questão teológica. É evidente que a solução proposta para o enfrentamento dessa questão antropológica atual numa perspectiva teológica, não prescinde abordar o problema a partir do conceito teológico de pecado e separação do projeto original de Deus. Após uma vasta sustentação bíblica, o texto afirma de forma categórica que “O masculino e o feminino são, portanto, revelados como pertencentes ontologicamente à criação e, por conseguinte, destinados a perdurar além do tempo presente, evidentemente numa forma transfigurada”.<sup>75</sup> Independente do que isso venha significar é possível perceber de forma clara a insistência da Igreja numa lei divina e natural que deve regular todas as possibilidades de entendimento correto das questões de gênero.

O caráter ambíguo<sup>76</sup> do Documento vem à tona com a afirmação de que: “em última análise, todo o ser humano, homem e mulher, é destinado a ser «para o outro». Nessa perspectiva o que se chama «feminilidade» é mais do que um simples atributo do sexo feminino. A palavra designa, com efeito, a capacidade fundamentalmente humana de viver para o outro e graças ao outro”.<sup>77</sup>

---

<sup>74</sup> “Dados Fundamentais da Antropologia”, item II, 8.

<sup>75</sup> Id., Ibid., item II, 12.

<sup>76</sup> Como sugeriu Marciano Vidal, Op. Cit. “Questões particulares” Itens 28 a 33.

<sup>77</sup> “A actualidade dos valores femininos na vida da sociedade”, item III, 14.

### 2.1.8 Documento Coerência Eucarística dos Políticos e legisladores

O documento “Coerência Eucarística dos Políticos e Legisladores”, publicado em 2005, por ocasião da XI Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, chama a atenção para o que denomina de caráter duvidoso de alguns projetos políticos questionáveis, incoerentes e prejudiciais à sociedade e a humanidade em geral. Projetos esses que, amparados numa legislação acomodada na ambigüidade de certos legisladores, atentam contra a dignidade da família quando propõem e referendam o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Além de mascarar o conceito de matrimônio, tais casamentos ainda aspiram ser, o meio para que crianças sejam adotadas por pessoas homossexuais. O Documento denuncia esse “conluio do mal” como contrário às leis da natureza e como uma afronta aos mandamentos divinos. Tomando como referência o Documento “Persona Humana”<sup>78</sup>, reafirma a posição da Igreja que considera:

Os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados. Alguns concluem que a sua tendência é de tal maneira natural que deve ser considerada como justificante, para eles, das relações homossexuais numa sincera comunhão de vida e de amor análoga ao matrimônio (...) Os atos de homossexualidade são extrinsecamente desordenados e (...) não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação.<sup>79</sup>

O presente Documento termina com a exortação implícita aos políticos e legisladores católicos que, caso persistam na promoção de leis iníquas, contrárias aos ensinamentos da Igreja, o seu acesso à comunhão com o “Senhor” será impedido.

### 2.1.9 Instrução sobre os Critérios de Discernimento Vocacional

Quanto a participação ou não de pessoas homossexuais nos ministérios da Igreja ou acesso aos Seminários, a Congregação para Educação Católica,

---

<sup>78</sup> Op. Cit.

<sup>79</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Coerência eucarística dos políticos e legisladores*. XI Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Vaticano: 7 de outubro de 2005, nota 5.

publicou uma instrução em 2005,<sup>80</sup> no qual a Igreja se diz constrangida face às demandas contemporâneas, a tratar da ordenação e admissão de pessoas *que tenham tendências homossexuais profundamente radicadas*.<sup>81</sup> Para o Documento, o ministro de forma sacramental, representa Cristo e, portanto, deve ter uma maturidade *afetiva* que o possibilite relacionar-se de forma *correta* com homens e mulheres,<sup>82</sup> não há dúvidas, de qual é o ensinamento da igreja quanto às pessoas homossexuais:

O Catecismo distingue entre os atos homossexuais e as tendências homossexuais. Quanto aos atos, ensina que, na Sagrada Escritura, esses são apresentados como pecados graves. A Tradição considerou-os constantemente como intrinsecamente imorais e contrários à lei natural. Por conseguinte, não podem ser aprovados em caso algum.<sup>83</sup>

Embora reconheça um tratamento diferenciado quanto as pessoas com tendências homossexuais irreversíveis<sup>84</sup>, o Documento afirma que tais tendências são objetivamente desordenadas, além de se constituírem numa provação para as pessoas que a manifestam. A Igreja, conquanto se manifeste o respeito por todas essas pessoas, de maneira alguma pode transigir o apoio à ordenação ao ministério cristão ou admissão ao seminário aos que “praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apóiam a chamada cultura gay”.<sup>85</sup> Portanto, pessoas homossexuais no ministério sacro colocam em risco o relacionamento correto que deve existir entre homens e mulheres, trazendo inclusive conseqüências negativas para o exercício do ministério. Pessoas homossexuais não podem ser ordenadas ao ministério porque o futuro sacerdote deve apresentar um equilíbrio entre as dimensões humanas, espiritual, intelectual e pastoral. Tal

---

<sup>80</sup> CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 4 de novembro de 2005.

<sup>81</sup> Cf. Introdução do documento. É indicativa a tendência do documento em delimitar a sua abrangência ao usar as expressões “tendências” e “profundamente radicadas”.

<sup>82</sup> O uso das expressões *afetivas* e *corretas* são do próprio documento.

<sup>83</sup> Cf. Documento, item 2: *A homossexualidade e o ministério ordenado*.

<sup>84</sup> A expressão usada é “profundamente radicada”.

<sup>85</sup> O documento faz uma distinção entre pessoas com tendências profundamente radicadas e aquelas com tendências transitórias. Sobre as últimas, a recomendação é a seguinte: “No caso de se tratar de tendências homossexuais que sejam apenas expressão de um problema transitório como, por exemplo, o de uma adolescência ainda não completa, elas devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal”. Cf. Item 2.

equilíbrio demonstrará além da maturidade afetiva do candidato ao sacerdócio, sua idoneidade moral. Portanto, na avaliação do futuro candidato, cabe ao diretor espiritual responsável pelas mesmas, observar:

As exigências da Igreja acerca da castidade sacerdotal e da maturidade afetiva específica do sacerdote, e também ajudá-lo a discernir se tem as qualidades necessárias. Ele tem a obrigação de avaliar todas as qualidades da personalidade e assegurar-se de que o candidato não apresente distúrbios sexuais incompatíveis com o sacerdócio. Se um candidato pratica a homossexualidade ou apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas, o seu diretor espiritual, bem como o seu confessor, tem o dever, em consciência, de dissuadi-lo de prosseguir para a Ordenação.<sup>86</sup>

Ainda que não seja perceptível a tendência ou assunção da homossexualidade, cabe ao candidato ao ministério sacro ou à admissão ao seminário revelar suas tendências ou opções:

Seria gravemente desonesto que um candidato ocultasse a própria homossexualidade para aceder, não obstante tudo, à Ordenação. Um procedimento tão inautêntico não corresponde ao espírito de verdade, de lealdade e de disponibilidade que deve caracterizar a personalidade daquele que se sente chamado a servir Cristo e a sua Igreja no ministério sacerdotal.<sup>87</sup>

O Documento conclui exortando aos bispos, superiores gerais e a todos os responsáveis e interessados pelo assunto, a uma atitude de vigilância e compromisso no sentido de que só possam assumir o ministério e desempenhá-lo: “sacerdotes idôneos, verdadeiros pastores segundo o coração de Cristo”.<sup>88</sup>

## **2.2 O Ensino Oficial Católico: Uma Avaliação**

Conquanto os principais Documentos Católicos tenham determinado qual a posição oficial da Igreja frente a questão homossexual, não conseguiram evitar ambigüidades teóricas. Tendência, orientação, comportamento são alternadas na discussão como se o sentido fosse unívoco. É marcadamente

---

<sup>86</sup> Cf. Item 3: “O discernimento da idoneidade dos candidatos por parte da Igreja”.

<sup>87</sup> Id., Ibid.

<sup>88</sup> Cf. Item: Conclusão.

notório o fato que a Igreja Católica trata das questões relativas a sexualidade, comportamento sexual e relações de gênero como reação ante as pressões que tem sofrido do que como fruto de uma postura de diálogo, de abertura, de vanguarda. Deixa claro em seus documentos que entra nesse debate como porta-voz de Deus, detentora da verdade, juíza e defensora dos valores morais num cenário em que os seus interlocutores assumiram em seu discurso e prática a imoralidade, rebeldia e intransigência. Nesse sentido, a opinião da Igreja é correta, corretiva e moralizadora. Parte de sua argumentação, as abordagens bíblicas são colocadas de maneira conservadora. Também conservadora é a lembrança do desenvolvimento teológico sobre o tema feito ao longo da história. Em ambos, a posição de Deus é clara tanto nos textos bíblicos quanto na própria natureza. Todos os homossexuais por opção são inimigos de Deus e os atos homossexuais são reprováveis por Ele. Não havendo mudança e nem arrependimento só lhes resta a ira divina. Há uma ordem natural aos seres humanos criada por Deus e perceptível pelo uso de uma reta razão, ordem essa heterossexual, hierárquica, masculina prioritariamente, feminina por concessão, cuja realização possível dar-se-á integralmente no sagrado matrimônio e de forma plena quando orientada a procriação.

Embora reconheça algumas exceções à regra, fruto de circunstâncias especiais, a Igreja admite diferenciar tendências homossexuais transitórias de radicais e essas, de comportamentos propositais. Aos que não fizeram a opção pela homossexualidade, mas têm de conviver com ela por imposição natural ou genética, por exemplo, a Igreja recomenda dependência da graça divina, encarando sua situação como uma provação na vida Cristã. Recomenda em suas ações pastorais uma atitude de respeito e amor pelos homossexuais, sem que isso signifique, contudo, complacência na firmeza que deve ser demonstrada nos ensinamentos. Condena taxativamente qualquer ato de violência física aos homossexuais, mas não trata de violências psicológicas os juízos condenatórios aos homossexuais, sejam de natureza religiosa ou moral. Embora reconheça uma dificuldade que os homossexuais consigam ajustar-se psico-afetivamente, a Igreja encoraja programas nesse sentido. O discurso da Igreja quanto a homossexualidade não aborda aspectos ligados a homossexualidade feminina, e quando o faz é por via indireta. Toda a estrutura

do discurso católico é androcêntrica, notadamente antifeminista<sup>89</sup>, onde o masculino revela-se como normativo. Reduzindo a teologia feminista e os movimentos relacionados com reivindicações de mulheres, restringe não apenas a elas, mas também aos homossexuais um papel de coadjuvantes, num mundo que continua sendo um mundo do homem e cujos interesses organizam e estruturam o discurso teológico, bíblico e moral.

### 2.3 Os Documentos Protestantes

Embora não se possa falar em Documentos Protestantes no mesmo sentido do uso da expressão “Documentos Católicos”, principalmente, porque no caso do protestantismo não existe uma voz institucional e autoritativa única, é possível, apesar dos protestantismos brasileiros, uma seleção de falas que podem ecoar voz da outra vertente do Cristianismo Brasileiro em contraposição ao Catolicismo,<sup>90</sup> sobre o tema da homossexualidade.

Diferentemente da Igreja Católica, os grupos Protestantes no Brasil não deram muita atenção ao assunto da homossexualidade. Contentando-se na maioria das vezes a expressar opiniões rápidas em sermões ou artigos, e sempre como apêndice a outras questões (sexualidade, família, tendências modernas, etc.). Em 2001<sup>91</sup> começaram a surgir no Brasil, documentos<sup>92</sup> mais diretos e bem mais concisos sobre as posições Protestantes em relação ao tema. Tais documentos serão contemplados a partir de uma estruturação que leva em conta o período de publicação e a ordem de importância dentro da respectiva denominação.

---

<sup>89</sup> O professor da PUC de São Paulo, Edênio Valle diz que tal tendência foi superada no pensamento católico. Não parece ser isso o que os textos dizem. VALLE, Edênio. *A Igreja Católica ante a homossexualidade: Ênfases e deslocamentos de Posições*. In: *REVER: Revista de Estudos da Religião*. N°.01. São Paulo: PUC, 2006, p.173.

<sup>90</sup> Para algumas das discussões sobre o uso do conceito de “protestantismo brasileiro” ver: CÂMARA, Uipirangi. *Palco, música e Ilusão*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo: Umesp, 2003.

<sup>91</sup> Data do primeiro documento oficial de uma Igreja Protestante, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (2001).

<sup>92</sup> O principal critério para seleção dos vários documentos que se seguem é a própria referência feita pela denominação em questão, disponibilizando os mesmos em sua página principal, em sua grande maioria no item “Documentos Oficiais”. Alguns, como os presbiterianos, optaram por não manifestar sua posição sobre o assunto de forma pública.

### 2.3.1 Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Em 1997 foi divulgado um documento de 4 pontos, denominado de “Carta dos Bispos da IEAB: Sexualidade Humana”.<sup>93</sup> O presente documento tem um parágrafo de introdução em que se reconhece a sexualidade como um dom de Deus e diz que quando é exercida num contexto de amor e respeito mútuo deve ser aprovada como fruto de uma boa criação Deus. Com isso em mente, os bispos recomendam o diálogo, bom senso e preocupação pastoral com as pessoas de orientação homossexual na comunidade. O primeiro ponto reafirma que a sexualidade é um dom de Deus e diz que, num ambiente de amor e respeito mútuos, independentemente de ser exercida por pessoas heterossexuais ou homossexuais (o documento não faz nenhuma menção ao gênero), deve ser aceita e deve ter liberdade para se expressar. A restrição a expressão da sexualidade dá-se apenas quanto a promiscuidade e em relação a mesma, diz o Documento: “a promiscuidade sexual entre pessoas do mesmo gênero ou gêneros diferentes deve ser combatida, por ser contrária ao ensino das Escrituras”.<sup>94</sup> Até esse ponto o Documento é claro, evita ambigüidades e parece ir numa direção de aceitação a condição homossexual. No entanto, sua continuação traz como que amalgamadas ao texto, ambigüidades, incoerências numa proporção tamanha, que chega a sugerir, mais que indefinições, um completo cenário de obscuridade:

Entretanto, a Igreja deve receber com amor pessoas de qualquer raça, cultura, classe social ou orientação sexual. Afinal, como cristãos, somos portadores da promessa do Espírito Santo, que nos conduz à Palavra feita carne, que acolhe os abandonados, os incompreendidos, os marginalizados, que demonstra amor e compaixão à mulher apanhada em adultério, que conversa com a mulher samaritana e afirma a santidade do homem e da mulher em santo matrimônio.<sup>95</sup>

A presente afirmação não possui qualquer continuidade lógica<sup>96</sup> com o que vem sendo afirmado e nem qualquer justificativa hermenêutica para incluir “abandonados, incompreendidos, marginalizados, mulher apanhada em

---

<sup>93</sup> Disponível em: <http://www.ieab.org.br>, último acesso em 24 de junho de 2007.

<sup>94</sup> Id. Ibid., item 1.

<sup>95</sup> Id. Ibidem.

<sup>96</sup> É possível que a mesma seja afirmada como um lapso ideológico.

adultério, mulher samaritana” como parte de um argumento que desemboca na expressão: “e afirma a santidade do homem e da mulher em santo matrimônio”. O segundo ponto, em certa medida, desfaz parte da obscuridade percebida anteriormente, ao reafirmar (contrariar o que havia sido dito?) que a sexualidade como parte integrante do ser humano, deve se expressar “em atos de conduta, que se convertem em atos de afeição, relação mútua e conhecimento recíproco entre homem e mulher”.<sup>97</sup> Em parte a obscuridade percebida se desfaz quando se entende que a sexualidade deva ser exercida numa perspectiva heterossexual e não ampla ou inclusiva, como se deduz da introdução ao texto. Por outro lado, a obscuridade retorna quando da inserção ao argumento do conceito de violência sexual:

Por isso, o povo bíblico estabeleceu um determinado padrão de conduta, porque as relações sexuais não realizam toda sua potencialidade, se não levar em consideração o amor e a justiça em relação às outras pessoas. Portanto, os atos de violência sexual são iníquos.<sup>98</sup>

O terceiro ponto, uma referência ao resultado da conferência de Lambeth em 1988, reafirma o cenário de indefinição quanto ao tema da homossexualidade, em parte, retomado no ensino sobre a sexualidade humana, família e matrimônio. Não há uma posição única na Igreja Anglicana, nem de forma conceitual e nem de prática eclesial, ora oscilando de uma condenação do homossexualismo<sup>99</sup> como pecaminoso, ora adotando-se uma postura contextualizada. Sendo assim, a questão sexual que abrange todos os aspectos da vida social e individual, não está de todo resolvida, e diante disso, os bispos recomendam: “o diálogo, o bom senso e a preocupação pastoral com as pessoas de orientação homossexual na comunidade”.<sup>100</sup> Além disso, diz o Documento, os bispos sentem-se impedidos de: “assumir posições finais sobre a ordenação de homossexuais ou a benção de uniões de pessoas do mesmo sexo, porque na própria Comunhão o assunto ainda está em processo de amadurecimento”.<sup>101</sup> O Documento deixa transparecer, não apenas esse caráter parcial que a discussão do tema da homossexualidade assume na

---

<sup>97</sup> Op.Cit., item 2.

<sup>98</sup> Id., Ibid.

<sup>99</sup> Sic.

<sup>100</sup> Op.Cit., item 3.

<sup>101</sup> Id. Ibidem.

comunhão anglicana, como também, e esse é um ponto intrigante, uma dificuldade acentuada na fundamentação bíblico-teológica que fora imaginar-se uma linguagem em que as verdadeiras intenções estejam codificadas, apresenta-se complementemente fora de contexto na forma em que argumentação foi apresentada:

A Bíblia, em alguns textos, condena explicitamente o relacionamento homossexual, embora, em sua maioria, seus textos condenam a promiscuidade, a orgia ou o deboche. Entretanto, devemos entender que Bíblia não é um ditado de Deus, mas sim a Revelação de Deus carregada pela interpretação de seus autores, que trazem nela as influências de sua cultura e época (viviavam eles numa sociedade patriarcal e machista).<sup>102</sup>

Tal afirmação não complementa nenhuma argumentação anterior, não faz parte de nenhum bloco de fundamentação bíblica que venha sendo desenvolvida, pelo contrário, aparece de forma abrupta e logo após a palavra dos bispos de que não podem assumir nenhuma posição final sobre o tema. O quarto ponto reafirma o caráter de indefinição quanto as questões relativas a sexualidade, sobretudo como se depreende do documento, a questão da homossexualidade, e recomenda a Igreja Episcopal Anglicana a necessidade de incluir:

Em seus programas educacionais e pastorais estudos e orientações sobre a sexualidade humana, levando em conta o ensino das Escrituras, o conhecimento das ciências humanas, a experiência da tradição anglicana e uma compreensão contextualizada da controvertida questão, para que os seus eclesianos, livres de idéias pré-concebidas e na visão de uma sexualidade cristã sadia, possam assumir o dom da sexualidade no contexto da comunidade da fé e respeitar os outros (sic).<sup>103</sup>

Em 2002, como resultado de um encontro de anglicanos composto de leigos e líderes da Igreja representando 5 dioceses, é apresentado o documento “Carta da I Consulta Nacional sobre a Sexualidade”, resultado de uma ampla discussão sobre o tema nas perspectivas: bíblico-teológica, ético-pastoral e bio-psicosocial.<sup>104</sup> O entendimento do Documento pressupõe o

---

<sup>102</sup> Id. Ibidem.

<sup>103</sup> Op. Cit., item 4.

<sup>104</sup> Disponível em: [http://www.ieab.org.br/documentos/sinodo/carta\\_sex\\_l.pdf](http://www.ieab.org.br/documentos/sinodo/carta_sex_l.pdf), último acesso em 24 de junho de 2007.

conhecimento de resoluções da “Conferência de Lambeth”<sup>105</sup>, principalmente quanto ao seu posicionamento em favor do reconhecimento “da contínua necessidade de estudo profundo e desapassionado da questão da homossexualidade que leve em consideração tanto o ensino da Escritura quanto o resultado das pesquisas científicas e médicas e os fatores sócio-culturais” e também da Carta Pastoral dos Bispos da IEAB<sup>106</sup> quando da recomendação de incluir em seus programas educacionais e pastorais, estudos e orientações sobre a sexualidade humana. No entanto, o Documento não avança em nenhum sentido, a não ser frisar a necessidade de que haja inclusão e não exclusão, não diz quem e nem como, embora se suponha que seja uma referência às pessoas homossexuais. Um reflexo dessa posição, até certo ponto ambígua, pôde ser notado, especialmente no Brasil, quando da divulgação da ordenação do Cônego Gene Robinson<sup>107</sup>, na condição de bispo de New Hampshire, EUA, e a decisão da Diocese de New Westminster, no Canadá, de abençoar as uniões de pessoas do mesmo sexo. Tal situação desencadeou uma série de manifestações, culminando com ameaça de cisão pela diocese Pernambucana presidida pelo Bispo Dom Robinson Cavalcanti e uma instauração de processo canônico movida contra o mesmo pela IEAB<sup>108</sup>.

No caso do Brasil a reação tomou proporções mais radicais, gerando, inclusive, um processo de intervenção na diocese de Recife, principalmente por entender que o Bispo Dom Robinson Cavalcanti estava semeando um processo de divisão por não compactuar com as decisões das dioceses dos Estados Unidos (ECUSA) e Canadá. Além disso, Dom Robinson Cavalcanti acusava a Igreja Anglicana, especialmente a do Brasil, de compactuar com essas decisões, desistindo do compromisso histórico com a tradição reformada, abrindo mão dos princípios bíblicos e cedendo a uma investida do liberalismo teológico, das tendências sociais pós-modernistas e de influências de grupos organizados pró-gays, lésbicas e transexuais<sup>109</sup>. A IEAB nomeou

---

<sup>105</sup> Reunião magna da Igreja Anglicana.

<sup>106</sup> Op.Cit.

<sup>107</sup> Declarou-se homossexual praticante antes de sua ordenação. Fato amplamente divulgado na imprensa mundial.

<sup>108</sup> Essa controvérsia está amplamente documentada. Para maior conhecimento verificar: <<http://www.ieab.org.br/conteudo.cfm?action=dirvirtual>>.

<sup>109</sup> Como uma das respostas a essa acusação a IEAB diz que: “Os embates atuais que ocorrem na IEAB e na Comunhão Anglicana em torno da questão homossexual não são gerados diretamente pela controvérsia entre “liberais” de um lado e “evangélicos” ou

então, uma comissão, em 2004, para “auxiliar a Câmara dos Bispos e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil na busca de caminhos para compreensão dos atuais debates na Comunhão Anglicana,”<sup>110</sup> E sobretudo, oferecer um posicionamento formal quanto as questões suscitadas pela diocese de Recife. Reafirmando que o ponto central da discórdia foi desencadeado quando a Igreja Episcopal dos Estados Unidos (ECUSA) resolveu ordenar um bispo homossexual e a do Canadá de abençoar união civil de pessoas do mesmo sexo: “A diocese anglicana do Recife, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (...) declara-se chocada e ofendida diante da deliberação e prática, pela Diocese de New Westminster, no Canadá, de realizar cerimônias de bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo e da Diocese de New Hampshire, nos Estados Unidos da América, de eleger como Bispo Diocesano um homossexual praticante publicamente assumido”.<sup>111</sup> Segundo tal Documento, a situação se agrava porque, para a Diocese de Recife, a Igreja Anglicana já firmou uma posição a questão e agora parece querer recrudescer. Diante disso, a diocese de Recife reassume seu compromisso com o que crê ser uma decisão inegociável:

Afirmamos a nossa concordância com a Resolução 1.10 sobre a Sexualidade Humana, aprovada pela maioria da Conferência de Lambeth, de 1998 - com o voto, inclusive do seu Bispo Diocesano - em sua crença na Bíblia como fonte de ensino ético, na incompatibilidade entre a prática homossexual e as Escrituras, na condenação a bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo, e, a partir desses claros princípios, desenvolver uma prática pastoral de acolhida, escuta e apoio espiritual aos tentados e/ou praticantes dessas condutas pecaminosas; (...) Afirmamos o que estabelece o Cânon 20, Art. 3º, Parágrafo Único, alínea f, dos seus Cânones Diocesanos, que, em relação (a) aos candidatos(as) às Sagradas Ordens, cooperadores internacionais, e ministros recebidos por transferência, será exigido: "Não opção pessoal ou defesa da normalidade da prática sexual homoerótica, nem atitude homofóbica".<sup>112</sup>

Além disso, a diocese de Recife assumiu numa resolução conciliar que apenas manterá comunhão com “Províncias, Dioceses, Paróquias, agências missionárias, entidades e movimentos que, em fidelidade com as Sagradas

---

“conservadores”, de outro. Aliás, os vários matizes teológicos da discussão sobre sexualidade ainda não foram suficientemente analisados” cf. <[http://www.ieab.org.br/documentos/rel\\_cesp\\_ieab.pdf](http://www.ieab.org.br/documentos/rel_cesp_ieab.pdf)> (item, 17, p.7)>.

<sup>110</sup> Relatório completo disponível em: <[http://www.ieab.org.br/documentos/rel\\_cesp\\_ieab.pdf](http://www.ieab.org.br/documentos/rel_cesp_ieab.pdf)>.

<sup>111</sup> Op. Cit., “Apêndice – A Situação da Diocese Anglicana do Recife”, p.14.

<sup>112</sup> Id., Ibid., itens 1,3 carta do Recife, pg. 16.

Escrituras e Tradição da Igreja, não incluem, em suas normas e deliberações, a licitude da prática homoerótica e/ou a benção de uniões entre pessoas do mesmo sexo”.<sup>113</sup> Ora, esse fato por si só é suficiente para demonstrar que uma atitude de silêncio ou, no mínimo, de parcialidade quanto a um amplo debate da posição da Igreja ante à questão que envolve a homossexualidade, não evitará um confronto entre diversas posições e tendências, pelo contrário, pode inclusive gerar cisões irremediáveis<sup>114</sup>.

### 2.3.2 Igreja Metodista do Brasil

No ano 2000, a Igreja Metodista do Brasil divulgou um documento intitulado “Igreja e a Questão do Homossexualismo – Uma Orientação Pastoral”.<sup>115</sup> Sua principal motivação surge da crescente visibilidade do tema do homossexualismo na sociedade moderna. Segundo o mesmo, muito mais que apenas tratar da temática em questão, a sociedade brasileira têm assumido o papel de ditar normas de conduta, o que para a Igreja Metodista é um absurdo já que considera a sociedade brasileira como desprovida de qualquer autoridade moral balizadora. Além do mais, essa postura de considerar o homossexualismo como tendência natural irreversível e uma forma de sexualidade tão natural como a sexualidade entre homem e mulher, usando para isso concepções científicas, não pode ser tolerada pela Igreja, porque esta não baseia suas posições apenas em considerações científicas: “não podemos aceitar o homossexualismo como uma expressão natural e normal de sexualidade, porque uma resposta apenas científica não é suficiente para determinar nossa posição”.<sup>116</sup> A carta, portanto, assume o compromisso de oferecer orientações sobre o tema, bem como deixar claro qual é a posição bíblico-teológica e pastoral da Igreja Metodista sobre o assunto. A opção hermenêutica usada, embora não divirja da tendência habitual dos cristãos mais ortodoxos, suscita estranheza, principalmente pela maneira em que é exposta:

---

<sup>113</sup> XXIII Consílio (sic) Histórico 10 de dezembro de 2003, p.18.

<sup>114</sup> Não se advoga aqui o fato de que um amplo debate venha a evitar confronto ou cisões, mas que pode, pelo menos, evitar danos maiores.

<sup>115</sup> Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/index.jsp?conteudo=4497>>, último acesso em 26 de junho de 2007.

<sup>116</sup> Op. Cit., Introdução.

O primeiro texto que devemos considerar é Gênesis 18.20 e 19.1-11. Nestes textos fica claro a prática do homossexualismo como um dos símbolos das abominações, com as quais Deus não aprova e nem se agrada. Tal registro consta nas notas da Bíblia de Jerusalém (uma Bíblia de estudos) sobre o mesmo texto. O relato mostra o resultado da maravilhosa experiência de encontro com Deus vivida por Abraão no capítulo 18, no qual Deus anuncia a destruição de Sodoma e Gomorra por causa do seu pecado. Abraão, pensando em seu sobrinho Ló, que vivia em Sodoma, pergunta: "Se houver na cidade 50 justos ainda assim o Senhor destruirá?" A resposta foi que não, até quando se diminui para dez justos, o que, segundo os estudiosos, seria o número dos membros da família de Jó. O símbolo de todos os pecados cometidos pelos moradores de Sodoma é ilustrado na tentativa deles de terem relações sexuais com os mensageiros de Deus que estavam abrigados na casa de Ló, e se trata de prática homossexual, porque rejeitam a proposta de Ló, que tentando proteger seus hóspedes oferece a turba de homens às suas filhas, o que é rejeitado.<sup>117</sup>

É intrigante como os bispos que se prontificaram a tratar do tema da homossexualidade da perspectiva correta, conforme afirmação na introdução do Documento, se apressem numa exposição bíblica, cuja fundamentação depende de uma orientação (ou apoio) de uma nota de rodapé de uma Bíblia de estudo.<sup>118</sup> Se, no mínimo, pode ser considerada apressada a exposição da interpretação da Igreja de sua leitura do Antigo Testamento, não se observa uma melhora quanto ao Novo Testamento:

Romanos 1.26-27 classifica o homossexualismo, tão comum entre gregos e romanos, como paixões infames, diz no final que são passíveis de morte os que tais coisas praticam (Rm 1.32), ou ainda, instruindo a igreja em Corinto Paulo adverte: "ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros nem efeminados, nem sodomitas..." (I Co 6.9). Alguns alegam que Jesus nada disse sobre o homossexualismo. É verdade! Mas Jesus disse sobre a lei judaica, conforme apresenta Levítico e tantos outros textos. Ele disse: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra". (Mt 5.17-18).<sup>119</sup>

<sup>117</sup> Id. Ibid., Considerações sobre textos bíblicos.

<sup>118</sup> Não há problema em corroborar um determinado argumento com uma nota de rodapé, mas nesse caso, em se tratando do tema e da responsabilidade assumida pelos bispos, no mínimo, é constrangedora.

<sup>119</sup> Ibid. Idem.

Além do que parece evidente na opção hermenêutica usada no Documento, a legitimidade emprestada por Jesus a essa opção é também, no mínimo, preocupante. Quando se faz uma opção hermenêutica de forma unilateral, é preciso que se recorde que não há como não abrir mão se essa mesma opção for usada como contraditória à posição defendida.

As orientações pastorais, na fase conclusiva do Documento, separam pecados de pecadores com a famosa expressão: “abominamos o pecado, mas devemos amar os pecadores”<sup>120</sup>, a fim de demonstrar que não deve haver discriminação aos homossexuais porque são “pessoas carentes de respeito e amor”. A finalização do documento é mais incisiva quanto à posição defendida pelos bispos<sup>121</sup>:

O homossexual é, em muitos casos, uma tendência de ordem orgânica e/ou emocional, também, e como tal deve ser considerada. Ter homossexualidade não é pecado em si mesmo, o pecado é a prática desta tendência. A Igreja pode e deve contribuir para a reversão desta tendência da homossexualidade, por ser ela contrária ao padrão bíblico cristão da moral.

Embora se observem inconsistências na hermenêutica usada, a Igreja Metodista, na opinião de seus bispos, é clara quanto a sua posição e não deixa dúvidas sobre como pretende conduzir o tema.

### **2.3.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**

Em 2001, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil apresentou um documento sobre a sua posição quanto à homossexualidade e ordenação de pessoas homossexuais ao ministério ordenado da mesma. O documento denominado de “Ministério Eclesiástico e Homossexualidade. Posicionamento do Conselho da Igreja”,<sup>122</sup> apresenta cinco pontos e em cada um deles trata de forma sintética, embora não dogmática, de questões inerentes e referentes à discussão da homossexualidade e ministério ordenado. O primeiro ponto afirma o amor de Deus a todas as pessoas, sem

---

<sup>120</sup> Literalmente: “vale a frase, nós abominamos o pecado, mas devemos exercer amor semelhante ao de Jesus, para com todos os pecadores”. Id., Ibid., Orientações pastorais...

<sup>121</sup> Id. Ibidem.

<sup>122</sup> Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/articles/8242/1/Ministerio-Eclesiastico-e-homossexualidade/1.html>> último acesso em 24 de junho de 2007.

qualquer tipo de distinção e reafirma de forma inequívoca “que nenhuma pessoa é salva por causa de seu comportamento sexual”.<sup>123</sup> Isso vale para heterossexuais e para homossexuais. O segundo ponto trata a sexualidade como uma dádiva de Deus que, no entanto, precisa ser vivenciada num contexto de prestação de contas a Deus e ao próximo (responsabilidade é o termo usado no documento), dentro do matrimônio e debaixo dos ensinamentos de Deus. Em seguida, afirma que a conduta sexual pode levar (não diz de que maneira) um irmão de fé ao tropeço e ao pecado. E, por esta razão, deve-se evitar qualquer tipo de conduta sexual que venha propiciar tal situação. O terceiro ponto aborda de forma direta a homossexualidade, apresentando um cenário de incerteza, tensões e provisoriiedades:

No tocante à homossexualidade, há na atualidade em muitas igrejas cristãs um intenso debate quanto à sua natureza e quanto à correta interpretação bíblica a seu respeito. Não há, entre os especialistas, um consenso absoluto nem na ciência quanto à natureza da homossexualidade, nem na interpretação bíblica daquelas passagens que fazem alusão à homossexualidade. Tampouco há na IECLB ainda esse consenso. Ao contrário, as posições são, por vezes, frontalmente antagônicas.<sup>124</sup>

Tal cenário requer que a Igreja assuma postura de aprendizado e discernimento, procurando entender a partir das Escrituras que tipo de postura deve adotar no tratamento da questão. Ao mesmo tempo reconhece que precisa desenvolver uma “sensibilidade” pastoral no relacionamento prático para com as pessoas homossexuais e suas famílias, num cenário marcado, sobretudo, por sofrimento (não diz a que tipo de sofrimento se refere. Em nenhuma hipótese, continua o documento, as pessoas homossexuais devem ser discriminadas ou afastadas do convívio da comunidade de fé. O quarto ponto trata da questão do exercício do ministério e suas recomendações servem tanto para pessoas heterossexuais quanto para as homossexuais. Sua principal ênfase é que as pessoas que se propõe ao exercício ministerial, mesmo na pregação, devem ter boa aceitação pela comunidade e consciência que sua a conduta sexual interfere nessa aceitação. Embora a norma, segundo o documento, valha tanto para pessoas heterossexuais quanto para as

---

<sup>123</sup> Id. Ibid., item 1.

<sup>124</sup> Id. Ibid., item 3.

homossexuais, é evidente que a conduta sexual não adequada e não aceita como eticamente correta, é das pessoas homossexuais. “Um obreiro ou uma obreira que por sua maneira de ser ou de agir afronta os padrões éticos da comunidade ou cujo comportamento sexual divide a comunidade dificilmente poderá realizar um trabalho pastoral proveitoso”.<sup>125</sup> Finalmente, o quinto ponto, de certa maneira esclarece alguns “silêncios” observados no ponto anterior, mas permanece emblemático quanto ao que considera como conduta sexual “desaprovadora”:

Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesiástico na IECLB.<sup>126</sup>

Parece evidente que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil não assume um posicionamento definitivo<sup>127</sup>, porque não sabe se é possível, à luz de sua tradição, compreensão bíblica e prática eclesiástica, assumir tal posicionamento. Prefere uma posição momentânea de indefinição até que encontre um caminho alternativo, consenso ou posição definitiva.

### 2.3.4 Manifestações Recentes

Em razão de um projeto de lei que tramita no Congresso Brasileiro propondo a criminalização da homofobia,<sup>128</sup> algumas denominações publicaram

---

<sup>125</sup> Id. Ibid., item 4.

<sup>126</sup> Id. Ibid., item 5.

<sup>127</sup> Alguns líderes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil têm se reunido para discutir o tema. Um movimento da Igreja, conhecido como “Movimento Encontro”, elaborou no ano 2000, um livro intitulado “Igreja e Homossexualismo” (WEINGÄRTNER, Lindolfo (Ed.). *Igreja e homossexualismo*. Série A caminho do Reino- Reflexão e Compromisso. Curitiba: Encontro Publicações, 2000) onde aborda a questão da homossexualidade de diversas perspectivas, procurando encontrar fundamentos e direção para a postura da Igreja quanto ao assunto. Informalmente, alguns líderes da Igreja têm estudado o assunto em grupos de estudos, porque supõem que logo a Igreja deverá assumir uma posição mais clara sobre o tema, inclusive, em função das pressões que vêm sofrendo de diversos grupos.

<sup>128</sup> Lei n.º 5003 de 2001 que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, até a presente data (06 de julho de 2007) o projeto está em tramitação. Mais informações In: <<http://www.senado.gov.br/sf/>>.

e divulgaram um manifesto que expõe qual é o seu posicionamento ante ao projeto e, conseqüentemente, diante da questão da homossexualidade<sup>129</sup>.

#### 2.3.4.1 Igreja Metodista

Em 12 de abril de 2007, através do seu Colégio Episcopal, a Igreja Metodista divulgou o documento denominado de “Pronunciamento do Colégio Episcopal sobre o projeto de lei acerca da homofobia”. No referido manifesto, para se posicionar contrária ao que chama de um projeto de lei que “criminaliza toda e qualquer manifestação contra a opção sexual do homossexualismo”<sup>130</sup>, a Igreja deixa transparecer também que não houve nenhuma mudança de posicionamento do Documento<sup>131</sup> divulgado no ano 2000. Para a Igreja Metodista, quanto ao tema da orientação sexual e homossexualidade, o ensino bíblico afirma que:

Deus criou homem e mulher, e esta é a orientação sexual reconhecida pela Igreja. E este mesmo ensino Bíblico classifica como um pecado a prática do homossexualismo. Deste modo, é inalienável o direito da Igreja de pregar e ensinar no privado e no público contra a prática homossexual como um pecado e desobediência aos ensinamentos de Deus. O fato da Igreja compreender o homossexualismo desta maneira não a impede de receber, acolher e dialogar com os homossexuais. A Igreja quer, no entanto, preservar o seu direito de questionar a conduta humana, qualquer que seja ela, inclusive a conduta homossexual, de modo a poder desempenhar sua missão de pregar a reconciliação do ser humano com Deus, com o seu próximo e consigo mesmo<sup>132</sup>.

Para a Igreja Metodista há uma distinção importante em sua posição quanto ao tema. Ela se dispõe a acolher e dialogar com os homossexuais, mas condena a prática homossexual como pecado e desobediência a Deus. Embora sua definição de prática pareça ambígua quando alterna o termo por conduta, fica-se a impressão de que há algo obscuro ainda quanto ao

---

<sup>129</sup> Os diversos documentos e textos usam a expressão homossexualismo em vez de homossexualidade.

<sup>130</sup> A questão do projeto em si não será discutida aqui. Sua menção se dá como mais uma oportunidade de análise de posições protestantes acerca da homossexualidade.

<sup>131</sup> “Igreja e a Questão do Homossexualismo – Uma Orientação Pastoral” disponível em: <<http://www.metodista.org.br/index.jsp?conteudo=4497>>.

<sup>132</sup> Op. Cit. Item 3.

tratamento do tema, sobretudo quando se pergunta o que a Igreja Metodista entende como acolher e dialogar com os homossexuais.<sup>133</sup>

### 2.3.4.2 Igreja Batista

A Convenção Batista Brasileira pela primeira vez em sua história, de forma pública e com um caráter mais “documental”, também na esteira do referido projeto sobre a criminalização da homofobia, divulga em maio de 2007, sua posição no documento intitulado como “Manifesto à Nação Brasileira. Sobre a Liberdade de Expressão e Orientação Sexual do Povo Brasileiro.”<sup>134</sup> Em boa parte, norteia esse texto, as principais afirmações de outro documento Batista conhecido como “Princípios Batistas”,<sup>135</sup> segundo o qual, todos os seres humanos têm o direito a expressar suas opiniões sobre a orientação sexual, sendo favoráveis ou não, e também a pessoas homossexuais é cabido o direito a um tratamento digno e igualitário. Para os Batistas há, de forma clara e inequívoca, natural e perceptível, uma vontade expressa de Deus quanto à sexualidade:

Cremos que Deus criou o ser humano, macho e fêmea, com direitos iguais e diferenças sexuais. Essas diferenças se baseiam na constituição física, na forma de ser, de perceber o mundo, de reagir e de relacionar-se. Deus criou macho e fêmea, para que se completem e cooperem com ele na criação e na formação da humanidade.<sup>136</sup>

Além disso, quanto à questão específica da homossexualidade o documento é generalista e a menção feita não foge a tendência dos posicionamentos protestantes observados até aqui, ou seja, condenar o homossexualismo e afirmar que Deus ama os homossexuais. Mesmo que eles não sejam humanos tão dignos quanto os heterossexuais:

---

<sup>133</sup> Isso não está claro em nenhum dos documentos mencionados.

<sup>134</sup> Disponível em: <<http://www.batistas.org.br/miolo.php?canal=153&sub=698&c=&d=1>> último acesso em 23 de junho de 2007.

<sup>135</sup> Inspirado no liberalismo inglês, com grande influência dos pensamentos de John Locke, o referido documento afirma os princípios de liberdade relacionados à crença, fé e questões de consciência individual, lembrado entre os batistas mais como um argumento retórico do que uma “norma de conduta” que deva ser obedecida inquestionavelmente. Texto disponível em: <<http://www.batistas.org.br/miolo.php?canal=141&sub=631&c=&d=1>>.

<sup>136</sup> Id., Ibid., item 4.

Conclamamos todos os cristãos a proclamar e ensinar toda a verdade, conforme revelada nas Sagradas Escrituras, inclusive as orientações nelas contidas sobre a natureza da sexualidade humana. Não podemos negar que Deus Criador, o Senhor dos senhores, justo Juiz de toda a terra, condena o homossexualismo, conquanto ame os que o praticam, oferecendo-lhes o perdão e a graça que restauram a dignidade humana. (...) Conclamamos todos os cidadãos a cultivar uma convivência pacífica e respeito ao próximo, mantendo a respeitabilidade e o pudor nas relações sociais. Reconhecemos que ninguém tem o direito de coibir a escolha sexual de quem quer que seja. No entanto, essa norma não pode impedir que qualquer cidadão tenha o direito de considerar impróprio e inconveniente ou de qualificar como imoral ou inaceitável o comportamento homossexual<sup>137</sup>.

## 2.4 O Ensino Oficial Protestante: uma avaliação

Todos esses textos são claros quanto às posições defendidas pelos diversos grupos protestantes, no entanto, são ambíguos e incoerentes ou superficiais quanto aos fundamentos que os amparam. Na verdade, os diversos grupos pressupõem, no mínimo, não precisar justificar suas posições. Entre os diversos silêncios, destaca-se a necessidade de aprofundamento no diálogo interdisciplinar, nos temas teológicos relevantes, coerência na argumentação, fundamentação adequada e, por fim, enfrentamento do problema como uma necessidade proeminente para a Igreja e para o Cristianismo, e não reativamente, como alguns textos deixam transparecer, como um favor. Os textos produzidos com certo “caráter” de oficialidade são reativos e programáticos. Ou seja, quando se fala de homossexualidade não se fala sobre a homossexualidade, mas do direito de falar contra ela. Não há uma preocupação teológica e até mesmo pastoral que considere a importância do tema. Não há, sequer, um reconhecimento de que tratar da homossexualidade não é uma opção é um imperativo, é uma necessidade. Os documentos protestantes de caráter oficial parecem ignorar que a homossexualidade não é algo de fora, os seus principais argumentos parecem erguer-se contra uma tendência social que lhe é alheia.

---

<sup>137</sup> Id., Ibid. O texto repete numerações usadas em parágrafos anteriores, e novamente esses itens são enumerados como 3 e 4.

## 2.5 O Discurso Religioso-Cristão e a Homossexualidade: Uma Síntese.

A Igreja Católica, possivelmente por ainda achar-se a guardiã do mundo, ou dos valores “divinos” para o mundo, tem tido uma produção textual considerável se comparada ao Protestantismo, para os quais parece, o mundo é bem menor, cabe no quintal. Essa variedade dos Documentos Católicos esposa não apenas uma reação a uma mudança na conduta ético-sexual de algumas sociedades, como também um desejo de se fazer ouvida, mesmo que essa estratégia inicial (de monólogo) não alcance os resultados esperados. É possível observar ainda, nos textos católicos uma dependência da epistemologia jurídica. Tendência que, guardada as devidas características, também é acompanhada pelas Igrejas Protestantes. É possível observar certa insistência intermitente no binômio lei natural, razão natural (reta razão). A norma correta e orientadora é heterossexista, legitimada pelo matrimônio funcional (procriador). O casamento heterossexual não é apenas a reta criação é modelar também para qualquer outro tipo de relação. Uma relação homossexual, por exemplo, não é só ilegítima como pernicioso ao modelo que deve ser mantido.

Quase não há menção a homossexualidade feminina. Há um silêncio (re) velado que de alguma maneira confirma certa tendência na sociedade quanto ao tema quando relacionado com as mulheres<sup>138</sup>. A pessoa homossexual, embora os Documentos sinalizem em prol de sua dignidade, é um ser híbrido, não é natural, é contrário à lei. Não pode querer ser homossexual, pode ser tolerado homossexual, ou confessar-se como impotente para não sê-lo. As relações homossexuais não são privadas, porque não podem ser privadas relações que afetam a ordem criada por Deus, atestada pela lei natural e institucionalizada pelo matrimônio funcional.<sup>139</sup> Por outro lado, o simples reconhecimento de certa homossexualidade não “querida” ou reprimida, não impede o exercício do ministério. É possível trabalhar vocações em pessoas homossexuais desde que, metaforicamente lembrando Orígenes, algo que lhe é próprio, mas que não deveria, seja arrancado e se

---

<sup>138</sup> Há uma insistência histórica em privar as mulheres de sua sexualidade fartamente documentada.

<sup>139</sup> Não apenas matrimônio motivado pelo amor, mas, matrimônio que instrumentaliza a procriação.

ponha estanque e confinado a certo limbo do qual jamais escape. Esse simples reconhecimento tem possibilitado programas específicos de apoio e condução vocacional às pessoas homossexuais, inclusive com uma produção textual em crescimento.<sup>140</sup> No caso do Protestantismo, ainda é possível observar uma resistência muito maior a idéia de “vocação homossexual” e a maioria dos programas e produção textual ainda caminha pela via do retorno, ou seja, possibilidade de “cura” da homossexualidade. Comparativamente, embora as conclusões sejam parecidas entre o Protestantismo e Catolicismo,   possível perceber nesse último, uma preocupação maior em fundamentar seus argumentos de forma mais elaborada, antecipando-se, inclusive, à possibilidade ou não, de ordenação ao ministério por parte de pessoas homossexuais.

---

<sup>140</sup> Ver, por exemplo, OLIVEIRA, Moreira J. L. *Acompanhamento de voca es homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007; CECINI, Amedeo. *Quando a carne   fraca. O discernimento vocacional diante da imaturidade e das patologias do desenvolvimento afetivo-sexual*. São Paulo: Paulinas, 2006.

### 3. CRISTIANISMO E HOMOSSEXUALIDADE: OUTRAS VOZES.

Os textos oficiais produzidos pelas principais correntes cristãs no Brasil, de certa maneira, já estabeleceram as principais bases de seu discurso sobre a homossexualidade e sobre a identidade da pessoa homossexual. Na teologia esposada por essas correntes, há um plano original de Deus, evidenciado na natureza, normativo, modelar: homem, mulher, matrimônio e geração de filhos. Esse plano divino encontra amparo não apenas nas Escrituras Sagradas, Tradição Eclesiástica, como também está confirmativamente “impresso” na natureza e ao alcance de uma razão “não contaminada”, ou seja, de uma reta razão. De uma razão que se articule dentro desse modelo já anunciado. Em virtude de tal concepção, encarar a homossexualidade como uma possibilidade legítima, além de pensar qualquer alternativa identitária para a pessoa homossexual não cabe na lógica do discurso cristão oficial produzido no Brasil. Essa lógica considera a homossexualidade como desvio, desrespeito, rebeldia, pecado e desobediência. A sua fórmula é simples: Deus disse, a natureza atesta, a bíblia confirma e a Igreja preserva. Como sair de tal dilema? Antes de uma resposta conclusiva, é de suma importância perceber de que forma os textos considerados não oficiais ou acadêmicos produzidos no Brasil Cristão de matriz Protestante<sup>1</sup>, enfrentaram essa moldura discursiva, a partir da qual a Teologia dominante elaborou (ou tem defendido) suas principais opiniões em relação à homossexualidade. Num segundo plano, embora não menos importante, é fundamental compreender como a pessoa homossexual é retratada nesses textos e, à luz das primeiras conclusões, quais os possíveis caminhos ou alternativas que se descortinam diante da hipótese de acolhimento da pessoa homossexual, e abertura quanto ao exercício de sua espiritualidade.<sup>2</sup>

As abordagens contemporâneas e não oficiais sobre homossexualidade do ponto de vista da religião, especificamente do ponto de vista do cristianismo,

---

<sup>1</sup> Interessa aqui os textos de viés Protestante, em virtude, principalmente do recorte proposto por toda a investigação ensejada na presente tese.

<sup>2</sup> Embora faça parte da hipótese principal o abandono do termo “pessoa homossexual”, para evitar uma confusão conceitual com os textos aqui analisados, ele vai ser mantido ao longo do capítulo.

obedecem a uma estrutura concebida numa articulação de três eixos básicos: desconstrução ideológico-cultural, reconstrução identitária e vigilância política. As formulações bíblicas que poderiam servir de alusão, contestação ou abordagens da homossexualidade, estão prejudicadas por estarem comprometidas ideologicamente. Portanto, a leitura destes textos não é suficiente sem uma redefinição de compreensões (desconstruções) a respeito de gênero e identidade de gênero e dos novos limites inclusivos que esses conceitos precisam pressupor para reavaliação da postura e prática da comunidade cristã em relação à homossexualidade. Assim, por exemplo, a possibilidade ou não que pessoas homossexuais possam desenvolver um ministério reconhecido pela Igreja. Por outro lado, a vigilância política exercida por movimentos organizados assegura a “ilegitimidade” das conclusões com intimidações de caráter ideológico. Ou seja, a comunidade cristã brasileira pensa assim porque está envelhecida, surda para com os questionamentos sociais e ainda presa a preconceitos passados, tais como a influência de idéias maniqueístas e ideologias machistas, dentre as quais, que o sexo deve ocupar um lugar de promotor de virtudes, atendo-se a sua função biológica natural – como a procriação.

Um dos primeiros e grandes desafios nessa busca por abordagens alternativas é encontrar justamente as bases que a justifiquem. A partir de quais pressupostos é possível uma seleção de textos não oficiais sobre a homossexualidade, que permita a busca de outros subsídios que não os mesmos adotados e contra os quais se pretende o confronto? Qualquer que sejam esses subsídios, serão sempre arbitrários, vistos a partir de uma perspectiva particular e, portanto, passíveis de serem contestados. Mesmo com todos os riscos que tal escolha possa suscitar, parece mais seguro estabelecer alguns parâmetros iniciais: a) A exclusão de textos de caráter exclusivamente dogmáticos e apologéticos;<sup>3</sup> b) Busca por textos que tenham sido elaborados

---

<sup>3</sup> Por exemplo, há um e-book distribuído pela internet e disponível em alguns sites denominado de “A Ilusão do Movimento Gay” de Júlio Severo. O blog do autor disponibiliza o e-book (<http://juliosevero.blogspot.com/2007/07/pedofilia-e-homossexualismo.html>) e ainda o apresenta de forma peculiar: “Os ativistas homossexuais rotineiramente alegam que o homossexualismo nada tem a ver com pedofilia. Mas quer saber o que os homossexuais pensam entre si? Aliás, alguns não só pensam, mas já estão começando a abrir o armário da verdade oculta da pedofilia.

como fruto de estudos e pesquisas deliberados. Textos que pretendam enfrentar os problemas relativos à temática em pauta pelas mais diversas vias; c) Textos que possam representar, pelo menos parcialmente, certa tendência conceitual. Seja em referência a epistemologia adotada, seja em razão das teorias dominantes<sup>4</sup>; d) Textos que abordem pontualmente a possibilidade do exercício e expressão da espiritualidade, vocação ou ordenação de pessoas homossexuais ou que proponham uma reformulação teológica em função da realidade homossexual. Embora, na seleção proposta, grande parte dos textos selecionados seja produzida a partir de um terreno ecumênico, não é possível negar, em boa parte deles, uma influência protestante, seja na escolha do cenário, a partir do qual, são elaborados, ou, nos encaminhamentos conceituais que os fundamentam.

Partindo de tais parâmetros como reguladores iniciais, esse capítulo deter-se-á, primeiramente, nos estudos produzidos na Universidade Metodista de São Paulo, a partir de uma importante iniciativa em 1999, num debate liderado pelo Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina-NETMAL<sup>5</sup>, que resultou no trabalho publicado pela Revista Mandrágora sob o título “Religião e Homossexualidade”. A segunda seleção de textos é fruto de um trabalho deliberado de reflexão, iniciado pelo Movimento Encontro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em 2000. Essa coletânea surgiu em meio a um debate iniciado na Igreja sobre a possibilidade ou não de ordenação de pessoas homossexuais ao ministério. Como terceiro grupo, os estudos e textos oriundos ou patrocinados pelas discussões abrigadas na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, publicados a partir de 2005. E, finalizando a seleção de textos, as contribuições de André Sidnei Musskopf (Talar Rosa (2005) e Uma Brecha no Armário (2002).

---

<sup>4</sup> Por exemplo, uso da instrumentalidade e epistemologias advindas da Teologia da Libertação ou dos movimentos feministas.

<sup>5</sup> Ligado ao Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e do Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião.

### 3.1 Revista Mandrágora: Religião e Homossexualidade

O Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina (NETMAL) reuniu em sua publicação, “Revista Mandrágora”, uma série de artigos, resenhas, poesias e entrevistas sobre Religião e Homossexualidade. Os textos foram organizados em 5 áreas temáticas: a) Ética, Psicanálise e Homossexualidade; b) Posturas Religiosas diante da Homossexualidade; c) Bíblia e Homossexualidade; d) Entrevistas e Experiências; e) Espiritualidade. A temática escolhida, bem como os artigos selecionados, é apresentada como uma oportunidade de: “desarranjar a ideologia que nos faz ver a perversão, anormalidade e desvio”<sup>6</sup> presentes na questão que envolve a relação religião-homossexualidade. Dessa maneira, a reflexão ético-teológica encaminhada pela revista, nesse número, vem para “desconstruir o entulho ideológico-religioso que pesa sobre a homossexualidade”<sup>7</sup>. Embora, no seu todo, Mandrágora, traga uma contribuição importante para a discussão da religião em sua relação com a homossexualidade, o presente capítulo privilegiará aspectos na mesma, que envolvam a perspectiva cristã dessa relação. Nesse recorte perguntar-se-á por fundamentos teóricos e tendências que anteparem as reflexões apresentadas<sup>8</sup>.

No primeiro texto a ser analisado, Luiza Etsuko Tomita propõe-se a abordar o que denomina de “alguns pontos para a reflexão no debate ético-teológico sobre a homossexualidade”.<sup>9</sup> O texto assume um caráter dogmático nas afirmações feitas, tomando algumas questões como certas sem que para isso sejam fornecidos argumentos adequados.<sup>10</sup> De certa maneira, o texto surge fragmentado, mesclando vários conceitos e tendências que, embora não antagonicos, prescindem de uma devida conexão com o tema proposto<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. Apresentação. Mandrágora, n°. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.5.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Por exemplo, dependência bibliográfica, instrumental hermenêutico, perspectiva de gênero adotada, etc.

<sup>9</sup> Op.Cit., p.11-21.

<sup>10</sup> Ver, por exemplo: “a religião-judaico-cristã tem sido a grande responsável pela idéia de perversão sexual, visto que foi ela que estabeleceu na cultura ocidental, o que é “natural” e o que é “antinatural”, p.11. Não há consenso de que a religião cristã tenha estabelecido o conceito do que seja “natural” e “antinatural” na cultura ocidental.

<sup>11</sup> É possível que tal fato advenha de sua dependência quase exclusiva de GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São

Conquanto esses aspectos estruturais não possam ser ignorados, a reflexão proposta pela autora torna-se relevante por antecipar ou mesmo tornar a colocar em pauta alguns dos principais aspectos do debate ético-teológico sobre a homossexualidade.

A normatização do natural e antinatural pela religião judaico-cristã, na perspectiva da autora, além de tecer as normas éticas que regem a vida social na sociedade ocidental, impõe ao homossexual<sup>12</sup> que deseja ser cristão, uma vida de rejeição ao erotismo e a abstenção de relações sexuais.<sup>13</sup> Tal exigência, prossegue a autora, é fruto de uma “Teologia do sacrifício que é baseada na teologia da cruz (a qual interpreta equivocadamente a cruz de Cristo, como único caminho para atingir o céu, isto é, a exigência de sofrimento na terra para ser feliz após a morte”.<sup>14</sup> Luiza Tomita apresenta a idéia da construção de uma “teologia da homossexualidade” que possa ser embasada em novos conceitos advindos de uma perspectiva multidisciplinar, reunindo, portanto, contribuições da antropologia, ética, filosofia, psicologia e estética, a partir das quais, os conceitos de amor, respeito, prazer, gozo, felicidade e dignidade possam ser colocados em um novo patamar.<sup>15</sup> Apropriando-se do texto de Giddens<sup>16</sup>, a autora cita resultados do relatório Kinsey, particularmente aqueles que se referem a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como um dado que traz à luz o fato da homossexualidade ser mais comum do que se supõe, concluindo que relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo equivale à homossexualidade assumida.<sup>17</sup> Para ela, relatórios como o de Kinsey ajudaram a desmistificar o conceito de normalidade nas práticas sexuais.<sup>18</sup> E, mesmo reconhecendo uma ideologia de “controle do corpo e da

---

Paulo: UNESP, 1993. Pelo próprio propósito de sua obra, Giddens trata de assuntos variados e parte de análises próprias e críticas a alguns teóricos, como por exemplo, Michel Foucault. O recorte de abordagens de Giddens e sua inclusão, como uma espécie de bricolagem, em outro arcabouço teórico faz com que a autora mencione vários temas de forma geral e não chegue a nenhuma conclusão mais aprofundada em especial.

<sup>12</sup> Expressão usada pela autora.

<sup>13</sup> Id., *Ibid.*, p.11.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> *Op.Cit.*, p.12.

<sup>16</sup> A maneira pela qual ela aborda a questão, inclusive colocando a bibliografia referente à Kinsey, induz o leitor a pensar que é pesquisa própria. No entanto, a referência ao relatório, maneira pela qual é abordado, questões e aplicações são todas de Giddens (*op.Cit.*).

<sup>17</sup> Essa questão precisa ser discutida com mais profundidade. Não há consenso de que relação sexual com pessoas do mesmo sexo possa ser considerado como admissão de homossexualidade.

<sup>18</sup> Id., *Ibid.*, p.14.

sexualidade pelo cristianismo”,<sup>19</sup> conclui que nem no judaísmo e nem nos escritos de Cristo havia uma visão pessimista sobre o sexo. Tal característica era predominante na “filosofia grega clássica (platônica) e havia se infiltrado no cristianismo via influência da cultura helênica do mundo greco-romano, ambiente no qual florescera a religião Cristã. Ainda por influência do estoicismo e da vida monástica, a castidade tornar-se-ia a mais importante virtude cristã, resultando numa moral bastante repressora em relação ao corpo e à sexualidade.<sup>20</sup>

Apropriando-se da perspectiva de sexualidade e poder,<sup>21</sup> ela conclui que, além dos construtos biológicos, a sexualidade é fruto de uma elaboração social operada dentro dos campos de poder, normatizada sob a influência do contexto sócio-político no qual está inserida.<sup>22</sup> Portanto, para entender sua lógica é preciso reconstituir o cenário na qual os mecanismos que a engendraram foram elaborados. Para ela, as abordagens bíblicas que tratam da homossexualidade, independentemente da posição adotada, firmam-se em “interpretações equivocadas, misturando textos de épocas diferentes e trabalhando com releituras bíblicas”.<sup>23</sup> Leituras como essas têm como resultados, por exemplo, que o homoerotismo seja pecado susceptível de castigo.<sup>24</sup> Ela defende como uma hermenêutica apropriada dos textos bíblicos, aquela que principia por uma contextualização e percebe a influência cultural presente nos mesmos, separando-se épocas e costumes, e também o que é próprio do judaísmo daquilo que se encontra nos textos pós-paulinos<sup>25</sup>. Além disso, é preciso separar a exegese dos textos das releituras dos mesmos.<sup>26</sup> Os autores atuais, diz Luiza Tomita, tem as releituras como uma característica predominante de seus trabalhos, resultando em interpretações equivocadas, como é o caso, diz a autora, das interpretações ortodoxas de textos do Antigo Testamento que tratam da homossexualidade.<sup>27</sup>

---

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Op. Cit., p.15.

<sup>21</sup> A autora segue as reflexões de Marilena Chauí (CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984) e Anthony Giddens (Op.Cit.).

<sup>22</sup> Op.Cit., p.15.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Segundo ela, influenciados pela cultura helênica e pelo dualismo platônico.

<sup>26</sup> Op. Cit., p.15,16. Essa posição é inexecutável. Posições contraditórias dentro do cristianismo quando tratam do tema da homossexualidade dizem a mesma coisa.

<sup>27</sup> Id. Ibid., p.16.

Retomando o propósito principal de seu texto – a abordagem ético-teológica da homossexualidade – para se alcançar uma ética libertadora, diz ela, será fundamental, em primeiro lugar, superar a moral católica que “sempre combateu qualquer tipo de prática sexual não dirigida à procriação: o combate à masturbação, ao homossexualismo, às práticas sexuais antes e fora do casamento, aborto e contracepção”.<sup>28</sup> Além disso, é preciso apropriar-se da perspectiva defendida pelas teólogas feministas no contexto de experiência concreta das mulheres como ponto de partida. Assim, à semelhança delas, os homossexuais, sujeitos excluídos dentro do sistema patriarcal, poderiam rumar a uma ética libertadora.<sup>29</sup>

Na avaliação do debate teológico, a autora considera que houve uma evolução na postura católica quanto à homossexualidade, perceptível numa comparação entre o documento<sup>30</sup> de 1975, “Pessoa Humana”<sup>31</sup> e o documento “Sexualidade Humana. Verdade e significado”.<sup>32</sup>

(...) pode-se perceber que a compreensão sobre o homossexualismo passou por um evidente progresso, em relação ao documento de 1975, a *Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé*. Em nenhum momento se percebe sequer a idéia de perversão ou anomalia sexual, presentes explicitamente no documento anterior. Entretanto, ainda existe uma certa condenação, a partir de uma distinção entre o que seria tendência inata e os atos propriamente homossexuais, considerados como “desordenados” e “contrários à lei natural”.<sup>33</sup>

Parece que tanto Luiza Tomita, quanto Kosnik não perceberam uma mudança sutil, não na conceituação, mas na postura em relação à homossexualidade. O referido Documento, na verdade, não deixa transparecer

---

<sup>28</sup> Id. Ibid., p.17.

<sup>29</sup> Ibidem. Acho que valeria a pena aprofundar a questão sobre até que ponto uma situação de exclusão da mulher no contexto de dominação do homem poderia aplicar-se integralmente ao caso dos homossexuais, sobretudo daqueles do sexo masculino. Giddens levanta a hipótese que a relação homossexual na atualidade, em muitos casos, seja uma maneira dos homens preservarem-se das ameaças de um modelo de “mulher atual” com características marcadamente igualitárias.

<sup>30</sup> Na verdade, a autora não soube dizer exatamente qual o documento. A referência no texto é a “um documento de 1975, a Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé”. Isso, porque ela se apropriou de uma informação de Kosnik, Anthony (coord.). *A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.251.

<sup>31</sup> A Pessoa Humana. Declaração sobre alguns pontos de ética sexual. In: *SEDOC*, vol. 8, No. 91, 1976, p. 1031- 1042.

<sup>32</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO. Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família. Roma: Biblioteca do Vaticano, 1995.

<sup>33</sup> Op. Cit., p.18.

mudança alguma que sugira o abandono de idéias de perversão ou anomalia. A mudança ocorre na recomendação para certo equilíbrio que os jovens precisam ter como espécie de critério que os permita discernir os conceitos de normalidade, anomalia, culpa sugestiva e desordem objetiva. O que há é um reconhecimento que não se pode taxar a homossexualidade, de forma indiscriminada, sem uma análise profunda, como perversão ou anomalia sexual.<sup>34</sup> Entre as novas tendências de abordagens não oficiais feitas por teólogos católicos, parece surgir com força a de que a homossexualidade seria uma forma diferente de ser, sentir e viver a sexualidade como atitude autêntica. Uma releitura dos evangelhos sob essa ótica possibilitaria perceber que:

A cruel discriminação contra os homossexuais não tem fundamento algum nem na razão nem no Evangelho. Se o Evangelho nos propõe criar novas relações humanas, baseadas na justiça e fraternidade, se na comunidade cristã toma alento um novo espírito que elimina a todas as relações de exploração e domínio, é preciso estudar a maneira de como isso se torne realidade também no mundo dos homossexuais.<sup>35</sup>

Na conclusão de seu artigo, aponta para outra tendência atual em relação à homossexualidade: considerá-la como uma opção pessoal, direito ou ato de resistência.<sup>36</sup> Tal tendência, deve se apoiar numa desconstrução de teorias filosófico-teológicas que controlaram o corpo e reprimiram a sexualidade de mulheres e homens através de instruções autoritárias.<sup>37</sup>

Christian Paul de Barchifontaine, relacionando ética e homossexualidade,<sup>38</sup> diz que muitos debates sobre a homossexualidade são confusos, perturbadores, repletos de preconceitos, temores e argumentos sem fundamentos<sup>39</sup>. Em parte, ele argumenta que tal situação deve-se à influência de uma cultura moldada pelo cânone patriarcal vigente no judaísmo e no

<sup>34</sup> Cf. "Adolescência no projeto de vida", item 104 In CONSELHO PONTIFÍCIO. *Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família*. Roma: Biblioteca do Vaticano, 1995.

<sup>35</sup> Benjamin Forcano Cebollada *apud* Luiza Tomita, op.cit., p.19.

<sup>36</sup> Nesse ponto ela faz um comentário, no mínimo, curioso: esses novos rumos não querem dizer exatamente apoio ao slogan "nosso corpo nos pertence" ou mesmo num "libertinismo sexual", p.21.

<sup>37</sup> Op. Cit., p.21.

<sup>38</sup> *Ética e homossexualidade* In Mandrágora, n°. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.23-25.

<sup>39</sup> "Mais do que os elementos da razão e da tranquilidade" completa o autor, p.23. Esse tipo de afirmação tem lugar comum em torno do tema da homossexualidade quando os "outros" discursos são apresentados como incoerentes, injustificados, irracionais, sem fundamentos, etc.

cristianismo que condena tudo o que não cabe no modelo de virilidade.<sup>40</sup> Esse tipo de cenário, aliado à perspectiva do homem comum, permite introduzir a idéia de sexualidade traída, ou seja, “cada um de nós nasce com uma identidade sexual genética e fisiologicamente determinada, e sabemos que, por razões intrínsecas à sobrevivência da espécie, a orientação mais difundida é para a escolha heterossexual”.<sup>41</sup>

Algumas afirmações do autor são emblemáticas. A primeira delas diz que as pessoas homossexuais<sup>42</sup> podem contribuir para a sociedade com “dons especiais de humanidade e afetividade”.<sup>43</sup> Outra, que “o (a) homossexual é uma pessoa feita à imagem de Deus, capaz de amar e de ser amada”. Tais declarações sugerem, no mínimo, uma confusão de gênero<sup>44</sup>. De certa maneira, ele, segue o *script* comum de grande parte dos autores desse número de Mandrágora. Ou seja, textos fragmentados, idéias truncadas e sem conexão lógica, sem uma fundamentação adequada. A impressão<sup>45</sup> é que esses autores estão tendo contato com vertentes variadas do debate sobre homossexualidade sem o devido tempo de compreendê-las adequadamente.<sup>46</sup> Além disso, certas afirmações são preocupantes, não tanto em relação ao seu teor, mas em relação à lógica de sua inserção, descontextualizada, muitas vezes, em relação ao próprio texto em questão. Nesse sentido, Christian Barchifontaine nos dá mais um exemplo:

Se a homossexualidade fosse legalizada, disfarçadamente e sem muito rumor, não suscitaria mais nenhuma reação tabu e defensiva, porque seria inscrita normalmente na ordem social e ninguém mais pensaria nela. A perversão não é do indivíduo, mas da sociedade, que se obstina em negar uma realidade que sempre fez parte de todas as coletividades humanas.<sup>47</sup>

---

<sup>40</sup> Op. Cit., p.23.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> O autor usa a expressão “os homossexuais”.

<sup>43</sup> Op. Cit., p.24.

<sup>44</sup> Alguns autores tendem a atribuir a homossexuais masculinos, por exemplo, características femininas. Ora, tal tendência demonstra uma inclinação no sentido de considerar alguém que se declara homossexual, como alguém que foge não da heterossexualidade, mas da “masculinidade”(?).

<sup>45</sup> Se é que se pode falar de impressão numa análise de texto.

<sup>46</sup> Por exemplo, o autor resume uma conceituação de Reich sobre homossexualidade, retirado de Encyclopedia of Bioethics, no entanto, sem desenvolver seu argumento coerentemente, introduz imediatamente o conceito de identidade psicosssexual, estágios da identidade psicosssexual, sem definir tais termos e muito menos argumentar em prol de sua importância no debate.

<sup>47</sup> Op. Cit., p.25.

Em “O Pecado Silencioso”<sup>48</sup>, Luiz Fernando Pereira Garupe se propõe a levantar algumas questões importantes em torno do debate acerca da homossexualidade feminina.<sup>49</sup> Segundo ele, de forma geral, os livros sobre a história da sexualidade tendem a ignorar a história da homossexualidade feminina. Tal fato pode ser observado numa comparação dos textos escritos sobre a homossexualidade masculina, desde a idade média até a contemporaneidade. Na relação que faz com a posição bíblica, o autor sugere que o único texto bíblico a partir do qual se poderia supor uma menção a homossexualidade feminina seria a Epístola de Paulo aos Romanos:

A única alusão possível em toda a Bíblia, sobre a homossexualidade feminina, poderia ser a Epístola de Paulo aos Romanos: “...suas mulheres trocaram o uso natural pelo antinatural”. O paralelo que se segue “igualmente os homens deixaram o uso natural da mulher” (Rm 1,26), levaria a subtender anteriormente “o uso natural do homem”. Mas é bem possível que a palavra implícita fosse “o corpo, em cujo caso o uso antinatural deste se referiria a posturas antinaturais no ato sexual.”<sup>50</sup>

No caso específico desse texto, o autor levanta a possibilidade de que o apóstolo Paulo tem como objetivo principal tratar da subordinação da mulher ao homem e não da relação sexual em si, e que a leitura que põe em relevo a questão sexual é posterior:

Ambrósio no século IV, explicando a passagem declarou: “Ele testifica que, estando Deus zangado com a raça humana por causa de sua idolatria, acontecia de uma mulher desejar outra mulher pelo hábito de vergonhosa luxúria”. João Crisóstomo um século depois acrescentou: “é ainda mais vergonhoso que uma mulher busque esse tipo de relações, porque elas deveriam ser mais castas do que os homens”. O comentário de Anselmo no século XII sobre Romanos 1,26 era: “Assim as mulheres transformaram suas relações naturais em relações antinaturais porque as próprias mulheres cometeram atos vergonhosos com mulheres. Agostinho em 432, previne sua irmã, que tinha feito os votos solenes que “o amor que vocês têm à outra não deve ser carnal, mas espiritual: pois essas coisas são praticadas por mulheres impuras, inclusive com mulheres, em gracejos e brincadeiras vergonhosas...”<sup>51</sup>

<sup>48</sup> *O pecado silencioso*. In Mandrágora, n.º. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.30-33.

<sup>49</sup> O autor alterna os termos usados, ora para lésbicas, ora para mulheres homossexuais ou homossexualidade feminina. Para normatização do texto, o termo usado será o de homossexualidade feminina, salvo, citação direta.

<sup>50</sup> Id. Ibid., p. 31.

<sup>51</sup> Ibidem.

A falta de uma menção mais específica à homossexualidade feminina tem a ver com o que ele nomeia como vontade de “descrever”, ou seja, “aquilo sobre o qual ninguém fala ou escreve não existe”.<sup>52</sup> Além disso, prossegue, há a possibilidade que não mencionar a homossexualidade feminina, seja reflexo de uma reação masculina ao que se consideraria como um desafio imposto pelas mulheres, já que essas eram consideradas inferiores.<sup>53</sup> Portanto, todo o silêncio em relação à homossexualidade feminina é fruto de um sistema opressor, tirânico, heterossexista, sexofóbico e machista que é o patriarcado.<sup>54</sup>

Luiz Mott em “A Igreja e a questão homossexual no Brasil”<sup>55</sup> observa que em questões político-sociais, as igrejas cristãs no Brasil são “jovens e arrojadas”, mas, em questões de moral-sexual, continuam dominadas pelas trevas da intolerância.<sup>56</sup> A explicação para o que chama de sexofobia em nosso país, ele encontra na história: Para dominar os escravos, os homens detentores do poder teriam desenvolvido códigos extremamente rígidos de dominação. Nas colônias escravistas, por exemplo, o machismo era mais violento e intransigente que o praticado nas metrópoles do Velho Mundo “pois só ‘cabras muito machos’ conseguiam garantir os privilégios da minoria senhorial”.<sup>57</sup> Por situações como essas, o homoerotismo era associado à efeminação e androginia:

Não havia absolutamente no mundo colonial lugar para homens—delicados, efeminados, homens que se deixassem cavalgar por outros machos. Por conseguinte, pais e mães encarregavam-se de socializar seus filhos varões nos padrões mais rígidos do machismo, temendo como à peste, qualquer gesto ou manifestação homossexual, posto ameaçar a própria sobrevivência dos descendentes europeus no Novo Mundo.<sup>58</sup>

Para Luiz Mott, essa repressão à homossexualidade só foi possível graças a uma união entre a Igreja e o Estado: “A espada e a cruz uniram-se para exorcizar o deletério perigo representado pela tentação homossexual,

---

<sup>52</sup> Op.Cit., p.31. De certa forma, ele retoma uma idéia recorrente em Foucault (por exemplo: *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006) que de forma positiva também diz que algo “nomeado” ganha estatuto de existência.

<sup>53</sup> Op.Cit., p.32.

<sup>54</sup> Id. Ibid., p. 33.

<sup>55</sup> *A Igreja e a questão homossexual no Brasil*. In Mandrágora, n°. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.37-41.

<sup>56</sup> Mott citando Schifer, id. Ibid., p.37.

<sup>57</sup> Id. Ibid., p.37.

<sup>58</sup> Ibidem.

sobretudo masculina”.<sup>59</sup> Como a homossexualidade<sup>60</sup> foi relacionada com a sodomia principalmente durante as punições da Santa Inquisição, para evitar estigmas, perda do poder político e acesso a cargos públicos, exército, igreja e famílias agiam com um rigor exagerado na repressão à homossexualidade. É a partir desse pano de fundo que se desenvolveu uma:

Repressão atroz com que os pais e demais parentes tratavam os filhos que ostentassem a menor tendência em praticar “o abominável e nefando crime de sodomia – o mais torpe, sujo e desonesto pecado, pelo qual Deus manda todos os castigos à humanidade.”<sup>61</sup>

De acordo com o autor, se fosse escrito uma história da teologia moral no Brasil, perceber-se-ia o relacionamento homoerótico de padres e também de religiosos. Ele diz que tal fato pode ser comprovado em vários documentos da época da inquisição. Em um dos relatos que narra, dois aspectos presentes em muitos debates em torno da homossexualidade são evidenciados: A característica feminina atribuída a homossexuais, em geral, pelo senso comum, e a participação de homossexuais com a religião:

Um caso ocorrido na vila de Tiradentes, MG, em 1795, é emblemático: dois comissários do Santo Ofício ao serem consultados pelo promotor da Inquisição de Lisboa a respeito de um tal capitão Manuel José Correia, acusado de ser sodomita “público e escandaloso”, os referidos sacerdotes contentam-se em referi-lo como “tendo o gênio de mulher e muito extravagante, não obstante, suas ações de católico serem edificantes, tendo feito várias festas nesta matriz de S. José com todo zelo ao culto divino, além de ter em sua casa um santuário que é o melhor que existe em toda a comarca...”<sup>62</sup>

Através de relatos como esse é possível supor que o clero, na época da Colônia, em geral, não considerava a homossexualidade conduta merecedora de tamanha condenação moral. Aliás, em muitas situações tratava até com indiferença os diversos casos de seu conhecimento. Inclusive, excetuando das perguntas do processo de *habilitação de gênero* e do exame aos candidatos ao presbiterato na hierarquia católica, perguntas sobre sua vida sexual, mais

---

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> No caso, a homossexualidade masculina, pois, conforme diz Mott (citando Bellini), em meados do século XVII a *sodomia foeminarum* deixou de ser crime do conhecimento do Santo Ofício.

<sup>61</sup> Id. Ibid., p.37

<sup>62</sup> Id. Ibid., p.38.

precisamente sobre a condição de serem ou não sodomitas<sup>63</sup>. Esse tipo de postura da Igreja, na visão de Luiz Mott, revelava uma grande contradição que contrapunha leis condenatórias do amor entre pessoas do mesmo sexo com uma postura de envolvimento do clero secular e regular com o homoerotismo. Para explicar tal fato, ele busca em Boswell, os argumentos necessários:

...foi só no século XVI que a Cristandade começa a condenar e perseguir sistematicamente tanto os praticantes do amor unissexual, os sodomitas, quanto os praticantes da Lei de Moisés, os judeus. Durante mais de um milênio, abundante documentação comprova que o amor entre varões era fartamente praticado por leigos e religiosos, sem merecer repulsa maior por parte da população em geral, sendo inclusive abençoado pela Igreja em rituais que antecederam e fazem lembrar os enlances matrimoniais de casais do sexo oposto.<sup>64</sup>

Segundo o autor, a Igreja não pode continuar no presente, perpetuando as mesmas fobias e condenações observadas em tempos passados. Celebrando ventos de novos tempos, cita o que considera duas importantes contribuições católicas em prol de uma nova atitude em relação aos homossexuais. A primeira, “Eles também são da nossa estirpe: Considerações sobre a homofilia”,<sup>65</sup> onde o Padre Jaime Snoeck demonstra uma atitude pró-homófila. A outra, do dominicano frei Xico, fundador do que Mott aponta como “o mais esquerdista dos jornais católicos de nossa história” com um discurso em que afirma:

O homossexualismo é uma manifestação de amor. O homossexual é uma criatura que ama imensamente seus irmãos e manifesta esse amor à sua maneira. O homossexualismo é antítese do capitalismo, pois o capitalista odeia seus semelhantes por ser cada um seu concorrente. O Cristo não veio ao mundo para condenar e sim para pregar o amor.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> A expressão aos candidatos ao presbiterato é se praticavam ou tinham praticado o “vício dos clérigos”, p.39.

<sup>64</sup> BOSWELL, John. *Cristianismo, tolerância social y homossexualidad*. Barcelona: Muchnik, 1993. A versão de Mott é em inglês (edição de 1980); BOSWELL, John. *Same sex union in pre-modern Europe*.

<sup>65</sup> SNOECK, Padre Jaime. Eles também são da nossa estirpe. In: *Revista Vozes*, n°. 61, 1967, p.792-803.

<sup>66</sup> Op. Cit., p.40.

Na perspectiva protestante, a contribuição realçada por Luiz Mott é a do controvérsido<sup>67</sup> pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, Nehemias Marien, principalmente, porque para ele.<sup>68</sup>

...o homossexualismo é uma prática de amor... Na homossexualidade se pratica o amor liberto de todas as formas de preconceitos, numa entrega plena e sem restrições. Por isso, mais puro e sincero. A Igreja não tem o direito de sonegar a benção divina a duas almas gêmeas, não necessariamente macho e fêmea, quando estas se encontram no amor. E não raro, com mais sabor de ágape que de Eros. A igreja, mais cedo que pensa, na Era de Aquários, terá de reconhecer esta legitimidade espiritual e aprender a usar melhor o retrovisor da história. É tempo da Igreja deixar de coar mosquitos e engolir camelos, como disse Jesus.

Na ocasião desse artigo de Luiz Mott, João Paulo II era supremo pontífice da Igreja Católica. A avaliação que faz à postura da Igreja, sob o pontificado de João Paulo II é a seguinte:

...lastimavelmente, vivemos tempos sombrios sob o pontificado de João Paulo II, que mais do que qualquer outro papa, foi quem estigmatizou de forma mais cruel o amor entre pessoas do mesmo sexo, ao oficializar a intolerância do inquisidor-mor Ratzinger, declarando que “a homossexualidade é intrinsecamente má.” Nenhum papa, nem mesmo Pio IV, Gregório XIII e Paulo V, os sumos pontífices que delegaram poderes à Inquisição portuguesa para perseguir os sodomitas, chegaram a uma conceituação tão malévola contra os praticantes do amor unissexual, pois ser *intrinsecamente* mau não oferece escapatória: é a própria essência do mal, tão diabólico como o próprio diabo.<sup>69</sup>

Em seu artigo, Luiz Mott, respira ares de esperança. Para ele é visível uma mudança de atitude na Igreja Católica: “Apesar dos anátemas e esperneios homofóbicos da hierarquia romana, o reconhecimento da normalidade romana, o reconhecimento da normalidade e de uma ética homossexual continuam a crescer inclusive nos meios cristãos”.<sup>70</sup> O excesso de esperança não o impede, no entanto, de projetar equivocadamente, os rumos do debate:

---

<sup>67</sup> A imprensa divulgou amplamente reações dos mais diversos grupos protestantes quando do anúncio por Marien, da celebração de um casamento entre homossexuais e do lançamento de seu livro: “*Jesus a luz da Nova Era*” (Record, 1994).

<sup>68</sup> *Apud* Mott, Op.Cit., p.40.

<sup>69</sup> Id. Ibid., p.40.

<sup>70</sup> Id. Ibid., p.41.

Tudo leva a crer que tão logo o papa polaco seja sepultado, Roma, agora apoiada em novas descobertas da genética e das ciências humanas, há de retornar à mesma tolerância dos primeiros mil anos do cristianismo, aceitando e convivendo caridosamente com o amor homossexual, pois se tal expressão de amor fosse tão grave, certamente o Filho de Deus tê-la-ia condenado. No entanto, Jesus e seu discípulo amado, João, fizeram do amor – independentemente de que sejam os amantes – a regra de ouro do bem viver. “Filhinhos, amai-vos uns aos outros por que quem ama vive em Deus e onde há amor, Deus aí está”.<sup>71</sup>

Parece estar evidente que ele faz uma leitura também “esperançosa” da história passada da Igreja Cristã, chegando inclusive a imaginar que houve tal período de paz na Igreja em relação à homossexualidade. O que, de certa maneira, levanta uma suspeita de que tal tendência possa ter interferido em sua avaliação sobre a relação da Igreja com a questão da homossexualidade, principalmente, a partir de documentos da Inquisição Portuguesa aos quais teve acesso.<sup>72</sup>

Domiu Sumio Takatsu<sup>73</sup> faz uma avaliação geral do debate sobre a homossexualidade dentro do Anglicanismo. Segundo ele, falar de determinado tema nesse contexto, significa em grande parte, fazer um relato do que está acontecendo nas igrejas anglicanas ou nos diversos organismos que fazem parte do Anglicanismo: “devido à diversidade do próprio cristianismo e do mundo, que os anglicanos compartilham, praticamente cada uma das igrejas apresenta sua maneira de se posicionar frente a essa questão”.<sup>74</sup> Em sua avaliação da discussão no Brasil, faz apenas referência a uma pastoral elaborada pela Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal: “A Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil elaborou uma breve pastoral salientando que a Igreja é a comunhão acolhedora como Cristo acolheu com amor pessoas de qualquer raça, cultura, classe social ou orientação sexual (sic)”<sup>75</sup>.

---

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor n°. 134, 7-3-195; Arquivo nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, Processos 4769 e 4230 e Inquisição de Évora, Processo 4995.

<sup>73</sup> *Homossexualidade no anglicanismo*. In Mandrágora, n°. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.42-48.

<sup>74</sup> Id. Ibid., p.40.

<sup>75</sup> Id. Ibid., p.44.

Em “Deus escolheu as cousas loucas... para envergonhar as fortes”,<sup>76</sup> Anete Roese resenha sua monografia de conclusão de curso na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil,<sup>77</sup> com o objetivo principal de apresentar a homossexualidade a partir das perspectivas de pessoas homossexuais que estudaram teologia nessa mesma Faculdade. A maioria dos entrevistados fazia o curso visando sua ordenação para o exercício do ministério pastoral. Além disso, a autora entrevistou outros que concluíram o curso, mas não assumiram atividades pastorais, e ainda outros que não chegaram a concluí-lo. Embora tenha como meta principal, apresentar um retrato da pessoa homossexual a partir de seus próprios relatos, ela apresenta, em linhas gerais, os principais argumentos que vão nortear sua abordagem.<sup>78</sup> O primeiro deles é que as relações sexuais são construídas historicamente, levando em consideração valores, estruturas e modelos movidos por determinados interesses de épocas diferentes.<sup>79</sup> Tal constatação, entretanto, não pode ser compreendida sem o pano de fundo patriarcal que norteia toda uma discussão sobre a homossexualidade e discussões de gênero.<sup>80</sup> Esse modelo patriarcal conceitua, distribui e rege os diversos papéis sociais:

Nas sociedades heterossexistas contemporâneas, basta que o homem se mostre apaixonado por mulheres e ele será considerado normal, quer dizer, viril, macho, ativo. Estas são por excelência, características do modelo patriarcal, androcêntrico, que permeia organizações sociais de todos os tempos. Assim, existe uma intrínseca relação entre o patriarcalismo e a discriminação à homossexualidade.<sup>81</sup>

Além disso, esse cenário é reforçado porque:<sup>82</sup>

O homossexual não cumpre o seu papel de homem, conforme o padrão predeterminado, pois ele não sente atração sexual por mulheres, tem um papel sexual passivo e traz no seu jeito de ser outras características ditas

<sup>76</sup> In Mandrágora, n.º. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.50-65.

<sup>77</sup> IECLB. Sigla a ser usada aqui para toda referência à Igreja.

<sup>78</sup> Anete tem uma tendência ao longo do texto que é concluir certo com argumentos errados. Isso se dá, em grande parte, pela característica já observada em muitos autores no Brasil, que é de tomar emprestado argumentos de outros autores sem uma avaliação mais profunda.

<sup>79</sup> Id. Ibid., p.50.

<sup>80</sup> Indiscutivelmente essa é uma marca característica no debate que envolve a homossexualidade na contemporaneidade, sobretudo na perspectiva da religião cristã.

<sup>81</sup> Id. Ibid., p.50.

<sup>82</sup> Ibidem.

femininas. O sistema patriarcal associa os homossexuais às mulheres. Nisto resulta que o patriarcalismo misoginista torna-se também homofóbico.

Não é tão evidente na abordagem que encaminha em seu artigo, se a sua compreensão de “sistema patriarcal”, quanto aos componentes teóricos principais, refere-se apenas a uma determinada ideologia e, nesse sentido, compactuam com ela, alienados ou não, todos os membros da sociedade;<sup>83</sup> ou, se a referência é ao domínio masculino que impõe uma determinada maneira de se pensar, conceituar e agir. De qualquer maneira, Anete Roese segue seu raciocínio, pontuando a vitimização que homossexuais e mulheres sofrem a partir desse sistema patriarcal<sup>84</sup>:

... a opressão e o sofrimento de homossexuais e mulheres sob o patriarcalismo homofóbico e misoginista que nos permite sustentar nossas considerações sob a ótica ético-teológica feminista. A ética feminista supõe que a ética presente no nosso contexto é definida a partir de valores masculinos forjados no sistema patriarcal. A ética patriarcal exclui a pessoa homossexual como “agente moral”, e exclui as experiências homossexuais como paradigmas viáveis e dignos para a sociedade.<sup>85</sup>

O auto-retrato das pessoas homossexuais inclui, principalmente, a vivência com o estigma, expressões depreciativas em geral, sentimento de falta de pertença, de anormalidade, perseguição, etc. O principal problema é que tal situação traz ao homossexual uma crise de identidade. Não ser considerado por suas qualidades, características positivas, contribuições e sim por sua opção sexual, não é apenas frustrante, mas extremamente dolorida: “a pessoa passa a ser reconhecida pelas suas práticas sexuais com outra pessoa e não pelo seu ser em si... Quando eu descobri a palavra “homossexual, aí eu entrei em crise...”.<sup>86</sup> Segundo Anete Roese, uma possível solução para minorar tal condição seria a criação de outro termo:

---

<sup>83</sup> É de senso comum a análoga de homossexualidade com feminilidade.

<sup>84</sup> Como uma intercessão necessária a essa argumentação encaminhada por Anete Roese, é notório, em tal ética patriarcal, a exclusão da pessoa homossexual como “agente moral”, agora, é fato também que qualquer ética, por mais inclusiva que seja, articula-se num sistema binário excludente-inclusivo. A questão, portanto, para fugir de uma aporia, deveria colocar em perspectiva não o “caráter excludente”, mas as fundamentações que o embasam, que o definem. Ver, por exemplo, LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidad e infinito*, Salamanca, Ed. Sigueme, 1977.

<sup>85</sup> Ibidem.

<sup>86</sup> Op. Cit., p.51.

Pelo fato de “homossexual” haver adquirido como palavra um sentido pejorativo, e quando empregada geralmente é usada para fazer referência a uma pessoa em sua totalidade, e não a apenas uma característica dela, o ideal seria que a palavra fosse substituída ou desmistificada. A dificuldade é que não existe uma palavra em português que expresse uma relação íntima entre dois homens ou duas mulheres.<sup>87</sup>

A partir dos próprios relatos dos entrevistados, a autora aponta uma tendência contemporânea, na qual a pessoa homossexual é definida por um viés que ultrapassa a mera referência ao genital e, também, a própria referência quanto ao objeto do sexo:

A homossexualidade é uma expressão da sexualidade. Envolve o jeito de amar, sentir, pensar... É uma vontade inerente de “pegar na mão, dar um beijo”, de andar com o “companheiro de mão dada na rua, oferecer-lhe uma flor, dar-lhe beijo em público, tomar um sorvete, caminhar na praia de mãos dadas”. Esta realidade descreve a condição de uma pessoa, e não a sua “opção” de viver, ou unicamente a atração genital por seu semelhante. A homossexualidade é uma “condição antropológica de um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humanizáveis e humanizante...”<sup>88</sup>

Para ela, tais relatos deixam transparecer uma condição de pressão e opressão em duplo sentido. Primeiro em ter de viver nas sombras, não poder expressar-se plenamente e, numa vertente ainda maior, ter que cumprir um papel social esperado em função do genital, não apenas quanto à preferência sexual, como também, em relação à expressão de outros sentimentos:

“seja homem”; “Homem não chora!” São imperativos cotidianos que imperam até o momento em que o menino tenha se afirmado dentro do “padrão de homem” estabelecido pela sociedade. “Ser um homem diferente” é ser homossexual, é ser “delicado”, estes conceitos têm uma conotação pejorativa no meio heterossexista... A delicadeza está associada à mulher, assim como a passividade e a submissão. O homossexual, através de seu gesto delicado, estaria negando a sua

---

<sup>87</sup> Ibidem. Embora o termo seja cada vez mais usado nos Estados Unidos e Inglaterra, provavelmente tal constatação tenha sido o motivo para inclusão do termo “Queer” nas discussões sobre homossexualidade no Brasil, especialmente nos grupos ligados a Escola Superior de Teologia (EST). Isso é evidente, especialmente, nos trabalhos de Musskopf (MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: Homossexuais e o ministério na igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005).

<sup>88</sup> Id. Ibid., p.52.

masculinidade e ofendendo o império do homem heterossexual na sociedade.<sup>89</sup>

Em grande parte da discussão teórica de gênero, a sociedade e as relações sociais são explicadas a partir do binômio homem-mulher, portanto, nesse contexto é inevitável que a homossexualidade surja como uma ameaça aos papéis previamente definidos:

Na sociedade patriarcal androcêntrica é preciso que o homem possua uma mulher para que não se pense que ele gostaria de ser mulher, sendo homossexual. “Normalidade” e identidade sexuais estão inscritas no contexto de dominação da mulher pelo homem. Dentro dessa óptica (sic), a homossexualidade, que implica uma dominação do homem pelo homem, é considerada, senão uma doença mental, pelo menos uma perturbação da identidade de gênero... A perseguição e crítica à homossexualidade pode ser um medo, inconsciente talvez, da desestruturação do padrão de homem estabelecido. No âmbito, a homossexualidade, da mesma forma como o problema do racismo é a classe branca e o problema das mulheres não parte delas, mas do imaginário e organização social patriarcal... Se até agora a dignidade do homem parecia estar na sua autoafirmação (sic) masculina – não ser sensível, submisso, doce, efeminado – a homossexualidade vem questionar esse padrão que nega aos homens esta possibilidade.<sup>90</sup>

Para ela, a insistência no dualismo homem/mulher, masculino/feminino, impede a possibilidade que a homossexualidade seja uma vertente criativa da vivência sexual, sendo, portanto, necessário a superação dessa dualidade, alargando-se o sentido de gênero:

Seguramente cada pessoa tem uma sexualidade específica, peculiar, irrepetível na humanidade toda. Não podemos negar este dom criativo de Deus em cada criatura sua. Portanto, na medida em que continuamos a definir o gênero pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, desempenha um papel importante no sentimento de identidade masculina.<sup>91</sup>

Outro dilema enfrentado pelos homossexuais, diz respeito à concepção teológica divulgada, sobretudo na educação religiosa da igreja, segundo a qual a relação sexual deve ter a finalidade de procriação:

---

<sup>89</sup> Id. Ibid., p.52-53.

<sup>90</sup> Id. Ibid., p.53.

<sup>91</sup> Ibidem.

A relação sexual só pode acontecer com fins procriativos. A associação de sexo ao pecado fora do casamento heterossexual incute culpa e medo nas pessoas homossexuais que, pela sua condição, não vão relacionar-se sexualmente com a intenção da reprodução.<sup>92</sup>

Embora a autora argumente coerentemente em torno das várias questões que a homossexualidade levanta, dentro do arcabouço da discussão de gênero, sobretudo no binômio norteador homem/mulher, ela inverte os rumos teóricos dessa discussão ao colocar para homossexualidade uma iniciativa que é inerentemente feminista, sobretudo na crítica que faz ao modelo vigente, caracterizado como “domínio patriarcal”:

Tudo o que está na classificação de “feminino” é inferior na cultura patriarcal, onde o superior e correto são as características associadas à masculinidade. A homossexualidade questiona este antagonismo. A escravidão causada pelo heterossexismo e gerado (sic) pelo patriarcalismo, não consegue admitir outras formas de relação íntima além daquela entre homens e mulheres. Uma sociedade que tem como padrão o homem heterossexual, nega a dignidade da mulher e repulsa quem se assemelha a elas (sic).<sup>93</sup>

A referência ao modelo patriarcal é recorrente em seu texto, principalmente porque, em sua ótica, ele não apenas regula as relações de gênero, mas também orienta alguns pressupostos teológicos que influenciam o imaginário e a práxis cristã: “Durante milênios sempre foi pregado que Deus era homem, macho, pai... Nesta concepção a idéia de que Deus era também heterossexual parece bastante óbvia”.<sup>94</sup> Desafiando tal hermenêutica, os relatos de homossexuais os inclui como parte da criação divina: “Se Deus é contra, porque ele nos fez assim?... Porque eu sei o que é ser homossexual, o que isso implica, e que eu não sou assim por querer, mas assim por essência”.<sup>95</sup> Contrapondo a argumentação de tais relatos, ela, introduz um argumento sob a perspectiva de gênero, no qual a homossexualidade, entendida como desvio, é criação humana, heterossexual:

---

<sup>92</sup> Id. Ibid., p.54.

<sup>93</sup> Ibidem.

<sup>94</sup> Id. Ibid., p.55.

<sup>95</sup> Ibidem.

O ser humano da cultura patriarcal heterossexista se coloca no lugar de Deus, querendo criar seu semelhante à sua auto-imagem e semelhança: todos os homens devem ter comportamentos que demonstrem frieza racional e força, dureza nos gestos. Deus como macho, homem, pai, também é um reflexo do pecado do patriarcalismo heterossexista que fez Ele à sua imagem.<sup>96</sup>

Segundo Anete Roese, tais críticas caminham não apenas no sentido de desconstrução da teologia vigente, mas na reconstrução de uma nova teologia onde a dignidade humana possa suplantar as inúmeras classificações, a partir, da consideração de que Cristo e os evangelhos deixam claro que essa dignidade é prerrogativa de um Deus de amor. Portanto Deus não apenas insiste numa comunhão com todos os seres humanos, mas, nessa comunhão, imprime de forma clara a sua imagem: “A certeza de que a imagem de Deus não está apenas refletida nas relações heterossexuais...”<sup>97</sup> Os homossexuais, por terem experimentado sofrimento e libertação desse sofrimento pela graça, testemunham que:

A graça de Deus é irresistível (...) E se a graça de Deus é irresistível, pouco importa se a homossexualidade é natural ou não, ela não se limita pelo que é natural ou não é. Porque se a graça de Deus fosse se limitar ao que é, ao que nós entendemos como biologicamente normal e natural, o que a gente ia fazer com as pessoas portadoras de deficiência...<sup>98</sup>

Anete Roese também faz uso de uma hermenêutica que tem como força motriz a vivência do sujeito, em aspectos variados da teologia, como por exemplo, os conceitos de lei, justiça, justificação e graça. Não apenas a teologia é revista, como também a leitura tradicional da bíblia: “Assim, textos bíblicos que condenem a homossexualidade devem ser revistos e comparados com a realidade, vida e experiências das pessoas envolvidas”.<sup>99</sup> No restante de sua argumentação, recorre freqüentemente ao embasamento teórico da perspectiva de gênero elaborada por correntes feministas, sublinhando a realidade homofóbica, heterossexista, androcêntrica e misógina da cultura patriarcal, contrapondo-a a possibilidade de um rearranjo nas posturas sociais, especialmente das sociedades cristãs a partir da vivência criativa e alternativa

---

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> Ibidem.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem.

viabilizada pelos homossexuais: “É importante para Deus e para as suas criaturas homossexuais santas e justas que a Igreja reconheça este dom nelas”.<sup>100</sup>

Erhard Gerstemberger<sup>101</sup>, “Devem eles e elas morrer? Homossexualidade no Antigo Testamento e no Oriente Médio Antigo” pontua como fundamental para uma interpretação correta de textos bíblicos uma hermenêutica consciente, ou seja, a necessidade daquele que se aproxima dos textos bíblicos levar também em consideração, sua própria posição, seu lugar contextual, sua cultura, seus próprios pressupostos:

Essa conscientização hermenêutica é imprescindível por que o nosso “lugar vivencial” condiciona de antemão as nossas perguntas, pesquisas e as nossas conclusões, especialmente em questões de ética social. Sempre há muitos preconceitos reinantes dentro de qualquer sistema social, isso torna difícil enxergar outros tantos sistemas e valores.<sup>102</sup>

Em virtude dessa conscientização hermenêutica, Erhard Gerstemberger considera importante algumas compreensões quanto aos conceitos de autonomia e liberdade, sexualidade, significado cultural, responsabilidade sexual, bíblia, contexto e criminalização da homossexualidade, pontuando suas diferenças entre a atualidade e as comunidades antigas, sobretudo no Oriente Médio Antigo.<sup>103</sup> Segundo ele, não havia na antigüidade um conceito de autonomia pessoal, tal conceito surge a partir do Iluminismo e nas sociedades industrializadas do século XVIII. A idéia corrente de um valor supremo de liberdade e responsabilidades individuais, nem de longe pode ser comparada com uma ideologia familiar e patriarcal que permeava a consciência grupal na antigüidade.<sup>104</sup> A sexualidade era considerada, principalmente, uma função estrita da família patriarcal. Essa concepção contrapõe-se a outra, atual, que toma a sexualidade como uma função ligada exclusivamente à pessoa individual, sobrepondo o valor predominantemente procriativo para o de auto-

---

<sup>100</sup> Id. Ibid., p.60.

<sup>101</sup> *Devem eles e elas morrer? Homossexualidade no antigo testamento e no Oriente Médio Antigo*. In Mandrágora, n.º. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.73-87.

<sup>102</sup> Id. Ibid., p.73.

<sup>103</sup> Ibidem.

<sup>104</sup> Ibidem.

realização.<sup>105</sup> Sexualidade e significado cultural, sempre estiveram ligados em função de uma combinação de sagrado e profano. Não se misturavam potências opostas como sacrifício sangrento, simbolizando morte, com expiação e sexualidade, que significavam vida e criação. Segundo ele, no caso específico de Israel, percebe-se que:

Na história cultural israelita, porém, a sexualidade foi banida pouco a pouco, por causa da concentração exclusiva em um deus solteiro e presumivelmente transexual nas épocas exílicas e pós-exílicas. Em ambos os casos, porém, a esfera do culto tinha que estar bem protegida contra o contato ilegítimo ou abusivo das forças sexuais.<sup>106</sup>

Ainda, segundo ele, o indivíduo contemporâneo, embora responsável por seus atos e decisões em relação à sexualidade, tem consciência que também não possui controle absoluto sobre sua orientação sexual, sendo, portanto, dependente de condicionamentos biológico-sociais quanto à direção fundamental de sua sexualidade. De forma diferente, na antigüidade, a sexualidade era considerada como uma força superior e regulamentada por ordens divinas, implicando num controle total do indivíduo. O Oriente Médio antigo, por exemplo, só reconheceu: "... uma única forma da vida sexual, o relacionamento íntimo com pessoas do sexo oposto. Não sabiam nada, nem da orientação fixa ou temporária da homossexualidade, nem da bissexualidade".<sup>107</sup> Outro fator que precisa ser considerado, é que não se deve condensar todo um período histórico e muito menos ignorar que: "muitas épocas, classes sociais, movimentos culturais se imprimiram nos textos preservados até o ponto de enfrentamos (sic) tensões fortes e discrepâncias teológicas nesses testemunhos de fé".<sup>108</sup> Ora, sendo assim, é um erro metodológico tentar harmonizar todas as afirmações bíblicas: "para uma única teologia ou ética coerente, sem antagonismos".<sup>109</sup> Portanto,

Tudo o que a Bíblia nos comunica, fica sob veredicto da transitoriedade e relatividade. Por isso, temos que articular novamente a nossa própria fé em nosso próprio tempo, certamente em diálogo sério e intenso com os

---

<sup>105</sup> Ibidem.

<sup>106</sup> Op. Cit., p.74.

<sup>107</sup> Ibidem.

<sup>108</sup> Ibidem.

<sup>109</sup> Ibidem.

antepassados da fé, mas de olho na realidade de hoje, em nossos contemporâneos e na criação inteira que vivenciamos.<sup>110</sup>

O autor reconhece como uma hipoteca pesada sobre os ombros das igrejas cristãs o contraste de um evangelho de liberdade e amor com a postura de intolerância, perseguição, violências físicas e mentais contra os homossexuais, resultando num cenário de criminalização e banimento dos mesmos. Ele sugere, como necessário em virtude de tal situação, pesquisar as raízes das prescrições da homossexualidade masculina no Antigo Testamento.<sup>111</sup> Apresentando um quadro geral de textos considerados relevantes para tratar do tema do homossexualismo numa perspectiva bíblica, sobretudo do Antigo Testamento, Erhard Gerstemberger antecipa sua conclusão de que os escritos do Antigo Testamento raramente se referem à homossexualidade masculina e ignoram totalmente a homossexualidade feminina. Independentemente da literatura e do gênero consultado, desde provérbios e narrativas às poesias seculares e religiosas, o que é visível de fato, é a oposição e justaposição de homens e mulheres.<sup>112</sup> É possível, destacar em todo o Antigo Testamento apenas dois textos que fazem menção à homossexualidade masculina e ambos no livro de Levítico. Os demais textos trazem apenas conotações sexuais sem uma referência clara à homossexualidade:

O Antigo Testamento, bem volumoso com os seus 41 livros e livretos, faz pouquíssimas afirmações sobre o nosso assunto. A prostituição masculina de homens para homens é uma quimera enigmática da literatura posterior, sendo mais um monstro nas cabeças de exegetas do que nos textos originais. A homossexualidade masculina, com efeito, só se repudia nos textos citados no livro de Levítico.<sup>113</sup>

Nesse sentido, a conclusão que Erhard Gerstemberger advoga é que não é possível outra postura, senão, a de admissão da impossibilidade de se saber muita coisa sobre atitudes ante à homossexualidade, na antiga Israel e, em relação ao Oriente Médio antigo, é possível saber apenas que esteve

---

<sup>110</sup> Id. Ibid., p.75.

<sup>111</sup> Ibidem. O autor considera que a homossexualidade feminina só entra em cogitação esporadicamente a partir de Romanos 1.26.

<sup>112</sup> Id. Ibid., p.75.

<sup>113</sup> Id. Ibid., p.76.

presente, com atitudes que variavam entre condenação e tolerância.<sup>114</sup> Em relação aos textos bíblicos nos quais se nota uma menção explícita à homossexualidade, não acrescenta nenhuma informação nova, exceto, a que há uma condenação forte à homossexualidade, mas que tal condenação refere-se também a outras proibições presentes no texto. Sua conclusão é que não é possível avaliar qualquer julgamento moral do homossexualismo e que as possíveis condenações, a partir da sugestão do contexto, têm a ver com questões de culto e pureza ritual<sup>115</sup>:

A homossexualidade não é o tema mais relevante do Antigo Testamento. Fica bem à margem de toda a literatura preservada. Textos jurídicos, sapienciais, historiográficos, narrativos, líricos não conhecem o problema. Mesmo no livro de Levítico as únicas referências são aquelas dos capítulos 18 e 20. Lá, a posição da homossexualidade não é singular, mas ela ocupa um lugar entre tantos outros assuntos semelhantes. Nem podemos isolar a questão da homofilia de seu contexto decididamente cultural, ao lado de outras ofensas sexuais. Isto quer dizer: A homossexualidade certamente era conhecida em Israel, mas via de regra, ela não chamou muito atenção na vida real. Amizades íntimas entre homens ou mulheres foram consideradas normais.<sup>116</sup>

Tomás Hanks - “Hemenéutica y homofobia: Romanos”<sup>117</sup> - considera que, muitas vezes, interpretamos a Bíblia a partir de nossa crença sobre sua natureza. Portanto, é fundamental que toda interpretação, sobretudo em temas que suscitem melindres, seja cuidadosa.<sup>118</sup> Tratar de questões sexuais a partir de textos bíblicos é extremamente complicado, porque, entre outras razões, a linguagem dos textos bíblicos é eufemista, pré-científica e fenomenológica. Para ele, a Bíblia guarda total silêncio sobre a homossexualidade e não usa, sequer, algum termo para falar de sexo. Segundo ele, os leitores modernos que pretendam fundamentar sua ética ou moral sexual diretamente da Bíblia acometerão num grande engano. Tais conceitos são categorias e termos forjados pela filosofia grega antiga e não aparecem na Bíblia, embora estejam

<sup>114</sup> Id. Ibid., p.78. Não há vestígio na literatura da região sobre homossexualidade feminina.

<sup>115</sup> Gerstemberger parece ter se perdido em sua intenção original, ou no mínimo, parece ter enganado o leitor quanto a sua intenção no artigo. Excetuando-se os cuidados hermenêuticos sugeridos pelo autor antes de seu enfrentamento dos textos bíblicos em relevo, sua exposição não acrescenta nenhum dado significativo e se locupleta de conjecturas.

<sup>116</sup> Op. Cit., p.85.

<sup>117</sup> In Mandrágora, n°. 5. Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina/NETMAL. São Bernardo (SP): Umesp, 1999, p.89-96.

<sup>118</sup> Id. Ibid., p.89.

presentes nos escritos cristãos, populares e eruditos.<sup>119</sup> Sua conclusão, de certa maneira, sublinha uma tendência em certas propostas contemporâneas de abordagens da sexualidade e homossexualidade a partir de textos bíblicos, ou seja, acompanhá-las de longe: “... diga o que diga a Bíblia, a terra não é plana... ser gay é bom; ser bissexual é belo; ser lésbica é lindo”.<sup>120</sup>

### 3.2 Encontro Publicações: Igreja e Homossexualismo.

Um grupo de líderes denominacionais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana<sup>121</sup> produziu uma coletânea no ano 2000<sup>122</sup>, com o propósito de discutir temas ligados à Igreja e ao homossexualismo<sup>123</sup> no âmbito denominacional. Esse texto se reveste de uma importância especial, pelo fato de surgir dentro de um contexto em que a questão da ordenação de pessoas homossexuais ao ministério ordenado na IECLB está sendo discutido.

Apresentando a coletânea, Edson Ferreira, segundo vice-presidente da IECLB, dá o tom que norteará as diversas abordagens, ao montar o cenário do debate: Igreja e Palavra de Deus contra a mídia e os grupos organizados pró-homossexuais:

Quem ousa tratar de desvios ou distúrbios na área da sexualidade expõe-se imediatamente ao fogo cruzado dos grupos a favor e contra. Ainda mais no atual momento, quando a mídia investe horário nobre para dar evidência à questão da homossexualidade. Os cristãos precisam tomar consciência de que a mídia (especialmente a TV) tem uma forte capacidade de convencimento. Quem assiste aos mais variados programas por algumas horas ao dia recebe uma influência moral e ética muito forte. E boa parte dos meios de comunicação tem interesse em tratar a homossexualidade como algo normal.<sup>124</sup>

---

<sup>119</sup> Ibidem.

<sup>120</sup> Id. Ibid., p.96. Tradução livre do espanhol, língua na qual o artigo foi escrito.

<sup>121</sup> Doravante no texto: IECLB.

<sup>122</sup> A omissão da Revista Estudos Teológicos que trata da relação entre Igreja e Homossexualidade no âmbito da IECLB (São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, v. 39, nº.1, 1999) na seleção dos artigos para análise dessa investigação, dá-se por duas razões principais: a) a revista não cumpre o propósito anunciado: tratar dessa relação no contexto brasileiro; b) quando analisa a questão no âmbito da IECLB o faz antes do posicionamento oficial da mesma.

<sup>123</sup> WEINGAERTNER, Martin (ed.) *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000.

<sup>124</sup> Id. Ibid., p.5.

Edson Ferreira acrescenta, ainda, que a Igreja deva se posicionar de forma firme contra as imposições do mundo, evitando admitir como vontade de Deus o que é imposto pela sociedade. Já sabendo de antemão a quais conclusões chegarão os diversos autores:

...trazem, através deste caderno, várias reflexões sobre a homossexualidade. Elas foram escritas à luz do testemunho bíblico, que, em nosso entendimento, emite conselhos bem claros. Quem, ao contrário, busca achar respaldo bíblico para a prática do homossexualismo propõe-se uma tarefa impossível.<sup>125</sup>

Valdir Steuernagel, “Do funeral para a dança. Lendo a Bíblia com cativamento”,<sup>126</sup> adianta o caminho metodológico que vai percorrer na sua abordagem da temática em pauta:

Nós vivemos um momento tenso na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Afinal, a simples pergunta pela possibilidade a ordenação, para o ministério, por parte de homossexuais praticantes é, em si, séria e assustadora. É absolutamente geradora de tensão. É uma dessas perguntas em torno às quais a igreja pode cair ou ficar de pé.<sup>127</sup>

O autor toma como base o que considera como um princípio hermenêutico primordial no acercamento da questão: “É na forma como a Igreja olha para a Palavra de Deus, a ela se submete e nela busca referenciais que reside a própria razão de ser, o próprio futuro da Igreja”.<sup>128</sup> Para ele, corre-se o risco de forjar o instrumental de análise da Bíblia seguindo os critérios da pesquisa científica, sem uma devida crítica da cosmovisão que orienta tal pesquisa.<sup>129</sup> Ele defende a idéia de que: “a autoridade bíblica não reside na conclusão de estudiosos, mas na autoridade do próprio Deus”.<sup>130</sup> De qualquer maneira, não se pode relativizar o texto bíblico, continua o autor, pois:

A relativização do texto bíblico leva-nos ainda a buscar outros critérios que resultam em processos decisórios. Os critérios autoritativos passam a ser, então, a experiência ou a cultura, a estatística, uma determinada

<sup>125</sup> Ibidem.

<sup>126</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000, p.7-15.

<sup>127</sup> Id. Ibid., p.7.

<sup>128</sup> Ibidem.

<sup>129</sup> Id. Ibid., p.9.

<sup>130</sup> Ibidem.

racionalidade ou as próprias ciências sociais, ou a própria história de uma dificuldade e ou um sofrimento pessoal. Estes critérios tendem a levar à convivência com as dificuldades e desafios e não ao caminho do arrependimento e obediência ao próprio Deus.<sup>131</sup>

Valdir Steuernagel não trata o tema da homossexualidade encarando-o com suas demandas, ao invés disso, prefere uma conclusão mais cômoda: “Onde e quando a Bíblia fala, nós silenciemos. E, no caso da ordenação ministerial por parte de homossexuais praticantes, a Bíblia diz **Não** (sic). Nós não podemos fazer outra coisa a não ser, também dizer não”.<sup>132</sup>

Lindolfo Wengärtner em, “O Contexto Histórico das Recomendações Bíblicas Quanto à Sexualidade”,<sup>133</sup> tendo como base o que chama de “caráter de santidade de Deus”<sup>134</sup> afirma que, tanto a lei mosaica, quanto a pregação profética, rejeitaram “tanto ao adultério como qualquer outra desordem sexual, a promiscuidade tão bem(sic) como a desordem homossexual”.<sup>135</sup> Dessa maneira, o padrão que deve nortear todos os relacionamentos é o da união entre um homem e uma mulher “santificada pela ordem de Deus”.<sup>136</sup> Portanto, quanto à questão do debate entre igreja e homossexualidade, não resta outra atitude a não ser seguir a linha da pregação apostólica: “rejeitar o pecado, aceitar e amar o pecador”.<sup>137</sup>

Martin Weingaertner, “Quem Não Herdará o Reino de Deus? Estudo Bíblico de 1 Coríntios 6”,<sup>138</sup> adverte do “perigo de que as Sagradas Escrituras” sejam moldadas segundo a opinião humana, quando o correto é que os homens sejam moldados por Deus.<sup>139</sup> Se tal perigo é perceptível na discussão de tantos temas, no caso da homossexualidade, é ainda maior. Portanto, continua o autor, para evitar que se caia na “arapuca de usar a Bíblia como argumento de nossas opiniões pré-concebidas”,<sup>140</sup> apresentará a análise de 1º. Coríntios 6, como um antídoto ou regra. Sem dizer como e por que, parte da

<sup>131</sup> Id. Ibid., p.10.

<sup>132</sup> Id. Ibid., p.10.

<sup>133</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000, p.16-22.

<sup>134</sup> Id. Ibid., p.16.

<sup>135</sup> Id. Ibid., p.19.

<sup>136</sup><sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Op. Cit., p.22.

<sup>138</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000, p.23-31.

<sup>139</sup> Id. Ibid., p.23.

<sup>140</sup> Id. Ibid., p.24.

afirmação que esse texto em análise fala de homossexuais. Para corroborar seu argumento usa a tradução “NVI”<sup>141</sup> da Editora Vida:

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus (VS.9-10, NVI).<sup>142</sup>

Em sua “análise” lingüística, Martin Weingaertner é ainda mais incisivo:

As palavras gregas usadas por Paulo para designar os homossexuais não deixam dúvida de que ele se refere aos homossexuais **praticantes** (sic): o adjetivo *malakós*[=macio,mole] descreve o homossexual passivo e *arsenokoítes*[=quem tem coito com homem], o homossexual ativo [também em 1 Tm 1.10].<sup>143</sup>

Por fim, conclui dizendo que a homossexualidade é pecado, é imoral e destruidora do corpo, “espaço no qual o Espírito Santo atua em nós”.<sup>144</sup>

Emil Sobottka, “A Lógica dos Movimentos de Homossexuais e a Igreja. A questão do lobby”,<sup>145</sup> diz ser necessário assumir uma postura de compreensão para com aqueles que têm outra perspectiva diferente dos evangélicos em relação a seus posicionamentos, crenças, valores e cosmovisão.<sup>146</sup> Nesse sentido, o autor diz que vai conduzir seu raciocínio, tentando explicitar a lógica do que chama de “movimentos sociais de expressão cultural”.<sup>147</sup> Como um movimento social de expressão cultural os movimentos gays pretendem, diz ele, “colocar em xeque valores culturais específicos e substituí-los por outros”.

<sup>148</sup> Nesse sentido, os movimentos gays:<sup>149</sup>

Visam graus muito diferenciados de mudança: tolerância, aceitação, concordância, participação passiva e ativa, e até defesa dos seus objetivos por parte daqueles que inicialmente eram apenas seu público. Em vista disto eles atuam sempre um pouco além dos limites normalmente

<sup>141</sup> Nova versão internacional.

<sup>142</sup> Id. Ibid., p.24.

<sup>143</sup> Ibidem.

<sup>144</sup> Op.Cit., p.30.

<sup>145</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000, p.36-46.

<sup>146</sup> Id. Ibid., p.38.

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Op. Cit., p.39.

<sup>149</sup> O autor não flexiona o termo.

aceitáveis no contexto em que se inserem. Sua estratégia mais importante é a *transgressão limitada* da ordem. Permanecer nos limites da ordem significaria renunciar à aspiração de mudá-la. Transgredi-la em demasia implicaria em várias desvantagens, como afastar simpatizantes e aliados potenciais e provocar resistências ou mesmo reações.<sup>150</sup>

Emil Sobottka diz que as articulações nos diversos segmentos da sociedade fazem parte de uma estratégia dos movimentos gays de “atuar nos diversos meios que alimentam o saber”.<sup>151</sup> Inclusive, faz parte dessa estratégia atuar junto às Igrejas e incentivar releituras de textos bíblicos.<sup>152</sup> Entretanto, diz que não é possível falar do tema com uma clareza que se tinha em tempos passados, onde os sexos eram apenas masculino e feminino. É preciso se perceber, incontestavelmente, “uma faixa de transição onde a presença de um órgão sexual não é atestado inquestionável de gênero”.<sup>153</sup> Tal fato impele a Igreja a atuar em duas frentes conceituais:

Por um lado ela precisa levar em conta aquelas pessoas cuja definição de gênero foge ao sistema bipolar com um único indicador – a presença visível de um órgão sexual. Por outro lado, precisa perceber que há movimentos que buscam mudar a vivência da sexualidade orientados em outras compreensões do mundo.<sup>154</sup>

A Igreja há que ficar atenta também, continua Emil Sobottka, a dois grupos envolvidos no debate entre igreja e homossexualidade. O primeiro grupo é representado por um *individualismo sensacionista* que visa o prazer a qualquer custo. O outro ele denomina como *solidariedade sem causa*, ou seja, é formado por pessoas que sem saber por que, consideram os homossexuais como oprimidos e por isso se coloca a seu lado. Não seria evangélico, diz:

...confundir esses grupos favoráveis à opção pela vivência da homossexualidade com aquelas pessoa cuja definição de gênero é complexa e às quais, como sociedade, com frequência impomos um pesado fardo de sofrimento por algo que não escolheram.<sup>155</sup>

---

<sup>150</sup> Id. Ibid,p.40.

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Op.Cit., p.41.

<sup>153</sup> Id. Ibid., p.41-42.

<sup>154</sup> Id. Ibid., p.42.

<sup>155</sup> Id. Ibid., p.43.

Para não fugir à regra dos articulistas da coletânea, o autor conclui seu artigo dizendo:

...vale lembrar a história sobre o tema em pauta: a homossexualidade masculina tem tido ciclos de difusão muito mais amplos do que qualquer imagem atual. Em Sodoma, foi tão difundida que até hoje nossa língua conserva “sodomia” como sinônimo de homossexualidade masculina... quanto mais a homossexualidade adquirir o status de normalidade, mais gente estará inclinada a apresentar-se como homossexual. E em determinados círculos, aderir a esses novos costumes tornar-se obrigatório.<sup>156</sup>

José Rude Walzburger, “Experiências no Aconselhamento pastoral”,<sup>157</sup> limita-se apenas a pontuar o caráter de sofrimento e discriminação que norteia os homossexuais e seus familiares e, metaforicamente<sup>158</sup>, diz que a Igreja não pode deixar de atuar em prol da cura e apoio aos homossexuais e seus familiares.

Argemiro Hoffmann, “Como Lidar com a Homossexualidade na Comunidade?”,<sup>159</sup> diz que o tema da homossexualidade não está sendo tratado pela IECLB por iniciativa própria, da comunidade, mas:

Foi levantado no debate acadêmico na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Foi levado ao Conselho de Igreja. Pelo Pastor Presidente foi levado às comunidades. A partir daí surgem reações. O debate, portanto, não nasceu na comunidade como uma de suas preocupações missionárias ou pastoral, mas pelo barulho de uma minoria.<sup>160</sup>

Segundo ele, boa parte da IECLB não leva “muito a sério as doutrinas da Igreja, orientam-se mais pelo senso comum das opiniões e não têm maior preocupação com questões como adultério, desonestidade, homossexualidade, avareza, injustiça social, infidelidade conjugal”.<sup>161</sup> Ainda, segundo ele, afirmações como a de Anete Roese,<sup>162</sup> que há um número significativo de

<sup>156</sup> Id. Ibid., p.44-45.

<sup>157</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000,p.47-51.

<sup>158</sup> Ele diz isso incluindo seu ministério no pano de fundo da parábola do bom samaritano.

<sup>159</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000,p.52-57.

<sup>160</sup> Id. Ibid., p.52.

<sup>161</sup> Id. Ibid., p.52-53.

<sup>162</sup> Possível referência a monografia de conclusão de curso de Anette Roese, cuja resenha foi apresentada na Revista Mandrágora (op.Cit.).

homossexuais na Escola Superior de Teologia trouxe um problema de evasão de alunos, já que suas igrejas pretendem um “outro ambiente” para seus vocacionados.<sup>163</sup> Também, para não fugir à regra dominante nas exposições precedentes, Argemiro Hoffman conclui seu artigo dizendo:

Por argumentos baseados nas afirmações bíblicas contrárias ao intercuro sexual entre duas pessoas do mesmo sexo e pela prática de pessoas que já ocuparam funções ministeriais em comunidades, fica evidenciado que a Igreja deve desrecomendar a ordenação de pessoas homossexuais praticantes ao ministério eclesiástico (sic).<sup>164</sup>

“Carta de um Presbitério”<sup>165</sup> é a transcrição da carta enviada pela Comunidade Evangélica de Florianópolis. Tem como principais destaques, o propósito de “reafirmar a incompatibilidade entre a prática homossexual deliberada e a proposta de vida cristã,”<sup>166</sup> além de sua consideração que é “**inaceitável** que a Igreja aceite ministros em seu corpo clerical que **optaram deliberadamente** pelo homossexualismo”.<sup>167</sup> A referida carta conclui encorajando os membros do Conselho da Igreja:

...a procurar fórmulas que impeçam que pessoas com homossexualidade assumida ou com tendências claras de homossexualismo freqüentem cursos de formação de obreiros (pastores, diaconas, catequistas, missionários, etc.) [sic]<sup>168</sup>

O último texto é uma recomendação de bibliografia sobre o assunto, que, diga-se de passagem, é direcionada à cura e tratamento de pessoas homossexuais.<sup>169</sup>

Essa exposição, apresentada por líderes da IECLB, permitiu uma compreensão do ambiente no qual a reivindicação – pessoas homossexuais terem acesso ao ministério ordenado na mesma – vai se desenvolvendo. Em termos institucionais a IECLB suspendeu qualquer decisão enquanto maiores

<sup>163</sup> Id. Ibid., p.53.

<sup>164</sup> Id. Ibid., p.57.

<sup>165</sup> In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000,p.58-59.

<sup>166</sup> Id. Ibid., p.58.

<sup>167</sup> Id. Ibid., p.58-59.

<sup>168</sup> Id. Ibid., p.59.

<sup>169</sup> “Bibliografia Seleccionada” In *Igreja e homossexualismo*. Série “A Caminho do Reino. Reflexão e Compromisso”. Curitiba: Encontro Publicações: 2000, p.60-64.

estudos vão se desenvolvendo. No entanto, o que se percebe, é certo recrudescimento da liderança quanto ao assunto. Considerando-se apenas os textos veiculados pelo Movimento Encontrão, “Igreja e Homossexualismo”, a discussão não vai muito longe. Principalmente, porque não se observa nenhuma intenção de aprofundamento de pesquisas, tampouco de diálogo com outras áreas do saber. Os textos apresentados nessa coletânea possuem um caráter dogmático, fundamentalista, irônico, indo de encontro a todas as regras metodológicas aceitáveis para um debate dessa importância.

### **3.3 Escola Superior de Teologia: Cristianismo, Homossexualidade e Ministério Cristão Ordenado**

Nos textos analisados anteriormente, foi possível observar uma tendência inicial, principalmente em abordagens não oficiais,<sup>170</sup> de considerarem a posição vigente do Cristianismo no Brasil, sobretudo, pelo que pode se nominar como corrente oficial, como comprometida ideologicamente e epistemologicamente, heterossexista e dogmática<sup>171</sup>. Essa visão dominante impõe o estigma de patologia, desvio e perversão à homossexualidade e, por isso mesmo, precisa ser desmascarada e desconstruída. Além disso, parece haver certo consenso no sentido de se elaborar uma Teologia da homossexualidade que leve em conta contribuições de outras áreas do saber, cujo ponto culminante seja a manutenção da dignidade da pessoa humana. É possível antecipar, defendem os textos analisados, até em função das contribuições de outras áreas do saber, que não é possível compreender a posição ético-teológica do Cristianismo, sem que se leve em conta os contextos sócio-políticos em que a mesma foi construída. Especificamente quando a questão é hermenêutica, os textos parecem concordar no sentido de uma necessária releitura cultural onde se evidencie o que é próprio e característico de determinada sociedade e momento histórico, e, por outro lado, ao mesmo tempo em que questionam o estigma e os estereótipos que marcam a pessoa homossexual, nega-lhe a possibilidade de ser sujeito de sua própria

---

<sup>170</sup> Não referendadas por um sínodo, assembléia, documento denominacional, etc.

<sup>171</sup> Além de Confusos, perturbadores, repletos de preconceitos, temores e argumentos sem fundamentos.

história, confinando-a a exclusão. Tais textos parecem ingenuamente acreditar que as pessoas homossexuais são apenas vítimas de um processo exterior, contra o qual não possuem condições alguma de resistir e a favor do qual não tiveram nenhuma contribuição própria. Embora sejam enriquecedoras as contribuições apresentadas, nota-se ainda que a grande maioria dos autores compreende quais são os principais problemas que envolvem a relação cristianismo/homossexualidade, mas ainda não conseguem elaborar caminhos alternativos, mostrando-se, algumas vezes, confusos conceitualmente e presos à lógica das abordagens tradicionais. De qualquer maneira, essa é uma tendência normal na busca por epistemologias alternativas. O cenário atual do debate que realça a relação entre o cristianismo e homossexualidade no Brasil, ganha uma nova dimensão, quando da inclusão de textos que, não apenas vão apontar tensões e possibilidades, mas, sobretudo vão discutir de forma mais objetiva o acesso de pessoas homossexuais a ministérios cristãos, e, de forma mais aprofundada, expondo a estrutura ético-teológica dos discursos cristãos. Essa nova etapa no debate é pontuada a partir de uma série de trabalhos surgidos na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, tendo como núcleo principal a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.<sup>172</sup>

### 3.3.1 Homossexualidade: Caminhos e Descaminhos

Dentro do debate que vai pontuando as possibilidades de uma proposição pelo grupo do Rio Grande Sul<sup>173</sup> (representados pelas publicações incentivadas pela Escola Superior de Teologia<sup>174</sup>), de um ministério ordenado que contemple as pessoas homossexuais, Arno Scheunemann e Anete Roese<sup>175</sup> organizam um livro que, entre outros objetivos, postula “contribuir na articulação de processos de compreensão e construção de vida mais abertos, sensíveis e plurais”.<sup>176</sup>

<sup>172</sup> Conhecida pela sigla “IECLB”.

<sup>173</sup> Isso não significa que todos os autores são do Rio Grande do Sul, mas, que a iniciativa do debate deve ser creditada ao grupo ora referido, como do Rio Grande do Sul.

<sup>174</sup> Conhecida também através da sigla “EST”.

<sup>175</sup> Anete Roese é orientadora da dissertação de Mestrado de André Musskopf (Talar Rosa).

<sup>176</sup> SCHEUNEMANN, Arno V; ROESE, Anete (Orgs). *Homossexualidade, conjugalidade e violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p.9.

Raul Iserhard,<sup>177</sup> “Homossexualidade: drama e enigma do seu descaminho”<sup>178</sup>, elabora seu argumento articulando as contribuições da medicina, conhecimentos pessoais e o que considera “conhecimentos que a teologia deva ter a respeito da homossexualidade”.<sup>179</sup> Seu artigo pontua, inicialmente, as pressões políticas envolvidas no debate acerca da homossexualidade, sobretudo a que motivou a Associação Psiquiátrica Americana a retirar, na década de 70, a homossexualidade da categoria das doenças mentais, deixando o estudo “dessa forma de expressão da sexualidade humana”<sup>180</sup> prejudicado: “não há nenhuma concordância a respeito, e os autores de peso e de fama, reconhecidos pelo seu estudo e conhecimentos, publicações e conferências, dividem-se claramente entre os que estão a favor e os que estão contra a homossexualidade como doença mental”.<sup>181</sup> Partindo de uma posição pessoal, que oscila de doença para desvio (descaminho da sexualidade), Raul Iserhard confirma sua preferência por considerar a homossexualidade como um desvio de orientação sexual do sexo fenotípico(forma como ele aparece naturalmente) e genotípico(forma geneticamente determinada). Segundo ele, de qualquer perspectiva que se examine a questão da homossexualidade, “não se escapará nunca de constatar uma norma ou da finalidade última da sexualidade, de sua prática ou da sua natureza e função”.<sup>182</sup> Para ele, a homossexualidade se torna, portanto, um drama. O drama de “querer ser sexo que não se é”.<sup>183</sup> Ou seja, a pessoa homossexual viverá sempre uma relação de carência, de incompletude, de não-realização:

Há um persistente sentimento de perda, de não-realização, de falta, que perpassa a vida do homossexual: ele jamais poderá ter algo mais em comum com o seu parceiro do que a relação de afeto, pois, anatômica e fisiologicamente, ela não se completará nunca... Por tudo isso, não consegue prosperar uma relação amorosa na sua plenitude, pois esse extravio faz com que certas exigências se anteponham.<sup>184</sup>

---

<sup>177</sup> Psiquiatra e doutor em Teologia.

<sup>178</sup> Id. Ibid.p. 15-42.

<sup>179</sup> Id. Ibid.p.15.

<sup>180</sup> Id. Ibid., p.16.

<sup>181</sup> Ibidem.

<sup>182</sup> Id. Ibid., p.29.

<sup>183</sup> Id. Ibid., p.29-30.

<sup>184</sup> Id. Ibid., p.30.

Em sua argumentação, defende a idéia de que só é possível para a Igreja e teologia compreenderem a homossexualidade, aceitando e auxiliando o homossexual, descartando, por conseguinte, qualquer tentativa de justificar, postular ou fundamentar a homossexualidade no marco da normalidade.<sup>185</sup> Para ele, nem a medicina e, mais especificamente a psiquiatria, não conseguem postular ou fundamentar uma normalidade para a homossexualidade: “No marco referencial da orientação natural, da finalidade e da expressão, ainda que as opiniões se dividam e muitas vezes se contraponham, não se pode fugir de considerar a homossexualidade como um problema”.<sup>186</sup> Raul Iserhard não traz nenhuma novidade em sua exposição, o que já se prenunciava ao longo de sua argumentação. O debate não se move e, muito menos descortina-se qualquer nova possibilidade, restando para a teologia o mesmo de sempre:

A teologia não tem como justificar ou fundamentar uma homossexualidade como orientação natural; logo, ela tem de apreciar o problema com as coordenadas oferecidas pelo Velho e o Novo Testamento e, a partir do seu testemunho, fazer a reflexão possível. Mas além ela não tem como ir.

James Reaves Farris, “Homossexualidade como conflito moral: das perspectivas cristãs”<sup>187</sup> defende que a abordagem da homossexualidade, necessariamente, precisa incluir uma discussão ampla que envolva sexualidade e a Igreja, a fé, a teologia, a ética e a ação social. Além disso, é preciso que se pergunte pelas “autoridades básicas que fundamentam nossas crenças, teologias e éticas a respeito da sexualidade humana”.<sup>188</sup> James Farris considera como fundamental nessa discussão, o entendimento que se funda numa compreensão de que a sexualidade ultrapassa a referência genital, envolvendo questões de identidade, espiritualidade, relações e o que significa ser um ser humano.<sup>189</sup> Embora reconheça a presença de uma “verdade”<sup>190</sup>

---

<sup>185</sup> Id. Ibid., p.33.

<sup>186</sup> Id. Ibid., p.39.

<sup>187</sup> FARRIS, J. R. Homossexualidade como conflito moral: duas perspectivas cristãs. In: SCHEUNEMANN, Arno V; ROESE, Anete (Orgs). *Homossexualidade, conjugalidade e violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p.43-87. O artigo de James Farris foi publicado originalmente em 2003 na Revista “Estudos da Religião” da Universidade Metodista de São Paulo (Ano 17, nº. 24).

<sup>188</sup> Id. Ibid., p.43.

<sup>189</sup> Id. Ibid., p.44.

moral tradicional dentro do cristianismo, que afirma ser a heterossexualidade a norma humana a partir da autoridade da Bíblia, da tradição, da razão e da experiência, constata que:

Em vez da existência de uma “sexualidade humana”, ou seja, a heterossexualidade, as discussões atuais estão considerando seriamente a existência de duas “sexualidades humanas”, a hétero e a homossexualidade.<sup>191</sup>

A polarização do debate, evidenciando conflitos muito claros e pouco diálogo, dá-se, em função da “realidade de que as questões da sexualidade humana na igreja cristã estão vinculadas às crenças fundamentais sobre a natureza do ser humano e de Deus”.<sup>192</sup> Ou seja, a questão não é apenas teórica ou abstrata, mas, sobretudo, existencial. As implicações para o reconhecimento da homossexualidade como uma “expressão intrínseca da sexualidade humana tem implicações para o estado legal do casamento, a ordenação de clérigos, a criação de filhos e os direitos legais e econômicos de homossexuais”.<sup>193</sup> Para James Farris, a possibilidade de discutir de forma aberta, intencional e crítica a heterossexualidade e a homossexualidade, é o caminho alternativo que a Igreja dispõe para não ter de repetir cegamente as atitudes sociais e crenças teológicas que a impeçam de aceitar o desafio da construção de uma fé viva e relevante. Em sua análise das publicações em português que envolvem a relação entre religião e homossexualidade, ele nota que elas refletem duas perspectivas *radicalmente diferentes*:

Uma perspectiva rejeita a homossexualidade como sendo antibíblica, contra a ética cristã fundamental e uma forma antinatural da expressão sexual humana. Uma segunda perspectiva ampla baseia-se na desconstrução ou leitura crítica de textos bíblicos e numa ética cristã que inclui a homossexualidade como possível expressão válida da sexualidade humana.<sup>194</sup>

---

<sup>190</sup> Significativo aqui, o fato de a expressão estar entre aspas. Sendo possivelmente um indicador de que Farris esteja em dúvidas quanto a essa afirmação. Id. Ibid., p.44.

<sup>191</sup> Ibidem. Pode-se perguntar por que em vez de duas sexualidades humanas, não se afirma a existência de mobilidade no conceito de sexualidade?

<sup>192</sup> Id. Ibid., p.44.

<sup>193</sup> Id. Ibid., p.45.

<sup>194</sup> Id. Ibid., p.46.

Para articular sua exposição, propõe uma descrição sintética de cinco perspectivas religiosas que dominam as discussões atuais sobre a homossexualidade e que se encaixam nas duas perspectivas maiores que ele denomina de: “tradicional/conservadora e progressista/liberal”.<sup>195</sup> Ele propõe, então, conhecer as bases para a discussão em pauta que podem ser conhecidas nas respostas ao que ele chama de oito perguntas sobre a homossexualidade: a) Qual a autoridade em que se embasa o julgamento moral a respeito da homossexualidade e/ou dos atos homossexuais? b) Qual a intenção de Deus para a sexualidade humana? c) Quais os critérios necessários para a expressão sexual moral? d) Existe “condição, ou orientação homossexual” e, se existir, quais as fontes, causas ou origens? e) Qual o significado psicológico da homossexualidade? f) Qual o significado espiritual da homossexualidade? g) O homossexual pode tornar-se heterossexual? h) à luz das perguntas 1 a 7, qual a opinião moral a respeito da homossexualidade?

A perspectiva “tradicional/conservadora”, segundo James Farris, defende uma intenção de Deus para a sexualidade humana:

Da narrativa de Gênesis, que Jesus tornou parte de seu próprio ensino, sabemos que Deus ordenou a vida heterossexual para os seres humanos e que a união monógama de Adão e Eva, como “uma só carne”, é o padrão da intenção de Deus para a família humana. Neste contexto de relação, tanto a procriação da raça quanto a satisfação sexual do indivíduo são encontradas naturalmente.<sup>196</sup>

Essa intenção de Deus é aprendida naturalmente pelo ser humano, portanto, quando há uma opção fora desse padrão, isso dá-se em virtude do pecado e de um comportamento aprendido socialmente: “os atos homossexuais são um mal intrínseco e, por isso, nunca uma opção moral aceitável”.<sup>197</sup> Nessa perspectiva, esse “mal intrínseco” caracteriza as pessoas homossexuais não apenas como pessoas que fizeram uma opção moral inaceitável, mas como pessoas abusivas, agressivas, obcecadas com o sexo.<sup>198</sup> Além disso, as pessoas homossexuais são descritas como “pessoas incapazes de sentir ou expressar amor e compaixão e que têm dificuldades de

---

<sup>195</sup> Id. Ibid., p.47.

<sup>196</sup> Id. Ibid., p.67.

<sup>197</sup> Id. Ibid., p.71.

<sup>198</sup> Id. Ibid., p.72.

manter qualquer tipo de relação social normal”.<sup>199</sup> Embora haja uma posição mais moderada dentro dessa perspectiva, devido principalmente a uma inconclusão quanto às avaliações psicológicas e sociais da homossexualidade, essa posição ainda continua apoiando a tese que o comportamento homossexual é aprendido ou escolhido intencionalmente e que, portanto, é possível a cura ou a supressão dos desejos homossexuais.

Quanto à perspectiva mais liberal ou progressista, James Farris faz alguns destaques importantes: a) A homossexualidade não é compreendida como um mal intrínseco, mas como uma expressão sexual imperfeita que acontece em um mundo imperfeito;<sup>200</sup> b) A Bíblia enfatiza uma moral embasada no amor, respeito, compaixão, autotranscendência, compromisso e fidelidade. Todas as relações sexuais devem ser avaliadas por essas normas éticas;<sup>201</sup> c) As pessoas homossexuais são um grupo oprimido que sofrem sob as estruturas repressivas do sexismo, da misoginia, do patriarcado, do heterossexismo e da injustiça política e econômica;<sup>202</sup> d) A Bíblia deve ser respeitada como autoridade fundamental da religião cristã, mas os textos pertinentes à homossexualidade devem ser interpretados dentro dos contextos culturais;<sup>203</sup> e) Compreendendo que a revelação é uma interação contínua entre Deus e a criação, a razão e a experiência devem ser incluídas em qualquer discussão a respeito da vontade de Deus ou em qualquer interpretação bíblica.<sup>204</sup> Essa posição, de forma geral, concorda que a homossexualidade é uma condição ou orientação sexual humana, não sendo, necessariamente, incompatível com o funcionamento social normal, deixando de ser considerada como um mal intrínseco.<sup>205</sup> Ele reconhece, entretanto, que sua tentativa de descrever as diversas posições em relação ao tema da homossexualidade não é uma tarefa fácil, nem tampouco definitiva. Existe uma série de questões, posturas diferenciadas até mesmo dentro de posições semelhantes. Embora leve em conta todos esses fatores em seu texto, ele conclui no sentido que:

---

<sup>199</sup> Ibidem.

<sup>200</sup> Op. Cit., p.74.

<sup>201</sup> Ibidem;

<sup>202</sup> Op. Cit., p.74,75.

<sup>203</sup> Id. Ibid., p.75.

<sup>204</sup> Ibidem.

<sup>205</sup> Op. Cit., p.83,84.

A sexualidade humana é muito mais que aquilo que um indivíduo faz com os órgãos genitais. Nós temos corpos e nós somos corpos. A sexualidade tem a ver com o que significa ser um ser humano e não apenas com nossas relações sexuais. Por esta razão, a questão da homossexualidade trata da identidade e do ser e levanta questões fundamentais para a ética sexual cristã, para a teologia e para a ação pastoral.<sup>206</sup>

O texto de James Farris<sup>207</sup> é construído com uma forte consciência dos problemas e questões principais que envolvem a homossexualidade como vista pelo cristianismo. Embora não se comprometa explicitamente com qualquer tendência, ele demonstra uma capacidade de síntese importante; consegue articular as diversas elaborações que se encontram na esfera teológica, pontuando seus fundamentos, realçando dilemas importantes e, também, colocando à mostra as fragilidades das diversas posições. Entretanto, a consideração do lugar privilegiado que a pessoa humana deve ter nos encaminhamentos, discussões e análises sobre a sexualidade e especificamente sobre a homossexualidade, coloca sua posição numa situação de vanguarda ao lado de movimentos desconstrucionistas ao pleitear, pelo menos implicitamente, a dignidade da pessoa humana como parâmetro imprescindível em qualquer paradigma.

### **3.3.2 Pessoas Homossexuais e o Ministério na Igreja**

Nas análises até aqui esboçadas, decorre uma constatação imediata que se explicita na falta de consenso na escolha de lugares diferenciados para abordagem do tema da homossexualidade e na incerteza sobre os critérios balizadores. A menos que se escolha um caminho alternativo, outra lógica, vasculhar tais posições, sejam conservadoras ou liberais, é insistir na permanência do dilema, investindo assim num argumento circular que, por força de sua natureza, não poderá indicar outra possibilidade. Dois textos que tentam ir em direções opostas, pontuando uma nova fase do debate sobre o cristianismo e a homossexualidade, ao passo em que postula a ordenação de

---

<sup>206</sup> Id. Ibid.,p.87.

<sup>207</sup> O texto de James Farris é imprescindível para qualquer análise da homossexualidade na perspectiva cristã, sobretudo, de correntes ligadas ao protestantismo.

peças homossexuais ao ministério ordenado na Igreja, são: “Uma brecha no armário: Propostas para uma Teologia gay”<sup>208</sup> e “Talar Rosa: Homossexuais e o ministério na Igreja”,<sup>209</sup> de André Musskopf, que tem tido uma atuação reconhecida na defesa da possibilidade de pessoas homossexuais ascenderem ao ministério ordenado na Igreja, principalmente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Ele tem participado de diversos núcleos de estudos no Brasil, debatido o assunto em inúmeros seminários e palestras e tem sido, além de pioneiro, uma referência nesse debate, trazendo uma série de contribuições importantes à formulação do que chama de uma teologia gay, inclusive propondo alternativamente o conceito e a terminologia “Queer”<sup>210</sup> como referência às pessoas homossexuais.

Em “Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay”,<sup>211</sup> André Musskopf defende a idéia de que a teologia deve surgir a partir da realidade presente na Igreja. Ou seja, há homossexuais cristãos. Como fazer teologia a partir dessa constatação? Que teologia deve ser feita? Para ele, essa teologia deve partir da história<sup>212</sup> de vida das pessoas homossexuais. É a partir delas que a teologia deve ser feita e não, apesar deles ou para eles.<sup>213</sup> Isso significa que a Igreja deve estar disposta a ir além de simplesmente construir uma nova teologia; ela precisa, também, estar disposta a ser um espaço de libertação, espaço a partir do qual essas pessoas possam compartilhar suas experiências de vida e lutar por seus direitos.<sup>214</sup>

Embora ele reconheça que posturas discriminatórias sempre estiveram presentes na Igreja, é apenas com João Paulo II, que ela assumirá uma postura homofóbica extrema “declarando a homossexualidade como intrinsecamente má”,<sup>215</sup> e ao invés de centrar o debate na existência de uma

---

<sup>208</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. Esse texto é fruto inicialmente de seu trabalho de conclusão de curso na graduação em Teologia pela EST.

<sup>209</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: Homossexuais e o ministério na igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

<sup>210</sup> Termo inglês com o sentido de “fabuloso, estranho, diferente”.

<sup>211</sup> Op. Cit.

<sup>212</sup> Para Pedro de Souza não é tão simples assim imaginar que essas histórias não passam por construtos muito mais elaborados e não sofrem alterações em função de uma série de variáveis. SOUZA, Pedro. *Confidências da carne: O público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

<sup>213</sup> Op. Cit., p.6,7.

<sup>214</sup> Id. Ibid., p.12.

<sup>215</sup> Id. Ibid., p.13.

identidade gay e lésbica, a Igreja tem centrado seu discurso sobre a homossexualidade em sua tradição e na radicalização de textos bíblicos. Esse tipo de postura gera uma exclusão teológica desse novo sujeito e o “afastamento das pessoas homossexuais do mundo da religião, Igreja e Teologia, condenados como doentes e pecaminosos”.<sup>216</sup> É importante, para André Musskopf, o fato que um novo fazer teológico, necessariamente, precisa nascer a partir da história de vida de gays e lésbicas, refletindo suas experiências e ouvindo:

Os questionamentos que a experiência destas pessoas traz para a teologia enquanto ciência ligada aos interesses e experiências de homens, machos, brancos, heterossexuais e de classe média. Uma Teologia Gay não quer apenas apresentar um novo teológico para gays, mas também uma reflexão que contagie toda a teologia trazendo novas possibilidades, nunca antes imaginadas.<sup>217</sup>

Essa nova Teologia Gay deve propor uma “cristologia que revele Jesus como aquele que se coloca ao lado dos/as excluídos/as e oprimidos/as sexualmente em presença corporal, pois sua atuação está em correlação direta com a luta de gays por justiça e liberdade”.<sup>218</sup> Uma Teologia Gay, prossegue, não pode apenas centrar o debate nos textos bíblicos que “supostamente” se refiram à homossexualidade. Essa Teologia precisa ultrapassar a questão do que a Bíblia diz sobre a homossexualidade e formular outra: “O que os homens gays têm a dizer sobre a Bíblia?”.<sup>219</sup> Essa experiência é chamada por ele de “olhar a Bíblia com outros olhos: com os olhos de gays e lésbicas”.<sup>220</sup> Além disso,

Uma Teologia Gay centrada na Bíblia não pode querer provar a legitimidade da homossexualidade, partindo da desconstrução dos textos que mencionam algum tipo de relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas deve buscar formas para curar as feridas deixadas pela discriminação e exclusão. É preciso olhar para os textos bíblicos e encontrar exemplos de cura e exclusão.<sup>221</sup>

---

<sup>216</sup> Id. Ibid., p.14.

<sup>217</sup> Id. Ibid. p.19.

<sup>218</sup> Id. Ibid., p.61

<sup>219</sup> Id. Ibid., p.61.

<sup>220</sup> Id. Ibid., p.64.

<sup>221</sup> Ibidem.

Outra característica que deve ser central nessa Teologia Gay é a doutrina da justificação por graça e fé: “A negação do ser homossexual é a negação do agir salvífico de Deus em Jesus Cristo para com estas pessoas.”<sup>222</sup> A pessoa homossexual, por ser alcançada por esse amor incondicional, tem a liberdade para servir a todas as outras pessoas:

Pela fé, homens gays são libertados para se colocar a serviço do próximo... Quando homens gays “saem do armário”, aceitam a si mesmos como seres humanos integrais, podem encontrar, na doutrina da justificação por graça e fé, o critério para seus relacionamentos e o contraponto para sentir-se próximos de Deus e das Igrejas que seguirem essa doutrina com seriedade e comprometimento.<sup>223</sup>

Essa possibilidade que uma Teologia Gay oferece para que as pessoas homossexuais se assumam na condição de seres humanos integrais, necessariamente, força-os à busca por novos modelos, “novos tipos de masculino”<sup>224</sup>. Embora ainda não estejam prontos, precisam ser construídos”:<sup>225</sup>

Dessa forma, homens gays fazem emergir um novo modelo de masculinidade e de humanidade. Não um modelo padrão ou uniforme, mas um modelo que permite ousar novas formas, entregar-se à intimidade, abandonar o comando e mostrar-se vulnerável!... A construção desse novo modelo na experiência de gays é a base de reflexão para uma Teologia Gay que busca entender esse processo e articular os temas que ele sugere.<sup>226</sup>

O texto de André Musskopf, “Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay”, dentre os analisados anteriormente, foi o primeiro que, de forma clara, apresentou-se com a tarefa de apontar uma alternativa teológica que contemple pessoas homossexuais na realidade brasileira. Ainda que se note apenas a elaboração de intenções nesse sentido, não se pode negar a importância de seu intento, além do fato de ter colocado um ponto fundamental para ser apreciado no debate cristão no Brasil acerca da homossexualidade e,

---

<sup>222</sup> Op. Cit., p.72.

<sup>223</sup> Id. Ibid., p.72,73.

<sup>224</sup> Musskopf trai-se aqui ao focar apenas os homossexuais masculinos, no entanto, reconhece a possibilidade de que homossexuais masculinos não precisem ser um outro gênero. Idéia que ele não leva adiante em outros trabalhos, preferindo outra opção, como *queer*, por exemplo.

<sup>225</sup> Id. Ibid., p.73.

<sup>226</sup> Id. Ibid., p.83.

conseqüentemente, para a viabilização do acesso de pessoas homossexuais ao ministério ordenado: a apropriação teológica do tema por uma via alternativa que a do fazer teológico dominante.

“Talar Rosa: Homossexuais e o ministério na Igreja”,<sup>227</sup> é uma publicação com revisões e acréscimos de sua dissertação de Mestrado em Teologia, defendida em 2004 na Escola Superior de Teologia<sup>228</sup>, em São Leopoldo. O texto tem como ponto de partida principal a apresentação de histórias de vida: são relatos de sete ex-alunos do curso de Graduação em Teologia na Escola Superior de Teologia com identidade homossexual<sup>229</sup>. Para André Musskopf, esses relatos são centrais em sua pesquisa por entender que “toda discussão teológica deve partir da experiência humana, enquanto expressão do encontro de seres humanos com a revelação e resposta de fé”.<sup>230</sup> O limite em que discute ministério e ordenação está circunscrito ao âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.<sup>231</sup>

Tomando emprestado uma estratégia corrente no Movimento Homossexual que é de ressignificar determinados símbolos, como o rosa, por exemplo, que numa perspectiva preconceituosa é estereotipado, passando a designar o feminino, o efeminado, o gay, André Musskopf, toma-o como um símbolo que pode representar a luta de pessoas homossexuais por um lugar no ministério ordenado na IECLB, um símbolo de resistência. Talar é a veste litúrgica usada pelos ministros ordenados desta igreja e o rosa é a voz, não mais silenciosa, que reclama seu espaço nesse ministério.<sup>232</sup>

Talar Rosa é um convite a romper com as armaduras e uniformes que tolhem o corpo de obreiros e obreiras, a questionar padrões solidificados pela tradição e a pensar outras formas de conceber e exercer o Ministério Eclesiástico Ordenado.

Para fugir do binômio heterossexualidade/homossexualidade que orienta diversos trabalhos e abordagens a homossexuais, ele introduz a teoria *Queer*.

---

<sup>227</sup> Op. Cit.

<sup>228</sup> Doravante “EST”.

<sup>229</sup> Musskopf usa, de forma alternada, os termos homossexuais ou homens gays. Tendência que vai tentar se manter nessa análise.

<sup>230</sup> Id. Ibid., p.14.

<sup>231</sup> Também neste texto, a partir de agora, referenciada pela sigla IECLB.

<sup>232</sup> Nos campos de concentração nazista uma marca, o triângulo rosa, era usado para marcar os homossexuais masculinos cf. MUSSKOPF, Op. Cit., p.20.

Na verdade, a teoria *Queer*, bem mais presente na Europa e Estados Unidos, propõe-se a ser uma referência alternativa, não apenas aos homossexuais, mas aos grupos que se sentem marginalizados na expressão de sua sexualidade. Dessa maneira, no escopo de sua pesquisa, a teoria *Queer* vem para “afirmar identidades sexuais marginalizadas e desafiar o sexismo dentro e fora das comunidades gays”,<sup>233</sup> e além disso, acrescenta outra razão para a apropriação dessa teoria, ou seja, o fato de ela ser referência em trabalhos acadêmicos quanto à sexualidade e os assuntos que lhe integram. Segundo ele, a “teoria *queer* conseguiu transformar sexo e sexualidade em assuntos para trabalho acadêmico, e é neste ponto que ela difere dos estudos feministas que não atingiram este alvo, centrando suas reflexões na questão de gênero”.<sup>234</sup> Para ele, a teoria *Queer* conseguiu ir mais além do que os estudos feministas, porque reconheceu que a sexualidade não pode ser estudada a parte de “outras categorias de identidade, como raça, gênero, classe e crenças espirituais”.<sup>235</sup> Por fim, diz que:

Através da idéia de que “a vida pessoal é sexualizada”, e refletindo sobre como se dá essa “sexualização”, a teoria *queer* também questiona “o ideal acadêmico de reflexão desapaixonada, com a razão como único guia, que acarreta uma recusa em reconhecer as múltiplas formas nas quais fatores culturais e psicológicos influenciam o que nós pensamos e escrevemos”. Mais do que uma metodologia é uma sensibilidade.<sup>236</sup>

Sua opção pela teoria *Queer* abre espaço e é complementada pelos recursos da história oral: “A História Oral, por sua natureza e proposta, se enquadra nos princípios epistemológicos da Teoria Queer, pois permite a reconstrução das histórias de pessoas marginalizadas...”<sup>237</sup> Dessa maneira, unindo a teoria *Queer* e a história oral, é possível; “... resgatar a memória

<sup>233</sup> Id. Ibid., p.25.

<sup>234</sup> Ibidem. Embora, pareça uma afirmação equivocada de André Muszkopf. Correntes feministas têm liderado trabalhos pioneiros sob a ótica *Queer*.

<sup>235</sup> Ibidem. O sentido do que Muszkopf traz aqui é incerto, isso, considerando seu conhecimento do que estudos feministas têm proporcionado no Brasil em termos de discussões acadêmicas pioneiras.

<sup>236</sup> Id. Ibid., p.26. Novamente, talvez por transcrever um conceito de outro autor sem a devida crítica, esse argumento usado por Muszkopf, carece de sentido, pois, é através dessa razão desapaixonada, tida como guia, é que se pode postular e identificar a presença ou ausência de múltiplos fatores constitutivos em qualquer análise. É preciso diferenciar uma crítica à razão desapaixonada de uma crítica a certo “ideal cientificista” presente em muitas abordagens.

<sup>237</sup> Id. Ibid., p.27.

invisibilizada de alguns homens homossexuais e seus processos de construção de identidade e confrontação com a estrutura da Igreja”.<sup>238</sup>

Outro dado recorrente na abordagem de Musskopf é o retrato que faz do contexto que envolve a história de vida das pessoas homossexuais, sobretudo, daquelas que serão entrevistadas. Esse contexto é marcado pela “dor e o sofrimento causados pelas estruturas heterocêntricas da Igreja, bem como as lutas de sobrevivência e resistência dentro destas estruturas”.<sup>239</sup> Tendo o tear, o tecer, como figura temática a partir da qual se circunscreve os relatos de caso, a história de vida dos entrevistados – homens gays, na linguagem de André Musskopf – surge o perfil que caracteriza os atores dessa trama. Ele parte de uma lista de vinte potenciais entrevistados, homens gays e que de alguma forma tiveram ligação com a Faculdade de Teologia e que aspiravam ao ministério ordenado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.<sup>240</sup> Desses vinte, onze concluíram o curso por ocasião da pesquisa, cinco ainda eram estudantes e quatro não concluíram. Desses, cinco estavam cursando outra graduação e oito tinham outra profissão. Entre aqueles que concluíram o curso, cinco foram ordenados ou estavam realizando o período prático de Habilitação ao Ministério.<sup>241</sup> Do total de vinte, nove foram selecionados, três não haviam concluído o curso, dois foram ordenados e outro concluiu o curso, mas não foi ordenado. Por uma série de questões pessoais, (medo, problemas de tempo), apenas sete se sentiram à vontade e dispostos a contar suas histórias. Desses, três estavam estudando teologia, dois não terminaram o curso, um foi ordenado e outro concluiu o curso, mas não foi ordenado.<sup>242</sup>

Além dessa “caracterização”, ele aponta alguns traços sugestivos de sua entrevista: a) Várias vezes os entrevistados deixaram de falar da sua própria vida para falar sobre a situação da Igreja e da sociedade; b) As entrevistas foram carregadas de tensão. Possivelmente decorrente do fato de tornar essa história pessoal, uma história pública “diante de uma sociedade e uma Igreja

---

<sup>238</sup> Ibidem. Uma questão que se levanta no uso da história oral de forma recorrente tem a ver com os dados que se interpretam. Até que ponto não se faz ouvir a voz do pesquisador, sua montagem, assumindo esse não o papel de colagem, de construção, mas de ventríloquo.

<sup>239</sup> Op. Cit., p.28

<sup>240</sup> Id. Ibid., p.32.

<sup>241</sup> Ibidem.

<sup>242</sup> Op. Cit., p.32-33.

em que sua experiência é considerada desviante”.<sup>243</sup> Juntando toda essa tensão às questões que envolvem a coleta de dados das narrativas orais (gravação, edição, cortes, retomadas), André Musskopf diz que as histórias que resultaram nesse processo “são histórias de profunda sensibilidade, contadas algumas vezes entre lágrimas, com intervalos para abraços. Elas são fruto de um processo de co-autoria entre entrevistado e entrevistador, num exercício criativo de troca e companheirismo.”<sup>244</sup> Esse recontar de histórias, tônica do capítulo, tem como objetivo mostrar como homens gays têm buscado o seu espaço na Igreja e no exercício do ministério ordenado.<sup>245</sup> Num arranjo próprio<sup>246</sup> de fundamentos e argumentações, André Musskopf destina todo um capítulo em sua dissertação para entender “A criação de moldes e modelos: estudo dos três primeiros séculos da Igreja Cristã: Novo Testamento e Pais da Igreja até Cipriano”.<sup>247</sup> Uma pergunta que se levanta diante de tal desafio pontua o porquê de se apresentar uma análise para a qual já se tem previamente o resultado<sup>248</sup>. Tal fato é perceptível na declaração de André Musskopf, que vai tratar de um período marcado por um sistema patriarcal “que mantém a dominação do macho e o privilégio embasado na submissão e marginalidade da mulher”.<sup>249</sup> A conclusão anunciada dele, é que os “Pais da Igreja dos séculos II e III colocaram as bases para a compreensão da ordenação por séculos dentro da Igreja e Cristã”<sup>250</sup> e que, em tal sistema, “as mulheres são excluídas do ministério sacramental, juntamente com todos os homens que não preenchem os requisitos do que se considera próprio da natureza masculina”.<sup>251</sup> Uma pergunta que parece pertinente, tem a ver com o porquê da escolha de André Musskopf para essa análise histórica, quando parece mais necessário fundamentar adequadamente a tomada do referencial

---

<sup>243</sup> Id. Ibid., p.34.

<sup>244</sup> Ibidem.

<sup>245</sup> Id. Ibid., p.101. Embora seja interessante entender essas histórias, na perspectiva da presente pesquisa, uma análise mais pormenorizada será adiada para outro momento.

<sup>246</sup> Não é possível, numa leitura apenas do texto de Musskopf, entender de que maneira esses capítulos vêm contribuir para a re-significação do Talar Rosa, apesar de suas justificativas constantes nesse sentido.

<sup>247</sup> Id. Ibid., p.103.

<sup>248</sup> Musskopf parece reconhecer isso ao dizer que “a Ordenação sempre legitima um determinado modelo de estrutura eclesial. Por isso, é preciso analisar e avaliar tal modelo para perceber quem ele privilegia”. Id. Ibid., p.141.

<sup>249</sup> Ibidem. O autor já tem uma análise pronta advinda da teologia Feminista, como o próprio autor reconhece ao citar Fiorenza, E.S. *Discipulado de iguais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>250</sup> Id. Ibid., p.139.

<sup>251</sup> Ibidem.

feminino como o marco teórico adequado para análise das questões que envolvem a homossexualidade masculina. A observação de causas e por quês, apontadas na abordagem do capítulo anterior, também se justifica na inclusão de um capítulo que se propõe a analisar a visão de Lutero quanto às questões em pauta (sexualidade, ordenação, tradição, reforma): “O talar preto: luteranismo e ordenação”,<sup>252</sup> e as presentes conclusões. Por exemplo, quanto à sexualidade, “Os textos analisados não permitem uma conclusão aprofundada sobre a questão da sexualidade, até porque Lutero muitas vezes se esquivava de discutir o tema em seus detalhes”.<sup>253</sup> Quanto ao ministério ordenado, “No caso das mulheres, é possível perceber como Lutero segue os padrões e teorias de sua época. Ele questiona o seu acesso ao Ministério Ordenado baseado em compreensões sobre a “natureza” das mulheres, que perturbariam a ordem do culto, impedindo a pregação e administração dos sacramentos para edificação da comunidade”.<sup>254</sup>

Analisando a posição da IECLB<sup>255</sup> sobre a homossexualidade e a ordenação de pessoas homossexuais ao ministério na mesma, André Musskopf demarca questões sensíveis. Para ele: “... em nenhum lugar o preconceito e a discriminação é tão marcante, quanto nas religiões organizadas.”<sup>256</sup> Mesmo reconhecendo não ser a intenção da IECLB ser preconceituosa, ele pergunta se a maneira como ela lida com o assunto, não fomenta, de certa maneira, a homofobia. Outro fator que merece ser marcado, tem a ver com a possibilidade de justificar a afirmação da IECLB, que as pessoas homossexuais devam colocar os dons dados por Deus a serviço do evangelho, mas não podem responder ao chamado de Deus, caso esse seja para exercer um ministério ordenado.<sup>257</sup> Por fim, a maneira pela qual a IECLB lida com o tema da ordenação de pessoas homossexuais ao ministério ordenado, não apenas “confunde, mas sustenta um padrão ético duplo onde se fazem diferenciações entre a conduta sexual esperada de homossexuais e heterossexuais. Como consequência, à custa desta falta de consenso, impede-

---

<sup>252</sup> Id. Ibid.p.143. Entendendo o contexto da discussão em torno de uma comunidade Luterana, não há surpresa na inclusão de tal capítulo.

<sup>253</sup> Id. Ibid., p.164.

<sup>254</sup> Id. Ibid., p.166.

<sup>255</sup> Doravante IECLB.

<sup>256</sup> Id. Ibid., p.177.

<sup>257</sup> Id. Ibid.,p.179.

se o acesso de pessoas homossexuais ao Ministério Ordenado”.<sup>258</sup> André Musskopf questiona também, a existência de um comprometimento por parte da IECLB em tratar com mais clareza e diálogo esse tema que envolve a Igreja e seus membros de orientação homossexual, além de toda a sociedade. Para ele, a IECLB precisa colocar “esse tema em pauta possibilitando assim que o tema seja discutido amplamente, garantindo-se um espaço seguro para que pessoas homossexuais possam participar...”<sup>259</sup>

A abordagem de André Musskopf impõe, antes mesmo da busca pelo reconhecimento da Igreja ao ministério ordenado, por parte da pessoa homossexual, uma reflexão sobre certa tendência observada quando da apropriação de recursos teóricos da Teologia Feminista para viabilizar o cenário crítico no qual a emergência da pessoa homossexual seja possível com todas as suas potencialidades. Ou seja, na apropriação desses recursos teóricos, mesmo que não intencionalmente, corre-se o risco de se aceitar (conformar-se?), sem o devido aprofundamento, a homossexualidade como uma variante feminina, papel esse legitimado pela mesma ideologia que se pretende dismantelar. Tal tendência é observada no próprio uso do termo *tecer*,<sup>260</sup> presente no Talar Rosa, não como adendo, mas como “encaminhador” da discussão, lembrando não a arte em si, mas o artesão, no caso, a mulher que tece e, agora, já não é a única:

Os dons que homens gays trazem para o Ministério Ordenado em geral são associados a características femininas. R. Edwards identifica estas características nas construções arquetípicas de Carl Jung. Não são características essencialmente ligadas à natureza feminina, mas associadas com o papel de gênero que se espera que uma mulher desempenhe... Crhis Glaser, depois de realizar testes psicológicos para admissão ao Ministério Ordenado que revelassem um alto nível de qualidades “femininas” respondeu em conversa com o psicólogo que “tinha esperado isso, pois as assim chamadas qualidades ‘femininas’ são aquelas comumente associadas com as exigências para o ministério: sensibilidade, habilidade para ouvir, capacidade emotiva, assim como um desejo de ser cooperativo e cuidadoso. Que pena que tem havido tamanha oposição à ordenação daqueles que tem tradicionalmente sido projetados com tais características: mulheres e homens gays.”<sup>261</sup>

---

<sup>258</sup> Id. Ibid., p.181.

<sup>259</sup> Ibidem..

<sup>260</sup> Op.Cit., p.186.

<sup>261</sup> Id. Ibid., p.221.

Não conseguindo desvencilhar-se da associação comum homossexualidade/feminino/mulher, André Musskopf prossegue, destacando em Talar Rosa, a partir dos relatos de caso, as características presentes nas pessoas homossexuais: Sensibilidade; Adaptabilidade; Espiritualidade e Criatividade. A questão não se pontua sobre a assertividade ou não das características, mas de seu fundamento. Não seria reproduzir o discurso heterossexual dominante a associação da homossexualidade com o feminino? Embora se possa, a princípio, assentir a questão proposta, o problema maior surge, não quanto à maneira pela qual a pessoa homossexual se expressa, mas, na percepção que se desenha aqui uma busca por uma identidade própria, que por ora prefere conformar-se com o outro excluído, no caso, a outra. A apropriação teórica do discurso elaborado pela Teologia Feminista é fundamental e importante para afirmação da pessoa e discursos homossexuais. O que se pretende apontar é certa tendência da assunção não apenas do referencial teórico, mas do lugar feminino no discurso, o que, longe de afirmar ou constituir caminhos possíveis para a identidade da pessoa homossexual, pode transformá-la num subproduto, variante, da identidade feminina. Mesmo quando se tenta fugir da apropriação feminina feita pelo modelo dominante, não se consegue escapar totalmente da variante masculina, máscula, “macha”, frutos também do repertório heterossexista, patriarcal dominante:

Os desenhos de Tom of Finland ajudaram os homens gays a entenderem o seu corpo de forma diferente, pois eles podiam ser charmosos, fortes e masculinos como qualquer outro homem, e eles passaram a entender-se como *queer*, não mais como “bichinhas” ou mesmo como “normais”... Embora esse estereótipo vise “masculinizar” os corpos de homens gays segundo padrões de gênero sexistas, eles subvertem estas mesmas normas ao incorporarem esta característica que não está prescrita a eles.<sup>262</sup>

A questão resolver-se-ia postulando uma provável natureza homossexual? André Musskopf acha que não. Segundo ele:

Da mesma forma aqueles e aquelas que argumentarem em favor da Ordenação de homossexuais a partir de uma “natureza homossexual”,

---

<sup>262</sup> Id. Ibid., p.192.

afirmando seus dons como sendo especificamente de pessoas homossexuais em vista dessa natureza especial, e não como consequência de uma configuração histórica-cultura que leva ao desenvolvimento mais apurado de determinadas características, não rompem com a estrutura heterocentrada. Pelo contrário, mantêm o dualismo entre pessoas homossexuais e heterossexuais e não contribuem para a humanização da Sociedade, da Teologia e do Ministério.<sup>263</sup>

Para ele, o entendimento de sexualidade como dom de Deus deve ser estendido aos homossexuais e, por conseguinte, o ambiente eclesiástico precisa proporcionar o exercício desses dons por todos, sejam homossexuais ou heterossexuais, com respeito, amor e responsabilidade.<sup>264</sup> Embora ele tenha, a princípio, tentado elaborar uma teologia que desse conta da realidade homossexual, principalmente com “Uma brecha no armário: Propostas para uma teologia gay”,<sup>265</sup> parece que preferiu outra via em “Talar Rosa”,<sup>266</sup> ao advogar um espaço para o ministério ordenado na IECLB para as pessoas homossexuais. O caminho escolhido por ele não prevê a necessidade de uma reforma teológica,<sup>267</sup> ao contrário, insiste na necessidade de uma reforma eclesiástica. É a estrutura eclesiástica que precisa ser questionada. De qualquer forma, tanto em “Uma brecha no armário”, quanto em “Talar Rosa” ele aponta questões principais que devem ser tratadas dentro do cristianismo brasileiro, para que seja possível não apenas a aceitação da pessoa homossexual pela igreja, como também a possibilidade de ascensão ao ministério reconhecido. Tais questões são: a) Uma Teologia que dê conta da realidade homossexual; b) Uma Eclesiologia que comporte não apenas a presença da pessoa homossexual, mas também o exercício de seus dons e talentos; c) A necessidade da fundação (redefinição) de uma identidade própria da pessoa homossexual; d) A pessoa homossexual como *locus hermenêutico* privilegiado.

---

<sup>263</sup> Id. Ibid., p.205.

<sup>264</sup> Id. Ibid. p.234.

<sup>265</sup> Op.Cit.

<sup>266</sup> Op.Cit.,

<sup>267</sup> Id. Ibid., p.235.

### 3.4 Cristianismo e Homossexualidade: Outras vozes – uma síntese.

A investigação ensejada nesse capítulo nos permite fazer uma série de constatações. A primeira delas tem a ver com o *locus* teórico a partir do qual, o cenário discursivo, apontado nos mesmos, ergueu-se. O diálogo, embora aconteça no Brasil e pensando a realidade Brasileira a partir do Cristianismo, discute com uma produção teórico-literária externa em dois sentidos. O primeiro, no sentido de produções não brasileiras. O segundo, no sentido de produções não teológicas. Ou seja, dialoga-se na realidade cristã brasileira com epistemologias e referenciais não brasileiros. Essa ausência impõe, necessariamente, uma apropriação de referenciais e encaminhamentos efetivados por áreas do saber que colocam a temática da homossexualidade como prioridade em sua agenda. Teologicamente, a discussão no Brasil vai a reboque das outras ciências.<sup>268</sup> Além disso, parece haver um prognóstico ainda mais preocupante: o crescimento da literatura de reação. Com os conflitos observados atualmente em relação à possibilidade de criminalização da homofobia, tem havido um aumento de textos defensivos por parte de Igrejas e movimentos evangélicos, com o propósito de garantir a livre expressão de idéias em relação à homossexualidade. A Teologia pode correr o risco da “burocratização” institucional, deixando de buscar uma voz própria para acomodar-se em ser uma espécie de porta-voz de mão única.

Outro ponto que precisa ser colocado em relevo tem a ver com a questão de identidade homossexual. Quem é (são) o sujeito (sujeitos) que pretende, chamando-se de homossexual, *queer*, *gay*, assumir um ministério ordenado, reconhecido pela Igreja? Qual o seu estatuto? Responder pela identidade da pessoa homossexual impõe uma revisitação necessária de alguns postulados em gênero. Para os rumos da presente investigação, é sumamente importante assegurar uma análise que caminha na necessidade de demonstrar que as construções conceituais expressas nas categorias de gênero “masculino” e “feminino” são construções sociais, implicando muito mais que preconceitos ou ideologias heterossexistas, patriarcais e impositoras.

---

<sup>268</sup> Esse é exatamente o problema. O diálogo é rico, necessário e imprescindível, no entanto, poderia ser enriquecido ainda mais pela Teologia. Há muita produção teórica no campo da Antropologia, Pedagogia, Psicologia e muitas delas, partindo de referenciais teóricos advindo da psicanálise.

Como por exemplo, o próprio conceito de temperamentos inatos, (características femininas ou masculinas preestabelecidas pela suposta inclusão biológica). Rediscutir a identidade homossexual a partir do gênero é postular certa liberdade à pessoa homossexual que lhe permita re-constituir sua identidade, a partir da desconstrução das caracterizações ideológicas, supostamente auto-referenciadas numa lei biológica inata. Num contexto de liberdade e respeito, a pessoa homossexual não apenas foge, escapa, das inúmeras prisões que lhe privam a dignidade e lhe tiram qualquer perspectiva de humanidade, seja num contexto de marginalização, seja num contexto de silenciamento, como, também, encontra forças necessárias para afirmar uma identidade não híbrida, não esmolada, não artificializada. Nesse caso, não apenas ele, mas, inclusive, Deus deixaria de ser masculino ou feminino. Finalmente (não conclusivamente) é importante que uma produção Cristã-Teológico-Brasileira esteja disposta a ouvir e dialogar com os movimentos homossexuais, seja do ponto de vista teórico ou político, procurando entender seus pontos de vista, aspirações e epistemologias.

A partir desse cenário pré-anunciado, que tipo de reconstruções e desconstruções são necessárias, segundo as perspectivas de correntes teológicas alternativas, para o reconhecimento das pessoas homossexuais, que leve em conta sua dignidade como pessoa humana e não sua preferência sexual ou afetiva? De que maneira a Teologia pode contribuir nesse sentido? Não seria a própria referência e construção do símbolo Deus, um produto das concepções dominantes em gênero? Nesse caso seria possível encontrar uma linguagem apropriada para se falar de Deus? É possível para a teologia falar sobre sexualidade sem perguntar pela sua própria sexualidade? Para as correntes teológicas alternativas essas são questões importantes que precisam ser respondidas para a construção de um paradigma alternativo que privilegie a pessoa humana e, no caso de sua relação com o Sagrado, permita-lhe expressar seus dons, serviços e adoração.

#### **4. Desconstrução e Reconstrução: Gênero, Identidade e Teologia.**

Novos atores procuram na Igreja um espaço nos cultos, nas atividades, nos batistérios e nos púlpitos. No entanto, esses novos atores têm se apresentado num espaço que, em função de sua epistemologia, de seus pressupostos, de sua cosmovisão, considera-os como “não seres”, como não normais, não apenas pecadores, mas, principalmente, subversores de uma ordem divina, perfeita, completa e boa. Num espaço que tem como responsabilidade máxima manter tal ordem, a tais atores só resta um único remédio: uma transformação completa, mais que arrependimento, uma mudança na própria identidade – de um não ser – para um “ex ser”. Segundo teologias alternativas, pessoas homossexuais têm tido um duplo desafio: reafirmar sua identidade na esfera social e repensá-la na esfera do Sagrado. Desafios que precisam ser vencidos numa situação de dor pessoal – como ser diferente do normal? Desafios que precisam ser vencidos em meio a uma dor social – como fazer para sair da margem, do estigma, do desprezo, e ser aceito? Como uma resposta provisória, mas de repercussões internas e externas, coloca-se a possibilidade de uma revisão da epistemologia, que embasa e sanciona o que é normal e anormal em termos da construção e afirmação da identidade. Paralelamente, pergunta-se pela extensão de tal projeto na consideração de uma possível associação de gênero, na compreensão tradicional da identidade divina.

Na concepção predominante de gênero, masculino e feminino se constituem como categorias identitárias balizadoras das diversas relações afetivas na sociedade. Em virtude desse paradigma, as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo foram consideradas como atividades indesejáveis, pecaminosas, estigmatizadoras e segregantes. Desafiando todos esses limites, a homossexualidade propõe a desconstrução de uma fundamentação exclusivamente heterossexista, heteronormativa e binária que impõe uma formulação artificial e abstrata aos conceitos de identidade e gênero. Tal projeto propõe, não apenas uma reconfiguração do paradigma predominante, mas, as questões que pontua, perpassam necessariamente pelo

interior do movimento homossexual, lançando desafios e problemas. O que de fato é a homossexualidade, quando se evidencia a cisão entre sexo e gênero? Entre o que é biológico e o que se constrói socialmente? Ao relegar a questão do sexo à biologia, a homossexualidade não se define como construção social? Não seria a homossexualidade resultado de outras construções sociais? Para firmar-se como uma desconstrução de gênero, a homossexualidade, enquanto identidade, não propõe a sua própria desconstrução? Ou seria justamente o inverso? Herdando, de certa maneira, o pano de fundo teórico do feminismo e das articulações dos diversos saberes daí provenientes, a homossexualidade traz, necessariamente, à visibilidade de sua agenda, a questão do gênero, a questão da identidade e a questão das relações com as diversas dimensões da vida, e entre elas, a dimensão do Sagrado.

Na consideração de tal projeto desconstrutivo, em virtude do que se propõe a presente investigação, considera-se fundamental refletir sobre as próprias possibilidades e desafios da Teologia. Entre as quais, por exemplo, saber a partir de que paradigma seria possível para a teologia compreender a pessoa homossexual, permitindo-lhe uma oportunidade segura, não apenas para o diálogo, mas também, para viabilizar aproximações, apoio e convivência com a comunidade cristã brasileira. Um ponto de partida para reflexão e apropriação dos desafios dessa demanda, pode ser instaurado a partir das desconstruções e reinterpretações sobre o conceito de gênero, encaminhadas pela Teologia Feminista. Trilhar por tal caminho, ainda em construção, não apenas para uma revisão da relação gênero/biologia, mas, sobretudo, para uma relação plena da pessoa humana com o Sagrado, implica, por sua vez, num duplo desafio para teologia. Um de natureza interna – com referência aos pressupostos de acolhimento e rejeição da pessoa humana, outro, de natureza transcendental – não seria o Sagrado, representado pelo símbolo “Deus”, refém de uma determinada lógica identitária de exclusão, subjugação e aprisionamento? Não restaria, portanto, à Teologia, diante da presença de não tão ilustres convidados, perguntar a si própria pelas discussões, desafios e esperas que lhe são trazidas (chegadas)? Uma revisão no conceito de gênero, que diga respeito às pessoas homossexuais e que se proponha, também, quando voltar os seus olhos para o altar, perguntar pela “identidade do Divino”,

cuja face a teologia oficial só permite vislumbrar de soslaio, não seria um caminho alternativo?

O presente capítulo se propõe, então, a partir dessas questões principais, debruçar-se sobre a relação entre Identidade, Gênero e Teologia, pontuando aspectos gerais sobre a compreensão predominante em gênero, entendendo como pessoas homossexuais tem lidado com essa questão, que caminhos têm assumido, buscando (refletir sobre) os compromissos ou desafios que se mostram à teologia, quando se põe a tarefa de tomar para si a responsabilidade de olhar as pessoas homossexuais sob outro prisma identitário. Como recortes teóricos norteadores, o presente capítulo faz uma opção pela alternativa de desconstrução encaminhada por Judith Butler, procurando analisar, a partir de suas contribuições, as apropriações dessas questões nas lentes de Elizabeth Johnson e Marcella Althaus-Reid, da transferência que ambas fazem para dentro (e para fora) da Teologia, e das implicações desconstrutivas de tais contribuições. Tanto pela possibilidade de pensar Deus num outro paradigma que não o masculino, ou de gênero, como, sobretudo, por entender as profundas implicações que a imagem que se tem de Deus, seja para a compreensão da identidade humana, seja para perguntar pelos constitutivos da identidade divina, altera, conduz, condiciona, os caminhos de uma determinada comunidade. Propõe-se, portanto para a Teologia, em virtude desses encaminhamentos, debruçar-se (revelar-se e revelar) sobre a maneira e pressupostos pela qual fala em nome de Deus, implicando linguagem e conceitos e, através dos quais, responde por Ele, silenciando, limitando ou permitindo a diversidade de identidades e a manifestação das mesmas em seus constituintes particulares.

#### **4.1 A Questão de Gênero e Identidade**

Há certo consenso, no que pese a grande variedade de produção e reflexões sobre gênero e identidade, que ambos são produtos sociais aprendidos, representados, institucionalizados e transmitidos ao longo de

gerações.<sup>1</sup> Gênero, poderia então, ser compreendido como “conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboraram a partir da diferença sexual anátomo-fisiológica e que dão sentido, em geral, às relações entre pessoas sexuadas”.<sup>2</sup> Para a reflexão teológica, a análise de gênero é fundamental, principalmente, por poder questionar “a própria estrutura do pensamento teológico”<sup>3</sup>, provocando, se for o caso, uma mudança significativa<sup>4</sup> nessa estrutura. Refletir, portanto, teologicamente, a partir da noção de gênero, implica também em debruçar-se sobre a “complexidade das relações societárias e o intrincado jogo de forças que atua na criação, sustentação e/ou subversão da ordem estabelecida”.<sup>5</sup> Tal exercício é fundamental não apenas para compreender essa complexidade, mas também, para encontrar possibilidades internas de conviver com ela de forma criativa e renovadora. Para Ivone Gebara, uma análise de gênero sob a ótica teológica, constitui-se fundamental para o enriquecimento do processo de entendimento, de inteligibilidade, no feixe complexo das relações sociais, principalmente porque:

A diferença de gênero é uma diferença entre uma multiplicidade de diferenças que se entrecruzam. Precisamente por isso, a mediação de gênero constitui um instrumento importante para compreender, através de um meio diferente, a complexidade das relações humanas. É um instrumento que tem em vista a transformação das relações sociais.<sup>6</sup>

A análise de gênero permite, também, uma reflexão<sup>7</sup> do sujeito para dentro de si mesmo e, também, na direção do outro. Tal movimento é fundamental não apenas para uma auto-referência (a maneira como o sujeito se vê), mas para novas referências (a maneira pela qual os outros sujeitos são vistos). Discussões e elaborações em gênero têm mostrado (por que estão por

---

<sup>1</sup> Cf. FREITAS, Maria Carmelita. Gênero/Teologia Feminista: interpolações e perspectivas para a teologia – Relevância do tema. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpolações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Loyola, 2003, p.17.

<sup>2</sup> Id. *Ibidem*.

<sup>3</sup> Delir Bruneli *apud* FREITAS, Maria Carmelita, *Op.Cit.*, p.23.

<sup>4</sup> *Ibidem*: por que, “em razão da própria dinâmica que envolve vida humana, precisa sempre estar em processo constante de atualização”.

<sup>5</sup> FREITAS, Maria Carmelita, *Op.Cit.*, p.27.

<sup>6</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.105.

<sup>7</sup> Cf. *Op.Cit.*, 2000.

aí) em diversas abordagens e a partir de diferenciadas perspectivas, a presença de novos sujeitos sociais, ou seja, trazendo à cena social aqueles que, em função de estigmas, conceitos ou preconceitos, estavam relegados à marginalidade, ao silêncio. O próprio fato de trazer, ou reconhecer esses novos atores ao cenário em que se desenvolve o debate teórico, faz com que, também em nível teológico, surjam caminhos alternativos para compreensão desses novos atores, viabilizando uma renovação teórico-metodológica inovadora, aberta e plural. Em tal renovação, é possível que modelos mentais tradicionais de compreensão do sujeito e de sua identidade sejam questionados, inclusive, podendo fazer com que, concepções como a de um sujeito universal, por exemplo, esmaçam em prol de uma pluralidade de protagonistas. Na verdade, é imperativo, como sustenta Ivone Gebara<sup>8</sup>, que uma análise de gênero inovadora, discuta noções como a de sujeitos universais, substância, essência, centralidade, e procure “humanizar” conceitos abstratos ao focar relações sociais a partir de vivências específicas – há um ser humano no cotidiano, quem ele é, como se relaciona, como se pensa, quais são os seus constituintes? –. Ela<sup>9</sup> argumenta que categorias e análises conceituais precisam ser historicizadas, dando lugar a um processo de reflexão que leve em conta a necessidade de novas contextualizações, tornado-se imprescindíveis para que se evitem costumeiras generalizações ou premissas preestabelecidas, revelando o processo artificial na construção de conceitos tidos como supostamente naturais<sup>10</sup>. Num tal processo historicizador, dá-se lugar a uma diversidade de experiências e incorpora-se toda a complexidade do mesmo, implicando a aceitação de mudanças e descontinuidades.<sup>11</sup> Por outra ótica, análises inovadoras trazem consigo o desafio de articular fragmentações teóricas “o que requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para esmiuçar o implícito, para descortinar os

---

<sup>8</sup> Op. Cit., 2001. Também em MATOS, Maria Izilda, Op.Cit.

<sup>9</sup> Cf. MATOS, Maria Izilda. Da invisibilidade ao gênero: Odisséias do pensamento – Percursos e possibilidades nas ciências sociais contemporâneas. In: SOTER (Org.). Op.Cit. p.78.

<sup>10</sup> Com o que concordam Jung Mo Sung e Hinkelamert: “Novos óculos são introduzidos para que a realidade seja vista sob perspectivas opostas ao do destino selado”. In: SUNG, Mo Jung. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.69-73.

<sup>11</sup> Ibidem. Cf. Também, GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e teologia feminista. In: SOTER (Org.), Op.Cit., p.165.

femininos e os masculinos”.<sup>12</sup> Esse processo se dá num terreno movediço, no qual se busca “recuperar as relações entre os sexos, desvendando suas características e estabelecendo relações e articulações entre amplas dimensões”.<sup>13</sup> Além disso,

A variedade de novas abordagens também renova os olhares sobre o passado e o presente, incorpora a diversidade e a multiplicidade de interpretações, abrindo o campo para análise de expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas e de amizades entre mulheres e entre mulheres e homens, seus vínculos afetivos, ritos e sistemas simbólicos, construção de laços de solidariedade, modos e formas de comunicação e de perpetuação e transmissão das tradições, e formas de resistência e lutas até então marginalizadas nos estudos, propiciando um maior conhecimento sobre mulheres e homens.<sup>14</sup>

Propor-se a tal projeto, no caso da Teologia, é buscar enriquecer ainda mais suas contribuições, consciente de que, como em abordagens de outros campos do saber, também pode revelar “um universo de tensões e movimento com toda potencialidade de confronto”<sup>15</sup>. Cabe a ela – a Teologia, portanto, perceber de forma criativa, quais são suas novas possibilidades teóricas, quais as novas perspectivas compreensivas que podem surgir de sua abertura a esse novo cenário. Cenário no qual se descortinam “formas peculiares de identificação-diferenciação vivenciadas de múltiplas formas”.<sup>16</sup> Tais reflexões, conseqüentemente, impõem também ao pesquisador, um desafio contínuo no sentido de debruçar-se sobre um universo conceitual e categorial que lhe permita:

Tanto desconstruir as diferenças como desnaturalizá-las; procurar desvendar o estabelecimento das hegemonias, discutindo com rigor as questões de subordinação/dominação; adotar uma perspectiva de gênero – relacional, posicional e situacional –, lembrando que gênero não se refere unicamente a homens e mulheres e que as associações homem-masculino e mulher-feminino não são óbvias, devendo-se considerar as percepções sobre masculino e feminino como dependentes e constitutivas às relações culturais; procurando não essencializar sentimentos, posturas e modos de ser e viver de ambos os sexos.<sup>17</sup>

---

<sup>12</sup> Op.Cit., p.81.

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Id. Ibidem.

<sup>15</sup> Id. Ibidem.

<sup>16</sup> MATOS, Maria Izilda., Op.Cit., p.83.

<sup>17</sup> Id. Ibid., p.85.

Ivone Gebara considera que as análises de gênero que surgem no limite entre a teologia e a filosofia, podem propiciar uma revolução cultural encaminhada, principalmente, pelas análises e práxis do feminismo. Ou seja, “uma espécie de abalo nas verdades socialmente aceitas, nos símbolos culturais, nas concepções antropológicas e religiosas que serviram à organização do mundo”.<sup>18</sup> Tal encaminhamento revelará, em sua perspectiva, diferentes “formas de produção de injustiça presentes nos sistemas culturais que em princípio pareciam esteios dos diferentes sistemas religiosos”.<sup>19</sup> Nesse sentido, é preciso uma alternativa ao paradigma, segundo o qual, a sociedade é percebida e organizada a partir de uma lente e interesses (projetos) masculinos (androcêntricos)<sup>20</sup>, gerando, por conseguinte, uma hierarquização nas relações sociais e identitárias, promovendo uma leitura do restante da sociedade numa perspectiva de inferioridade, mutilação ou queda, como é o caso, por exemplo, de pessoas homossexuais, impedindo uma convivência social baseada em justiça e igualdade. Um conceito que pressuponha uma supremacia masculina, construída a partir e sob a exclusão, deve, portanto, sucumbir frente à outra racionalidade, histórica, coerente e igualitária. Tal reformulação se constitui num desafio maior ainda para o próprio Cristianismo, em suas diferentes expressões eclesiais, na perspectiva de Ivone Gebara. Para ela, sem que o mesmo se proponha a uma mudança radical e profunda, será incapaz de prestar qualquer ajuda num novo cenário, marcado por uma transformação das relações humanas em função de mais justiça e solidariedade. Isso porque, enquanto instituição, compõe o quadro daquelas formas de religiões institucionalizadas que se mostram extremamente senhoriais, masculinas, brancas, ideologizantes, idealizantes e alienantes, demonstrando ser:

---

<sup>18</sup> GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e teologia feminista. In: SOTER (Org.), Op.Cit., p.153.

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Segundo Fiorenza, é necessário cuidado para que não se erga, como pretensa alternativa, outro projeto com a mesma lógica hegemônica ao reproduzir uma estrutura feminina cultural que legitima a inferioridade, a marginalidade e a opressão das mulheres. Cf. FIORENZA, E. S. *Los caminos de la Sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae, 2004

Construções pesadas, difíceis, que regulam e controlam nossos pensamentos e comportamentos. Construções que falam de perfeições como se fossem entidades existentes acima de nós e às quais temos de nos submeter. Não são capazes de modificar as relações humanas de forma justa e igualitária num plano institucional mais visível. Não são capazes de marcar uma diferença qualitativa na vida social... Além disso, excluem efetivamente o diferente e o pensamento diferente.<sup>21</sup>

Uma hermenêutica de gênero precisa portanto, privilegiar no processo de leitura da realidade, “movimentos e momentos de encontro e diálogo entre as experiências de vida de quem procede à leitura e as das pessoas identificadas no processo analítico, em suas sucessivas realidades cotidianas”.<sup>22</sup> Tal processo suplanta a dimensão de encontro entre histórias de vida, e apresenta uma nova maneira de interpretar a realidade, que “demarca uma nova trajetória dos paradigmas de construção dos conhecimentos e codificação dos discursos”:<sup>23</sup>

O propósito de mapear as relações sociais de gênero, na multiplicidade dos movimentos cotidianos, é uma tomada de posição teórico-metodológica. Admite-se o cotidiano como espaço significativo das relações sociais – por nele acontecerem, ou não, as lutas e as transformações sociais –, não se limitando, portanto, a considerá-lo mero lugar de repetição.<sup>24</sup>

Leonardo Boff sugere que a análise de gênero pela teologia pede uma reflexão ontológica, a partir da qual, seja possível “identificar a unidade na diferença e a diferença na unidade,”<sup>25</sup> permitindo, portanto, compreender o ser humano em sua incompletude. Para ele, o ser humano é inteiro e inacabado, nasce inteiro, mas não está pronto: “O fato de ser inacabado não é defeito, mas marca um modo de ser sempre em abertura e relação”.<sup>26</sup> E não está pronto porque se encontra ainda em gênese. Sendo assim, as categorias masculino/feminino não devem ser compreendidas como “entidades em si mesmas ou partes de um todo maior. São princípios... estão aquém das coisas,

<sup>21</sup> Gebara, Ivone. Op.Cit., p.163.

<sup>22</sup> SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. Horizontes em discussão na arte de fazer teologia. In: *SOTER* (Org.), Op.Cit.,p.195,196.

<sup>23</sup> Id. Ibid.,p.195.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> BOFF, Leonardo. Masculino/feminino: O que é o ser humano? In: *SOTER* (Org.). Op.Cit., p.203.

<sup>26</sup> Id. Ibid., p.205.

antes, entram na constituição das coisas... pelo fato de serem princípios, nunca aparecem em si mesmas, mas somente nas concretizações originadas por elas".<sup>27</sup> Masculino e feminino existem em cada homem e mulher como forças produtoras de identidade e diferenças que se realizam nas muitas dimensões da realidade total.<sup>28</sup> Para ele e, aqui, de certa maneira se distancia de Ivone Gebara quanto às possibilidades de desconstrução de sexo e gênero, a sexualidade é um componente fundamental de uma análise de gênero, não podendo, portanto, ser compreendida como construção social. A natureza humana deve ser compreendida a partir das categorias feminino/masculino que, embora não sejam facilmente definíveis, são ontológicas.<sup>29</sup> Enquanto Leonardo Boff procura seguir uma linha hermenêutica de fundamentação psicanalítica na discussão sobre gênero, sobretudo na busca por "ontologicidade", Ivone Gebara se põe numa perspectiva existencialista, pontuando como *locus* primário de hermenêutica para as discussões e análises em gênero a vida humana, sobretudo, a sobrevida à que tem sido expostas as mulheres, vitimadas pelo exercício teórico e político de uma concepção de gênero androcêntrica<sup>30</sup>.

De certa maneira, percebe-se no âmbito da Teologia, uma disposição de repensar a questão de gênero, principalmente no sentido de incluir os sujeitos humanos como "atores teóricos", a partir do palco de suas próprias vivências, sobrepujando uma tendência teórica dominante de considerá-los a partir de categorias predefinidas, estanques e diretivas. Embora tal tendência possa ser percebida, ainda há uma grande parte de estudos teológicos que abordam a questão de gênero, partindo de uma matriz compreensiva que hierarquiza, antepõe e confronta as categorias de masculino e feminino. Por isso, um olhar mais atento permite enxergar certa construção de poder que teima em naturalizar e regular, dentro de sua própria lógica, um conceito identitário e de gênero unívoco, conciso e imutável. Apesar de tal tendência, essa fixidez dos

---

<sup>27</sup> Id. *Ibid.*, p.206.

<sup>28</sup> Id. *Ibid.*, p.210,211. Embora Leonardo Boff deixe comportar em suas idéias outras possibilidades em termos de gênero, faz questão de deixar claro que sua abordagem é binária (homem/mulher) e modelar. Ou seja, qualquer outra possibilidade resultará num "homem efeminado ou uma mulher masculinizada, irrupção de violência ou manifestação de excessiva fragilidade".

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> Cf. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

conceitos de identidade e gênero pode ceder seu lugar a possibilidades mais elásticas, elaboradas cultural e relacionalmente, contribuindo assim, para uma compreensão da natureza humana não imutável, não dada geneticamente, mas, diversa, rica e plural.

É, em tal jornada, que se põe Judith Butler, quando, a partir de tais pressupostos, elabora um caminho alternativo para que se desmontem os artifícios regulatórios que limitam e impedem a plena expressão da variedade de identidades, na multiplicidade das relações humanas.

#### **4.2 Além do Masculino e Feminino: A Desconstrução de Gênero**

Judith Butler<sup>31</sup> considera que há uma artificialidade presente nos conceitos de natural e não natural quando se pensa gênero. E quando se pensa gênero, apenas notar essa diferença não é mais importante, que desmascarar a estrutura que a engendra: “Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?”<sup>32</sup> É preciso perguntar pelas categorias fundacionais de identidade, como identidade binária do sexo, gênero e corpo que podem ser usadas como “produções a criar o efeito do natural, do original e inevitável”,<sup>33</sup> como “efeitos de uma produção específica de poder”.<sup>34</sup> Judith Butler questiona se, não se esconde na relação quase sempre binária (homem-mulher, masculino-feminino), presente em boa parte da discussão de gênero no interior da teoria feminista, certo artifício de poder<sup>35</sup> que precisa ser desmascarado. Sob sua ótica, a própria questão de gênero é um artifício social, produzido por uma necessidade de manutenção do poder personificado na presunção da heterossexualidade, ou mesmo, numa

---

<sup>31</sup> BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

<sup>32</sup> Id. Ibid. p. 8,9.

<sup>33</sup> Id. Ibid., p.9,10.

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Para Foucault, o sexo sempre foi o núcleo onde o poder se aloja, juntamente com o dever de nossa espécie, nossa verdade de sujeito humano, por isso, a sexualidade torna-se um dos dispositivos principais de um poder que engendra, constante e criativamente, mecanismos de controle e repressão. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.229.

heterossexualidade compulsória. Tal poder opera nessa perspectiva a produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero. Portanto, cabe à teoria feminista, a tarefa de superar, na questão de gênero, a preocupação com o conceito de identidades primárias, perguntando pelas possibilidades políticas que são consequência de uma crítica radical das categorias de identidade. Além disso, é preciso atenção ao surgimento de novas formas de política, quando a noção de identidade já não é mais a base comum sobre a qual se concentra e se produz o discurso sobre políticas feministas. É preciso que se questione até que ponto, “o esforço para localizar uma identidade comum como fundamento para uma política feminista<sup>36</sup> impede uma investigação radical sobre as construções e as normas políticas da própria identidade?”.<sup>37</sup> Representação e política não podem ser entendidas como termos unívocos. Supor, para representação política, certa configuração identitária, não pode ser o mesmo que avaliar a existência de uma determinada identidade estável, única e permanente:<sup>38</sup> “seria errado supor de antemão a existência de uma categoria de ‘mulheres’ que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade e sexualidade para tornar-se completa”.<sup>39</sup> Para ela, tal pressuposto seria uma espécie de ficção fundacionista sustentando uma noção de sujeito denotando uma identidade comum. Compreender, portanto, a noção de gênero, não prescinde as interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Torna-se custoso separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que essa noção é invariavelmente produzida e mantida.<sup>40</sup> Não há como sustentar uma teoria de gênero em que as principais articulações sejam construídas a partir da dualidade limitada e inflexível, que contrapõe biologicamente homens e mulheres como construções rígidas, universalizantes e auto-referentes. Por isso, é preciso uma reavaliação urgente e definitiva do discurso dicotômico sexo/gênero. Insistir numa identidade de gênero a partir de certa noção binária de masculino/feminino é descontextualizar a especificidade do feminino, com a

---

<sup>36</sup> Embora parta da “mulher” como referencial, Judith Butler, estende sua elaboração a todas as possíveis categorias identitárias.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

<sup>38</sup> *Op. Cit.*, p.18.

<sup>39</sup> *Id. Ibid.*, p.36.

<sup>40</sup> *Id. Ibid.*, p.20.

possibilidade de tornar equívoca a noção singular de identidade.<sup>41</sup> É preciso repensar uma representação para o feminino que, de certa maneira, não pressuponha a “necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade e antiidentidade que o feminismo invariavelmente exclui.<sup>42</sup> Nesse sentido, questiona-se uma reificação consciente ou inconsciente da noção e das relações de gênero. É até possível, que o conceito dominante tenha se valido de uma noção de complementaridade com o sexo dado biologicamente. Agora, uma vez que essa complementaridade é questionada, o conceito “gênero” passa a ser resultado de uma construção cultural, não sendo “nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo”<sup>43</sup> como o mesmo:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos... A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimétrica entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.

Ora, é possível depreender da crítica de Judith Butler, que um conceito de gênero elaborado e atrelado sempre à diferença sexual, limita uma reflexão que pode ser mais rica, possibilitando novas discussões, análises e paradigmas, sobretudo, porque, ao refletir sobre gênero se reflete sobre relações humanas. Sair duma possível dualidade biológica é poder abrir possibilidades também na discussão sobre as estruturas de poder, suas formas e arranjos de sujeição, e a que sujeitos se destinam seus projetos de dominação. Ora, não se pode ignorar o fato que, discussões relacionadas ao gênero, influenciam o comportamento, os pensamentos e os sentimentos das pessoas, afetando e, de certa maneira, influenciando também a estrutura de Instituições Sociais. Tratar de gênero sob uma nova perspectiva, impõe também, aos diversos saberes, uma tarefa teórica conjunta em prol da reconstrução de toda uma linguagem conceitual que se oponha a legitimar e reforçar as desigualdades. A discussão sobre gênero não precisa eliminar

---

<sup>41</sup> Id. Ibid., p.21

<sup>42</sup> Id. Ibid., p.23.

<sup>43</sup> Id. Ibid., p.24.

todas as diferenças, pelo contrário, uma linguagem com igualdade de gênero pode se apropriar das diferenças de sexo, sem, no entanto, hierarquizá-las. Visões conceituais que caminham no sentido de confronto e diferença – mulheres como o negativo dos homens e vice versa, excluem uma “economia significativa inteiramente diferente”.<sup>44</sup> Por outro lado, a posição contemporânea feminista de teor humanista, ao compreender gênero como “uma relação entre sujeitos socialmente constituídos em contextos especificáveis – sugerindo que ‘o que a pessoa é’ – e a rigor, o que o gênero ‘é’ – refere-se sempre às relações constituídas em que essa relação é determinada”.<sup>45</sup> Nesse caso, o gênero não denotaria um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações cultural e historicamente convergentes.

Segundo Judith Butler, é possível notar que as diversas posições a respeito de gênero circulam em torno da “problematização da localização e do significado do “sujeito” e do “gênero” no contexto de uma assimetria de gênero socialmente instituída. Estando, portanto, entre posições que pressupõem ser o gênero uma característica secundária das pessoas, e por outro, de posições que argumentam ser a própria noção de pessoa, referenciada na linguagem como “sujeito”, numa construção masculinista que exclui efetivamente a possibilidade semântica e estrutural de um gênero feminino. Ela reconhece que alguns esforços foram realizados, no sentido de formular políticas de coalizão que não pressupunham o conteúdo da noção de mulheres, sustentando encontros dialógicos, mediante os quais, mulheres diferentemente posicionadas, pudessem articular identidades separadas na estrutura de uma coalizão emergente. Tais esforços são importantes, porque, uma insistência no objetivo de “unidade” da coalizão pode revelar um pressuposto, a partir do qual, a solidariedade, independente do preço, seria um pré-requisito da ação política, ressaltando uma espécie de busca prévia da unidade:

Talvez as coalizões devam reconhecer suas contradições e agir deixando essas contradições intactas. Talvez o entendimento dialógico também encerre em parte a aceitação de divergências, rupturas, dissensões e

---

<sup>44</sup> Como por exemplo, a perspectiva sartriana de Sujeito-significador e Outro significante, segundo a qual, as mulheres são o negativo dos homens, a falta em confronto com a qual a identidade masculina se diferencia. Id. Ibid., p.29.

<sup>45</sup> Ibidem.

fragmentações, como parcela do processo freqüentemente tortuoso de democratização. A própria noção de “diálogo” é culturalmente específica e historicamente delimitada, e mesmo que uma das partes esteja certa de que a conversação esteja ocorrendo, a outra pode estar certa de que não.<sup>46</sup>

Por outro lado, em análises de gênero, é preciso também que se questionem as relações de poder, pois essas podem condicionar ou limitar as possibilidades de um diálogo. Sem esse questionamento, o modelo dialógico corre o risco de degenerar num liberalismo a partir do qual, os diversos agentes do discurso, ocupam posições de poder iguais e elaboram suas posições a partir de uma base comum de pressupostos, sobre o que de fato constituiria a noção de acordo e unidade. Essa busca por uma “categorização”, por certa unidade conceitual, é precisamente a causa de uma fragmentação cada vez maior, pois tal conceito implica uma norma excludente de solidariedade no âmbito da identidade, excluindo a possibilidade de um conjunto de ações que rompam as próprias fronteiras dos conceitos de identidade.

Para Judith Butler, com a não pressuposição da unidade, outras unidades provisórias “podem emergir no contexto de ações concretas que tenham outras propostas que não a articulação da identidade”,<sup>47</sup> e, abrir mão desse conceito de “unidade” e poder articular-se, sem a “expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade”,<sup>48</sup> é uma possibilidade mais enriquecedora e ampla, capaz de abarcar a diversidade e complexidade presentes na categoria: mulheres. A hipótese de uma incompletude essencial à categoria de mulheres, permite à mesma servir como um espaço disponível para os significados contestados:<sup>49</sup> “A incompletude por definição dessa categoria, poderá assim, vir a servir como um ideal normativo, livre de qualquer força coercitiva”.<sup>50</sup> Insistir na articulação de uma identidade “única” nos termos culturais disponíveis, instaura uma definição que exclui previamente o surgimento de novos conceitos de identidade:

---

<sup>46</sup> Id. Ibid., p.35.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Ibidem.

Quando as identidades ou as estruturas dialógicas consensuais pelas quais as identidades já estabelecidas são comunicadas não constituem o tema ou objeto da política, isso significa que as identidades podem ganhar vida e se dissolver, dependendo das práticas concretas que as constituam. Certas práticas políticas instituem identidades em bases contingentes, de modo a atingir os objetivos em vista. A política de coalizões não exige uma categoria ampliada de “mulheres” nem um *eu* internamente múltiplo a desvelar de chofre sua complexidade.<sup>51</sup>

Judith Butler propõe, portanto, encarar gênero de uma maneira não definitiva, uma “complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”.<sup>52</sup> Para ela, uma abordagem contemplativa à diversidade, precisa considerar múltiplas divergências e convergências, sem que seja condição necessária, uma obediência a qualquer “modelo” normativo e definidor. É preciso superar um discurso sobre identidades de gênero que suponha a noção que as identidades são idênticas a si mesmas, que persistam ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes. As pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirirem seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero. Disto decorre a necessidade de superação de certa tendência predominante de compreender a noção de pessoa como uma agência que reivindica “prioridade ontológica nos vários papéis e funções pelos quais assume visibilidade e significados sociais”.<sup>53</sup> Não se deve mais insistir numa identidade pessoal que seja centrada, predominantemente, nas características internas da pessoa, “naquilo que estabeleceria sua continuidade ou auto-identidade no decorrer do tempo”.<sup>54</sup> Por outro lado, é preciso questionar em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão de gênero constituem a identidade e a coerência interna do sujeito. Deve se perguntar pela medida, a partir da qual se pensa a identidade como um ideal normativo, ao invés de uma característica discursiva da experiência e, também, de que maneira as práticas reguladoras que questionam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade: “A coerência e a continuidade da pessoa não são características lógicas ou analíticas da

---

<sup>51</sup> Op.Cit., p.37.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> Ibidem.

<sup>54</sup> Op.Cit., p.38.

condição da pessoa e sim, normas de inteligibilidade socialmente constituídas e mantidas”.<sup>55</sup> Por isso, continua Judith Butler:

Em sendo a “identidade assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas.<sup>56</sup>

Para ser inteligível, tal identidade precisa articular certa coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Ou seja, precisa demonstrar ligação entre o sexo biológico, o gênero, como culturalmente constituído, e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.<sup>57</sup> Tais práticas reguladoras geram identidades coerentes por via de padrão de normas de gênero coerentes. Por esse motivo, a matriz cultural, por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível, exige que certos tipos de identidades não possam existir: aquelas em que o gênero não decorre do sexo nem do gênero.<sup>58</sup> Por conseguinte, certos tipos de identidades de gênero poderiam ser considerados como meras falhas de desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, justamente por não se conformarem às normas de inteligibilidade cultural. Por serem efeitos de práticas discursivas, identidade e gênero, como conceitos, precisam ser desfigurados e reconfigurados a partir de outra matriz de inteligibilidade, para que surjam novas possibilidades de conter a diversidade, a diferença, a não “conformança”.<sup>59</sup> É preciso, portanto, “disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas do gênero”.<sup>60</sup> Qualquer identidade construída pode ser arbitrária, instável e excludente, uma vez que pode implicar o silenciamento de outras experiências de vida. Na verdade, a afirmação de uma identidade, em vez de constituir um processo de libertação, obedece a imperativos estruturais de disciplina e regulação, que visam confinar

---

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> O que, de certa maneira, explicita a lógica de tal inteligibilidade.

<sup>58</sup> Op. Cit., p. 39.

<sup>59</sup> Neologismo que pretende significar a relutância de não conformar-se a certa matriz, certo padrão, certa configuração.

<sup>60</sup> Judith Butler, Op. Cit., p.39.

comportamentos individuais, marginalizando outras formas de apresentar o eu, o corpo, as ações e as relações entre as pessoas.<sup>61</sup>

Quando, numa análise e epistemologia de gênero, coloca-se a tarefa de interpretar a homossexualidade, impõe-se também, a tarefa de que seja evidenciada a presença de novos sujeitos sociais, antes relegados ao laboratório ou a invisibilidade. Tal constatação requer uma necessidade de renovação de marcos teóricos norteadores, principiando-se pela conceituação e significado identitário e lugar do vocábulo sujeito. A idéia de sujeito universal, naturalmente constituído e fundado a partir de uma “certa” noção de substância, deve ceder lugar à outra configuração, a partir da qual, a pluralidade de protagonistas e a complexidade de seu estatuto, imponham um projeto teórico alternativo de análises relacionais em contraposição à centralidade de sujeitos únicos, seja na perspectiva dominante, que antepõe e hierarquiza masculino e feminino – macho ou fêmea – ou na contestação que desloca a discussão para um eixo binário. É inegável que a discussão de sujeitos universais, substâncias ou essências, presentes em análises de gênero, caminha no sentido de privilegiar o aspecto relacional em presenças históricas definidas, específicas, complexas, colocando a mostra certo processo artificial por detrás de conceitos admitidos como supostamente naturais, permitindo a diversidade de experiências e incorporando toda a “complexidade do processo histórico e presente, o que implica as mudanças e descontinuidades”.<sup>62</sup> Portanto, para Judith Butler, de forma clara e inequívoca, gênero é uma construção social, sexo também é uma construção social e, do mesmo modo que em construções sociais, ambos precisam dar conta da dinâmica histórica e social que marca e encadeia essa complexidade de relações, interpretadas e vivenciadas nessas múltiplas identidades que acompanham e norteiam a pluralidade dos sujeitos e de suas comunidades. E, em certo sentido, novas construções pressupõem necessárias desconstruções.

---

<sup>61</sup> SANTOS, Ana Cristina. *Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva* In: <[www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf)> último acesso em 25 de fevereiro de 2008.

<sup>62</sup> MATOS, Maria Isilda S. *Da invisibilidade ao gênero: Odisséias do pensamento – Percursos e possibilidades nas ciências sociais contemporâneas*. In: SOTER, Op. Cit., p.78.

### 4.3 A Opção Queer: Identidades Alternativas

Segundo alguns pesquisadores e grupos homossexuais, buscar diferente referência identitária que a vigente, em termos de gênero, é reconhecer não apenas uma pluralidade presente numa maioria silenciosa: gays, lésbicas, transgêneros, mas também, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários. Como as referências usuais estão carregadas de preconceitos, reforçando o estigma e a marginalização, o termo *queer* tem sido colocado como uma opção para sua referência. *Queer* significa colocar-se contra a normalização – heteronormatividade compulsória da sociedade, representando claramente “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”.<sup>63</sup> O termo *queer* deve, portanto, ser assumido numa perspectiva de oposição e de contestação.

Basicamente, a Teoria *Queer* retoma a tese defendida por Judith Butler<sup>64</sup> e assimilada por correntes feministas, segundo a qual, a orientação e a identidade sexual são resultados de uma construção social e que, na natureza humana não estão inscritos ou predeterminados papéis sexuais essenciais, mas sim, formas diferentes de desempenhar um ou mais papéis. Em virtude dessa concepção, não cabe na Teoria *Queer* qualquer classificação universal (homossexuais, heterossexuais, homens, mulheres). Cada uma dessas categorias traz em si uma série de variações culturais, que se formam num entrecruzamento complexo e a partir de uma série de fatores. Para a Teoria *Queer* não existem limites ou fixidez na construção das identidades, pelo contrário, essas são relacionais, estabelecidas e vivenciadas a partir, e, em construções sociais e culturais complexas. A hipótese *Queer* inquieta-se com uma definição de identidade simplista e redutora da diversidade de identidades

---

<sup>63</sup> Para Guacira Lopes Louro, além dessa perspectiva de crítica presente na opção *queer*, o termo *também* é utilizado para se referir, de forma conjunta, a *gays* e lésbicas, exatamente para deixar evidente sua posição não assimilacionista e não-normativa. Id. *Ibidem* (O artigo também pode ser encontrado em formato eletrônico: LOURO, GUACIRA LOPES. *Queer Theory: A Post-Identity Politics for Education*. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso)> último em Acesso em: 17 Jan 2008.

<sup>64</sup> Ao tomar Judith Butler (2002;2003) como referência, não significa que, não se leve em conta as contribuições fundamentais de Michel Foucault (1988;1985), tanto para o tema, quanto para suas idéias. Em razão dos recortes adotados nessa tese, tais contribuições não serão apresentadas ou apreciadas mais detalhadamente.

que devem ser reconhecidas em sua pluralidade. Recusa também, certo biologismo essencialista que busque justificar a orientação sexual reportando-se à natureza. Na *teoria Queer* é possível observar cinco idéias centrais:<sup>65</sup>

a) Noção de diversidade. As identidades são sempre múltiplas, compostas por um número infinito de “componentes de identidade” — classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia etc. — que se podem articular de inúmeras formas; b) Noção de arbitrariedade. Qualquer identidade construída é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida. Um projeto de afirmação de uma identidade obedece a imperativos estruturais de disciplina e regulação, que ao invés de promoverem a liberdade, restrinjam comportamentos, corpos, ações e as relações entre as pessoas; c) Noção de fluidez. Entendimento do significado de identidade como permanentemente aberto, fluído e passível de contestação, sendo possível o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura onde a diversidade possa ser acolhida; d) Noção de reforço. Compreensão que uma teoria ou política de homossexualidade, centrada no “homossexual”, reforça a dicotomia hetero/homo, fortalecendo o atual regime sexual que estrutura e condiciona as relações sociais ocidentais; e) Noção de artificialidade. Oferecimento de uma teoria geral sobre identidades e relacionamentos sexuais, dissecando dicotomias, rótulos e normas.

A Teoria *Queer* se insere como um movimento social que repensa a exclusão e a invisibilidade de pessoas homossexuais, geradas, em parte, por uma opção essencialista, biológica e normativa de identidade<sup>66</sup>. Esses reconstrucionismos propostos pelo viés *Queer* tem como um foco principal: trazer para a cena social a multiplicidade dos sujeitos que a compõem<sup>67</sup>. Essa nova configuração identitária deve ser entendida como a reunião de sujeitos, personalidades e projetos identitários, combinando elementos diversos que não

---

<sup>65</sup> Embora as expressões resumidas a partir do vocábulo noção sejam criadas pelo pesquisador, as idéias a que se referem são de: SANTOS, Ana Cristina. *Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva*. Texto disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf>> último acesso em 27 de janeiro de 2008.

<sup>66</sup> Gays buscam novos modelos por terem experimentado uma inadequação quanto aos modelos oferecidos pela sociedade. Para ele, esses modelos ainda não estão prontos e precisam ser construídos. MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário. Propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p.73.

<sup>67</sup> A questão não é se a base de discussão teórica é legítima. A questão é que a opção do sujeito que busca uma via alternativa para identificar-se precisa ser considerada.

se apropriam para sua auto-referência da relação binária masculino/feminino. No caso do Brasil, tal reivindicação já é feita por homossexuais cristãos. Segundo André Musskopf: “Comunidades de gays não têm por objetivo o separatismo entre homossexuais e heterossexuais como grupos antagônicos, mas apresentam uma força criada à margem do sistema religioso dominante, um espaço seguro para o desenvolvimento e aprofundamento de sua identidade”.<sup>68</sup> Trazer esses novos sujeitos para o espaço social – teológico – não seria benéfico apenas para eles, mas, sua presença “pode ser libertadora para toda a comunidade”.<sup>69</sup> Tal proposta tem repercussões internas e externas consideráveis. Internamente, a teoria *Queer* propõe, provisoriamente, a construção de uma cultura identitária não limitadora, mas nuclear, auto-referente. Externamente, apresenta-se como um movimento político identitário, fundamental e necessário, para que se dê o reconhecimento social – teórico, cultural, portanto, visível e não marginal, de uma multiplicidade de sujeitos que não mais se referenciam nos e pelos modelos normativos de cunho heterossexista.

Aqui, diferentemente do que acontece em algumas abordagens da perspectiva feminista, nas quais se percebe também um movimento interior, desconstrucionista,<sup>70</sup> no sentido de abarcar a variedade de identidades femininas, a desconstrução projeta-se para fora de seu interior, quando propõe um desmantelamento do paradigma binário (masculino/feminino), não em prol de uma variedade de “homossexualidades”, mas, em contraposição a certo sujeito “homossexual”. Ou seja, é fundamental a defesa provisória de uma identidade homossexual única, como uma espécie de Instituição Política de defesa, frente a uma marginalização e exclusão social promovida a partir de uma lógica identidade androcêntrica, heterossexista e heteronormativa. No entanto, a semelhança do que já é percebido em análises feministas, o próprio movimento homossexual, na medida em que se constitua (seja reconhecido)

---

<sup>68</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário. Propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p.77.

<sup>69</sup> Id. Ibid., p.78.

<sup>70</sup> Essa desconstrução já é observada no interior da comunidade teológica nas novas proposições para a compreensão de identidades femininas e masculinas. Ver, por exemplo, os ensaios organizados em: *RE-imaginando a masculinidade* In: *RIBLA: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.º.56, Petrópolis: Vozes, 2007/1. Também: FIORENZA, E. Schüssler *et al.* Mulher-Mulher? In: *CONCILIUM*, Teologia Feminista, n.º.238, vol.6. Petrópolis: Vozes, 1991.

como uma identidade ao lado das inúmeras e variadas identidades sociais, terá, necessariamente, que empreender internamente um projeto desconstrucionista e fragmentário, confrontativo e descontínuo, para dar conta das diversas compreensões identitárias presentes em seu interior.<sup>71</sup>

A homossexualidade opta, enquanto instituição política identitária, pela construção de uma identidade que prescindia, ou relegue à margem, as relações entre sexo biológico, prática sexual e desejo e, o próprio sujeito, quando compreendido em sua inteireza (bio-psico e social). Essa opção é provisória e necessária para afirmação social do movimento homossexual. Isso não significa a auto-imposição de um silêncio quanto a esses aspectos, e muito menos certa neutralidade, como se esses componentes, compulsoriamente, não fossem imprescindíveis, mesmo descartáveis, para constituição e reconhecimento de sua identidade, mas, pelo contrário, significa uma recusa de ser intuído por essa lógica<sup>72</sup>. A insistência nesse ponto impõe uma inversão à lógica do discurso<sup>73</sup>, quando é ele – o discurso (como ideologia proclamada) como estatuto de verdade, que tradicionalmente impõe aos sujeitos a norma<sup>74</sup>, a partir da qual devam ser articulados os seus constituintes internos, sejam eles biológicos, emocionais ou sociais.

#### 4.4 A Resposta Teológica: Reconstrução e Acolhimento

O diálogo entre a homossexualidade e a Teologia, no plano teórico, precisa se firmar como uma necessidade que pressuponha reconfigurações e

---

<sup>71</sup> Tendência já observada na insatisfação de mulheres lésbicas por perceberem certa “hierarquização” dentro do movimento homossexual, como uma espécie de réplica interna do confronto binário percebido no interior da heterossexualidade dominante.

<sup>72</sup> Com o que concorda Judith Butler (Op.Cit., p.48). Para ela, pensar diferente seria justamente insistir na lógica ensejada pela matriz cultural dominante que exige uma relação entre sexo biológico, desejo sexual e gênero, tornando, portanto, ininteligível qualquer nova proposta de gênero que não decorra do sexo e do gênero.

<sup>73</sup> Discurso, empregado conforme Foucault, como a associação de conceitos, práticas, declarações e crenças produzidas por uma determinada episteme (modelo a partir do qual se estruturam os diversos saberes que, mesmo apesar de suas especificidades, compartilham características gerais): FOCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

<sup>74</sup> Para Foucault, tal norma é engendrada por uma sociedade, cujo discurso e prática, definem a idéia de comportamento normal e comportamento desviante, estabelecendo regras, limites e valores. (FOCAULT, Michel. *História da sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985). Ainda, segundo ele, as práticas discursivas são os elementos teóricos que integram o poder normalizador - discursos científico, filosófico, religioso, entre outros (FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991).

desconstruções internas. No caso da Teologia, um diálogo que vise à aproximação e acolhimento da multiplicidade das pessoas que se compreendem como homossexuais, requer um movimento exclusivamente interno, capaz de formular uma possibilidade de entendimento que dê conta de construir uma relação que pressuponha inclusão e apoio. Esse movimento em prol de uma construção teológica, que vise o acolhimento e inclusão da pessoa homossexual, na configuração contemporânea do Cristianismo no Brasil, é imprescindível. No entanto, pensar teologicamente possibilidades de inclusão, apoio e convivência que abarquem configurações identitárias múltiplas na relação com o Cristianismo, não é possível a partir de uma matriz heterossexista, principalmente porque sua lógica e orientação limitam tal possibilidade. Permanecer em tal disposição requer da Teologia, uma reconstrução<sup>75</sup> teórica de matriz alternativa que dê conta da multiplicidade e complexidade identitária dos sujeitos que compõem (e buscam compor) o cenário Cristão Brasileiro. Nesse caso, a Teologia precisaria<sup>76</sup> debruçar-se sobre essa questão e tentar responder, no âmbito de seus limites, sobre a possibilidade de uma relação com Sagrado, que não pressuponha a heterossexualidade como norma, tanto na perspectiva humana, quanto na configuração identitária divina que se concebe a partir do símbolo “Deus”. De fato, já é possível perceber desenvolvimentos teológicos no sentido de prover caminhos alternativos que, numa perspectiva libertadora, procuram dar conta de agregar, incluir e emancipar a pessoa humana em suas especificidades e apesar de sua diversidade. E, de certa maneira, empreender um projeto semelhante rumo à “pessoa” divina.

---

<sup>75</sup> Sem essa re(des)construção a Teologia continuará a pensar sob a mesma episteme (no sentido de Foucault: sistema escondido de pressupostos e processos de pensamento) estruturada a partir da dualidade masculino/feminino (macho e Fêmea). FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

<sup>76</sup> Principalmente por uma pressão interna já que, em seu interior, não se apresentam apenas machos e fêmeas, homens ou mulheres.

#### 4.4.1 Para Se Falar de Deus

Segundo Elizabeth Johnson<sup>77</sup>, a maneira de se falar de Deus, ou a linguagem apropriada em relação a qual é representado numa determinada comunidade, revela não apenas o que, implicitamente se considera como verdade, como legítimo, mas também modela, de forma profunda, a identidade que essa comunidade incorpora e por quais valores orienta a sua práxis:

O modo de falar em relação a Deus dá forma à orientação da vida, não apenas do conjunto da comunidade de fiéis, mas também de cada um de seus membros...o sagrado mistério de Deus envolve e implicitamente orienta todas as atividades daquele que crê, todos os seus princípios, escolhas, sistemas de valores e relacionamentos...Sem ser abstrato no conteúdo nem neutro em seu efeito, o modo de falar de Deus sintetiza, unifica e expressa o sentido do mistério supremo de uma comunidade de fiéis, a mundividência e a expectativa da ordem que daí se origina.<sup>78</sup>

Essa constatação permitiu que Elizabeth Johnson, partindo de um olhar sobre a posição de mulheres na Igreja ao longo de sua história, nos diferentes credos eclesiais, em sistemas teológicos e doutrinários, na vida litúrgica e na práxis de comunidades de diferentes matrizes, percebesse que a maneira pela qual se fala de Deus, pode favorecer a geração ou a manutenção de regimes de exclusão. Ou seja, um modo peculiar de se falar de Deus, seja consciente ou inconsciente, pode também revelar um mundo imaginário e estrutural, a partir do qual, um ambiente de exclusão seja favorecido e perpetuado<sup>79</sup>. Portanto, ouvidos atentos podem perceber que, por trás de certa maneira de se falar de Deus, escondam-se mecanismos restritivos, limitadores e marginalizadores em relação à pessoa humana. Tal situação pode ser alterada, se for alterada a forma tradicional usada para falar e refletir sobre Deus.<sup>80</sup> Para ela, tal movimento – uma ação de desconstrução –tem permitido que mulheres, consideradas menos adequadas enquanto seres humanos, encontrem em linguagens libertadoras e geradoras de transformação, a força que lhes permita reivindicar para si “a prerrogativa de serem consideradas

---

<sup>77</sup> JOHNSON, Elizabeth A. *Aquela que é: O mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995;

<sup>78</sup> Id. Ibid., p.18.

<sup>79</sup> Id. Ibid., p.19.

<sup>80</sup> Id. Ibid., p.20.

participantes ativas da história”<sup>81</sup> e, de poder também, se expressar “em relação a Deus dentro do espírito desta identidade emergente, para todos os efeitos práticos e críticos”<sup>82</sup>. É em meio a esse cenário que Elizabeth Johnson inquire sobre a possibilidade da existência de uma maneira correta, apropriada, através da qual se possa falar de Deus. Embora reconheça que, no campo da linguagem, o debate é aberto e abrangente, ela considera plausível a hipótese de ser viável falar de Deus, usando imagens (metáforas) femininas, de uma maneira alternativa, contribuindo assim, para que as estruturas predominantes do patriarcado, portanto, de primazia e exclusividade sobre o “símbolo” Deus possam ruir, favorecendo, a partir de novos pressupostos, o surgimento de uma comunidade caracterizada por relações de reciprocidade, amor e justiça. Tal hipótese aventa a possibilidade que, nessa discussão, esteja em jogo a verdade em relação a Deus e, essa verdade, deve ser inseparável “da situação dos seres humanos e da identidade e da missão da própria comunidade de fiéis”.<sup>83</sup>

Basta olhar para produção teórica da Igreja, ou para a maneira em que os papéis litúrgicos são exercidos e legitimados, sugere Elizabeth Johnson, para corroborar a suspeita da insistência ou manutenção de certa linguagem “oficial” em relação a Deus em função de certo projeto de Poder. Um olhar crítico sobre a história sugere não haver evidência alguma nas Sagradas Escrituras, tampouco no desenvolvimento subsequente do Cristianismo, de uma linguagem única, permanente e normativa em relação a Deus: “as palavras relativas a Deus são criaturas culturais, entrelaçadas aos costumes e feitos da comunidade dos fiéis que as usavam”.<sup>84</sup> E, na medida em que essas comunidades experimentavam novas formas culturais, mais influências eram incorporadas à linguagem, a partir da qual, Deus era representado e compreendido no cotidiano dessas comunidades. Aliás, segundo Elizabeth Johnson, para se falar de Deus não é nem imprescindível que se restrinja a linguagem pela qual é representado aos nomes idênticos usados nas Escrituras e, tampouco, àqueles introduzidos pela tradição posterior. É possível encontrar formas mais adequadas para expressar a “boa-nova de outrora que a

---

<sup>81</sup> Id. Ibid., p.21.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Op.Cit., p.22.

fé deve proclamar”,<sup>85</sup> sem que isso signifique um afastamento do sentido das Escrituras: “Isto é, se o sentido das Escrituras indica a promessa da solicitude criativa, misericordiosa e libertadora de Deus para o universo todo, incluindo a mulher em toda a sua historicidade e diferenças”.<sup>86</sup> A representação de/sobre Deus ainda está em processo, não está fechada, concluída, e essa indefinição, diz Elisabeth Johnson, tem a ver com o próprio fato do que Deus é como mistério, e não apenas com a posição da linguagem no tempo, espaço e cultura. Embora todos os esforços na busca de uma linguagem apropriada para se falar de Deus sejam necessários e urgentes, é preciso que se compreenda, também, que não haverá linguagem humana alguma que seja completamente apropriada para se falar de Deus, e, tudo o que essa linguagem representar, justamente por ser uma linguagem humana, será sempre carente de completude<sup>87</sup>:

Dado o insondável mistério inerente àquilo que designa a palavra Deus, sob o ponto de vista histórico, é de se esperar e até mesmo receber com satisfação novas tentativas a serem articuladas neste sentido. Se o conceito de Deus expressa a infinidade e a incompreensibilidade do sagrado mistério, então conforme argumenta Karl Rahner, “ele, com isso, realmente postula uma história do nosso próprio conceito de Deus que nunca poderá ser concluída.”<sup>88</sup>

Apesar desse caráter de incompletude, e provisoriedade, de uma linguagem considerada apropriada em relação a Deus, para Elisabeth Johnson, pelo menos em princípio, tal linguagem deve conter alguns pressupostos. O mais importante deles é o de valorização de uma humanidade autêntica, aliada a uma contínua atitude de oposição e crítica à violação dessa humanidade, principalmente quando essa violação é viabilizada pelo “sexismo que é em si mesmo, um paradigma onipresente de um relacionamento que é infinito”.<sup>89</sup> Para ela, a plenitude da graça de Deus é conferida ao ser humano e independe

---

<sup>85</sup> Id. Ibid., p.23.

<sup>86</sup> Ibidem. Embora Elizabeth Johnson não perca as mulheres como referência e locus primordial de seu debate, os seus textos não são restritivos às mesmas, mas abertos a todos aqueles que se encontram em posição de exclusão ou privados de do exercício pleno de sua dignidade como humanos.

<sup>87</sup> Ibidem.

<sup>88</sup> Op. Cit., p.24.

<sup>89</sup> Id. Ibid., p.25.

de qualquer identificação pessoal com o homem.<sup>90</sup> Esse paradigma sexista é pecaminoso, contrário ao plano de Deus e uma transgressão clara e inequívoca do compromisso de amar ao próximo, de forma integral e integrante.<sup>91</sup> Essa mentalidade sexista também é uma afronta ao próprio Deus, porque desfigura a raça humana – sua criação, amada e feita à sua imagem e semelhança.<sup>92</sup> Por isso, para que uma linguagem apropriada em relação a Deus surja, na perspectiva de uma Teologia Feminista, precisa ser elaborada num paradigma comprometido com uma reforma total e urgente:

das estruturas patriarcais, civis e eclesiásticas e dos sistemas intelectuais que as sustentam, a fim de libertar todos os seres humanos para projetos de vida mais justos uns para com outros e para todo o planeta em que vivem. Longe de ser uma teologia feita apenas para a mulher, ela apela para a força tanto da mulher como do homem que se preocupam com a justiça e a verdade, em busca de uma transformação de toda a humanidade.<sup>93</sup>

Esse novo paradigma, a partir do qual seja possível uma linguagem apropriada em relação a Deus, precisa, também, pressupor a superação de um compromisso com certo ideal de unidade identitária de gênero, em prol de uma sensibilidade à diferença e uma resistência a qualquer delimitação unívoca da natureza humana:<sup>94</sup> “Uma posição monolítica funciona inevitavelmente em desfavor de alguém, que, geralmente, é o mais fraco”.<sup>95</sup> Portanto, considerando-se a multiplicidade na qual se apresentam as formas de linguagem em relação a Deus, muitas vezes condicionadas pela cultura, pela posição social, econômica, status intelectual, é preciso perguntar pelo lugar e compromisso dessa linguagem, junto aos esquemas de dominação e sujeição da pessoa humana.<sup>96</sup> Por isso, apesar de seu caráter de incompletude, uma

---

<sup>90</sup> Ibidem.

<sup>91</sup> Embora esse neologismo não seja usado por ela, denota o seu desejo de que esse amor deve integrar, somar, inserir.

<sup>92</sup> Op. Cit., p. 25.

<sup>93</sup> Id. Ibid., p.25,26.

<sup>94</sup> Id. Ibid., p. 27. Para Elizabeth Johnson, a perspectiva feminina não é uma unidade e nem está ao alcance ao imediato dado que a própria experiência feminina interpretada é tão diversa quanto à própria mulher em sua concretude. Parece que esse seu argumento, tem sua raiz numa elaboração semelhante, realizada por Judith Butler (Op.Cit., p.35).

<sup>95</sup> Ibidem.

<sup>96</sup> Op.Cit.,p.30.

linguagem apropriada em relação a Deus assumirá forma, quando cada ser humano puder viver em paz e usufruir plenamente de sua dignidade humana:<sup>97</sup>

A linguagem cristã que herdamos em relação a Deus evoluiu dentro de uma estrutura que não valoriza a humanidade. Esta linguagem atualmente está sob pressão, tanto por causa da sua cumplicidade em relação à opressão humana como por causa de sua capacidade de despojar a realidade divina de sua bondade e do seu mistério profundo... Em razão do entrelaçamento das opressões no mundo, isto é, a convivência do sexismo com o racismo, o militarismo, o classismo, o antropocentrismo e outras formas de preconceito, este esforço para a renovação da linguagem em relação a Deus é vitalmente significativa para a Igreja e para o mundo, em todas as suas dimensões construtivas.

O comprometimento com um novo paradigma<sup>98</sup> de matriz libertadora é decisivo para que a linguagem, a partir da qual falamos de Deus, seja uma linguagem apropriada para se falar de “Deus”. Essa linguagem não surge simplesmente com uma troca de vocábulos, tampouco com acréscimos de gênero<sup>99</sup> ao conteúdo do “símbolo Deus”. Embora o uso de metáforas possa ser enriquecedor, tal linguagem só surgirá quando nela estiver contida a “plenitude da humanidade feminina, da mesma forma que a masculina e a realidade cósmica, possa servir de símbolo divino em proporções equivalentes”.<sup>100</sup> E, em tal projeto, é preciso que se supere uma matriz binária e rígida presente nas relações e referência de gênero transferidas a Deus, fazendo com que a essa representação legitime uma existência humana reduzida a dois absolutos relativamente opostos – masculino e feminino, nesse caso, o próprio conceito de Deus se torna refém de tal epistemologia.<sup>101</sup> Não se pode pensar Deus a partir de atribuições de papéis de gênero (maternal, passivo, viril, etc.), sob o risco de transferirmos a essa representação a legitimação de nossa vivência e não a sua crítica:

---

<sup>97</sup> Id. Ibid., p.31.

<sup>98</sup> É importante atentar para o fato de que Elizabeth Johnson, compreende uma busca por novas alternativas em prol de uma linguagem apropriada em relação a Deus a partir de uma perspectiva de crítica e desconstrução a certa herança recebida da tradição judaico-cristã e nas múltiplas experiências históricas que essa tradição tem se mostrado. No entanto, para ela, desconstrução não significa abandono, e sim superação (Op.Cit., p.31).

<sup>99</sup> Elizabeth Johnson usa a expressão “características femininas” para referenciar algumas tentativas teórico-metodológicas de reverter (subverter) o caráter e a gênese masculina representados tradicionalmente pelo símbolo “Deus”

<sup>100</sup> Id. Ibid., p.80.

<sup>101</sup> Id. Ibid., p.82.

Alguns postulados ainda não examinados devidamente em relação à doutrina do próprio Deus apresentam mais uma questão teológica sobre o tema. Em que sentido pode-se afirmar que Deus possui “dimensões”, para não citar apenas as dimensões dualisticamente conceituadas, como o masculino e o feminino? Esta idéia estende as dimensões humanas até a própria divindade. Ela realmente, ontologiza o sexo em Deus, fazendo da sexualidade uma dimensão do ser divino, em vez de respeitar o caráter simbólico da imagem religiosa.<sup>102</sup>

Embora se proponha a um recorte teórico com foco na mulher e, na multiplicidade de suas características, Elizabeth Johnson nos deixa pistas sobre o dilema que se ergue na busca de um caminho alternativo: Como sair de uma relação binária de gênero para construção de uma linguagem apropriada em relação a Deus? Para ela, “a linguagem a respeito da personalidade de Deus nos envolve imediatamente em questões de sexo e gênero, pois todas as pessoas que conhecemos ou são masculinas ou femininas”.<sup>103</sup> Portanto, a superação de tal dilema pode ser viabilizada através da insistência no caráter incompleto, não definitivo, de uma linguagem que dê conta da diversidade da pessoa humana: “O mistério de Deus não é entendido de modo adequado nem como masculino e nem como feminino, mas transcende a ambos de forma inimaginável”.<sup>104</sup> E, o que se percebe nos argumentos de Elizabeth Johnson, é que o inimaginável é o não pensado ainda, não o impossível. Portanto, na linha de seu argumento principal, apenas quando na simbolização de Deus for incluída a completude do homem e da mulher, juntamente com símbolos do mundo, haverá a possibilidade da superação de uma fixação idólatra. E tal fixação, “numa única imagem poderá ser interrompida, e a verdade do mistério de Deus, associada à libertação de todos os seres humanos e de todo planeta emergirá para o nosso tempo.” Para ela, todo esse projeto teórico se põe como um elemento essencial para reorganização de uma situação religiosa injusta e deficiente e, para qual, vale o

---

<sup>102</sup> Id. Ibid., p.83. Para Elizabeth Johnson o fato de usar metáforas femininas na linguagem sobre Deus não é o mesmo que afirmar que Ele tenha uma dimensão feminina, revelada por Maria ou por outras mulheres.

<sup>103</sup> Id. Ibid., p.93.

<sup>104</sup> Op.Cit., p.90.

esforço investigativo de um mundo suprimido, cujo destino é o encontro com um novo conjunto de todo o gênero humano.<sup>105</sup>

Lançar olhares para um novo conjunto de gênero humano é a proposta de outro projeto desconstrutivo rumo à Teologia, dessa vez, pontuando mais especificamente, questões ligadas à homossexualidade. Tal projeto surge na perspectiva de Marcella Althaus-Reid, com três adendos significantes em relação à Elizabeth Johnson. O primeiro, diz respeito ao lugar em que a Teologia<sup>106</sup> fala de Deus, o segundo, a partir de que gênero Deus fala de si mesmo. Esses dois adendos se tornam significativos, também, em função da lógica epistemológica a partir da qual Marcella Althaus-Reid<sup>107</sup> os encaminha: o envolvimento (revelamento?) sexual do teólogo. Ou seja, não é possível fazer uma teologia sexual com neutralidade, sem entender que toda teologia implica numa ideologia sexual e que, mesmo que não se dê conta disso, todo teólogo tem um *locus* sexual revelador.<sup>108</sup> Em função de uma consciência do lugar a partir do qual o teólogo fala sobre sexualidade, ela propõe um projeto visitativo, ou seja, perceber em outros espaços<sup>109</sup> que tipo de teologia sexual se faz e a partir de que pressupostos. Nesse tipo de projeto, tanto o teólogo, quanto Deus, necessariamente, devem sair de seus armários.

---

<sup>105</sup> Id. *Ibid.*, p.93.

<sup>106</sup> Conquanto se possa aventar que uma discussão em torno da relação entre Teologia e Deus, como voz e resposta, como revelação ou criação, seja análoga a relação de um ventríloquo com seu boneco, pretende-se, nessa investigação, que tal imagem, pelo menos implicitamente, figure como uma possibilidade a ser considerada seriamente.

<sup>107</sup> Embora Marcella Althaus-Reid, intelectualmente, revele seus compromissos conceituais com a Teologia da Libertação, com o desconstrucionismo de matriz francesa e com a psicanálise lacaniana, desenvolve, além de suas funções docentes, um ministério de inclusão social junto a camadas populares da sociedade. Parte de sua trajetória política e intelectual pode ser conhecida em: ALTHAUS-REID, Marcella. *From feminist theology to indecent theology*. London: SCM, 2004. Também em: PETRELLA, Ivan. *Latin American liberation theology: The next generation*. New York: Orbis Book, 2005.

<sup>108</sup> Não é possível falar de sexualidade em teologia com neutralidade. De certa maneira, a partir da metáfora de Confessor/Confessante, extraído do ambiente litúrgico católico, ao ouvir uma confissão, o confessor também, inevitavelmente, faz a sua confissão. Nesse caso, ao propor, descrever, ou assentir determinada posição teológica, o teólogo revela seu (des) comprometimento com determinada ideologia sexual presente na Teologia. ALTHAUS-REID, Marcella. *The queer God*. London/New York: Routledge, 2003.

<sup>109</sup> Marcella Althaus-Reid dá mostras da extensão de seu projeto desconstrutivo em *Indecent theology: Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2005. Para ela, as histórias sexuais são uma alternativa hermenêutica para uma reflexão teológica que dê conta da dimensão, complexidade e aspirações de relacionamentos marginais, indecentes.

Segundo Marcella Althaus-Reid, existe uma espiritualidade presente na vida de pessoas gays,<sup>110</sup> demonstrada em sua busca por Deus, mas que não se esgota nela. As pessoas gays querem mais que buscar a Deus: Elas querem a possibilidade de demonstrar que o amam<sup>111</sup>. O problema é que as comunidades que detêm o poder para conceder tal passaporte, só permitem essa demonstração, caso essas pessoas se encaixem nos modelos de santidade pré-determinados e normatizados heterossexualmente. Diante de tal situação, as pessoas *queers*<sup>112</sup> perguntam por uma face diferente em Deus e para viabilizar tal possibilidade, é preciso libertar Deus do armário tradicional do Cristianismo.<sup>113</sup> Para ela, apenas a Teologia, assumindo tal desafio, pode mostrar a presença de Deus quando decidir ultrapassar tais modelos de santidade ao procurar por Ele em diferentes comportamentos sexuais. Ao tomar tal atitude, a Teologia vai referendar um amor capaz de superar, inclusive, aquilo que é recomendado pela Igreja para se amar: O amor vai prevalecer. A busca pelo amor esconde várias verdades e, é, ao mesmo tempo, a verdade de tudo e uma verdade que tudo muda. Portanto, ao assumir tal projeto, a Teologia precisa considerar a desconstrução (o desmantelamento) da ideologia sexual presente em seu próprio interior.

A pergunta pelos tipos possíveis de teologia em espaços alternativos, bares gays, por exemplo, implica numa resposta que inclua novos limites<sup>114</sup> para a sexualidade. Redescobrir Deus, fora da ideologia sexual que prevaleceu ao longo da história da teologia, é trazê-lo para fora do armário. A tarefa de um teólogo, que se propõe procurar por outras alternativas de expressão de amor por Deus, nesse caso, em ambientes *queers*, implica não apenas honestidade e coragem, mas, fundamentalmente num comprometimento com uma teologia (*Queer*) que procure sair da abordagem sexual tradicional da Teologia.

<sup>110</sup> Op.Cit., p.1. A palavra *queer* será usada como referência às pessoas homossexuais, gays ou bissexuais.

<sup>111</sup> "Dissidentes sexuais não se sentem privados de sua comunhão com Deus, mas, impedidos de tê-la nas Igrejas." <sup>111</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. O direito a não ser direita (el derecho a no ser derecha): sobre teologia, igreja e pornografia. In: Concilium, n°. 298, vol.5. *Os direitos das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.96.

<sup>112</sup> Marcella Althaus-Reid intercambia muitas vezes os termos gays e queers, mas, com o mesmo significado.

<sup>113</sup> Id. Ibid., p.3

<sup>114</sup> Lieve Troch *et all*. Apontam que, na possibilidade rica de se fazer teologia em espaços alternativos, inevitavelmente, limites e fronteiras vão precisar ser revistos: TROCH, Lieve (Org.) *Passos com paixão: Uma teologia do dia a dia*. São Paulo: Nhanduti Editora, 2007.

Redescobrir a face do Deus *queer*, continua Marcella Althaus-Reid, é desvelar novos horizontes sobre a santidade de Deus.<sup>115</sup> Tal empreendimento traz consigo a exigência de se fazer teologia fora dos círculos teológicos, e, a partir de uma lógica sexual que não a heterossexual, mostrando a face de Deus fora de expressões sexuais decentes. Nessa perspectiva, não é o Deus heterossexual que se apresenta em comunidades<sup>116</sup> *queers*, mas, a percepção em tais comunidades da face *queer* de Deus. Nasce um novo espaço para se fazer teologia, trazendo, como uma de suas principais conseqüências, outras opções de expressão de sexualidade para as comunidades Cristãs. Tais opções são viabilizadas pela liberação (libertação?)<sup>117</sup> de Deus de prisões conceituais, mostrando-o fora da ótica (lógica) heterossexual. E nesse sentido, pergunta Marcella Althaus-Reid: “O que a Teologia tem feito a Deus, mantendo-o no armário?”<sup>118</sup> Uma possível resposta parece provir da constatação que a Teologia se desenvolveu como a arte heterossexual de armários fechados.<sup>119</sup>

A questão para Marcela Althaus-Reid a respeito da heterossexualidade se coloca, não pelo fato de ser a opção preferencial de alguém, e sim, porque a ideologia heterossexual impõe certa classificação, ordem e fixidez aos desejos humanos. Cria uma lógica orientadora para o desejo, para os relacionamentos afetivos que, em função de seus pressupostos, limita outras possibilidades. E, no caso da Teologia, essa tendência normativa se acentua, quando esta se apropria<sup>120</sup> da ideologia heterossexual dominante e “exclui qualquer tentativa epistemológica, que desafia seu dualismo, suas hierarquias e seus deuses institucionalizados”.<sup>121</sup> Uma teologia heterossexual não apenas se apropria dos corpos, orientando-os (conduzindo-os) em função de desejos corretos, adequados, mas, sobretudo, define os que teimam em ser subjugados, como

<sup>115</sup> Id. Ibid., p.4,5.

<sup>116</sup> O termo comunidade quando relacionado à *queers*, no singular ou plural, é usado como equivalente aos ambientes freqüentados por pessoas *queers*.

<sup>117</sup> Liberação como um ato interno de quem detém o poder, libertação como uma investida externa de quem limita desafia o poder.

<sup>118</sup> Ibidem.

<sup>119</sup> *The queer God...* Op. Cit., p. 11.

<sup>120</sup> Possivelmente, FOUCAULT (Microfísica do Poder, op.Cit.) preferiria o termo *associação*, por acreditar que o poder mantém suas lógicas, sustentado por certo “cartel” Institucional.

<sup>121</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. O direito a não ser direita (el derecho a no ser derecha): sobre teologia, igreja e pornografia. In: Concilium, n°. 298, vol.5. *Os direitos das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.96.

defeituosos e anormais.<sup>122</sup> E nessa lógica, continua Marcella Althaus-Reid, a partir da qual, a heterossexualidade assume-se como hegemônica, ela torna-se demoníaca.<sup>123</sup> Uma Teologia que se preste a pensar opções legítimas para outras formas de expressão de amor, precisa, também, considerar a partir de quais pressupostos têm formulado a imagem e identidade de Deus. Essa forma predominante, excludora e estigmatizadora com que a Teologia tem se portado com relação a outras possibilidades afetivo-sexuais, precisa ser alterada significativamente. Tal transformação “precisa mudar uma forma de pensar em Deus e o mundo que abusa sexual e politicamente das pessoas, e até de Deus. Quando Deus se torna um fantoche nas mãos de ideologias heterossexuais, a primeira vítima é o próprio Deus”.<sup>124</sup> Ora, uma Teologia que se ponha a pensar novas possibilidades identitárias nas quais as relações afetivas se dêem de maneira alternativa ao padrão dominante, precisa refletir sobre a prática hermenêutica dominante. Uma determinada prática hermenêutica pode, a partir de um corpo exegético ilusório, sugerir idealmente (ideologicamente?) o que deva ser uma prática correta de expressão de amor, afetividade e sexualidade, passando a determinar como as pessoas vão se realizar na vida. Nesse caso, os novos sujeitos identitários que têm se apresentado como candidatos, não ao amor de Deus, mas, a possibilidade de poder declarar seu amor por Ele em comunidades cristãs, reivindicam não o direito a qualquer nomeação identitária do ponto de vista heterossexual, mas o direito a “ser” e, acima de tudo, o direito à humanidade.<sup>125</sup> Tal liberdade só se torna factível, quando a Igreja for libertada de sua Ideologia sexual.<sup>126</sup> Portanto, para garantir o direito de ser para mulheres, gays, travestis, lésbicas e bissexuais, não basta apenas que se ultrapasse os horizontes fixos da Teologia heterossexual, abandonando a fé num determinado projeto sexual da Igreja, mas, sobretudo, livrando-se de um investimento no projeto heteronormal da Igreja, a fim de se conquistar um “respeito à revelia: o necessário e custoso

---

<sup>122</sup> Id. Ibid., p.97.

<sup>123</sup> *The queer God...* Op.Cit., p.13. Em, *O direito a não ser direita*, Op.Cit., p.96: “A teológica” é uma “teológica de claustrofobia”.

<sup>124</sup> *O direito a não ser direita*, Op.Cit., p.98.

<sup>125</sup> *O direito a não ser direita*, Op.Cit., p.100. Embora Marcella Althaus-Reid dirija aqui especificamente seu olhar para mulheres, estende-o, posteriormente (cf. *The queer God*, Op.Cit.) a qualquer ser humano nessa condição.

<sup>126</sup> Ibidem.

respeito de que necessitam”<sup>127</sup> as pessoas que não são livres. Para Marcella Althaus-Reid é preciso que se considere que, no cerne de qualquer projeto de desconstrução da ideologia sexual na teologia:

...está a ameaçar desestabilizar dogmas e eclesiologias que transformaram Deus num instrumento da autoridade heterossexual. Isso exige a coragem de encontrar Deus fora das ideologias sexuais... As ideologias sexuais, em particular, são cruciais para a manutenção das ideologias políticas... bem como, os direitos de Deus, dependem da forma como os encaramos naquilo que precisa ser uma aliança em prol de mais do que uma única verdade “fora do quarto” tanto para pessoas heterossexuais como para as não-heterossexuais.<sup>128</sup>

Portanto, insiste ela, enquanto tal projeto não se ponha em execução, Deus permanecerá escondido pela ideologia e também no quarto, como prisioneiro da ortodoxia da teologia. A prática do amor deve ser mais importante para uma comunidade cristã “do que sua ortodoxia baseada numa posição acrítica radicada numa ideologia (hetero-) sexual”.<sup>129</sup> A teologia não apenas se apropria de assuntos sexuais e relações amorosas, tornando-os relevantes, mas o faz de forma totalitária, através dessas diversas experiências.<sup>130</sup> Portanto, ao se propor uma teologia libertadora, cabe ao teólogo perceber os diversos componentes formadores de tal teologia. E isso implicará em re-conhecimento e em desconstruções caracterizadas “por processos de rompimento ideológico sexual no Cristianismo, e não por sua continuidade”.<sup>131</sup> E, no caso da América Latina, tal projeto se torna ainda mais importante, porque o tipo de Cristianismo que ali se instaurou, veio atrelado a um projeto sexual comprometido com a práxis de compreensões heterossexuais específicas, elevada a um nível sagrado (como é a maioria das ideologias), para explicar a teologia cristã.<sup>132</sup> Esse projeto de rompimento reveste-se de um caráter político, por que vem de encontro às necessidades de pessoas que tem a experiência de rompimento em suas próprias vidas. Em tal processo de desconstrução, o teólogo se apercebe que não é possível fazer teologia, principalmente sexual, como evento separado de sua própria vida, ou

---

<sup>127</sup> Op.Cit., p.102.

<sup>128</sup> Id. Ibid., p.104.

<sup>129</sup> Ibidem.

<sup>130</sup> *The queer God*. Op. Cit., p.8.

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> Idem Ibidem.

seja, não é possível neutralidade: A teologia não é um evento separado daquele que faz teologia.<sup>133</sup> E, ao aventurar-se em tal jornada, tal teólogo aventura-se também, a vasculhar os armários de sua própria alma.<sup>134</sup>

As pessoas *queers* não têm experimentado a graça de Deus em sua particularidade afetiva/sexual, o evangelho só lhes chegou numa linguagem e normatividade heterossexual. Em virtude de tal situação, elas têm sido marcadas por uma experiência de santidade que, além de se dar fora das ordens decentes do Cristianismo, também é destinada a sofrer pela ausência de Deus. A postura tradicional de comunidades cristãs parece condená-las a uma existência fora dos portões da igreja e longe da presença de Deus.<sup>135</sup> E aqui, o imoral não é a particularidade delas, imoral é a indiferença com a qual é tratada, apesar dessa particularidade. Tal postura dominante, ao persistir cada vez mais, longe de mostrar o poder de Deus e da Igreja para o desmantelamento de injustiças, opressão e exclusão, tornará evidente a impotência de ambos. Marcella Althaus-Reid advoga, ainda, que nessa perspectiva dominante, não é possível falar de uma igreja que esqueceu essas pessoas, mas sim, de pessoas *queers* que nunca a conheceram, e que foram declaradas irremediavelmente perdidas pela Igreja e condenadas pela ética sexual cristã vigente. Elas têm reivindicado que o “Deus desconhecido” se aproxime de sua comunidade, de seu ambiente, e comprove que não estão perdidas<sup>136</sup> e que podem experimentar que uma experiência de santidade é possível quando Deus, mostrado como desconhecido pela Teologia Hegemônica, estiver em sua presença e em meio a sua opção afetiva, fora das margens definidas pela Igreja, como decentes e limpas, para a expressão cristã. A Igreja e as comunidades *queers* podem, numa expressão de amor verdadeiro, justo e libertador, exceder os limites de qualquer instituição, quando se instalar um projeto alternativo pela justiça e

---

<sup>133</sup> Op. Cit., p.15.

<sup>134</sup> Etienne Higuét, numa resenha elucidadora de “*Indecent theology – Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2000.”, argumenta contra Marcella Althaus-Reid, a partir de uma crítica que ela faz a Tillich, que o fato de um teólogo não revelar em praça pública os seus segredos mais íntimos não invalida por si só a sua reflexão – mesmo ontológica, mesmo abstrata. HIGUET, Etienne Alfred. ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology – Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2000. In: *Correlatio*, v. 2, n.º.3. São Bernardo do Campo: 2006. Disponível em:<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/>, último acesso em 17 de Janeiro de 2008.

<sup>135</sup> *The queer God...*, Op. Cit., Parte 2, p.165.

<sup>136</sup> Id. Ibid., p. 165, 166.

pela paz. Um Deus *queer* pode convidar uma comunidade *queer* a experimentar a santidade, influenciar a Igreja tradicional a aceitar um projeto reconstrutivo, marcado pela compaixão e pelo estabelecimento da justiça até a sua vinda gloriosa. Um Deus<sup>137</sup> *queer* pode mostrar a pessoas *queers*, que é possível não só apenas buscá-lo, mas também demonstrar seu amor por Ele em suas especificidades (*queeridades*).<sup>138</sup>

#### 4.4.2 Para Se falar com Deus

Retomando, como uma síntese, os encaminhamentos da investigação realizada nesse capítulo, observou-se aspectos teóricos do projeto das pessoas homossexuais na busca pelo reconhecimento de sua espiritualidade, e também, pela sua livre manifestação no espaço comunitário das Igrejas Cristãs, propondo a si mesmas e à Teologia, um paradigma alternativo que pudesse dar conta dessa demanda. No nível interno, as pessoas homossexuais através de recursos teóricos e políticos (ou político-teóricos), empreendem uma busca dedicada à outra referência identitária que não a dominante, em suas duas variações principais, feminino e masculino, principalmente em função de sua apropriação normativa pela religião cristã e pelo regime de exclusão daí proveniente. Em grande parte, tal projeto tem sido possível pelas reflexões inovadoras em conceitos de gênero<sup>139</sup> e atitudes políticas<sup>140</sup> em prol da liberdade da pessoa humana. Através do aporte teórico fornecido e sonhado por teólogas<sup>141</sup> feministas, a teologia tem lidado com várias possibilidades alternativas de repensar seu lugar entre Deus, como

---

<sup>137</sup> Id. Ibid., p.171.

<sup>138</sup> Embora esse neologismo não faça parte do arcabouço teórico de Marcela Althaus-Reid, põe em relevo as características próprias de pessoas *queers*.

<sup>139</sup> Butler, Judith. Op.Cit.

<sup>140</sup> Um dado interessante através dos encaminhamentos teóricos das teólogas feministas têm a ver com a preocupação de que tais encaminhamentos promovam a justiça, a igualdade e à dignidade para as pessoas excluídas, tendo as mulheres e sua realidade existencial como ponto de partida e referencia. E nesse sentido, todas elas tem exercido sua função pastoral e social não apenas no plano teórico, mas através de seu envolvimento em diversas pastorais e projetos comunitários.

<sup>141</sup> Por exemplo, Troch (2007, 2002); Fiorenza (1999); Gebara (2003); Tamez (2004).

símbolo a partir do qual se coloca como interprete<sup>142</sup>, e a sociedade, com a qual tem responsabilidade de fazer tal voz relevante.<sup>143</sup>

Do ponto de vista das reflexões de gênero fica evidente o caráter de incompletude da pessoa humana e a dificuldade, frente à multiplicidade e complexidade das características identitárias contemporâneas, que os aportes teóricos predominantes têm em lidar com elas. Destituindo da posição androcêntrica o caráter normativo, valorativo e legislador, tais contribuições colocam uma perspectiva de referência não binária (masculino, feminino), evitando, por um lado, a troca de posições em gênero (dominado, dominador) e por outro, colocando em aberto a possibilidade de outras expressões identitárias da pessoa humana. Tais encaminhamentos não se mostram apenas alternativos, mas paradigmáticos, na medida em que propõe uma inversão da plataforma, a partir da qual se regem os destinos sociais não mais da Instituição (nos seus mais diferentes rostos), e sim, da pessoa humana. Sentam-se todos ao redor da mesa, agora, como iguais. A leitura é existencial, parte da história de vidas humanas, historicizadas, visibilizadas, perspectiva aliás, encarada radicalmente pelos fazeres teológicos, principalmente daqueles provenientes de olarias feministas<sup>144</sup>. Tais fazeres não apenas encararam a alternativa de ressignificação da mensagem cristã, no questionamento da exclusividade e predominância, não apenas da voz masculina, mas do pensamento, dos símbolos e referências androcêntricos que a emolduram.

No encaminhamento de Elizabeth Johnson, a Teologia não apenas se dá conta de todo um processo ressignificativo em relação à linguagem, mas também, da percepção que os significados lingüísticos têm ressonância na formação identitária das comunidades cristãs e da conseqüente elaboração que essas comunidades fazem em prol de sua cosmovisão e práxis. Sua tentativa de oferecer uma via alternativa de se falar de Deus põe em relevo a limitação e o caráter redutivo, imposto na apropriação masculina da linguagem a partir da qual Deus mesmo é referenciado. Marcella Althaus-Reid não apenas trilha em articulações teóricas semelhantes, propondo não apenas um novo

---

<sup>142</sup> É bem verdade, que, às vezes, ecoa sua própria voz;

<sup>143</sup> Como sonha Tillich (1987), por exemplo.

<sup>144</sup> Partir de histórias de vidas de mulheres, relatos de exclusão, dominação e exploração tem sido marca características de inúmeras articulações elaboradas por teólogas feministas. Ver, por exemplo: DUARTE, Sandra de Souza (Org.) *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: 2006.

*locus hermenêutico*, a partir do qual se dê conta de identidades alternativas, como também uma nova maneira de se fazer teologia, trazendo o teólogo (a teóloga, a teologia), de corpo e alma, para o texto e para a vida. O adendo significativo em relação à proposta de Elizabeth Johnson quanto a Deus, dá-se não apenas e a partir do plano lingüístico, mas num convite para uma experiência sexual alternativa à sua: do masculino ao *queer*. Em que pese todas as conseqüências revolucionárias, tanto em prol de um ambiente de justiça quanto de uma renovação ético-cristã que tal proposta enseja o espectro do caráter masculino implicado no “símbolo” Deus ainda está presente. Ainda que insista em sua “saída” do armário, tal convite, nos termos postos por Marcella Althaus-Reid, implica numa decisão de um ser, que pelo menos publicamente, ainda se apresenta em roupas masculinas.

Nos diversos projetos paradigmáticos, alternativos ou não, que se colocou à reflexão na presente investigação, sob o prisma teológico, do lugar e identidade da pessoa homossexual em sua relação com as principais correntes cristãs no Brasil, observou-se a predominância num investimento hermenêutico de suspeita<sup>145</sup>, de matriz predominantemente libertária<sup>146</sup>, ancorado em perspectivas desconstrucionistas.<sup>147</sup> No entanto, apesar de toda essa instrumentalidade teórica potencializadora da qual fizeram uso, tais análises esbarraram constantemente no problema da linguagem, mais especificamente, em seu encaminhamento androcêntrico. Mesmo quando se dão conta disso, os caminhos sugeridos não conseguem permitir uma fuga ao dilema de encarar a lógica masculina no discurso cristão hegemônico, numa oposição de gênero. Tanto na perspectiva de muitas correntes teológicas femininas, atribuindo qualidades femininas a Deus, seja feminilizando-o, maternalizando-o, quanto em perspectivas homossexuais, convidando-o a uma experiência bi, *queer* ou transexual. Os elementos colocados em todas essas análises não apenas sugerem um projeto desconstrutivo contra um Deus reconhecidamente masculino, como também permitem ultrapassar esse limite na suspeição que

---

<sup>145</sup> “Nada nos chega quimicamente puro”. Cf. CROATTO, Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981; Ver também: CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica Bíblica; Para una teoría de la lectura como producción de sentido*. Buenos Aires: La Aurora, 1984.

<sup>146</sup> Influência predominante da Teologia da Libertação. Evidenciando o instrumental dialético-marxista.

<sup>147</sup> FOUCAULT (1985); DERRIDA (2002); BUTLER (2003);

Deus não é apenas referido numa ótica masculina, mas também é concebido nas Escrituras, ainda que implicitamente, como homem, macho<sup>148</sup>. Portanto, qualquer tentativa de subverter na linguagem, o gênero a partir do qual Deus é concebido, não será plenamente frutífera. Esse, inclusive, é o dilema da Teologia. A saída para o dilema não se encontra somente na linguagem, a extrapola, é transcendental: Um Deus masculino é um ídolo, é uma fabricação humana, e, nesse caso, a concordância nas perspectivas apresentadas é unânime: fabricação de matriz e orientação masculina, heterossexista, hegemônica. Não se mata um ídolo (no caso de uma eventual sugestão de uma segunda morte de Deus), é preciso desmantelá-lo, quebrá-lo, despedaçá-lo.

Deus mesmo, a partir dessas desconstruções propostas, precisa ser liberado dos armários androcêntricos, sair do seu próprio armário e mostrar quem de fato é, para as mulheres, para os homens, para as pessoas homossexuais. Tal visitação dar-se-á a partir de suas histórias de vidas, de seus anseios, da hermenêutica existencial que se põe na vida humana e para qual se requer óculos especiais (sobre humanos?). Evidentemente não se propõe um silêncio, mesmo uma fuga da linguagem – talvez seu caráter inconcluso<sup>149</sup>, mas o que se propõe, verdadeiramente, é uma construção comunitária que privilegie a pessoa humana, independentemente de sua opção afetivo-sexual ou concepção identitária. Portanto, não é uma luta contra moinhos de vento, não se dá (ainda que...) no plano ideal (idéias), faz-se, e aqui, na perspectiva de libertação, com projetos libertários. E, nesse sentido, temos de sair dos armários, dos nossos vários armários. E quanto a Deus, enquanto não decida sair do seu armário, deixará, em cada um de nós – seres humanos, seja qual for à perspectiva, a dúvida sobre quem de fato é; e, ao mesmo tempo, uma esperança renovadora para que seja como cada um de nós.

---

<sup>148</sup> Um ser divino do sexo masculino ao mesmo tempo em que justifica uma autoridade masculina, também diviniza a masculinidade. Cf.: EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus: e outros problemas para os homens no monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

<sup>149</sup> Como sugere Derrida In: DERRIDA, Jacques. *As torres de babel*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese procurou demonstrar que existem alternativas teológicas que reconhecem como legítimo o desejo de pessoas homossexuais de exercerem livremente sua espiritualidade nas comunidades cristãs, trazendo contribuições significativas para que tal projeto seja viabilizado. Dentre as principais contribuições oferecidas, destacou-se como proeminente a compreensão do pesado julgo que as avaliações cristãs, na perspectiva do magistério eclesial, comprometidas com um projeto ideológico, hegemônico, heterossexual e androcêntrico, impuseram para a identificação e entendimento da homossexualidade como perversão, anormalidade, crime e pecado. Perspectiva que precisa ser subvertida em prol de uma verdade maior do cristianismo: o amor pela pessoa humana e o envolvimento num projeto que pressuponha o exercício pleno de sua espiritualidade, qualquer que seja sua autocompreensão identitária.

A assunção de tal projeto permitiu que teólogas feministas encontrassem na imposição de restrição e silêncio às mulheres, em culturas e momentos históricos variados, uma lógica desumana, comprometida com um ideal de poder hegemônico masculino, excludente e marginalizador. A partir dessa lógica, denunciaram a impossibilidade, enquanto comprometimento com a mesma, que a teologia pudesse colocar alternativas libertadoras para a pessoa humana, em sua diversidade e complexidade, tornando-a capaz de assumir sua dignidade de forma integral e integrante. Para empreender tal projeto libertador, na ótica das articulações ensejadas, a Teologia, Teólogos/as e Igreja, precisam, antes, envolver-se num projeto de auto-libertação de construtos teórico-políticos, muitos dos quais, sob a pecha de terem sido revelados, demonstraram-se, consciente ou inconscientemente, fundados em preconceitos, em comprometimentos ideológicos, radicalmente opostos ao estabelecimento de uma sociedade mais justa, inclusiva e digna.

No primeiro capítulo, pontuaram-se aspectos principais que envolvem a discussão em torno do tema da identidade homossexual no Brasil, realçando certo registro histórico, preferências temáticas e referências sociais e políticas. A investigação apresentada nesse capítulo demonstrou que as pessoas

homossexuais têm procurado construir sua identidade por outra via que não a da anormalidade, perversão, doença ou pecado, através da superação de uma mentalidade forjada historicamente sobre preconceitos, exclusão e marginalidade. Dentre os principais projetos ensejados para desconstruir tal cenário, pessoas homossexuais e teóricos de áreas distintas do saber, propuseram uma hermenêutica, cuja base fundamental de leitura, dá-se a partir da observação das vivências e valores das pessoas homossexuais, colocando em destaque, acima de qualquer outro argumento, o respeito à diversidade, a multiplicidade, a justiça e ao pleno reconhecimento da dignidade da pessoa homossexual, enquanto pessoa humana. Dentre as diversas dimensões de sua vida, pessoas homossexuais mostraram-se, nos recortes efetuados, abertas ao Sagrado, procurando, nas comunidades cristãs no Brasil, um espaço em que essa dimensão espiritual possa se desenvolver plenamente.

O segundo capítulo apresentou os principais argumentos elaborados pelos representantes do Cristianismo no Brasil, num recorte católico e protestante, sobre a sua compreensão da pessoa homossexual e de sua aspiração para o exercício de uma espiritualidade completa em suas comunidades. Portanto, a partir de documentos oficiais, cartas doutrinárias e resoluções denominacionais, procurou-se demonstrar que argumentos são esses, quais os seus comprometimentos, fragilidades, e qual o seu impacto na concepção vigente sobre a Identidade Homossexual, e que quadro constitutivo deve ser levado em conta quando se pensa em pessoa homossexual sob as lentes cristãs oficiais. Observou-se, entre outras conclusões, uma resistência muito grande, quase intransponível, quanto à idéia de “vocação homossexual”, ou, a possibilidade da expressão de espiritualidade de forma plena na condição de homossexual, salvo na opção pelo não exercício afetivo-homossexual (celibato). O capítulo demonstrou, também, que a maioria dos argumentos apresentados transita pela via do retorno, ou seja, possibilidade de “cura” da homossexualidade.

O terceiro capítulo demonstrou que vozes críticas fazem a posição oficial predominante, principalmente no sentido de que as construções conceituais elaboradas pelas correntes cristãs ortodoxas, expressas nas categorias de gênero “masculino” e “feminino”, implicam muito mais que preconceitos ou ideologias heterossexistas, patriarcais e impositoras, a exemplo, o próprio

conceito de temperamentos inatos (características femininas ou masculinas preestabelecidas pela suposta inclusão biológica). Além disso, o capítulo também colocou a necessidade de suplantar uma tendência teórica dominante de se discutir a identidade homossexual a partir de gênero, postulando certa liberdade à pessoa homossexual que lhe permita re-constituir sua identidade, a partir da desconstrução das caracterizações ideológicas, supostamente auto-referenciadas numa lei biológica inata, que lhe privam a dignidade e lhe tiram qualquer perspectiva de humanidade, seja num contexto de marginalização, seja num contexto de silenciamento. O capítulo também demonstrou a importância de uma produção cristã-teológico-brasileira estar disposta a ouvir e dialogar com os movimentos homossexuais, mesmo de uma perspectiva teórica ou política, procurando entender seus pontos de vista, aspirações e epistemologias. Por fim, apresentou a constatação de um crescimento da literatura de reação – textos defensivos por parte de Igrejas e movimentos evangélicos, com o propósito de garantir a livre expressão de idéias em relação à homossexualidade.

O quarto capítulo ensejou uma reflexão sobre as possibilidades e desafios da teologia, no sentido compreender a pessoa homossexual sob novos paradigmas, permitindo-lhe uma oportunidade segura, não apenas para o diálogo, mas também, para uma expressão plena de sua espiritualidade num ambiente de apoio, convivência pacífica e rica com a comunidade cristã brasileira. O capítulo demarcou como ponto de partida para essa reflexão, as desconstruções e reinterpretções sobre o conceito de gênero, elaboradas por Judith Butler, pontuando a compreensão de sexo e gênero como construções sociais, e a necessidade de uma referência identitária não presa à concepção binária masculino/feminino. Apresentou novas propostas, alternativas teóricas, introduzidas pela teoria *queer*, bem como nas sugestões paradigmáticas de teólogas feministas: Elizabeth Johnson e Marcella Althaus-Reid. Nesse sentido, tais contribuições propuseram um duplo desafio para teologia. Um de natureza interna – com referência aos pressupostos de acolhimento e rejeição da pessoa humana, outro, de natureza transcendental – ao demonstrar que o Sagrado, representado pelo símbolo “Deus”, é refém de uma determinada lógica identitária de exclusão, subjugação e aprisionamento. Propondo, portanto, revisão no conceito de gênero no tocante às pessoas homossexuais;

tais contribuições também perguntaram pela mesma possibilidade em relação à formulação e compreensão da identidade de Deus.

A temática abordada evidenciou uma amplitude e limites que ultrapassaram as possibilidades teóricas desse pesquisador. Entre as muitas possibilidades futuras, surge a necessidade de elaboração de um projeto investigativo nas escrituras, na história da Igreja, em seus documentos, e nas diversas contribuições teóricas dentro do cristianismo, sobre a sexualidade de Deus; não apenas a referência lingüística ensejada numa perspectiva de gênero, mas, certo comprometimento com um Deus-macho. O pesquisador considera que as teologias apresentadas como alternativas que dêem conta da possibilidade de livre expressão da espiritualidade de pessoas homossexuais nas comunidades cristãs, colocaram de forma desafiadora, como fator fundamental, não apenas uma reflexão teórica – questionamento da noção de sujeitos (divino e humano) sob a perspectiva androcêntrica, mas também, ao lado dessa crítica no plano teórico, um projeto alternativo libertador. Ou seja, a consciência que um ser humano quando se sente preso numa estrutura social, com papéis estritamente delimitados defronta-se com a necessidade de ser sujeito<sup>1</sup> de sua própria história. Pôr-se numa luta contra a estrutura social e contra os valores legitimados por ela é, de certa maneira, ter de fazer uma escolha entre uma vida marginal ou uma vida possível de outra perspectiva. Como é possível viver em um mundo rigorosamente organizado, sob os auspícios do céu, no entanto, impregnado de injustiça? Como escapar dessa racionalidade que impõe isso como natural? O ser humano só se revela como sujeito na medida em que esteja disposto a enfrentar esse sistema que o sufoca e que teima em mudar: “por isso o sujeito se revela no grito, se revela como ausência”.<sup>2</sup> A sociedade, isso inclui as comunidades cristãs no Brasil, funcionam, sob certo modelo, porque as pessoas que fazem parte deles

---

<sup>1</sup> Essa noção de sujeito, liberdade e dignidade humana foram desenvolvidas num outra perspectiva, num artigo desse pesquisador: CÂMARA, U. F. DA SILVA. Religião e Liberdade na Literatura. In: *Via Teológica*. Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, v. 2, nº. 12, p. 21-34, dezembro de 2005. O conceito de uma lei natural também foi tratado em: CÂMARA, U. F. DA SILVA. A STOA PAULINA: a resignificação de physis no conceito cristão. In: *Via Teológica*. Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, v. 2, nº. 10, dezembro de 2004. O pesquisador reconhece uma influência muito grande em sua noção de sujeito de Jung Mo Sung (2002.) e Juan Luis Segundo (1995).

<sup>2</sup> SUNG, Mo Jung. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.73.

encenam papéis sociais que de certa forma, são esperados (impostos). As instituições funcionam como funcionam porque os seres humanos contribuem para legitimá-las. Então é válida a pergunta pela possibilidade de lutar contra um sacrifício imposto pelo sistema que não se está disposto a aceitar, preferindo encontrar possibilidades de transpor limites e, entre todos os possíveis, o de transpor aquele que coloca o ser humano como alienado à sua própria condição de humanidade? As alternativas teológicas apresentadas ao longo dessa investigação insistiram no fato de que a comunidade cristã brasileira não pode se sustentar justificando a violência contra a dignidade humana. Ela pode alterar o curso do supostamente “natural”, pode se opor a idéia do destino selado. Precisa crer que outra opção é possível. Em suas perspectivas, é significativo que isso venha de maneira sobrenatural, com a desconstrução da noção de um Deus masculino, como se tal paradigma tivesse uma chancela dos céus. De certa maneira não podemos fugir de nosso papel social, mas também não podemos nos conformar a um conceito monista que tente nos reduzir a isso e nada mais. Há dimensões latentes em nossa humanidade que gritam por uma possibilidade que a transcenda injustiças, desrespeitos e violência e que não podem ser aceitos como naturais. Um sistema corrompido não pode ser perpetuado, precisa ser desafiado.

As constatações percebidas nessa tese servem de motivação para a busca, no plano teórico e prático, do exercício e instauração plenos, do projeto cristão de tornar cada pessoa humana consciente e partícipe do amor ilimitado de Deus. Talvez, em virtude de tal projeto se avenge a possibilidade da utopia. Mas, para quem vive num ambiente de marginalidade, segregação, exclusão e rompimento, a utopia teima, cotidianamente, em aparecer no horizonte. Como disse Eduardo Galeano ao contrapor a posição de José Saramago de não ser utópico: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Fala proferida no painel: "Quixote Hoje: Utopia e Política", por ocasião do Fórum Mundial Social, realizado em Porto Alegre em 2005. Evento amplamente noticiado pela mídia no Brasil, em suas diversas expressões. Para conferir um resumo desse painel, ver, por exemplo, o texto publicado pelo portal Terra, em sua página de notícias em 29 de janeiro de 2005, disponível em <[http://noticias.terra.com.br/interna/0,,OI463025-EI4624,00-Saramago +e + Galeano +discutem +utopia +no+Forum+ Social.html](http://noticias.terra.com.br/interna/0,,OI463025-EI4624,00-Saramago+e+Galeano+discutem+utopia+no+Forum+Social.html)>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Referencial teórico e obras principais

ALTHAUS-REID, Marcela. O direito a não ser direita: sobre teologia, igreja e pornografia. In: Concilium, n°. 298, vol.5. *Os direitos das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 95-104.

\_\_\_\_\_. *Indecent Theology – Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. *The queer God*. London/New York: Routledge, 2003.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

JOHNSON, Elizabeth A. A masculinidade de Cristo. n: Concilium, n°. 238, vol.6. *Mulher – Mulheres?*. Petrópolis: Vozes, 1991, p.120-129.

\_\_\_\_\_.A. *Aquela que é: O mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995;

MUSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: Homossexuais e o ministério na igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Propostas para uma teologia gay*. São Paulo: EST, 2002.

\_\_\_\_\_. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

### Documentos Oficiais: Igreja e Homossexualidade

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais. In: Pergunte e Responderemos n°. 298. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1987, p.2-14.

\_\_\_\_\_. A Pessoa Humana. Declaração sobre alguns pontos de ética sexual. In: *SEDOC*, vol. 8, No. 91, 1976, p. 1031- 1042.

\_\_\_\_\_.Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais. In: *SEDOC*, vol. 36, No. 300, p. 22-65.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Posicionamento do Conselho da Igreja referente ao ministério eclesiástico e homossexualidade. *Boletim Informativo da IECLB*, n°.173. Porto Alegre: 2001.

JUNTA MENSUAL DE BÉLGICA Y LUXEMBURGO. El cuaquerismo y la homosexualidad. In: *Mandrágora*, Ano 5 – n°.5. *Religião e Homossexualidade*. São Bernardo (SP): Metodista, p.66-69.

## **Teologia, Gênero, Religião e Homossexualidade**

ALMEIDA, Abraão. *Homossexualismo: doença ou perversão?* Flórida (EUA): Editora Vida, 1990.

ALMEIDA, Jeiel Braga de. *Por quê? Que devo fazer? : alcoolismo, prostituição, Aids, drogas e homossexualismo.* São Paulo: Bompastor 1996.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Há esperança para os homossexuais.* Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

AZPITARTE, Eduardo López. *Ética sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais.* São Paulo: Paulinas, 1991.

BIDEGAIN, A. M. (Org.) *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina.* Petrópolis: Vozes/Cehila, 1996.

BINGEMER, M. C.L. Mulher: temporalidade e eternidade – A mulher eterna e o rosto feminino de Deus. In: Concilium, n°. 238, vol.6. *Mulher – Mulheres?* Petrópolis: Vozes, 1991, p. 110,119.

BOSWELL, John. *Cristianismo, tolerância social y homossexualidad.* Barcelona: Muchinik, 1993.

BRASH, Alan A. *Encarando nossas diferenças: as igrejas e seus membros homossexuais.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CAETANO. W.S.J. Monocó, adé, mona e folhas: A homossexualidade nos terreiros do candomblé. S In: Mandrágora, Ano 5 – n°.5. *Religião e Homossexualidade.* São Bernardo (SP): Metodista, p.61-65.

CÂMARA, U. F. DA SILVA. Religião e Liberdade na Literatura. In: *Via Teológica.* Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, v. 2, n°. 12, p. 21-34, dezembro de 2005.

\_\_\_\_\_. A STOA PAULINA: a resignificação de physis no conceito cristão. In: *Via Teológica.* Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, v. 2, n°. 10, dezembro de 2004.

CARVALHO, Esly Regina S. (Coord). *Homossexualismo: abordagens cristãs.* Brasília: Eirene do Brasil, 1989.

CASTELLI, E. A.; PHILLIPS, G.A.; SCHWARTZ, R.M; MOORE, S.D.(Orgs). *A bíblia pós-moderna. Bíblia e cultura coletiva.* São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

CHAIN, Iza Gomes da Cunha. *O diabo nos porões das caravelas: mentalidades, colonialismo e reflexos na constituição da religiosidade brasileira nos séculos XVI e XVII*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, Campinas: Pontes Editores, 2003.

COAKLEY, Sarah. Sexo e conhecimento na filosofia ocidental – O “homem de razão” e o “outro” “feminino” no iluminismo e no romantismo. In: Concilium, n.º. 238, vol.6. *Mulher – Mulheres?*. Petrópolis: Vozes, 1991, p.88-97.

CROATTO, Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981;

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica Bíblica; Para una teoría de la lectura como producción de sentido*. Buenos Aires: La Aurora, 1984.

DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, v. 39, n.º.1, p.36-48, 1999.

DUARTE, Luiz Fernando D. e GIUMBELLI, Emerson. *As concepções cristã e moderna de pessoa: paradoxos de uma continuidade*. Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995.

EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus: e outros problemas para os homens no monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FIORENZA, Elisabeth S. Ecclesia semper reformanda: teologia como crítica da ideologia. In: Concilium, n.º. 279, vol.1. *Questões abertas*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 94.102.

\_\_\_\_\_. *Los caminos de la Sabiduría: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae, 2004

FREYNE, Seán. Bíblia e teologia. Uma tensão não resolvida. In: Concilium, n.º. 279, vol.1. *Questões abertas*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.28-34.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.105.

\_\_\_\_\_. Entre os limites da filosofia e teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Loyola, 2003.

GERSTENBERGER, E. S. Devem eles e elas morrer? Homossexualidade no antigo testamento e no oriente médio antigo. In: Mandrágora, Ano 5 – n.º.5. *Religião e Homossexualidade*. São Bernardo (SP): Metodista, p.73-88.

HANKS, Tomás. Hermenêutica y homofobia: romanos. In: Revista Mandrágora: Ano 5 – n.º 5 – *Religião e Homossexualidade*. São Paulo: Umesp, 1999, p.89-96.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

HIGUET, Etienne Alfred. *Amor divino e/ou amor humano? Amor cristão e/ou amor pagão? O resgate do erótico no pensamento de Paul Tillich e na teologia feminista*. Estudos de Religião / Universidade Metodista de São Paulo / Pós-Graduação em Ciências da Religião. Vol. 1, n.1 (mar.1985). São Bernardo do Campo: Umesp, 1985.

HILTON, Bruce. *A homofobia tem cura? O papel das igrejas na questão homoerótica*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icària editorial, 2002

LEERS, Bernardino. *Homossexuais e ética cristã*. Campinas: Átomo, 2002.

LEITS, Edmund. *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LÓPEZ, Mena M.; LINDNER, Sabine. Deuses e mulheres – Entre o mito e a realidade: Religião, lesbianidade e maternidade. In: Mandrágora, Ano 5 – n°.5. *Religião e Homossexualidade*. São Bernardo (SP): Metodista, p.110-111.

MARASCHIN, Jaci C. *fragmentos das harmonias e das dissonâncias do corpo*. Estudos da Religião 1. São Bernardo: Imprensa Metodista, 1985.

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Eros*. Apostila para o curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo: Umesp, 2002.

MEIRELES, Regina Maria. *Sexualidade: cultura, ética e vida religiosa*. São Paulo: CRB/Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir - a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MOINGT, Joseph. Humanitas Christi. In: Concilium, n°. 279, vol.1. *Questões abertas*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.35-45.

MOTT, Luiz. *A igreja e a questão homossexual no Brasil*. Revista Mandrágora: Ano 5 - N°. 5 – 1999.

\_\_\_\_\_. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988.

MÜLLER, Wunibald. *Pessoas homossexuais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSKOPFF, André; STRÖHER, Marga J. (Orgs) *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I congresso latino-americano de gênero e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MUSKOPFF, André; STRÖHER, Marga J; DEIFT, Wanda (orgs). *À flor da pele. Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PRADA, Rafael José. *La persona homosexual*. *Studia Moralia*. 42/2. Roma: Ediciones Academiae Alfonsianae, dezembro de 2004, p.293-335.

QUINN, Regina A. Imagens de Deus, imagens do ser humano e moral: o paradigma da sexualidade. In: *Concilium*, n°. 279, vol.1. *Questões abertas*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.64-71.

RIBAS, Mário. O debate sobre a homossexualidade na comunhão anglicana e a “nova moralidade” de John Robinson. In: *Inclusividade. Sexualidade*. Centro de Estudos Anglicanos, Porto Alegre, Ano I, n°. 2, Julho de 2002, p.67-69.

ROESE, Anete; SCHEUNEMANN, Arno V. *Homossexualidade, conjugalidade e violência. Alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

ROESE, Anete. Deus escolheu as coisas loucas...para envergonhar as fortes. In: *Mandrágora: Religião e homossexualidade*. São Bernardo do Campo: Umesp, v. 5, n°. 5, p. 49-60, 1999.

\_\_\_\_\_. Se Deus é contra, por que me fez assim?: Bíblia, homossexualidade e ética. In: *Estudos Bíblicos: Sexualidade e homossexualidade na Bíblia*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n°. 66, p.70-82, 2000.

ROSA, José Tolentino. *Religião e expressão da sexualidade*. Estudos da Religião 1. São Bernardo: Imprensa Metodista, 1985.

RUETHER, R. R. *Sexismo e religião: rumo a uma Teologia Feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SEVERO, Júlio. *O movimento homossexual: sua história, suas tramas e ações, seu impacto na sociedade e seu impacto na Igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 1998.

SOUZA, Sandra Duarte (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: 2006.

SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. Belo Horizonte: Soter, São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003.

SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAKATSU, D.S. Homossexualidade no anglicanismo. In: Mandrágora, Ano 5 – n°.5. *Religião e Homossexualidade*. São Bernardo (SP): Metodista, p.42-48.

TAMEZ, Elsa. O Deus da graça versus o “Deus” do mercado. In: Concilium, n°. 287, vol.4. *A face luminosa da Fé*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.112-118.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1987.

TOMITA, Luiza Etsuko. Alguns pontos para reflexão no debate ético-teológico sobre a homossexualidade. In: Mandrágora, n°.5. *Religião e Homossexualidade*. São Bernardo (SP): Metodista, p.11-22.

TROCH, Lieve. “À imagem de Deus” – Teologia na articulação dos direitos da mulher. In: Concilium, n°. 298, vol.5. *Os direitos das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.105-114.

TRASFERETTI, José Antonio. *Pastoral com homossexuais: retratos de uma experiência*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRASFERETTI, José Antônio. *Deus, por onde andas? Flashes do combate contra a exclusão moral*. Campinas: Alínea, 1999.

VELASQUES, Prócoro Filho. *Comportamento protestante*. Estudos da Religião 1. São Bernardo: Imprensa Metodista, 1985.

VIDAL, Marciano. *Moral de actitudes, II-2. Moral del amor y de la sexualidad*. 8ª ed. Madrid: Editorial PS, 1991.

\_\_\_\_\_. *Moral de atitudes*. 2º. Vol. Ética da Pessoa. Aparecida (SP): Editora Santuário, 1979.

WEINGAERTNER, Martin (Ed.). *Igreja e homossexualismo*. Série: A Caminho do Reino - Reflexão e Compromisso. Curitiba: Encontro Publicações, 2000.

ZENON, Lotufo Júnior. *Corpo e dimensão espiritual*. Estudos da Religião 1. São Bernardo: Imprensa Metodista, 1985.

### **Antropologia, Sociedade e Homossexualidade**

ALMEIDA, Pedro. *Desclandestinidade: um homossexual religioso conta sua história*. São Paulo: Summus, 2001.

AMARAL, S. M. do. *Manual prático dos direitos de homossexuais e transexuais*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2003.

ARIES, Philippe; BEJIN, Andre (orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ATLEA, Adriana Nunan. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

BRAGA, Oswaldo. Um vírus contra os tabus. In: *Tempo e Presença: À sombra do arco-íris*. Rio de Janeiro: Koinonia, v.24, n°. 326, p.12-13, 2002.

BROWN, Judith. *Atos impuros*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES, Antônio. *Direito à vida e ao próprio corpo: intersexualidade, transexualidade, transplantes*. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: R. dos Tribunais, 1994.

COSTA, Gley. P. *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CUCHE, Denis. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.

DAGNESE, Napoleão. *Cidadania no armário: uma abordagem sócio-jurídica acerca da homossexualidade*. São Paulo: LTR, 2000.

DERRIDA, Jacques. *As torres de babel*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

DIAS, Octávio de Carvalho. *Como nasce um homossexual*. São Paulo: Ágora, 1998.

DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Col. Perspectivas do Homem, n°. 39. Lisboa: Edições 70, 1966.

FERNANDES, Marisa. Lesbianismo no Brasil. In: *Tempo e Presença: À sombra do arco-íris*. Rio de Janeiro: Koinonia, v.24, n°. 326, p.17-20, 2002.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. 1905-Obras completas - Vol. VII. Edição Standard Brasileira: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. *A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FORCANO, Benjamim. *Nova ética sexual*. São Paulo: Musa Editorial, 1996.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I - a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos 81. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GALLAGHER, Raphael. *Compreender o homossexual*. Aparecida, SP: Santuário, 1990.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 11ª. ed. Petrópolis Vozes: 1985.

GRAÑA, Roberto (org.). *Homossexualidade. Formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

HART, John. *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

HECKER, Filho, Paulo. *Um tema crucial: aspectos do homossexualismo na literatura*. Porto Alegre: Sulina, 1989.

HIRSIG, Huguette. *Astrologia e homossexualidade: o primeiro estudo de compatibilidade astrológica para pessoas do mesmo sexo*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ISAY, R. A. - *Tornar-se gay - o caminho da auto-aceitação*. São Paulo: Summus, 1998.

JOSAPHAT, Carlos. *Moral amor & humor*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KATZ, Jonathan. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KINSEY, Alfred C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, Clyde E. *Sexual behavior in the human male*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1998.

KÜNNER, Maria Helena e JACOBINA, Eloá (Orgs). *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2005.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: UNICAMP, 1990. 321p.

MEAD, Margaret, *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MICCOLIS, Leila. *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MOTT, Luiz.. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

\_\_\_\_\_. *Manual de Coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

\_\_\_\_\_. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. *Dez viados em questão: tipologia dos homossexuais da cidade do Salvador, Bahia*. Salvador: Espaço Bleff: 1987.

PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

PINTO, Carlos Frederico Hrymalak. *As perspectivas jurídicas das relações homossexuais*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2000.

PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RICHARD, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias da idade média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIESENFELD, R. – *Papai, mamãe, sou gay: um guia para compreender a orientação sexual dos filhos*. São Paulo: Summus, 2002.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SALLES, Catherine. *Nos submundos da antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e Daimones*. Brasília: UNB, 1995.

SELL, Teresa Adada. *Identidade homossexual e normas sociais: (histórias de vida)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

SOKARIDES, W. Charles. *Homossexualismo: conceitos básicos e psicodinâmica*. Revista Internacional de psiquiatria, 1974.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo a terra de Santa Cruz: feitiçarias e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

\_\_\_\_\_. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TIBA, Içami. *Adolescência: o despertar do sexo. Um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações*. São Paulo: Editora Gente, 1994.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIDAL, Marciano. *Homossexualidade: ciência e consciência*. São Paulo: Loyola, 1985.

VENCIGUERRA, Marcio. *O pecado de Adão: crimes homossexuais no eixo Rio-São Paulo*. São Paulo: Ícone, 1988.

VEYNE, Paul (org). *História da vida privada 1. Do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZASLAVSKY, Jacó; SANTOS, Manuel J. P. dos. *Contratransferência: teoria e prática clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

## **Periódicos**

BARBERO, Graciela H. *Erotismos em transformação*. In: Revista *Mente&Cérebro*. N°. 165, Outubro. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, p.53-57.

BRASIL, George. *Nota sobre o ensinamento da igreja católica com respeito a pessoas homossexuais*. Rev.Cultura Vozes, mar./abr.1997, n°. 02 p. 96-103.

CARELLI, Gabriela. *É possível deixar de ser gay? Psiquiatra americano diz que sim, com muito esforço pessoal*. VEJA, 16 MAIO de 2001, n°. 19 p. 122-23.

CASSALTO, Lucia. *Homossexualismo nunca mais: organizações ligadas a igrejas protestantes garantem que recuperam homossexuais*. MANCHETE, 1°. Abril de 2000, n°. 2.502 p. 68-72.

COUTINHO, Leonardo. *Alto risco na selva: alerta sobre Aids entre os índios trata da adesão de ianomâmis ao homossexualismo*. VEJA, 7 de Agosto de 2002, n°. 31 p. 81.

EPSTEIN, Robert. *Ser ou não ser?*. In: Revista *Mente&Cérebro*.N°. 165, Outubro. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, p.40-45.

FACCO, L. *Realidade nem tão colorida*. In: Revista *Mente&Cérebro*.N°. 165, Outubro. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, p.59-63.

HOUZEL-HERCULANO, Suzana. *O cérebro homossexual*. In: Revista *Mente&Cérebro*.N°. 165, Outubro. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, p. 47-51.

MAGYAR, Vera. *Ser ou não ser: esta ainda e a questão, a homossexualidade ainda e um assunto tabu*. Globo Ciência, Outubro de 1998, n°. 87 p. 44-49.

MILLER, Geoffrey. *Tudo por sexo: o psicólogo evolutivo Geoffrey Miller diz que a cultura humana surgiu da nossa necessidade de atrair parceiros sexuais*. SUPER INTERESSANTE, Outubro de 2002, n°. 10 p. 94.

MONTESD, Gregório Santiago. *A homossexualidade masculina tem causas biológicas? Descobertas científicas recentes vem reforçando a idéia...* CIENCIA HOJE, Mai-Jun. 1997 n°. 128 p. 52-59.

NOGUEIRA, Pablo. *Sexo no século 21: troca de casais - bissexualidade feminina, - fetichismo e sadomasoquismo, prostituição, homossexualismo*. GALILEU, Setembro de 2002, n°. 134, p. 51-62.

NOWAK, Daniela Cristine. *O Terceiro sexo: um olhar para a questão da homossexualidade humana, uma contribuição para o Serviço Social*. Ponta Grossa, 1998. 148 p. UEPG - TRA 233.

*O ADOLESCENTE homossexual: escola não pode ignorar os conflitos de orientação sexual, nem discriminar alunos que se revelam diferentes*. EDUCACAO, Dezembro de 2000, n°. 236 p. 56.

*O QUE o brasileiro pensa do homossexualismo*. MANCHETE, 15 agosto de 1981, n°. 1.530, p. 113.

RIOS, Roger Raupp. *A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro*. REVISTA DE INFORMA LEGISLATIVA, Jan-Mar. 2001 n°. 149, p. 279-295.

SABINO, Mario. *A bomba do Vaticano: um dicionário organizado pela Igreja Católica afirma que homossexualismo e doença*. VEJA, 9 de Abril de 2003, n°. 14 p. 90.

SANCHEZ, Fabio. *O terceiro sexo: o que determina o sexo de uma pessoa?* SUPER INTERESSANTE, Fevereiro de 2003, n°. 185 p. 55.

SANTA CRUZ, Angélica. *Assumir faz a diferença: os gays brasileiros rompem com estigmas, driblam preconceitos*. EPOCA, 20 set. 1999, n°. 70 p. 44-51.

TRASFERETI, José Antonio. *Igreja dos excluídos: pastoral na periferia dos centros urbanos e o homossexualismo em questão*. Rev.Cultura Vozes, jul./ago.1997, n°. 04 p. 137-154.

VANNUCHI, Camilo. *Tentação: ex-freira conta em livro seu romance com uma mãe e reacende a polemica sobre o celibato e homossexualidade entre religiosos*. ISTO É, 16 de Agosto de 2000, n°. 1.611 p. 54-60.

VIEIRA, João Luiz. *Sou pastor e sou gay...* ÉPOCA, 31 de Março de 2003, n°. 254 p. 13.

VIEIRA, João Luiz. *Um espaço conquistado: as lésbicas saem do armário, querem ter filhos e admitem ate mesmo relacionamento com homens*. ÉPOCA, 19 de Agosto 2002, n°. 222, p. 60-66.

## Sites Consultados

HIGUET, Etienne Alfred. ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology – Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2000. In: *Correlatio*, v. 2, n°.3. São Bernardo do Campo: 2006. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/>> Acesso em 17 de Janeiro de 2008.

LOURO, GUACIRA LOPES. *Queer Theory: A Post-Identity Politics for Education*. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 17 Jan 2008.

MOTT, Luis. *Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome* In: <<http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos02.html>> Acesso em 18 de novembro de 2007.

SACRED CONGREGATION FOR THE DOCTRINE OF THE FAITH. *Persona humana. Declaration on certain questions concerning sexual ethics*. Rome: 1975. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19751229\\_persona-humana\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_en.html)>.

SANTOS, Ana Cristina. *Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva* In: <[www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf)> Acesso em 25 de fevereiro de 2008.

VALLE, E. A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e Deslocamentos de Posições. In *Rever - Revista de Estudos da Religião*, n°. 1, ano 2006, p.153-185 disponível em: <[HTTP://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2006/p\\_valle.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf)>.